



PRÓLOGO

6 anos antes

Coisa que eu mais gostava na vida era quando minha irmã ligava pra mim. Para uma garota de 15 anos que morava no interior do Rio de Janeiro e que era desprezada pelos pais, aqueles telefonemas mostravam que para alguém eu era importante. E confiava no que minha irmã de dezenove anos dizia, que um dia ia vir me buscar para morar com ela.

- Monalisa! – Exclamei, feliz da vida, atendendo o celular barato que ela me dera de presente pra gente poder conversar e matar a saudade.

- ... Matar! – A voz saiu abafada, arfante, com um pavor tão grande que fiquei imóvel, sentindo que havia algo errado.

- Lisa?

- Me ajude ... Polícia ... Ele vai ... – Havia barulho ao fundo e parecia correr, respiração pesada, o pânico evidente.

- O que está havendo? Lisa? Monalisa? – Eu andava pelo quintal da casa, com o coração disparado.

- Escute, Dani ... Ele ... com raiva ... Escolhi o outro ... O que amo ... Me separar ... – Chorava, desesperada, em meio à ligação ruim e picotada. – Chame ... Polícia ... Praia ... Ele vai me matar!

- Calma, que praia? Quem vai te matar? Lisa, pelo amor de Deus !

- Amo o ... outro me ama ... Socorro! Quer me separar ... dele ...

A ligação ficou muda. Comecei a gritar:

- Não! Ai, meu Deus! Não! Não!

Capítulo 1: O preparo de uma vingança

*Dias atuais*

DANIELA PRADO

Eu tinha um quarto em meu apartamento só dedicado a eles.

Algumas pessoas, se vissem as fotos grudadas no painel na parede, as anotações sobre a mesa e as filmagens, diriam que eu era completamente obcecada. E não estariam erradas. Era mesmo. Mas agora, que finalmente tudo estava preparado e que entraria no mundo deles, devia ter mais cuidado com tudo aquilo.

Se meus planos funcionassem, talvez até me visitassem em casa. E nunca poderiam ver aquilo. Mesmo deixando o quarto trancado, seria um risco. Assim, comecei a guardar em caixas de madeiras compradas para aquela finalidade e depois as fechei com cadeado e pus dentro de armários. Quanto mais dificultasse, melhor. De qualquer forma, já sabia de cor tudo que havia ali. Eram anos de pesquisas e investigações sobre os sócios e melhores amigos: Davi Tabasco e Gabriel Campanari. Eu me olhei no espelho, preparada para conhecê-los pessoalmente. Seria a primeira vez a ser apresentada oficialmente a ambos. E embora soubesse tudo sobre eles, estava nervosa. Pois finalmente ia começar. Alguns poderiam dizer que era justiça. Mas eu sabia que era vingança. Um dos dois era o assassino da minha irmã e eu descobriria. Não para entregá-lo à polícia e saber que logo estaria nas ruas, principalmente pelo fato de ter dinheiro. Não. Eu o mataria.

Por maldição ou simplesmente genética, tanto eu quanto minha irmã fomos presenteada com uma beleza de

chamar a atenção. Nascemos altas, esguias, com um corpo naturalmente bem feito e longos cabelos ruivos. Aí acabavam as semelhanças. Ela tivera sardas e olhos castanhos. Minha pele era branca, sem nenhuma marca. E meus olhos esverdeados. Como sabia que nossos cabelos eram idênticos, eu os pintei de negros. Agora essa era minha cor. Afinal, não podiam sequer desconfiar que eu tinha algum parentesco com Monalisa.

Apesar de ter apenas vinte e um anos, eu era madura e decidida. Inteligente por natureza, estudei e fiz cursos me preparando para aquele momento. Fui paciente. Era essa minha maior qualidade. E naquela manhã começaria. Armei todas as peças do xadrez. Tinha chegado a hora de movê-las.

Usando um comportado vestido azul-marinho, sapatos de salto vermelhos e cabelos presos em um coque, eu sabia que estava ao mesmo tempo elegante e sensual. E foi assim que saí do meu apartamento e segui com meu carro para a sede do escritório da Agência de viagens Campanari & Tabasco, em Ipanema.

Há meses eu procurava uma brecha para poder conseguir trabalhar lá. Mas não podia ser qualquer cargo. Tinha que ser um que me pusesse em contato direto com os dois donos. Então a oportunidade se apresentou.

Fátima, a secretária particular deles, ficou grávida.

Quando eu soube, entendi que ela precisaria se afastar para ter o bebê e entrar de licença maternidade. Alguém teria que entrar temporariamente no lugar dela. Só podia ser eu. Mas depender de uma entrevista e de ser escolhida seria arriscar muito. Então armei meu plano. E deu certo.

Sabia que Fátima sempre almoçava no mesmo lugar. Comecei a frequentá-lo no mesmo horário. Um dia esbarrei nela e puxei assunto. No outro, sentei à sua mesa. No terceiro já conversava com ela. E quando viu, já era minha amiga. Contei que procurava emprego, falei de minhas capacidades, da dificuldade de conseguir algo bom. Fui pondo a sementinha aos poucos, até que “ela” teve a brilhante ideia de me indicar para substituí-la com seus padrões, quando precisasse se afastar. E lá estava indo eu para a entrevista definitiva com ambos, já que na semana seguinte Fátima já entraria de licença.

Sabia que a idade seria um ponto negativo. Era jovem demais. Poderiam achar que era inexperiente. Ou irresponsável. Estava ali meu objetivo de convencê-los do contrário.

Ao entrar no prédio em que ficava a sede da agência, eu me sentia muito nervosa. Embora tivesse tudo preparado, tinha esperado muito tempo por aquele momento. E saber que logo estaria diante de dois homens que tinham sido amantes da minha irmã e que um deles a matara, deixava-me cheia daquele ódio mortal que me acompanhava há anos e que poderia pôr tudo a perder. Ainda não era oito da manhã quando parei no hall de elevadores relativamente vazio. Naquele momento um homem entrou no prédio, elegante em uma camisa branca e calças escuras, cumprimentando o porteiro, seus cabelos castanhos com matizes levemente douradas, daqueles que eram loiros quando crianças e os cabelos escureciam quando adultos, mas na claridade recebiam aquele tom. Meus olhos se fixaram nele e senti meu coração disparar

ao reconhecê-lo. Gabriel Campanari.

Era bem alto, talvez mais de um metro e oitenta e cinco, corpo de atleta sarado, ombros largos. A pele era bronzeada, dourada. Os traços do rosto angulosos, marcados pelo maxilar quadrado, queixo firme e nariz afilado. Vinha em minha direção e tirava os óculos escuros, seus olhos de um azul glacial fixando-se nos meus. Eu quase podia ouvir a voz sonhadora de Monalisa num dos telefonemas que me dera: “Tem os olhos mais lindos que já vi, azuis como do mar gelado do Alaska”. E podiam ser os olhos de um assassino igualmente frio.

- Bom dia. – Cumprimentou-me sério, parando atrás de mim.

- Bom dia. – Tentei manter uma aparência calma, embora estar pela primeira vez falando com ele me deixasse uma pilha de nervos, ódio e fúria circulando dentro de mim. Voltei-me para a frente, exatamente no momento em que as portas do elevador se abriram. Entrei, sendo seguida por ele.

Gabriel foi apertar o botão do andar e deu-me outro daquele olhar penetrante e frio, indagando educadamente:

- Qual andar?

- 13º. Obrigada.

Acenou levemente com a cabeça e apertou somente um botão. Claro, ia para o mesmo andar que eu, ocupado todo pelos escritórios de sua agência. Ali dentro, sem a luminosidade de fora, seus cabelos eram somente castanhos, sem o dourado. Estávamos sozinhos, só nós dois ali. Em silêncio. Mas senti o peso de seu olhar sobre mim.

Olhando para frente, enquanto o elevador subia, minha cabeça ia à mil. Estava perto o suficiente do homem que fora amante da minha irmã e que tivera papel fundamental em sua vida. Ou fora seu amor ou seu assassino. Pois se tinha algo que eu sabia além de sua morte, é que estava amando somente um deles e sendo retribuída. Por isso foi assassinada. Todo mundo achava que morreu vítima de alguma maníaco na praia, o estar na hora e no lugar errados. Mas eu tinha recebido o telefonema e ela acusava um dos dois. Mas com a ligação picotada, não consegui escutar o nome. Então só Monalisa, eu e o próprio assassino sabíamos que apenas um dos dois a matara. Mas quem?

Gabriel Campanari seria uma vítima, que até hoje era sócio e amigo do homem que tirara a vida de seu amor, sem saber de nada? Ou era o assassino, que matou-a em um acesso de ciúmes ao saber que seria deixado de lado naquele relacionamento diferente e complicado deles?

Quando as portas se abriram, eu saí e o senti atrás de mim. Enquanto me dirigia à recepção já ocupada por uma moça, Gabriel cumprimentou-a e seguiu em frente. Pude então respirar normalmente, ainda muito abalada. Precisava manter o controle, pois estaria em contato com ambos a partir dali em diante. Se meus planos dessem certo, eu seria íntima deles. E não podia deixar meus sentimentos, meu desejo de vingança e meu ódio me atrapalharem. Precisava estar focada.

- Bom dia. – A bela recepcionista me cumprimentou com um sorriso. – Em que posso ajudá-la?

- Bom dia. Tenho entrevista marcada com Davi Tabasco e Gabriel Campanari sobre a vaga de secretária.

- Ah, sim. Daniela Prado, não? Por favor, aguarde só mais um minuto. Já vou chamá-la. – Indicou-me uma saleta de espera ao lado.

Agradei e fui para lá. Embora mantivesse uma aparência fria e profissional, eu estava uma pilha de nervos. Depois de alguns minutos, o elevador parou novamente no andar e olhei naquela direção. Foi como tomar um soco ao ver Davi Tabasco chegar. Entre estarrecida por sua beleza fora do comum e com gana de vingança, tudo o que fiz foi continuar sentada olhando para ele.

Era tão alto quanto Gabriel Campanari, mas enquanto este parecia um Deus nórdico com os glaciais olhos azuis claros, Davi Tabasco era quente como pimenta. Musculoso, moreno, cabelos negros levemente maiores que o tradicional, brilhantes. Olhos negros e penetrantes, com cílios espessos, sensuais. Usava jeans e blusa de malha preta, bem à vontade, uma grande tatuagem de dragão aparecendo em parte do seu bíceps pronunciado. Uma argolinha de ouro na orelha esquerda. Um sorriso sexy nos lábios bem feitos. Era perfeito, lindo de morrer.

Não consegui desviar os olhos. Seria ele? Teria Monalisa se apaixonado por aquele sorriso? Ou foi traída por seu ciúme, sua violência disfarçada naquela aparência espetacular?

Davi parou para conversar e sorrir para a recepcionista, expondo dentes perfeitos e duas covinhas



lindas nas faces. Estava sendo bem mais simpático que Gabriel, que apenas acenara e passara direto.

- E então, Vanessa, seguiu meu conselho ontem? –

Sua voz era possante, meio rouca.

- Não podia deixar de seguir. – Disse a moça, toda excitada e ansiosa. – E deu certo. Ele me chamou para sair.

- Eu falei. É imbatível!

Já ia se afastar, mas a garota finalmente lembrou de mim e disse rápido:

- A moça que concorre à vaga de Fátima chegou para a entrevista. – E apontou em minha direção. Sofri o baque da força daqueles olhos negros em mim. Prendi a respiração, notando como seu olhar espelhou interesse genuíno e se tornaram ainda mais intensos. Era um caçador nato, como se cheirasse sua presa. Quase podia ver suas narinas se dilatando. E eu duvidava que alguma fêmea conseguisse escapar de seu ataque.

Apesar de estar preparada, de saber quase tudo sobre ele, inclusive que poderia ser um assassino, não pude evitar de reagir a toda aquela testosterona. Meu corpo todo ficou alerta, se apertou.

Na mesma hora veio em minha direção, sem desviar os olhos um milímetro sequer. Respirando fundo, eu me ergui, até que parou à minha frente. Mesmo sendo alta, senti-me pequena diante de seus ombros largos e seu magnetismo.

- Esperando por mim? – Sua voz rouca fez uma corrente elétrica percorrer minha coluna. Lembrei de uma

das frases de Monalisa sobre ele: Davi era irresistível. E somente agora eu entendia. Assim de perto dava para saber o quanto.

- Senhor Tabasco?

- Davi. – Estendeu-me a mão, seu sorriso safado, devastador, fazendo-me engolir em seco mesmo sem perceber. – E você?

- Daniela Prado.

- Sim, a amiga de Fátima. Vem comigo, Daniela.

Vamos conversar em minha sala.

- Claro.

Andamos lado a lado no corredor e ele comentou:

- Parece bem jovem. Tem quantos anos?

- Vinte e um.

- Ao menos é maior de idade. – Lançou-me um olhar como se dissesse: já posso te foder.

Eu fingi não perceber. Ao mesmo tempo que gostei de sua reação, pois eu queria mesmo me tornar íntima de ambos, senti-me nervosa, o que era estranho. Amadureci muito cedo, transei cedo também, não era nem tímida nem inexperiente. Pelo contrário. Os homens não mexiam daquele jeito comigo. E não queria que Davi ou Gabriel o fizessem. Pois um deles era um monstro disfarçado em pele de cordeiro.

Chegamos em uma outra sala, onde Fátima estava sentada atrás da mesa, sua enorme barriga de nove meses deixando-a redonda. Além da porta por onde entramos, tinha mais duas, uma do escritório de Davi e outra de Gabriel. Era secretária de ambos. Cargo que eu almejava por um tempo.

- Dani! – Sorri feliz ao me ver e fui beijá-la no rosto. Mesmo tendo me aproximado dela por interesse, gostava de sua companhia e estava torcendo para que desse tudo certo com seu parto.

- Oi, Fátima. Vai aguentar vir trabalhar até o final da semana com esse barrigão? – Sorri.

- Se você for logo contratada, acho que não. Só se eu vier rolando de Madureira até aqui! – Deu uma risada. Lançou um olhar divertido a Davi e disse, como se fosse uma fofoca: - Só tome cuidado com esses dois! São uns tiranos! Me deixam maluca!

- Olha quem fala! – Davi virou-se para mim, um sorriso brincando em seus lábios. – Há anos falamos em contratar mais uma secretária e ela não deixa! Quer ser a soberana aqui!

- Mas dou conta de tudo! Agora, se a Dani se der bem aqui, podemos pensar em pôr mais uma sim. Eu ia adorar! – Exclamou Fátima.

- Ainda vou ser entrevistada. – Completei.

- Vai dar tudo certo, querida.

- Vamos para a minha sala. Gabriel já chegou?

- Já, sim. Vou avisar que a entrevista vai começar.

- Certo, Fátima. Vamos lá, Daniela.

Entramos em uma sala enorme, arejada e masculina, com um grande sofá em um canto, mesa enorme de madeira, nas paredes pôsteres de vários locais do mundo e o símbolo G&D da agência de viagens deles. Um carpete macio abafava nossos passos. Quebrando o ambiente profissional, havia um tiro ao alvo pendurado do lado esquerdo cheio de dardos e um bar, além de uma

porta que levava a um banheiro particular.

- Fique à vontade. – Não fomos em direção à mesa, mas ao sofá branco cercado por duas poltronas de girar. Sentei no sofá, a saia comportada no joelho, a coluna reta. Bem à vontade, Davi ocupou uma das poltronas, observando-me cuidadosamente. A impressão que eu queria passar era de uma moça elegante, bem vestida, com uma sensualidade delicada, nada que fosse descaradamente erótico nem formal demais. Um meio termo.

- Fátima nos entregou seu currículo, está com Gabriel. Pelo que lembro, tem pouca experiência como secretária, mas em compensação tem dois cursos e fez estágios.

- Sim, tenho cursos de secretariado, administração, gestão, informática e domino o inglês. Fiz estágios em duas grandes empresas como secretária e trabalhei dois anos como recepcionista. – Expliquei parte da minha experiência profissional. A outra parte, que foi feita em sua maior parte em uma cama, ele não precisaria saber.

- Fátima explicou a você que aqui é a sede de todas as nossas agências e que trabalhamos com grandes contratos?

- Sim, me explicou bem tudo.

Enquanto conversávamos sobre a empresa, consegui recuperar boa parte da minha calma e observá-lo com mais atenção. Seria imprescindível notar cada nuance e ação deles, guardar toda informação possível, analisá-los. E para isso precisava de muita calma, frieza e discernimento.

Naquele momento a porta de abriu e Gabriel

Campanari entrou. Trazia um envelope na mão e seus olhos azuis claros encontraram de imediato os meus.

Ficou claro que se lembrou de mim do elevador.

- Bom dia. – Ao chegar perto, estendeu-me sua mão, sério, apresentando-se. – Gabriel Campanari.

- Daniela Prado. – Falei baixo. Minha mão fina perdeu-se no meio da dele, grande, firme, que despertou todos os meus terminais nervosos. Mesmo sem querer, senti uma atração imediata, meu corpo reagindo como se tivesse vontade própria.

Gabriel ocupou a outra poltrona, dando um tapa amistoso no ombro do sócio, que sorriu displicente. Tendo os dois na minha frente, fiquei um momento abalada. Toda autoconfiança e todo desejo de vingança que acumulei naqueles anos, com o único objetivo de pegar o assassino da minha irmã, se enfraqueceu quando me dei conta do que ainda teria que enfrentar. Meu instinto me avisou que seria muito mais difícil do que eu imaginava. Aqueles dois não facilitariam a vida para mim. Eram perigosos, não apenas porque poderiam me matar. Mas pela atração que despertavam.

Engoli as emoções violentas que me atacaram naquele momento, lembrando das tantas vezes que Monalisa tinha ligado para mim falando deles. De como fiquei chocada ao saber, apenas com quinze anos, que minha irmã se envolvia ao mesmo tempo com dois homens. Dos risos dela ao descrever o quanto era feliz, de quando começou a ter dúvidas ou quando afirmou que estava amando apenas um deles. Nunca me disse qual.

Queria ter certeza. E quando teve, foi tarde demais. O outro não aceitou e a matou.

Eu costumava pensar se o seu escolhido, aquele com quem ela queria ficar e que era inocente, também a amara. Teria ele sofrido quando Monalisa foi assassinada, sem saber que o culpado era seu amigo? Olhei-os ali e pela milésima vez me indaguei: quem é culpado? Quem é a luz e quem é a sombra? Agoniada, quase tive uma crise de pânico. Mas me controlei a tempo, percebendo que Gabriel tinha pego meu currículo do envelope e entregava-o a Davi, ambos me avaliando com o olhar.

Recuperada, mantive-me aparentemente calma.

Primeiro teria que conseguir o emprego. Depois me imiscuir na vida deles, ser amante de ambos, conhecê-los em sua intimidade, me tornar essencial em suas vidas, em suas casas, observando cada detalhe, filmando, ouvindo, coletando provas. Inclusive usando a mim mesma como isca. Eu tentaria repetir a história de minha irmã, provocá-los, deixá-los tão a fim de mim que, em uma hora ou outra, um deles se manifestaria. E até lá eu precisava descobrir qual era um risco para mim.

- Você foi muito bem recomendada por Fátima, em quem confiamos muito. – A voz grave de Gabriel penetrou meus pensamentos e encontrei seus glaciais olhos azuis.

Indaguei a mim mesma se seria sempre assim, tão fechado e frio, sem sorrir. Enquanto isso, Davi permanecia com um ar sensual, quase preguiçoso. Eram muito diferentes.

Incrivelmente atraentes a sua maneira, como água e fogo.

Gabriel continuou: - O único problema aqui é sua idade e inexperiência. O trabalho é pesado, às vezes passa do

horário, precisa de atenção e dedicação.

- Nada disso é problema para mim. – Mantive-me calma, a voz agradável e segura. – Se o problema é a falta de experiência, poderiam me testar um tempo primeiro, talvez uma ou duas semanas, antes de se decidirem.

- Era o que eu ia propor. – Concordou Davi, lançando um olhar ao sócio. – O que me diz?

- Tem como começar hoje, junto com Fátima? Ela pode ir passando tudo para você até o fim da semana. E na próxima segunda você assume o cargo. Na sexta-feira damos uma resposta definitiva. – Disse Gabriel.

- Tudo bem. – Concordei na hora.

- Então, estamos acertados. – Completou Davi, levantando-se. – Vem, vamos falar com a Fátima. Gabriel e eu nos levantamos também e ele disse naquele seu jeito fechado:

- Seja bem vinda. Qualquer coisa, estou na minha sala. – Avisou a Davi.

- Já vou lá falar contigo. Vamos, Daniela?

Nós três saímos e Gabriel foi para sua sala. Davi me acompanhou para falar com Fátima, mas eu só pensava que a primeira fase eu havia vencido. Agora precisava me esforçar para continuar. E então, pôr meu plano em prática.

DAVI TABASCO

Eu deixei a bela moça na companhia de Fátima, aprendendo o trabalho e me dirigi para a sala de Gabriel. Mas antes, não pude evitar de olhá-la mais uma vez, apreciando o que via. Era linda, de uma beleza elegante, suave, quase etérea. E seu jeito profissional, o vestido

comportado e o cabelo preso só a tornava ainda mais sensual. Desde a primeira vez que a vi, pensei como seria com aqueles cabelos escuros soltos sobre sua pele branca. De preferência nua.

Nem bati na porta de Gabriel. Tinha o costume de entrar direto. Atrás de sua mesa, ele ergueu os olhos e, quando sorri, ele se recostou na cadeira e suspirou, dizendo com certa ironia:

- Só falta você esfregar as mãos. Não pode ver mulher.

- Mulher bonita, você quer dizer. – Puxei uma cadeira e sentei, divertindo-me. – Essa daí exagerou. E nem me venha com essa, você reparou.

- Não sou cego. – Gabriel brincou com uma caneta sobre a mesa e indaguei:

- Mas?

- Jovem demais.

- Cara, você tem vinte e oito anos. Até parece um velho!

- Sabe que não gosto de me envolver com as funcionárias.

- E nem eu. Nisso concordamos. Mas Daniela Prado é TEMPORÁRIA. – Frisei a palavra e ambos sorrimos, relaxados.

- Você não tem jeito, Cigano.

- E você precisa deixar de ser certinho demais, Alemão.

Usávamos às vezes nossos apelidos da escola, quando eu era moreno com cabelos escuros longos e cacheados e todo mundo me chamava de Cigano, enquanto



Gabriel era loiro de olhos azuis, conhecido como alemão.

Desde aquela época nos tornamos amigos e a vida se encarregou de fortalecer aquela amizade, a ponto de virarmos sócios e praticamente irmãos. Gabriel era a pessoa que eu mais confiava nesse mundo.

Sempre fomos diferentes, em tudo. Até hoje não sei como o garoto rebelde e bagunceiro, que mal tinha um tênis apertado para ir para a escola, foi cair nas boas graças de um menino educado, estudioso e comportado como ele. Tudo começou quando uns garotos mais velhos acharam que ia ser moleza pegar a grana do loirinho magrelo e o cercaram na saída da escola. Eu tinha parado para observar, quase achando que o moleque se mijaria nas calças cercado pelos mais velhos. E fiquei agradavelmente surpreso quando jogou a mochila no chão e enfrentou-os, mesmo sabendo que possivelmente tomaria a maior surra da sua vida.

Quando os bandidinhos partiram para cima dele com socos e chutes, eu senti a adrenalina me bombardear. Criado praticamente nas ruas, grande para a minha idade e forte, parti para a briga do lado do alemãozinho corajoso. Que se mostrou ágil, frio, sem perder a calma. Juntos, colocamos todo mundo para correr. No final, ele estava mais prejudicado do que eu, sangrando na boca e com o braço machucado. Mas solenemente me estendeu a mão, disse obrigado e dali por diante se tornou meu amigo. Tínhamos onze anos. E aquela amizade mudou minha vida. Eu, que vivia largado enquanto meu pai enchia a cara no bar, minha mãe se ocupava com suas faxinas e seus amantes, minhas irmãs caíam na vida, muitas vezes

nem tinha o que comer. Até Gabriel me convidar para ir à casa dele. Já conhecia sua família de vista, mas era a primeira vez que falava com eles, entrava em sua casa.

Não eram ricos, longe disso. Mas havia de tudo naquele lar. Desde coisas materiais, bordados que a mãe fazia, bolos cheirosos, roupa limpa e passada, até muito amor e carinho. O senhor e a senhora Campanari me receberam com os braços abertos. O irmão mais velho de Gabriel me deixou jogar em seu vídeo game. A irmãzinha caçula me adorou e não desgrudou de mim. A comida era a mais gostosa que já tinha provado. E dali por diante, sempre inventava desculpas para aparecer.

Gabriel me ajudou com os estudos. Era muito inteligente e centrado, às vezes irritava com seu jeito certinho demais, mas acabei me vendo querendo imitá-lo. A mãe dele passou a preparar merenda para eu levar para a escola, a mesma que fazia para os filhos. E de manhã eu passava ali para ir com Gabriel e recebia meu lanche, feito com todo carinho, e um beijo na bochecha, que a senhora fazia questão de me dar. Fingia não ligar, mas meu dia só começava depois daquilo.

Eles já conheciam minha família de vista. Meu pai tinha fama de vagabundo e beberrão, minha mãe de mulher da vida. Aos dezessete anos minha irmã mais velha caiu no mundo e sumiu, nunca mais soubemos dela. Depois foi a vez de se quinze anos, que saía com todos os garotos da cidade e mais tarde ficou grávida. O meu caminho seria o de um vagabundo como de meu pai ou de um ladrãozinho, pois era esperto, solto e não tinha medo de nada. Seria esse, se não tivesse ganhado a amizade de Gabriel. E daí

me tornado o “protegido” da sua família.

Quando minha mãe morreu de repente de infarto e eu tinha treze anos, as coisas no barraco que eu chamava de lar pioraram ainda mais. Minha irmã fez aborto, quase morreu também, mas depois se recuperou e se tornou a prostituta oficial da cidade. Meu pai só vivia no bar. E eu praticamente morava com os Campanari. Logo depois minha irmã fez suas malas, pois tinha tomado surra de uma mulher casada e estava arrumando confusão com todo mundo. Se mandou da cidade e foi aí que fiquei de vez sozinho. Ou pensei que ficaria. Ganhei uma cama no quarto de Gabriel e seu irmão Rômulo. E um lugar definitivo naquela família. Acho que meu pai nem notou. Minha vida mudou. Eu tinha um lar, uma família, um amigo. Tive vergonha de quem tinha sido e o Cigano malandro e sedutor tomou jeito. Estudei e valorizei cada um dia da minha nova vida. Eu devia tudo que tinha e tudo que era a eles.

De volta ao presente, reparei o que eu tinha notado há algum tempo. Gabriel andava mais calado que o habitual, até mais fechado. Observei-o um pouco e indaguei:

- O que você tem, Gabriel? Tá apaixonado?

Gabriel sorriu, largando a caneta, fitando-me.

- Isso devia ser uma piada?

- Mulher é o que não falta, irmão. Disso a gente não precisa reclamar, felizmente. E aquela advogada com quem estava saindo? Camila?

- Não estamos mais nos vendo.

- Reparei. Que houve, queria te enlaçar?

- Dois meses saindo juntos e veio com um papo de morar no meu apartamento. – Ele deu de ombros.

- Furada. Não sei o que dá nessas mulheres, parece que estão todas loucas para casar! – Exclamei divertido. – Mas você anda calado demais. To te estranhando.

- Não é nada.

- Acho que sei qual é o teu problema. Muito trabalho. Estamos precisando sair para tomar umas geladas e arrumar umas gatas bem loucas, como fazíamos na época da faculdade.

- Quando éramos garotos, quer dizer. – Gabriel balançou a cabeça. – Acho que ando meio cansado mesmo, precisando de umas férias.

- É só isso mesmo?

- É.

Avaliei-o um momento. Sabia que, se fosse algo mais sério, falaria comigo. Tinha mais confiança em me contar as coisas do que a seu irmão de sangue. E eu também desabafava com ele. Decidi brincar para desanuviar o ambiente:

- Aquela coisinha lá fora podia animar você. Se estiver interessado, guardo minhas armas de sedução. Ou poderíamos compartilhá-la. Será que sairia correndo se a convidássemos para jantar? Claro, ela sendo o prato principal.

Gabriel ergueu uma sobrancelha, lançando-me um olhar, acabando por sorrir:

- Ela chamaria isso de assédio sexual.

- Mas vai me dizer que não reparou nela? Viu aquela bunda?

- Você só pensa em bunda.
- E tem coisa melhor? Reparou ou não?
- Reparei.
- Eu sabia! – Acabei rindo.
- Sem chance. Faça bom proveito. Funcionárias estão fora da minha lista.
- Se é assim ... – Dei de ombros, divertido. –

Depois volto para discutirmos aquele contrato sobre o resort em Ilha Grande.

- Certo.

Saí, já pensando na pilha de trabalho que tinha para aquele dia.

GABRIEL CAMPANARI

Depois que Davi saiu, virei minha cadeira giratória para a parede toda envidraçada atrás de mim, com as persianas abertas, deixando a luz entrar. A vista de Ipanema era linda e dali dava para ver uma parte da praia. Fiquei quieto um momento, só olhando.

Meu amigo tinha me perguntado o que havia de errado comigo e fui sincero ao dizer que nada. Na verdade eu não sabia. Andava sentindo falta de alguma coisa e não sabia bem de quê. Talvez fosse meu aniversário de vinte e nove anos se aproximando, me lembrando que não era mais nenhum garoto. Perto dos trinta.

Alguma coisa me perturbava, cada vez mais. Um sentimento ruim, uma sensação desconfortável, como se algo estivesse prestes a acontecer. Desde pequeno fui muito sensível a determinadas coisas, tinha premonições e sonhos. Nem eu gostava de acreditar nisso, mas a

experiência comprovou que meu sexto sentido nunca falhava. E agora ele apitava dentro de mim. E eu sabia que algum fato novo estava prestes a acontecer.

Mas o quê? Por que me sentia agoniado e ao mesmo tempo na expectativa? O que se preparava daquela vez?

Sem respostas, levantei-me, pondo as mãos nos bolsos da calça, me aproximando mais da janela. Sem querer, a imagem da moça alta e linda que seria nossa secretária por duas semanas, pelo menos, veio de imediato em minha mente. Quando a vi lá embaixo, esperando o elevador, aquela sensação de que algo aconteceria tinha se intensificado, como um alerta. Algo nela mexeu comigo. Mas o quê? Tudo o que vinha sentindo há alguns dias tinha a ver com ela? Um pressentimento?

Não podia negar que, como Davi, ela me atraiu. Era realmente linda, tinha algo familiar, que não consegui sacar o que era. Já a teria visto em algum lugar? Se fosse isso, lembraria. Minha memória era fotográfica. Só sabia que ela me incomodara e despertara algo adormecido, aquele sexto sentido que por anos andava abafado dentro de mim e que agora resolvia dar as caras.

Eu sabia que Davi daria em cima dela. Meu amigo não deixava mulher bonita passar na sua frente sem pelo menos dar uma cantada. Geralmente nem precisava, a mulherada já se jogava em cima dele. E em cima de mim. Era assim desde a época da escola.

Na faculdade, ambos fizemos administração de empresas e dividimos um apartamento no Rio, já que éramos de Valença, no interior do Rio de Janeiro. O lugar

virou um abatedouro, onde as mulheres entravam e saíam uma atrás da outra, às vezes mais que uma, juntas. Foi naquela época que começamos a apostar quem pegava mais mulher. Até que apareceu uma que nós dois queríamos e foi uma guerra divertida para ver quem a levava primeiro para a cama. A garota surpreendeu ao dizer que só iria se fosse com os dois. E assim foi.

A fama se espalhou. As orgias aumentaram.

Passamos a dividir garotas e curtir ménages. Não havia limites pra gente. Era divertido, quente, diferente. As garotas se ofereciam. Foram anos loucos, de curtição, bebedeira, festas e farras. E muito sexo. Até Monalisa aparecer. Aí tudo mudou.

Eu não queria pensar nela. Pois de uma forma diferente havia mexido comigo e com Davi. E seu assassinato nos fez rever muitas coisas em nossa vida.

Lembrei que a última vez que tive um pressentimento foi quando a conheci. Como se soubesse que seria importante de alguma maneira. E foi.

Agora aquela sensação de novo, mais forte depois de olhar para Daniela Prado. Eu não sabia o que era. Só sabia que precisava ficar atento com ela. Muito atento.

Capítulo 2: O segundo passo.

A SOMBRA

Eu estava agoniado. Aquela necessidade premente que vinha como um rojão, de repente, incontrolável, estava de volta. Era difícil agir, andar, falar, interagir com outras pessoas no cotidiano, quando dentro de mim eu parecia prestes a explodir. Algo em minha mente estalava, eu parecia sentir o sangue bombando nas veias, quente e

denso, o desejo subia voraz, beirando o desespero.

Até que eu tinha conseguido me controlar um bom tempo daquela vez. Duas semanas. Mas agora se tornava imprescindível acalmar aquela fome interior para recuperar meu equilíbrio. Se não o fizesse, me descontrolaria e poderia deixar uma pista ou até uma ponta solta. Não. Precisava agir logo e recuperar a minha paz, como um animal que só sossega depois de estar bem alimentado.

Tinha sido assim a minha vida inteira. Sempre senti como se eu fosse dois, um lado luz, um lado sombra. A luz, todo mundo via. Eu fazia questão de mostrar. Despertava admirações, desejos, amizades, amor. A sombra era só minha. E eu só mostrava aos meus escolhidos.

No início, surgia em momentos de descontrole. Em Valença, eu ia para o mato caçar e torturar pequenos animais. Comecei com passarinhos. Achava interessante matá-los aos poucos, observando atentamente enquanto lutavam até não ter mais saída. Depois passei a pegar gatos e cachorros de vizinhos. Não era difícil, os animais pareciam ter um carinho especial por mim, me seguiam sem problema. Sempre fui carinhoso com eles, todo mundo achava que eu os adorava. Lembro de uma vizinha que disse uma vez que poderia conhecer a alma de uma pessoa pelo modo como tratava e se relacionava com os bichos. E que eu tinha uma alma boa. Pois é, concordo com ela.

O problema era que minha alma boa também era curiosa e aquele desejo, quando vinha, consumia tudo.



Não sou nenhum louco ou psicopata. Sei o que faço, tenho consciência de tudo e sinto remorso. No início chorei muito ao ver o resultado final dos meus atos, quando segurava o corpinho ainda quente e sem vida em minhas mãos. Sempre dizia a mim mesmo que não ia fazer mais, no entanto aquilo começava a crescer de novo em meu interior e eu sabia que não podia evitar. Era quase um chamado. Ou uma compulsão. E um segredo só meu.

A primeira vez que matei um ser humano foi sem querer. Ela me tirou do sério em uma transa. Ainda era um rapaz jovem e quis rir de mim. Quando vi, tinha apartado tanto seu pescoço que a estrangulei. Por sorte, foi ainda em Valença, no meio do mato, à beira de um pequeno lago deserto. Eu ia lá para pescar ou quando ninguém sentia a minha falta. Tive que dar um jeito. Arrumei umas cordas, arrastei-a até um ponto mais alto que dava numa ribanceira para o lago, onde era bem fundo. Amarrei-a com diversas pedras e a empurrei lá de cima.

Durante muito tempo fiquei com medo que não fosse suficiente e o corpo subisse. Chorei, me senti culpado, quase me entreguei. Eu tinha ido longe demais daquela vez, matando um ser humano. Estava chocado e fiquei assim um tempo, enquanto a procuravam pela cidade. Mas nunca foi encontrada e me acalmei.

Pude ficar meses sem precisar de mais nada daquela sensação, nem com animais. No entanto, a compulsão voltou de repente. A ânsia, o desejo, o desespero. Voltei aos animais, mas não era mais o bastante. Foi quando entendi que não podia parar. E passei a planejar. Desenvolvi até uma estratégia, que

acabou trazendo uma paz imensa. Eu poderia usar aquele instinto faminto para o bem. Livrar a sociedade de quem não era bem quisto por ela. Quem sentiria falta de alguém assim? Um mendigo, um andarilho, uma meretriz, um jovem de rua. Era só saber escolher. E sumir com o corpo. Testei algumas vezes. E nunca fui pego. Entendi que eu poderia controlar aquele desejo e seguir normalmente com a minha vida. Foi o que fiz. Usei minha luz e ela sempre escondeu minha escuridão.

Tudo parecia perfeito. Tinha uma vida cada vez melhor, vim pro Rio, fiz faculdade, me diverti e construí meu negócio com meu melhor amigo, a única pessoa que amei de verdade, sem qualquer dúvida. Ele me equilibrava. Foram anos perfeitos. Quando o desejo vinha, eu ia para longe e me livrava de alguém indesejado. De preferência alguém que eu pegava da rua. Mas não era constante. Podia ficar meses sem necessitar daquilo. Uma vez contei um ano inteiro.

Até aquela garota aparecer. Era só mais uma. A garçonete gostosa do restaurante em frente à faculdade. Os caras ficavam loucos com ela, com aqueles cabelos longos e ruivos e o corpo de arrasar. Na época, eu e meu amigo vivíamos transando como doidos, nosso apartamento um covil para carregar as garotas. Descobri um prazer fenomenal nos ménages. Saber que eu e ele

estávamos ali juntos, comendo uma mulher, dividindo-a, dava uma sensação de que seria sempre assim. Eu e ele. Unha e carne, irmãos de alma, parceiros em tudo. Ficamos a fim da garçonete ruiva. Não era muito difícil. Uma moça solitária, carinhosa, trabalhadora, sorridente. Tentamos e ficou na dúvida. Saiu primeiro com ele. Fui com tudo pra cima e depois saiu comigo. Tentou se explicar. Mas um dia a levei ao apartamento e meu companheiro estava lá. Ele ficou doido. A ruiva no início não quis, mas depois que começou, ficou viciada. Adorava de tudo. Queria sempre mais. Sua beleza e seu jeito receptivo, terno e apaixonado, nos pegou. Dispensamos várias outras para ficarmos com ela. Em seu tempo livre, cozinhava, cuidava de nossas roupas, dava um jeito na bagunça. Parecia uma esposa dedicada e na cama, uma puta de primeira. Dormia com a gente. Transava conosco, juntos ou em separado. E aceitou numa boa a situação. No início, gostei. Monalisa tinha criado um elo ainda maior entre mim e meu amigo. Era o relacionamento perfeito. Eu adorava vê-los transar, ficava doido. E depois, quando entrava no meio, ninguém me segurava. Pensei que poderia viver o resto da vida assim. Até que tudo mudou. Primeiro foram os olhares. Depois os beijos. As conversas. Cada vez mais intensos, ligados um no outro. Ela e ele. Eu sendo excluído, mesmo que não percebessem. A culpa de ambos. E então me dei conta que estavam apaixonados. Comigo era sexo. Com ele era amor.

Tentei relevar, mudar aquilo sem mostrar que eu sabia. Mas o negócio só se complicou. E fui ficando furioso. Vendo-a como um atraso, um meio de me destruir, de tirar meu irmão de alma de mim. Eu poderia suportar tudo, menos isso. E quando notei que eles acabariam falando comigo, me excluindo de vez, tive que agir e tirá-la do caminho. E assim, voltei a ser tudo para ele. Sem ninguém mais para interferir.

Agora eu agia quando não tinha jeito, quando o desejo chegava. Passei a escolher ainda melhor minhas vítimas. Depois de Monalisa, o prazer de matar foi ainda maior. Talvez por ter sido minha amante, não sei. Ou por ter amado meu amigo. Ou por conseguir afastar o perigo que foi, passei a misturar prazer sexual com aquele meu vício. Fui ainda além. Percebi que não havia limites.

Andava ansioso e precisava me acalmar e reequilibrar. Assim, preparei tudo e saí. Em busca de minha nova vítima.

DANIELA

Eu senti o olhar dele sobre mim, me acompanhando na sala cheia de funcionários do escritório, naquele fim de sexta-feira. Era uma festinha para Fátima, todos desejando que tivesse um bom parto, patrocinada pelos dois sócios da agência. Ela ganhou presentinhos para si e para o bebê, todos compraram fraldas descartáveis e até o marido apareceu. Estava radiante, feliz da vida.

Tive a oportunidade de conhecer quase todo mundo e me enturmar, educada, agradável, simpática. Conversei, fui apresentada, circulei. E em alguns momentos senti que ele me observava, como agora, calado, sério, sem se

aproximar. Não era ostensivo ou descarado. Pelo contrário, seus olhares eram velados. Quando me virava, já não estava mais lá. E tinha sido assim a semana inteira. Eu dei o melhor de mim naqueles dias. Aprendi tudo que podia, perguntando o que não entendia a Fátima, me esforçando para ser exemplar. Até ela ficou impressionada com minha capacidade de guardar tudo rapidamente e minha dedicação.

Tive um contato direto com Gabriel Campanari e Davi Tabasco. Entrei em suas salas para pegar e entregar documentos, fiz anotações, segui as recomendações de Fátima. Fui a profissional perfeita. E o tempo todo Gabriel me tratou daquele jeito educado, falando apenas o imprescindível comigo. Mas senti que estava bem consciente da minha presença, que me observava. O que me deixou um pouco preocupada e muito atenta. Por que, se nem comecei a agir? Se ainda sondava o ambiente e me preparava para atacar?

Davi foi diferente. Tratava-me bem, era simpático, sempre tinha um sorriso ou uma palavra de brincadeira quando eu me aproximava. Senti também seus olhares, mas do jeito que eu queria. Interessado, sensual, embora não tenha dado em cima de mim. Ainda. Era o que eu tinha planejado para ambos, mas a frieza e aquela sentinela silenciosa de Gabriel estava me deixando nervosa. Talvez eu tivesse um pouco mais de trabalho com ele. E cuidado. Eu sorria e conversava com duas funcionárias.

Disfarçadamente, procurei-o com o olhar. Como das outras vezes, quando o achei, não me fitava mais. Como se nem soubesse onde eu estava. Parecia entretido em uma

conversa com um funcionário, elegante e frio em suas roupas formais. Sempre estava de terno ou camisas e calças sociais, tradicionais. Ao contrário, Davi era adepto de jeans, blusas, roupas informais que valorizavam seu tipo moreno e musculoso, com aqueles cabelos rebeldes e brinquinho. Eram tão diferentes em tudo que chegava a ser surpreendente como eram amigos há tanto tempo e sócios. Voltei a me concentrar no que minhas novas colegas diziam, mas ainda ligada em Gabriel. Ao mesmo tempo, buscava Davi como quem não quer nada. O tempo todo me sentia tensa, raivosa, ansiosa. Dava um ódio mortal saber que o assassino estava ali, solto, aproveitando normalmente sua vida enquanto minha irmã estava morta. Há seis anos. E que eu tinha que me envolver com eles para pôr as mãos no desgraçado. Mas acabava me controlando, pois devia ser paciente, se queria pegá-lo. Raiva e descontrole só poriam tudo a perder. Por fim, Fátima se despediu de todos com sorrisos e lágrimas. E foi embora com o marido, entrando de licença de vez. Eu a abracei, beijei, agradeci. E então entendi que a partir de segunda-feira estaria por minha conta, até sexta, quando saberia se ficava ou ia embora. Mas por que não ficaria, se estava sendo perfeita? Os funcionários começaram a se retirar. Poucos ainda estavam por ali. Fui até a cadeira pegar minha bolsa, quando senti alguém se aproximar. Quando virei, dei com os olhos negros e penetrantes de Davi. Algo violento e quente se revolveu dentro de mim, independente da minha vontade.

- Já vai? – Indagou com aquele jeito meio

preguiçoso.

- Está na hora. – Sorri docemente.

- Pensei em esticarmos em algum lugar. O que acha?

Meu coração disparou. Era o que eu queria e planejava. Mas precisava ir com calma, não sair totalmente da minha personagem. Olhei-o com certa reserva e falei baixinho:

- Acho que não é boa ideia.

- Que mal pode haver em tomarmos alguma coisa por aí? – Seu sorriso era de matar e eu não estava imune, embora quisesse ficar. “Ele pode ser o assassino!”, gritei para mim mesma. Fingi estar na dúvida. Davi esperou, não insistiu mais. Fiquei com medo de fazer jogo duro e afastá-lo de vez. Sorri lentamente:

- Ah, que mal pode haver em uma bebida?

- É o que digo, que mal pode haver? – E piscou maliciosamente para mim.

Terminei de pegar minha bolsa e andei ao seu lado até a saída. Senti o olhar de Gabriel sobre mim, tão forte que quase estremei. E quando o olhei de repente, ele não disfarçou. Os olhos azuis pareciam duas pedras de gelo, imóveis, fixas. Apenas observando-me sair. Engoli em seco e desviei o olhar. Primeiro eu me encarregaria de Davi. Depois seria a vez dele.

Insisti em usar meu próprio carro e segui o dele, um modelo prateado importado, potente e lindo. Davi não havia me dito para onde iríamos. Achei que algum bar, talvez uma balada. Mas o safado nem disfarçou. Me levava na direção do apartamento dele. Nas minhas investigações, sabia que morava ali perto, no Leblon.

Eu transaria com ele. Mas apesar de todos os meus planos, estava nervosa. Por vários motivos. Por que poderia ser um assassino, e se fosse, só de imaginar que as mãos que apertaram o pescoço da minha irmã tocariam meu corpo, me dava nojo. Além de também correr risco de vida.

Enquanto dirigia, mexi na minha bolsa no banco ao lado, conferindo a micro câmera embutida na lateral do couro, impossível de ser notada. Quando chegássemos lá eu a ligaria, gravando o que ia acontecer. Satisfeita, liguei meu celular e esperei tocar. Ainda era cedo, Margarida devia estar acordada. Não demorou muito e atendeu.

- Oi, Dani. Como você está?

- Tudo bem, Margarida. E você?

- Vou indo. Descobriu alguma coisa?

- Estou indo agora para o apartamento de Davi Tabasco.

Ela ficou em silêncio por um momento. Depois sua voz saiu com um timbre que misturava raiva e preocupação:

- Tome cuidado. Está preparada?

- Sim. Vou usar a bolsa para gravar o que puder. E assim que possível, mando pela webcam. Fique atenta ao material que chegar.

- Pode deixar. E a caneta?

- Deixo para usar outra vez.

Eu tinha um verdadeiro arsenal espião. Bolsa, caneta e relógio com câmera espiã, de alta resolução e armazenamento de até 8 Gb de vídeo, o que dava horas e horas. Os três ficavam sempre à mão, preparados para



serem usados, todos com webcam embutidos, que me permitia compartilhar com meu computador e com o de Margarida. Assim, se acontecesse algo comigo e eu sumisse com meus objetos, ela teria o material todo como prova.

Não ficava à vontade sabendo que a senhora poderia ver o que faria na cama com Davi e com Gabriel, principalmente quando estivesse com ambos. Mas tínhamos combinado dela só olhar se eu sumisse.

- Fique atenta, Dani. Precisa se cuidar.

- Pode deixar. Não vou vacilar. E suas pernas hoje?

- Esfriou por aqui e as dores ficaram mais fortes.

Mas to suportando bem. – Suspirou e voltou ao assunto que nos ligava: - E Gabriel?

- Ele é estranho. Calado, frio, observador. Não sei por que parece meio desconfiado, se nem comecei a agir. Tenho que ter mais cuidado ao me aproximar dele. Davi é mais aberto e quente.

- Já tem alguma desconfiança?

- Fica difícil saber assim.

- Eu sei. Estou acordada aqui. Lembre-se, se der algo errado, aperte o botão do celular e vou saber que é pra chamar a polícia. Apartamento de Davi Tabasco?

- Exato. Mas vai dar tudo certo. Ele não me levaria ao seu apartamento se quisesse me matar.

- Nunca se sabe, minha filha. Nunca se sabe.

- Vou me cuidar. Um beijo, Margarida. E fique tranquila. Ainda tem muita água para rolar nessa história.

- Beijo. – E avisou de novo: - Cuidado.

Depois que desliguei, pensei em Margarida, sozinha

em sua casa naquela uma noite fria. Apesar de suas limitações físicas, impostas pela paralisia das pernas, o que a obrigava a viver em uma cadeira de rodas, era independente e fazia tudo sozinha. Sem parentes e com uma personalidade forte que afastava muita gente, ela tinha aprendido a se cuidar. Morava em um dos seis distritos de Valença, Conservatória. Era viúva de militar e tinha uma boa situação financeira. Mas a solidão era sua maior companheira.

Conheci Margarida em minhas investigações. Tinha ido em Valença saber mais sobre Davi Tabasco e Gabriel Campanari e lá descobri além do que eu queria, um fato que me chamou a atenção na delegacia, quando busquei casos antigos. Foi o número de jovens desaparecidas no período em que ambos moraram ali. E que diminuía terrivelmente depois que se mudaram para o Rio de Janeiro.

Poderia passar despercebido, pois em sua maioria era de pessoas sem família. Mesmo assim, uma ou outra possuía parentes ou alguém que se importava para pensar em procurar. Comecei a seguir as pistas dessas pessoas desaparecidas, mas nunca dava em Gabriel ou Davi. Não parecia haver um ele de ligações com eles. Até chegar em Margarida.

A senhora aleijada não acreditava que a filha simplesmente tenha saído da cidade, como a polícia acabara crendo. Era meio rebelde, andava numa fase de namoradeira, tinha inimizadas. Mas cuidava da mãe em casa, era carinhosa com ela e adorava Conservatória. Nunca tinha falado em ir embora. E não levou nada seu.

Simplesmente sumiu.

Havia algo em Fabiana que chamava a atenção: Ela estudava na mesma escola que Gabriel e Davi. Era a única que descobri ter algo em comum com eles. Mas foi o bastante para me agarrar nisso. E Margarida me ouviu e acreditou em mim. Dali por diante me ajudou como podia nas investigações e no meu plano. E era minha cúmplice, aquela que levaria as provas para a polícia caso algo me acontecesse.

Há dois anos nos conhecíamos e se tornou uma espécie de fada madrinha em minha vida. Éramos ligadas por uma tragédia e por nossa nova amizade. Graças a mim, ela teve esperanças de descobrir o que tinha acontecido com a filha desaparecida há quase 12 anos. E graças a ela pude deixar de ser garota de programa, pois me ajudava financeiramente naquela empreitada. E eu tinha juntado também um dinheiro legal. Estava livre há dois anos daquela vida, que acabou sendo o que uma menina de quinze anos conseguiu, entre as opções que tinha.

Margarida se tornou importante demais em minha vida. Ajudou a dividir o meu fardo e organizar minha linha de ação. Mesmo longe, mantinha-se sempre comigo. Éramos duas com o mesmo objetivo e, depois de Monalisa, ela se tornou a única pessoa com quem consegui me abrir e amar de verdade. A única que sabia tudo de mim e me apoiava.

O prédio em que Davi morava era numa rua conhecida e elegante do Leblon, pertinho da praia.

Quando passou pelos portões do estacionamento, falou

algo na portaria e fez sinal para que o seguisse. Depois que estacionei ao lado de seu carro, peguei minha bolsa e saí, com o coração disparado e o nervosismo fazendo minhas pernas bambearem.

Bati a porta e me recostei nela, fitando aquele moreno lindo que saía do carro e me lançava um olhar tão sensual que algo se revolveu violentamente dentro de mim. Era lindo de morrer, autoconfiante, viril. Parecia gritar sexo por todos os poros e eu duvidava que tivesse alguma mulher capaz de resistir a ele.

Quando parou à minha frente, falei em tom irônico:

- Pensei que me traria em um bar.

- Mas eu tenho um bar em casa. – Seu olhar lento, com pálpebras pesadas, percorreram meus traços, até meus lábios. Senti como se os tocasse, a minha respiração acelerando sem controle. Sorri suavemente e encontrou de novo meus olhos.

- Você não perde tempo, Davi.

- Não mesmo. Vai aprender que sou um homem muito decidido e direto. Por exemplo – deu um passo mais para a frente, me encurralando no carro. Era bem alto, ombros largos, musculoso. Tomou toda a minha visão e me fez sentir magra e pequena, dominada. – Quando quero fazer alguma coisa, simplesmente faço. Como agora.

- E o que quer fazer? – Murmurei baixinho.

Seu sorriso diminuiu, o olhar mais quente, como um predador. A sensação era a de que me devoraria, me tomaria sem dó nem piedade, faria de mim o que bem quisesse. O desejo veio tão arrebatador que me assustou e tentei lutar por certo controle, sabendo que uma parte de

mim tinha que permanecer fria. Mas como, se só a presença dele me desconcertava, me consumia como uma labareda?

- Eu não quero, eu vou fazer. Tudo o que eu quiser, Daniela.

Sua mão grande foi em meu pescoço, até minha nuca, onde segurou firme, enquanto seus olhos me ordenavam rendição. Entreabri os lábios, com raiva por querer aquilo, por não conseguir pensar direito. E nem consegui lutar mais, pois os lábios carnudos tocaram os meus e o beijo fez o desejo voraz me atacar como um soco bem dado.

Davi não estava para brincadeira. Encostou-me no carro de maneira firme, pressionou o corpo musculoso contra o meu, uma de suas mãos mantendo minha cabeça imobilizada pela nuca, a outra firme em minha cintura enquanto me fazia abrir a boca e a saboreava sem vacilar, a língua encontrando a minha, ordenando uma dança onde ele era o condutor. Foi um beijo gostoso e arrebatador, quente, profundo, inebriante. Fiquei tonta, sem um pensamento coerente sequer. Só conseguia me concentrar no beijo, no corpo contra o meu, a maneira como me pegava e a coluna grande e grossa de seu pau duro contra meu ventre.

Explorou minha boca sem pressa, mas firme, como se soubesse bem o que fazia. Apesar de eu ter me iniciado no sexo de maneira errada, de ter sempre um sentimento de impotência me acompanhando em minhas relações, eu era naturalmente ferosa. Percebi que poderia me perder para meus próprios desejos ardentes e sempre mantive

certo controle sobre isso. Mas naquele momento quase fiquei em pânico ao sacar que o controle escapava diante das coisas que Davi me fazia sentir com um único beijo. Precisava me recuperar, colocar meus pensamentos em ordem, saber lidar com aquilo. Por isso lutei, afastei meus lábios, respirei irregularmente e o olhei, um tanto assustada. Ele me observou sem me soltar, seu rosto muito perto, atento e compenetrado. Sua expressão era a de um gato ainda não satisfeito, faminto, querendo mais. Muito mais.

- O que foi? – Indagou baixo, rouco.

- Não sei se ... – Calei-me e pensei rápido em uma desculpa: - Não sei se é boa ideia. Depois vou trabalhar para você e ...

- É uma ótima ideia. Quer ser convencida?

- Davi ...

- Quietinha. Vai gostar de tudo que vou fazer com você. – Mordeu suavemente meu lábio, a voz baixa e rouca deixando-me mais perdida. Seus dedos estavam enterrados sobre meu cabelo preso na nuca. A outra mão subiu sobre a blusa, fechando-se em volta do seio, acariciando-o com firmeza. Mesmo através do tecido da blusa e do sutiã, senti meus mamilos ficando duros. Estava arrebatada pelo desejo, meu corpo pegando fogo, a cabeça girando. – Agora afaste as pernas. Quero roçar meu pau na sua bocetinha.

Fui invadida por um tesão violento. Tremores incontroláveis percorreram meus terminais nervosos com sua voz baixa e pecaminosa, com o tom de ordem em cada sílaba. Sem nem ao menos parar para pensar, obedeci,

abrindo mais minhas pernas. Foi o bastante para Davi se abaixar um pouco e encaixar o membro duro dentro da calça entre o V do meu sexo, roçando-o firmemente ali, espalhando adrenalina e luxúria por dentro de mim. Arfei em sua boca, senti sua língua puxar a minha, sugando-a. Fiquei alucinada ali naquele estacionamento, encostada no carro, virando uma massa ardente e moldável nas mãos daquele homem que sabia bem o que fazia. Que me enlouquecia.

- Vem, Daniela. Chega de brincadeira. – Afastou os lábios e se afastou um pouco, fitando meus olhos. – Vamos começar o jogo de adultos.

Brincadeira? Enquanto segurava minha mão e me levava em direção ao prédio, eu o seguia calada, abalada.

Se aquilo era só brincadeira, o que eu sentiria quando jogasse pra valer?

Lançou-me um olhar quente e levemente divertido, como se soubesse como me sentia. Quando entramos no elevador, brincou com voz rouca:

- Não se preocupe. Você vai gostar.

- Não duvido.

Sorriu, seu olhar varrendo meu corpo, sua mão ainda na minha, recostando-se na parede do elevador enquanto este subia.

- Sabe a primeira coisa que quero que você faça ao entrar, Daniela?

- O quê?

- Solte seus cabelos. Desde que a vi pela primeira vez com esses coques comportados, tenho imaginado como ficaria com eles soltos.

Eu pensei o que diria se soubesse a cor natural deles, naquele ruivo intenso como o de Monalisa. Mas a tintura negra o disfarçava bem.

- A cada vez que entrou em minha sala essa semana, pensei em soltar seu cabelo, abrir essas roupas bem comportadas e sentar você no meu colo. Ou a deitar na mesa. Nua.

Sua voz me fazia tremer, muito excitada. Ainda mais me fitando com os olhos semicerrados, como se o negro deles ardessem em brasas. Tentei me recuperar, mas estava ficando cada vez mais difícil.

- E eu pensando que admirava meu trabalho. – Sorri, embora tensa.

- Também. – Seu sorriso se ampliou.

Sáímos do elevador para um corredor elegante.

Logo abria uma das portas de madeira maciça e me indicava a entrada, com um sorriso de lobo mau:

- Sinta-se em casa, bela Daniela.

- Obrigada.

Passei por ele e dei em uma sala ampla, linda, moderna e extremamente masculina em tons quentes de marrom. Mas nem tive tempo de olhar direito. Davi veio por trás de mim, suas mãos grandes em minha cintura, depositando um beijo gostoso em meu pescoço. Então sussurrou em meu ouvido:

- Os cabelos.

Contornou-me e parou um pouco a frente, esperando, seu olhar me consumindo. Sem poder evitar o tremor nos dedos, ergui os braços e soltei a presilha que os mantinha bem presos. Caíram longos, pesados, sedosos



e escuros até o meio das costas, como uma massa viva.

Corri os dedos entre eles e vi o olhar de Davi se tornar ainda mais escaldante.

- Perfeita. Mais linda do que pensei.

Estendeu-me a mão. Com o coração na boca, eu a segurei. Disse serenamente:

- Depois te mostro tudo. E podemos tomar os drinques prometidos. Agora venha comigo, secretária.

Temos um assunto mais importante a resolver. – E me levou pelo corredor.

- Você não perde tempo.

- Não mesmo. Tenho um defeito grave, que deve conhecer logo.

- O que é?

- Quando estou assim, louco de desejo, não consigo fazer mais nada. Minha mente para. Fico no piloto automático. – Sorriu jocoso, ao abrir a porta de sua suíte.

– Por isso preciso resolver primeiro esse assunto. Só então volto a ser eu mesmo.

- E isso é verdade ou conversa, para me dispensar mais rápido?

- Dispensar? Essa é uma palavra que não penso hoje. A noite é uma criança, minha bela.

Estava nervosa e excitada, isso era mais do que óbvio. Mas tentava me focar em minha vingança ao entrar no quarto e olhar em volta. Lindo, claro, cama enorme, lençóis brancos e macios. Em frente à cama, um móvel encostado na parede, perfeito para pôr minha bolsa, com a câmera ligada. Soltei sua mão e andei pelo quarto, tentando ser bem racional, falando para disfarçar:

- É lindo. – Pus a bolsa sobre o móvel, de modo que a câmera ficasse bem virada para a cama. Liguei-a rapidamente, usando meu corpo como escudo. Só então me virei, fitando-o. – Preciso ir ao banheiro.

- Precisa? – Veio perto, as mãos enfiando-se em meu cabelo, olhando-o com admiração.

- Sim. Me preparar para você.

- Eu gosto assim, natural, com seu cheiro de mulher.

– E cheirou meu pescoço. A excitação veio quente e densa. – Deliciosa.

- Davi ...

- Hum ... – Suas mãos desciam por meu colo, até os botões da blusa branca, que começou a abrir enquanto me mordiscava perto da orelha. Começou a andar em direção à cama, levando-me junto. Parou ao lado dela no exato momento em que abria a blusa toda e afastava-se um pouco para me fitar, luxurioso e ainda mais bonito, se possível. – Vamos ver o que a comportada secretária esconde aqui.

Tirou minha blusa e olhou o pequeno sutiã branco que me cobria, o formato dos seios, a cintura fina e a barriga lisa. Seus dedos foram na saia e desceu o zíper. Permaneci quieta enquanto a deixava cair no chão e olhava a bela calcinha minúscula e de renda branca que mal me cobria, presa à meia-calça cor da pela por uma liga. Nas coxas havia um delicado rendado da meia. Davi respirou pesado, seus olhos negros me queimando.

- Isso é covardia. Agora cada vez que entrar em minha sala, vou imaginar essa coisinha sexy embaixo das suas roupas. Linda.

E demonstrou seu desejo me agarrando, colando meu corpo no seu, totalmente vestido, seus olhos consumindo os meus, suas mãos percorrendo minhas costas, descendo até minha bunda, os dedos grandes apertando a carne macia e firme.

- Sabe o quanto é gostosa? Nem imagina as sacanagens todas que penso em fazer com você, minha bela Daniela. – Segurou as laterais da calcinha e desceu-a pelos quadris, até o meio das coxas. Uma de suas mãos já escorregava entre as nádegas, penetrando entre minhas pernas, os dedos sentindo a umidade da vulva palpitante. A outra vinha pela frente, entre os lábios vaginais, seus dedos se encontrando, acariciando-me intimamente.

Tive que me segurar em seus ombros, fitando seus olhos negros com cílios espessos, gemendo baixinho quando um dedo longo penetrou em mim. Não precisava de mais nada, estava pronta, molhada, latejante.

- Que bocetinha quente e apertadinha ... – Disse rouco enquanto me fazia sentar na beira da cama, já descendo a calcinha pelas pernas, livrando-se dela. Abriu meus joelhos para os lados, seu olhar intenso fixo em minha vulva exposta, completamente depilada. Era isso ou pintar os pêlos ruivos. Era mais fácil deixar assim. – Não acredito que fez isso comigo ... Lisinha, do jeito que eu gosto.

Sorriu sensualmente. Suas mãos deslizaram por minhas pernas ainda nas meias e foram aos meus quadris, puxando-os bem para a beira. Subiu o olhar por minha barriga até os seios e ordenou, rouco:

- Tire o sutiã.

Eu estava como dopada, arrastada pelo tesão  
violento, minha consciência lutando para gritar que aquele  
homem podia ser um assassino. Mas e se não fosse? Se  
Davi fosse vítima? Se tivesse sido o grande amor de  
Monalisa?

Eram

questões

infinitas

que

me

bombardeavam, como se mente e corpo travassem uma  
grande guerra. O certo era manter o controle sobre tudo,  
mas como, se aquele homem estava mexendo demais  
comigo, me deixando doida?

Abri o sutiã nas costas e o larguei na cama,  
deixando meus seios redondos e nus para que admirasse.  
Eram medianos, empinados, firmes. E Davi ficou ainda  
mais excitado, seu olhar percorrendo meu corpo nu, seu  
sorriso safado sumindo, até que seu semblante estava  
carregado pelo puro tesão. Moveu-se e então baixava a  
cabeça entre minhas pernas. Apoiei as mãos espalmadas  
na cama e me preparei.

Roçou o nariz afilado em meu sexo, cheirando-o,  
seus dedos enterrados na carne nua dos meus quadris.

Então, lentamente, senti sua língua dura e úmida no  
clitóris, lambendo devagarzinho. Tremores desconexos  
percorreram meus membros e mordi os lábios para não  
gemitar, espremendo o lençol entre os dedos.

Via seus cabelos ondulados e negros, brilhantes.

Sem poder suportar quando dava aquelas lambidas suaves

e certas, segurei sua cabeça, adorando a textura dos fios sedosos e ao mesmo tempo grossos, as ondas que pareciam vivas entre minhas digitais. E abri mais as pernas, oferecendo-me para ser chupada.

Foi delicioso. Não era apressado ou sem ritmo.

Pelo contrário, deixou o clitóris durinho só com a língua e então o prendeu entre os lábios e sugou, deixando-me arrebatada, sem ar, ondulando contra sua boca. Perdi a noção de tudo. Quando seus polegares abriram meus lábios vaginais delicados e Davi enfiou a língua dura dentro de mim, não aguentei tanto prazer e caí de costas na cama, desabando, gemendo baixinho.

Ele continuou, a boca e a língua sem me deixar um segundo, sugando minha lubrificação, se fartando com minha vulva lisa e melada.

- Pare ... – Pedi, sem controle.

Não parou. Tentei escapar, agoniada, à beira do gozo, mas me prendeu contra a cama, as mãos grandes e fortes me dominando para continuar me chupando gostosamente. E foi assim que vim, quente e arfante, ondulante, sentindo o orgasmo se formar avassalador e me varrer, violento.

- Ai, meu Deus ... Ahhhhhhhhhhhhh...

A língua de enterrou em minha vulva, enquanto seus lábios roçavam meu clitóris. Gemi, palpitei, em movimentos sinuosos, jogando a cabeça para trás, fechando os olhos, até ficar inebriada naquela cama, completamente dopada.

Somente então Davi afastou a cabeça, seus olhos negros quentes como o pecado. Ergueu-se, fitando meu

corpo nu, a satisfação em meu semblante. Sorriu

lentamente, lambeu os lábios e comentou:

- Muito mais gostosa do que pensei.

Com olhos pesados e lânguidos, eu o vi despir a blusa pela cabeça. Tinha ombros muito largos e era musculoso, a pele morena e lisa, o peito amplo, a barriga sarada. Não havia pelos em seu peito, enfeitado por uma tatuagem grande de dragão que subia por suas costelas, uma parte da asa e da calda no peito, a cabeça subindo pelo ombro direito até o braço, onde terminava a cabeça. Alto, grande, com aquela tatuagem, a pequena argola na orelha, os cabelos densos e ondulados e aqueles penetrantes olhos negros, era sem dúvida nenhuma o homem mais lindo e quente que já vi na vida. Perfeito. E aquele sorriso com covinhas fazia qualquer coração falhar uma batida.

Prendi o ar quando abriu o jeans e desceu o zíper.

Tirou-o com cueca e tudo, ficando nu. O pênis era longo, grosso, moreno como ele, com veias circulando-o, meio de lado na barriga sarada, marcada por músculos.

Acompanhava seu corpo grande e largo e suas coxas musculosas, definidas. Fiquei com água na boca só de olhar para ele.

Rasgou a embalagem do preservativo e o colocou.

Veio para mim segurando seu pênis, acariciando-se de leve, dizendo baixinho:

- Vou aproveitar essa bocetinha toda encharcada.

Fique quietinha, Daniela.

Eu não podia fazer nada, mesmo que quisesse, arrebatada e arquejante, minhas pernas ainda abertas,

meus pés apoiados no chão. Davi se ajoelhou na beira do colchão, entre minhas coxas, deitando-se sobre mim, os cotovelos em minhas laterais, o olhar ardente imobilizando o meu.

Mordi o lábio quando a cabeça redonda do pau se acomodou em meus lábios vaginais molhados, seu peito esmagando meus seios, a pele quente aquecendo ainda mais a minha. Seu ventre colou-se ao meu e então Davi me penetrou sem pressa, sentindo cada polegada da vulva que se abria e esticava para recebê-lo. Estremeci por inteiro e segurei minha cabeça com as duas mãos, imobilizando-me para poder me olhar enquanto ia até o fundo do meu útero.

- Pequena, quente e macia ... – Puxou o pau para fora, como se adorasse aquela deslizar, aquela tortura. E então, quando fiquei em suspenso, sem ar, meteu fundo e forte. Moveu seus quadris com firmeza, estocando duro dentro de mim, deixando-me toda preenchida, sentindo-o em cada terminal nervoso. – Que gostosa ... Hum ... Vou comer essa bocetinha a noite toda.

E comeu, vorazmente. Eu o agarrei, enfiei minhas unhas em suas costas, arreganhei as coxas para que metesse em mim do jeito que quisesse, ofereci-me toda. E Davi tomou, beijou minha boca, enfiou a língua nela como metia o pau em minha vulva latejante, que doía de tanto tesão.

- Ah, Davi ... – Murmurei agoniada, contra seus lábios, recebendo-o com um desejo absurdo, que me ensandecia.

- Diga de novo meu nome. – Exigiu rouco, seu pau

cada vez mais bruto, duro, arrebatador.

- Davi ...

Foi delicioso, extasiante, delirante. Ergueu meus joelhos, segurou-os por baixo e meteu sem dó, aquele homem tão lindo e grande em cima de mim, dentro de mim, olhando-me como se fosse dele para fazer o que quisesse, dominando-a pelo modo mais antigo que um macho podia dominar uma fêmea.

- Vou te foder de todos os jeitos que já imaginou, minha bela ... – E já saía de dentro de mim, puxando-me, virando de bruços. – Fique de quatro. Quero ver meu pau entrando nessa bocetinha.

Obedeci, meus membros trementes, a pele ardendo, suada. E logo Davi agarrava meu cabelo com uma das mãos, a outra firme em meu quadril enquanto entrava todo em mim, tão grosso que me esticava. Gemi, descontrolada, movendo-me para trás para receber suas estocadas, me empinando e abrindo toda para ele.

A cabeça de seu pau empurrava meu útero, chegava fundo no meu ventre e Davi metia mais e mais, brutalmente, gostosamente. Comeu-me assim até que fiquei a ponto de gozar de novo, alucinada, fora de mim.

- Boa menina. Daqui por diante, sempre que eu quiser, vai abaixar a calcinha e deixar eu te comer. –

Puxou meu cabelo para trás, inclinou-se nas minhas costas e disse perto da minha orelha: - Entendeu?

- Sim ...

- Vai fazer tudo que o patrão aqui mandar. Onde e quando eu quiser. Na minha casa, na sua, no escritório.

Ouviu, Daniela? Responda!



- Sim, senhor ...

- A empregadinha perfeita. Tão linda e jovem ...

Tão gostosa ...

E me largou, saindo de dentro de mim. Sentou-se na cama e me puxou para seu colo. Montei-o de frente, já devorando seu pau com minha boceta, enquanto me envolvia em seus braços e ajudava meus movimentos.

- Agora vai gozar de novo, sugando meu pau com sua bocetinha.

E como se meu corpo tivesse entendido, estalou em um novo orgasmo, alucinante, em um arrebatamento que me fez gritar e ondular, estremeendo da cabeça aos pés.

E Davi me acompanhou, rouco, gozando dentro de mim.

Capítulo 3: Quem é quem.

GABRIEL

Eu era sempre um dos primeiros a chegar ao escritório, com poucas exceções. E naquela segunda-feira não foi diferente. Ainda faltava uns vinte minutos para as oito horas quando entrei na sala de recepção de meu escritório e vi Daniela Prado já em sua mesa, fazendo anotações no computador.

Com o cabelo preso, usando uma saia cinza e uma blusa formal cor de goiaba, sapatos de salto alto pretos, estava elegante, nas orelhas pequenos brincos de ouro e no rosto uma maquiagem discreta. Mas era impossível não notar a linha graciosa do seu pescoço, a pele perfeita, os traços belos do rosto onde os olhos esverdeados se destacavam. Olhou-me na hora e sorriu suavemente, expondo os dentes brancos e perfeitos:

- Bom dia, senhor Campanari.

Novamente tive o pressentimento de algo extremamente familiar nela e por um momento parei ao lado de sua mesa, observando-a atentamente, buscando na memória o que seria. Algo veio, quase uma revelação, mas fugiu com a mesma rapidez. Eu a teria visto antes? Ou se pareceria com alguém?

Ficou quieta, como a esperar que eu me manifestasse, na certa sem entender por que a fitava assim. Na mesma hora recobrei o discernimento.

- Bom dia, senhorita Prado.

- Pode me chamar de Daniela.

Não era a primeira vez que me dizia isso. Na semana passada foi assim e eu sabia que Davi também queria que ela o chamasse pelo primeiro nome. Mas eu preferia tudo formal entre a gente. Ainda havia algo nela que despertava um sentimento estranho em mim, quase um sexto sentido de algo que estava prestes a acontecer e tinha a ver com sua presença em minha vida.

Lembrei de sexta-feira, quando saiu com Davi dali.

Sem querer imaginei os dois transando, ele livrando-a de toda aquela roupa comportada, fazendo as sacanagens com que estávamos acostumados e nunca escondemos um do outro. Como Daniela seria na cama? Comportada como suas roupas? Suave como sua voz pronunciava? Ou uma gata selvagem, como algo em seu olhar disfarçava? Por que eu tinha a sensação de que havia muito mais naquela mulher, velado, camuflado. Não me baseava em fatos, pois até agora tinha sido perfeita e discreta. Era apenas o que eu sentia.

Sem querer, imaginá-la com Davi me incomodou.

Não podia dizer que era ciúme, pois seria um exagero.

Mas a nova secretária despertava em mim sensações desconhecidas, uma atração quase instantânea, que me fazia ter consciência de tudo que fazia, como uma obsessão que me puxava em sua direção. Mais uma coisa a me preocupar.

- Não está muito cedo ainda? – Perguntei frio, sem demonstrar nada do que sentia ou pensava.

- Preferi chegar antes para não me enrolar, afinal vai ser minha primeira semana sozinha, sem Fátima para me orientar. – Seu sorriso era suave, doce. Mas novamente tive a sensação de que algo se escondia sob ele.

Encarei fixamente seus olhos. A seu favor posso dizer que não vacilou. No entanto, pude ter certeza de que sabia que estava na minha mira e tentava disfarçar. Eu ficava cada vez mais curioso e perturbado.

- Se precisar de algo estou em minha sala, senhorita Prado. – E me afastei logo, dando-lhe as costas. Senti que me seguia com os olhos.

Depois que fechei a porta e larguei minha pasta sobre a mesa, fui abrir as persianas e fitar o pedaço da praia visível da janela, o que sempre servia para pôr meus pensamentos em ordem. Com calma, analisei os fatos.

Daniela Prado foi indicada por Fátima como sua amiga. Na semana passada, como quem não quer nada, indaguei à minha secretária há quanto tempo se conheciam e de onde. Segundo ela, há uns quatro meses haviam se encontrado em um restaurante e se tornado amigas desde

então. Não sabia muita coisa dela, a não ser que tinha sido criada por uma tia e vivia sozinha, sem pais, sem família.

Ou seja, nada que fosse muito esclarecedor.

Na ficha que preencheu na empresa, também não tinha nada demais. Vinte e um anos, com Ensino Médio completo, curso de inglês e outros cursos ligados na área de administração e secretariado. Nome de Daniela Silva Prado. Endereço no Méier. Mais nada relevante.

Então por que aquela espécie de suspeita dentro de mim, quase um aviso para observar mais de perto? Meu sexto sentido nunca errava. Havia algo ali e eu ia descobrir o que era.

Me concentrei no trabalho e, por volta das oito e quarenta da manhã, Davi entrou em minha sala, como sempre sem bater, um grande sorriso estampado no rosto. Imaginei que o motivo estivesse lá fora, sentada em frente ao computador.

- Qual, é, amigo? O que temos pra hoje?

- Muito trabalho serve? – Rebatu, com uma pasta cheia de contratos aberta sobre a mesa.

- Minha mesa tá igual. Mas relaxa. Sinal de que a agência cresce cada vez mais. – Jogou-se em uma cadeira em frente a minha. – E o resort em Ilha Grande? Fechou com eles?

- Não, acho que vou ter que ir até lá. Vamos ver.

Ficamos discutindo alguns assuntos referentes ao trabalho, quando bateram na porta. Mandei entrar, sabendo que era Daniela.

- Com licença. – Aproximou-se, com uma pasta nas mãos.

Seu andar era sensual, suave. Mesmo com a roupa formal, sua beleza era evidente. Parecia um pouco corada e lançou um olhar meio nervoso a Davi, que apenas a observava, seu olhar ardendo.

- Para o senhor assinar. – Entregou-me as pastas. –

Daqui a quinze minutos tem reunião com o pessoal de Salvador.

- Quando chegarem, me avise.

- Pode deixar. – Virou-se para Davi. – Os relatórios que o senhor pediu estão em sua mesa.

- Obrigado, Daniela. Já vou lá. – Davi sorriu e ela ficou corada. Por fim pediu licença e saiu. Meu amigo se voltou para mim, seu semblante carregado, obviamente excitado. – Ela é muito eficiente. Por mim, continua no lugar de Fátima durante sua licença.

Como não falei nada, observou-me com atenção, franzindo o cenho:

- Não concorda?

- É, ela é eficiente.

- Mas?

- Nada.

- Gabriel, o que você tem? Daniela está perfeita aqui, não deu nenhum vacilo. Por que essa cara?

- Tem alguma coisa estranha com ela.

Davi recostou-se, sério.

- Estranha como?

- Não sei.

Ele suspirou e balançou a cabeça.

- Acho que você é que tá estranho. Alemão, você está a fim de Daniela, é isso? E esquisito por que transei

com ela?

- Vocês transaram mesmo.

- Não quero me gabar, mas a noite toda. – Sempre me contava tudo, não existia segredo entre a gente. Senti que estava animado. Davi era uma pessoa naturalmente de bem com a vida, mas quando o assunto era mulher, sua animação triplicava. – Gabriel, ela é muito linda. E gostosa pra caralho!

Fiquei quieto, sério. Eu não era um homem pudico. Em geral falávamos entre nós sobre as mulheres com quem saíamos, só entre nós. Mas saber detalhes de Daniela Prado com Davi me incomodava. E eu nem sabia ao certo por que.

- Cara, você não vai acreditar, mas ela usa lingerie sexy embaixo daquela roupa, tudo pequeno e transparente, com liga e meia calça rendada. Não posso mais olhar pra ela e fico cheio de tesão, doido pra ver o que estará usando dessa vez. – Passou a mão pelo cabelo levemente comprido, dando uma risada. – É o tipo bem santinha, mas na cama faz tudo que você quiser. Tô doido pra sair com ela de novo.

Davi viu que não retruquei nem me manifestei e observou-me com mais cuidado.

- Porra, Gabriel, tá me deixando preocupado!

Desembucha logo!

- Já disse que não é nada. Davi, tenho que terminar o trabalho aqui.

- Tá, já vou sair. – Ele se levantou, mas ainda sem entender bem qual o meu problema. – Quando tiver a fim, me conta que bicho te mordeu.

- Pode deixar. Valeu, Cigano.

Sorriu, balançou a cabeça e saiu.

Eu tentei me concentrar no trabalho, mas toda hora a imagem de Daniela com Davi me perturbava, até ficar irritado. Tive uma reunião e depois, quando os dois empresários saíram, Daniela entrou para me entregar dois recados telefônicos e anotar uma mensagem para enviar.

Fiz o possível para falar com ela só o imprescindível, mas quando se sentou na cadeira em frente para anotar o recado e cruzou as pernas, não pude evitar que meus olhos seguissem seus movimentos.

Percebi a fina meia-calça em volta das pernas longas e bem feitas e lembrei do que Davi tinha dito sobre suas roupas íntimas. Mais forte do que eu podia controlar, o desejo veio voraz, tão intenso que tive que prender o ar.

Desviei os olhos, ditei a mensagem com voz fria e ela anotou tudo, compenetrada.

- É só isso, senhorita Prado.

- Sim, senhor. – Ergueu-se, alisando a saia, fitando-me com seus belos olhos esverdeados. – Posso fazer algo mais pelo senhor?

Sua beleza, seu tom servil e doce, e a atração poderosa que despertava em mim só me deixaram mais irritado. Eu podia dizer umas duas coisas que poderia fazer por mim, todas que com certeza a chocariam. Fiquei olhando-a fixamente, desejo, desconfiança e raiva se mesclando dentro de mim, a ponto de me deixar lívido, em busca de controle.

Daniela ficou imóvel, como se soubesse que havia algo muito errado mas não atinasse o que era. Por fim,

consegui recuperar minha frieza e falei gelidamente:

- Sim, há algo que você pode fazer. Sair daqui agora.

- Como? – Indagou num fio de voz.

Mantive-a cativa pelo olhar, sem piscar.

- Pode sair, senhorita Prado.

- Sim ... Sim, senhor. – Suas bochechas ficaram coradas. Não sei se de vergonha ou de raiva. Mas deu-me as costas e se dirigiu à porta.

Fitei suas costas retas, a cintura bem marcada, o quadril arredondado e a bunda bem feita e empinada naquela saia cinza. O desejo ainda me consumia. E mesmo depois que Daniela saiu, demorei a me recuperar.

DAVI

No final da tarde, quando Daniela entrou na minha sala para me entregar um relatório sobre pacotes turísticos que eu havia pedido, observei-a excitado, sentindo o corpo reagir à sua presença. Lembrei da noite de sexta, que passamos juntos. Tínhamos transado várias vezes, conversado, jantado no apartamento, nos divertido. Só foi embora no sábado de manhã, acordando cedo e se despedindo com um beijo enquanto eu estava ainda sonolento na cama. Era encantadora, apaixonada e inteligente. E eu estava doido para repetir a dose.

- Os relatórios estão prontos. – Disse baixo.

No início da manhã, quando cheguei e parei em frente a sua mesa, me olhou um tanto sem graça, até mesmo tímida. Mas depois que sorri e conversei normalmente, relaxou um pouco. Eu a tinha tratado assim o dia todo, mas ambos estávamos bem conscientes da



atração entre nós. E era impossível não olhar um para o outro sem lembrar como tinha sido quente e gostoso, intenso.

- Obrigado. Vou deixar para olhar amanhã. Faltam só dez minutos para o fim do expediente. A não ser que queira ficar depois do horário comigo. Pagamos hora extra. E posso terminar os relatórios.

Falei em tom sério, mas quando me fitou, viu minhas reais intenções em meu olhar. Suas bochechas ficaram coradas, o que me fez sorrir.

- Olha, Davi. – Começou, meio tímida. – Esse trabalho é importante para mim. Sei que estou sendo avaliada e não apenas por você e pelo senhor Campanari, mas por todo mundo. Se souberem que estou ficando depois do horário para transar com o patrão, vou ficar mal vista e ...

- Hei, calma. Ninguém precisa saber de nada. –

Sorri, acalmando-a. – Fátima sempre ficou depois do horário sem problema. É muito trabalho para uma secretária só. E na verdade, tenho mesmo que terminar esses relatórios. Mas odeio ficar aqui sozinho.

Ali, parada de pé em frente à minha mesa, vi suas dúvidas. Para convencê-la de vez, levantei, contornei a mesa e parei ao seu lado. Daniela me fitou, meio sem saber o que fazer. Seus olhos ardiam e vi que me desejava tanto quanto eu a ela.

- Prometo que não faço nada que você não quiser. –

Murmurei perto de seu ouvido, sem tocá-la, recostando-me na ponta da mesa. Fiquei satisfeito quando a vi estremecer.

- Esse é o problema. O que eu quero nem sempre é o que devo fazer.

- Não pense demais. Vai ficar?

- Sim. – Sussurrou.

Sorri, satisfeito. Foi naquele momento que deram apenas uma batida na porta e a abriram. Gabriel apareceu, como sempre elegante em calças sociais cinza e camisa preta com mangas dobradas até o cotovelo, segurando sua pasta. Parou de imediato ao me ver tão perto de Daniele, seus olhos muito claros escurecendo visivelmente. A moça na mesma hora deu um passo para o lado, corada, um pouco intimidada.

Percebi como se olharam. Não dava para saber ao certo o que havia ali, além de muita tensão. Mas eu conhecia o Alemão desde criança. Em meio a sua irritação sem sentido, percebi a fome com que a encarou e achei que parte daqueles sentimentos alterados era ocasionada pelo desejo. Que por algum motivo ele não queria sentir.

- Entre, Gabriel. – Falei sereno, como se não tivesse notado nada, sem me mover do meu lugar. Senti também uma espécie de ciúme, mas na mesma hora o combati. Ele era meu parceiro e já tínhamos vivido muita coisa juntos. Ciúme não tinha espaço ali. Para provar isso, provoqueei-o: - Hoje é o contrário, você saindo cedo e eu ficando depois da hora?

- Pensei em tomarmos alguma coisa juntos. Mas já vi que está ocupado. – Seu olhar agora frio concentrou-se em Daniela.

- Sim, por um bom motivo. – Lancei a ela um olhar

também, só que mais jocoso, leve.

Um tanto incomodada, Daniela reagiu:

- Bom, vou para a minha sala. Com licença. –

Dirigiu-se à porta, que Gabriel bloqueava. Ergueu os olhos, parando a certa distância. Ambos se encararam. –

Senhor Campanari?

- Toda, senhorita Prado. – E foi para o lado, dando-lhe passagem.

De qualquer forma, ela teve que passar perto dele, que não desviava os olhos, muito sério, rígido. Dava quase para sentir a energia pesada entre eles, a tensão quase real de tão intensa, quando o ombro de Daniela quase roçou em seu peito. Quando saiu, percebi que Gabriel não entrou de imediato. Eu o chamei:

- Podemos falar um pouco?

- Claro. – Bateu a porta e veio até onde eu estava, seu semblante ainda carregado. Parecia vibrar com alguma espécie de energia que até eu senti. Esperei que me encarasse e fui direto:

- Você quer transar com Daniela.

Ele não disse nada. Seus olhos pareciam um plácido mar gelado, desmentindo seus sentimentos. Eu sabia o quanto poderia parecer frio e ferver por dentro, enganadoramente.

- É só isso que queria dizer?

- Por que toda essa formalidade com ela? Não chama ninguém aqui de senhorita. E todos os funcionários te tratam como Gabriel.

- Ela ainda não é uma funcionária.

- Por que diz isso? Quer outra para ocupar o lugar

de Fátima?

- Quero. – Disse firme, ainda frio.

- Mas por que, se Daniela está desempenhando muito bem seu papel? – Analisei-o, franzindo o cenho. – Por que estou trepando com ela? E você a deseja? Cara, isso nunca foi empecilho. Em outra época você partiria para a disputa.

- Eu não a quero.

- Conta outra! – Acabei rindo. Parecia um garotinho rabugento. – Às vezes acho que a tua mãe te mimou demais. Olha só, Alemão, o que temos até agora é desejo. Gostei dela, mas estamos só começando. Você é meu irmão. Se ta muito a fim, se é importante, tiro meu time de campo.

- Não é importante.

- Mas então ...

- Já disse que essa garota tem alguma coisa que me incomoda.

- Alguma coisa é muito vago. O que tem de real contra ela?

- Ainda não sei.

Observei-o e me lembrei de algo:

- É um daqueles pressentimentos que tem às vezes?

De que vai acontecer alguma coisa ruim?

- É. – Sua voz saiu baixa, seca.

- Porra. – Reclamei, pois nunca vi um daqueles pressentimentos falharem. Fiquei preocupado. – A última vez foi quando ...

- Conhecemos Monalisa.

- Exato. – Respirei fundo, pois era um assunto que

não gostávamos de conversar. – Mas pense bem, se sentiu isso, não é melhor termos Daniela sob as vistas? Assim podemos nos preparar se acontecer alguma coisa.

- Você está certo, Davi. – Gabriel relaxou um pouco mais e correu os dedos entre os cabelos castanhos dourados. – Isso tudo mexe comigo. Sabe como fico.

- Sei. Eu lembro bem. – Cruzei os braços no peito.

– Mas o que quer que seja, não dá pra evitar. De qualquer forma, isso não exclui o fato de que está cheio de tesão por ela. Ou vai negar?

- Eu estou. Mas não vou fazer nada a respeito. –

Fitou-me, um pouco duro. – Faça bom proveito. E não se preocupe comigo.

- Gabriel, escute ...

- Ela fica no lugar de Fátima. Tudo normal, Cigano.

Agora preciso ir.

- Tudo bem. Sabe que pode contar comigo.

- Claro, irmão. – Deu um tapa amistoso na minha mão e sorriu, embora continuasse tenso. – Amanhã a gente se fala.

Depois que saiu, continuei preocupado. Lembrei de outros pressentimentos de Gabriel no passado.

Uma vez salvou a vida do pai com aquilo. Acordou falando que tinha tido um pesadelo, que não era pro pai ir ao trabalho. Todo mundo achou que era coisa de moleque.

A mãe, o pai e os irmãos tentaram acalmá-lo. Até eu, dizendo que era só um sonho ruim. Debochei até dele de brincadeira. Mas ficou tão desesperado, implorando tanto, que o pai decidiu não ir, apesar de ser um dia em que o dono da fazenda precisaria de todo mundo trabalhando

perto de uma represa.

Qual não foi o nosso susto quando a notícia de que a represa tinha estourado se espalhou pela cidade. Três trabalhadores haviam morrido e um estava desaparecido. Todo mundo ficou abismado com Gabriel. E a mãe acabou relatando outros pressentimentos dele do passado, não tão intensos, mas que acabaram se tornando certos.

Eu confiava naquilo. O último tinha sido com Monalisa e contou para mim. Não foi um fato concreto, mas uma sensação. Não ruim, ou de tragédia. Apenas de que ela seria importante, que algo com ela marcaria nossas vidas. E assim foi. Depois disso, nunca mais sentiu nada. Até agora.

O que poderia ter a ver com Daniela? De alguma maneira seria importante em nossas vidas como foi Monalisa? Mas de que maneira? Positiva ou negativa? Sabia que não ia adiantar adivinhações. O negócio era esperar, observar e agir quando o momento exigisse.

DANIELA

Gabriel passou por mim frio, se despedindo com um simples aceno de cabeça. Eu o fitei calada, mas por dentro fervia. Estava cada vez mais irritada com aquele homem. E preocupada. Tudo que planejei poderia ir por água abaixo por causa dele.

Não entendia seu jeito tão observador, frio e quase acusador, quando mal me conhecia e quando eu estava me esforçando tanto para ser perfeita ali. Me sentia ameaçada, tanto em meu trabalho quanto em meu plano de sedução. Ele poderia me dispensar na sexta-feira, o que atrapalharia tudo. E poderia não querer se envolver

comigo. Também seria um atraso na minha investigação.

Eu precisava de ambos comendo na minha mão, abrindo para mim as portas das suas casas e das suas vidas. Mas como, se Gabriel estava empatando tudo?

Davi, apesar de mais aberto e receptivo, também poderia ser um problema. Pois logo poderia perder o interesse, partir para outra. Dava para ver que era naturalmente quente e apaixonado. Sem contar que Gabriel poderia fazer a cabeça dele contra mim. Eu sabia que se davam muito bem e eram como irmãos. Não, eu precisava de ambos, como foi com minha irmã. Mexer com a vida deles. E para isso precisava agir. Logo.

Quieta, sentada em minha mesa, eu articulava comigo mesma as possíveis saídas e soluções. Mas havia algo ali a meu favor, que tive certeza hoje. Apesar de tudo, Gabriel Campanari me desejava. Ele poderia não querer, poderia até ter antipatizado comigo, mas o modo como tinha olhado para minhas pernas mais cedo em sua sala ou como me observava quase fixamente deixaram aquilo claro. Talvez Davi tivesse contado o que fizemos na cama e isso mexeu com ele. Sabia que ambos curtiam sacanagens e ménages. Talvez mais Gabriel do que Davi. Pensar em Davi trouxe um calor avassalador ao meu corpo. Ele também me preocupava, pois eu o desejava de verdade na cama. Não havia conseguido me manter fria, dona de minhas ações, quando fui para cama com ele. A cada vez que transamos naquela noite, tive um orgasmo violento e me vi completamente entregue e dominada. Só depois que tudo acabou é que consegui me lembrar que devia ter mantido as rédeas da situação. E me

dar conta que tinha 50% de chance de ter gozado e me entregado daquele jeito ao assassino da minha irmã. Era frustrante sentir aquilo, aquela falta de controle quando precisava ser fria e focada. Gabriel também despertava uma atração estranha sobre mim, mas até então não tinha me feito perder a cabeça. Eu precisava me preocupar com ambos, por motivos diferentes. E nunca esquecer qual era meu objetivo ali.

Já passava das cinco da tarde e não ouvia mais movimento nos corredores do escritório. Desliguei o computador, arrumei minhas coisas e peguei minha bolsa. Mesmo sabendo que se Davi fosse um assassino não seria louco de fazer qualquer maldade comigo ali na sua empresa, era bom estar preparada. Liguei a câmera e bati na porta dele, entrando logo depois.

Estava atrás de sua mesa, falando com alguém no telefone. Fez sinal para que me aproximasse. Sorri, deixei displicentemente a bolsa sobre uma cômoda, preparada, e fui até ele, sentando-me na cadeira giratória a sua frente. Observei-o, tentando ser imparcial, mas já sentindo o desejo a me rondar.

Era absolutamente lindo. Naquele dia usava uma camisa justa, azul marinho, que parecia deixar um tom azulado em seus cabelos negros e brilhantes, que sempre pareciam despenteados. Tinha uma leve sombra de barba em volta do maxilar firme, o que lhe dava um ar de bandido. Os olhos negros eram quentes, sempre ardentes. E seu corpo grande, musculoso, com aquela tatuagem, dava água na boca. Para completar, o brinquinho lhe conferia um charme a mais, algo realmente exótico como



um cigano moreno e tentador.

Sorriu lentamente para mim, expondo as duas covinhas, como se soubesse que eu o admirava. Já devia estar acostumado a ser alvo de olhares assim das mulheres, lindo como era. Sorri de volta e Davi pôs o fone no gancho.

- Vamos começar, Daniela?

- Claro. O que devo fazer?

- Quer mesmo saber? – Seu olhar era safado.

- Quanto aos relatórios, quero dizer.

- E o que mais poderia ser? – Davi abriu os relatórios sobre a mesa.

Ao contrário do que pensei, realmente se dedicou aos negócios e logo discutíamos sobre eles e me explicava algumas coisas referentes aos pacotes turísticos da agência e os contratos com hotéis e resorts.

Adiantamos boa parte do trabalho, até que perguntou se aceitava um drinque.

Na verdade eu estava com fome e não queria beber de estômago vazio, por isso recusei. Davi se levantou e foi se servir no bar. Enquanto isso fiquei passando a limpo algumas anotações para digitar no dia seguinte.

Tomei um susto quando o senti atrás de mim. Antes que pudesse me mover, uma de suas mãos se fechou sobre a minha garganta. Meu coração disparou, pois pensei logo em um ataque. Mas então sua outra mão já soltava meu cabelo e o massageava, dizendo baixinho:

- Quis fazer isso o dia todo.

Relaxe um pouco, embora ainda me sentisse nervosa, tensa. Lembrei de como Monalisa foi encontrada

morta, estrangulada. E aquela mão firme e grande no meu pescoço poderia ser a mesma que fez aquilo com minha irmã. Contive o ar, esperei. Um misto de medo, raiva e desejo me percorrendo.

E então puxou minha cabeça para trás e se debruçou sobre mim, atacando minha boca com um beijo quente e gostoso, muito gostoso, a mão que estava em meu pescoço subindo e segurando-me firme pelo queixo.

Eu retribuí, já sentindo o tesão percorrer minha pele, que ardeu sob seu beijo tão intenso e dominador. Davi então desceu a mão, percorrendo meu colo, meus seios, minha barriga, indo mais para baixo até minhas pernas. Ergueu a barra da saia e voltou dentro dela, entre as coxas, até que senti seus dedos em minha vulva, acariciando-me suavemente sobre a calcinha, que já ficava úmida.

Sugou minha língua, seu gosto de uísque me embriagando, o desejo puro fazendo com que eu abrisse minhas pernas, oferecida, arfando em sua boca. Afastou-se então um pouco e sorriu, seu olhar negro e pesado, seu dedo erguendo a calcinha na virilha e mergulhando em minha vagina nua, depilada e cremosa. Meteu todo dentro de mim, sem tirar os olhos dos meus.

Fui engolfada por uma luxúria avassaladora. Gemi e ondulei e Davi continuou a me comer com o dedo, dizendo rouco:

- Trabalhamos demais. Merecemos um pouco de prazer. Não concorda?

- Sim, mas ... E se alguém chegar?

- O único que podia entrar aqui sem bater seria

Gabriel. Mas ele já foi embora, meu bem. Não se preocupe. Está em boas mãos. – E sorriu, agora penetrando dois dedos em mim. – Abra sua blusa e me mostre seus seios, Daniela.

Sua voz era quente e pecaminosa. Tremendo, obedeci. Desabotoei a blusa toda, expondo a espécie de camiseta íntima e preta que usava por baixo, de seda. Olhou-o, gostando do lingerie, ficando obviamente mais excitado.

- Você sempre me surpreendendo com coisas belas e sexys embaixo da roupa. – Tirou os dedos de dentro de mim e me fez levantar. Com o pé, empurrou a cadeira para trás. – Vamos ver o que tem aqui. Inclina-se sobre a mesa, Daniela.

De pé, fiz como mandou. Deitei o tronco na mesa e na mesma hora Davi tirou minha camisa cor de goiaba, deixando-me só com a camisetinha. Foi para trás de mim e esperei, ansiosa, excitada. Logo abria o zíper lateral da saia e a puxava pelas pernas. Foi lento e carinhoso na hora de me despir, suas mãos grandes percorrendo minha pele enquanto tirava minha meia calça e minha calcinha.

- Que linda. – Murmurou rouco, acariciando minha bunda, seus dedos descendo até minha vulva molhada e penetrando-a lentamente. – Adoro bundas, Daniela. Vou tirar um dia só para comer a sua.

Um prazer perverso me percorreu, denso, safado.

Lambi os lábios, entreabri mais as pernas, ansiei por mais. E Davi me penetrou com dois dedos, inclinando-se para morder minha nuca, dizendo baixinho:

- Como eu poderia querer uma secretária melhor?

Eficiente como poucas e gostosa demais? Sou ou não um homem de sorte, minha bela?

Seus dedos eram longos e grossos, melados dos líquidos que eu soltava. Deixou-me doida com a penetração, as mordidinhas nas costas, a situação toda sensual e com algo de pecador. Por fim, tirou os dedos do meu interior, lambeu-os e sorriu. Então despiu-me da camiseta e disse rouco:

- Continue assim.

Deitada sobre a mesa, eu o olhava, com o rosto de lado. Vi-o se despir, cheia de desejo e admiração. Davi ficou completamente nu, seu pau muito ereto, lindo de morrer. Pôs um preservativo e foi para trás de mim, acariciando lentamente minhas costas e bunda, enquanto eu prendia o ar, ansiando para tê-lo dentro de mim.

- Ahhhhhhhhhh ... – Gemi baixinho quando segurou meus quadris e me penetrou sem preâmbulos, em uma estocada firme e dura. Senti aquela carne toda rija e grossa entrando quente e apertada em mim e fiquei alucinada pelo tesão. – Ai, Davi ...

- Gostoso, não é? Muito gostoso. – E ele me comeu em arremetidas fundas, abrindo minhas nádegas para se encaixar todo na minha vulva, comendo-me com vontade. Estava tão molhada que escorria, latejando, sugando-o para dentro de mim. – Porra, Daniela, que bocetinha quente e apertada!

Foi uma delícia. Minhas pernas estavam bambas.

Os cabelos se espalhavam no meu rosto, entravam em minha boca aberta e arfante, todo meu corpo ondulava e tremia. Era muito gostoso e mais uma vez perdi o controle

dos meus próprios pensamentos, sendo arrebatada pelos prazeres do corpo, pelas sensações extraordinárias que despertava em mim.

Davi envolveu o braço em minha cintura e me ergueu do chão, sem sair de dentro de mim. Levou-me assim até o sofá, onde me fez ajoelhar e continuou me comendo por trás. Novamente sua mão foi em minha garganta e puxou minha cabeça para trás. Beijou minha testa enquanto metia o pau duramente em mim, dominador, intenso.

Na hora tive o vislumbre de que era muito maior e mais forte que eu, poderia me matar facilmente apertando meu pescoço ou quebrando-o. Fui envolvida pelo medo e pela raiva. Lembrei de Monalisa e me debati um pouco, com raiva de mim mesma pelo prazer que sentia. Mas Davi me segurou firme e continuou a me comer, sua outra mão indo entre minhas pernas, acariciando suavemente o clitóris já inchado, espalhando uma excitação fora de série em meu corpo já ardente. Fiquei ali, suspensa entre um prazer absurdo e uma raiva violenta, ambos fazendo-me mais consciente de tudo que acontecia, em um misto de emoções fortes e conflitantes.

- Goze pra mim, Daniela. Assim, sugando meu pau bem gostoso. – Disse rouco e me senti suspender e ondular, arrebatada, agoniada. – Agora.

Mesmo lutando conscientemente contra aquilo, meu corpo me traiu. Tive um espasmo violento e um orgasmo quente e palpante se espalhou voraz, consumindo-me como uma língua de fogo. Gozei e gemi, arfante, extasiada. Davi meteu forte em minha vagina, até o fundo,

fazendo-me senti-lo por inteiro. E quando gemeu rouco, suas ondulações dentro de mim o fizeram gozar também.

Terminamos juntos, muito satisfeitos. Ele se sentou no sofá e me puxou para o colo, abraçando-me pela cintura e segurando meu queixo para que fitasse seus olhos negros.

- Delicioso, Daniela. Tem coisa melhor na vida do que isso?

- Não. – Relaxei um pouco, meu corpo ainda mole pelo prazer, mas conseguindo mais controle de meus pensamentos agora que tinha extravasado o desejo. Fitei-o. – tem o costume de trazer suas funcionárias aqui, Davi?

- Nenhuma. Eu e Gabriel não transamos com as funcionárias.

Pensei que fosse mentira, mas vi que falava sério.

Me acomodei melhor em seu colo, observando-o.

- Mas então ...

- Senti uma atração muito grande por você. E também ... – Calou-se.

- Também? – Esperei e por fim suspirei. – Acho que entendi. Vão me dispensar na sexta-feira.

- Não. Mas é temporária, só o tempo que Fátima estiver longe. Embora eu ache que ela precisa de ajuda aqui. Vamos ver como ficam as coisas, não é.

- É, sim. O jeito que falou me fez achar que não me contratariam, que seria dispensada na sexta-feira. – Aproveitei para sondar, como quem não quer nada: - Tenho a impressão que o senhor Campanari não gostou muito de mim.

- Gabriel. Nada de ser tão formal.

- Se eu o chamar de Gabriel vai me dar um fora.

Davi acabou sorrindo, erguendo uma sobrancelha para mim.

- É tão ruim assim?

- O quê? – Arregalei os olhos. – Quando me olha, me sinto na Sibéria! Tem certeza que não falou em me dispensar?

- Falou. Mas acabou concordando que fique. Não ligue, Gabriel é assim mesmo.

- É, notei que é fechado. Mas trata todo mundo bem e pelo primeiro nome. Só comigo é tão frio e formal.

- E isso incomoda você? – Observava-me atentamente. Medi bem as palavras.

- Um pouco. Queria que me tratasse como você. Quero dizer ... – Corrigi logo, como se estivesse envergonhada, mas apenas jogando minha isca: - Não assim, como estamos agora. Você entende.

Davi riu, encostando a cabeça no encosto do sofá, seu olhar preguiçoso disfarçando algo excitante.

- Sabe o que acho, Daniela? Você e Gabriel estão com tesão um pelo outro.

- Que isso! – Neguei rapidamente, tentando parecer bem inocente. – Eu e você ...

- Responda honestamente: transaria com ele?

- Davi, estou transando com você.

- Sim, transando. Não temos nenhum compromisso.

Não precisa ficar sem graça, eu entendo. – Ajeitou-me melhor em seu colo e senti seu pênis enrijecendo sob a minha bunda. Sua mão acariciava lentamente um seio.

Fitava meus olhos. – Vou te contar um segredo.

- O quê?

- Eu e Gabriel temos desejos muito intensos. Já transamos mais por aí do que você pode imaginar. E já compartilhamos mulheres. Não quer dizer que as usamos e tratamos como putas. Pelo contrário, apenas realizamos os desejos delas e nossos. Já tem um bom tempo que não fazemos isso.

- Está querendo dizer ... – Fitei-o com cuidado. –

Que me compartilharia com ele?

- Estou dizendo que se quiser transar com ele, para acabar com esse desejo incubado, não vou ligar. E posso até participar. – Sorriu, safado.

- Mas isso ... É uma loucura! – Desviei o olhar, fingindo-me surpresa e chocada. – Nunca faria algo assim e ...

- Só estou pondo as cartas na mesa, meu bem. Não é um convite. Apenas esclarecendo que não vou me sentir traído. Talvez um pouco ciumento, mas Gabriel é um irmão para mim. Eu até sairia da jogada se ele a quisesse de verdade, só pra ele.

- Fala sério? – Olhava-o com atenção.

Davi ficou mais sério. Parecia pensar em algo e deixou escapar:

- Já aconteceu. Ficamos a fim da mesma garota. E eu ia abrir mão dela por ele.

Senti meu coração disparar. Ansiosa, indaguei baixinho:

- Mas não abriu?

- Não. Ela ... Ela foi tirada de mim antes disso. De nós dois.



Seu semblante era duro, carregado, quase furioso.

Meu Deus, estaria falando de Monalisa? Seria o amor da vida dela, prestes a deixá-la por sua amizade com Gabriel?

- Tirada como? – Insisti.

Davi respirou fundo, recuperando-se, parecendo vir de muito longe. Na mesma hora abriu um daqueles seus sorrisos safados e acariciou meu seio, dizendo:

- Deixa pra lá. Isso é passado. Mas o que disse é sério. Se rolar algo entre vocês, não precisa se sentir culpada e esconder. Entendeu?

- Sim. Mas aposto que o senhor Campanari quer me ver o mais longe possível longe dele.

- E você? – Seu olhar era direto, exigente.

Cuidadosa, baixei o olhar, fazendo-o pensar que estava perturbada, envergonhada. Davi segurou meu queixo e me fez olhá-lo.

- Pode falar para mim.

- Eu ... Não sei. Sinto algo, mas nós ... Desculpe, é muito confuso!

- Tudo bem. Posso fazer só mais uma pergunta?

- Sim.

- Já transou com dois homens ao mesmo tempo?

- Não. – E era verdade.

- Já desejou isso?

- Disse que era só uma pergunta.

- É verdade. – Sorriu, a mão descendo por minha cintura, fazendo o contorno do meu quadril. Seu pau estava totalmente ereto. – Mas pode responder?

- Eu já tive esse pensamento sim. – Fiquei

naturalmente corada, pois por algum motivo aquilo realmente mexia comigo. – Mas não sei se teria coragem.

- Certo. Esse papo todo me deixou excitado. –

Beijou suavemente meus lábios, rouco, apertando-me entre seus braços. – E faminto.

Eu acariciei seus cabelos, também excitada. E pensando que a isca tinha sido lançada. Faltava ver se o peixe certo ia comer.

Capítulo 4: A terceira ponta do triângulo.

GABRIEL

O trabalho naquela semana estava corrido, uma reunião atrás da outra, várias decisões a tomar, nem tive tempo de respirar direito. Estávamos fechando vários negócios para o verão e correndo para deixar tudo pronto. Chegava cedo, saía tarde, não parava um minuto.

Na parte da tarde daquela quinta-feira resolvi problemas relativos a um pacote promocional de carnaval e discuti com um monte de gente ao telefone, antes de resolver tudo. Somente no final do dia tive um pouco de descanso e pude respirar.

Pensava em passar na academia e extravasar a tensão acumulada naquele dia, quando meu celular tocou. Sorri, um pouco mais animado, ao ver quem era. Minha irmã caçula Samara.

- Se eu não ligar, você nem quer saber de mim, não é? – Já começou acusadoramente, mal atendi.

- Muito trabalho por aqui, querida. Mas estava com saudades.

- Sei. – Pude sentir o riso em sua voz. – Não mais do que eu. Mamãe e papai estavam reclamando que não

falam contigo desde semana passada.

- É, sei que estou no furo. Vou dar uma passadinha aí no sábado ou no domingo.

- Ótimo. Também estou pensando em dar um pulo no Rio um dia desses, fazer umas compras. E aí passo a noite no seu apartamento.

- Sem problema. Podemos sair para jantar ou fazer um programa. Já sabe que dia você vem?

- Ainda não, mas te ligo avisando. E o Davi?

- Está bem. Hoje esse escritório foi uma loucura, mal o vi. – Sabia que minha irmã era louca por ele. Também, Davi fazia todas as suas vontades e a tratava com mimos que uma irmã caçula merecia. Eu mesmo a estragava. Aos vinte anos, ainda achava que era apaixonada por ele. Mas Davi nunca a encorajou.

- Avise-o que vou aparecer aí. Podemos fazer o programa juntos, nós três. – Falou toda animada.

- Pode deixar.

Continuamos a conversar, Samara contando as novidades dos nossos sobrinhos, filhos de Rômulo, que moravam ao lado da casa dos nossos pais, quando Davi entrou. Ficou todo feliz ao saber que era minha irmã no telefone e fez questão de falar com ela. Depois de muita risada e promessas de nos vermos logo, desligamos.

- Saudade da Samara. E de todo mundo. Acho que vou em Valença com você quando for ver seus pais. – Falou, acomodado na cadeira em frente.

- Ótima ideia. Podemos ir no sábado e voltar no domingo.

Combinamos fazer aquilo e passamos os próximos

vinte minutos discutindo os problemas daquele dia, até resolvermos tudo.

- Bom, se é isso, acho que já vou. – Davi falou isso, mas continuou sentado. – Cara, to exausto hoje. Vou cair na cama e dormir até amanhã de manhã.

- Não vai ter hora extra hoje? – A pergunta saiu antes que eu pudesse controlar, mas me arrependi na hora. Sabia que ele e Daniela ficaram duas noites ali, além do horário, naquela semana. – Esquece.

Mas Davi não esqueceria. Sorriu, erguendo uma sobrancelha.

- Tem reparado?

Fiquei puto comigo mesmo por ter trazido o assunto à tona. Eu tinha evitado qualquer conversa sobre Daniela. É claro que a via todo dia e tudo continuava do mesmo jeito. A sensação estranha, o desejo, o incômodo em saber que estava com Davi. Minha vontade era de dispensá-la e arrumar uma secretária que não me perturbasse tanto. Mas seguia em frente, me dedicando ao trabalho, atento ao que acontecia à minha volta, mas tentando ser o mais distante possível.

Como não respondi, Davi continuou:

- Sabe o que descobri?

- Melhor nem saber.

- Daniela sente tesão por você.

Suas palavras me causaram um baque, mesmo sem querer. Não disse nada de imediato. Observei-o e Davi retribuiu o meu olhar. Estava sério, sem brincadeira.

- Sente tesão por mim e está transando com você.

Interessante. – Usei a ironia para mascarar o que eu

sentia.

- Sente tesão por mim também.

- Ela disse isso?

- Disse.

- Daqui a pouco vai dizer que quer um ménage, como os que fazíamos quando éramos garotos.

- Não tão garotos assim, cara. – Davi acabou sorrindo. – É, acho que toparia sim.

- Não está dando conta sozinho? – Debochei, como costumava fazer antigamente. Mas aquele assunto me perturbava. – Por que está tão preocupado? Parece que quer me jogar para cima dela. Fique tranquilo, ainda sei arrumar mulher sozinho.

- Disso eu não duvido. Só estou te provocando, cara. – Acabou dando uma risada. – Em outra época você estaria jogando com tudo nessa disputa. Acho que ta ficando velho.

- Vai ver é isso mesmo. – Concordei e mudei logo de assunto. Queria pensar o menos possível em Daniela. Depois de uns minutos, Davi foi embora. Pensei que poderia ir logo também, mas então bateram na porta. Sabia que era ela.

- Entre.

- Com licença. – Daniela se aproximou.

Naquele dia estava ainda mais bonita com um vestido transpassado cor de uva e sapatos de salto pretos.

O vestido amarrado na cintura a marcava e caía solto e macio até os joelhos. O decote era discreto. O cabelo, como sempre preso. Parecia linda, fresca, gostosa. Mas tentei me concentrar somente no que trazia nas mãos.

- O que é isso?

- Desculpe, sei que o dia foi agitado, mas recebi agora por fax esses contratos e os agentes pediram que o senhor desse uma resposta ainda hoje.

- Merda! – Passei a mão pelo cabelo, pegando os papéis e olhando-os rapidamente. Ficaria pelo menos mais uma hora ali. – Obrigado.

- Se o senhor quiser, posso ficar e enviar tudo conforme for terminando. – Falou de maneira educada, formal, esperando em frente a minha mesa.

Eu a encarei e senti novamente aquele desejo, com o qual lutava desde que a conheci. Sem que pudesse evitar, algo como irritação saiu:

- Acho que a senhorita já fez hora extra bastante essa semana.

Ficou imediatamente corada, mas não desviou os olhos. Ergueu um pouco o queixo e admirei sua reação controlada. Sabia a que eu me referia, sobre o fato de transar com Davi no escritório depois do horário.

- Não tem problema. Posso ficar hoje também. – Falou até calma, sem se alterar.

Não desviei meus olhos dos seus. Larguei os papéis sobre a mesa e recostei-me na cadeira, querendo saber qual era a dela.

- Que tipos de serviços a senhorita está me oferecendo? – Indaguei, seco.

- Meus serviços de secretária, senhor Campanari. O que mais seria?

Quem a visse ali, tão rígida e controlada, não imaginaria que era amante de um patrão e que confessava

a ele que tinha tesão por seu amigo. Raiva veio até mim, pois não entendia por que aquilo me deixava tão furioso. Daniela não era nada minha. Mas ao mesmo tempo, meu pau ficou duro. Senti um desejo absurdo de jogar tudo para o alto e fodê-la. Talvez assim a tirasse da cabeça, parasse de ser perturbado por ela.

- A senhorita está dispensada. Dou conta de tudo sozinho.

- Mas vai demorar muito. Realmente não me incomodo de ficar. Terminaremos mais rápido.

- Você é mesmo eficiente, senhorita Prado. Estou para ver pessoa mais dedicada. – Usei um tom duro, mas mesmo assim não se intimidou. Resolvi testá-la, saber quais eram as reais intenções dela. – Tudo bem. Sente-se.

- Vou pegar minhas coisas e já volto. –

Graciosamente, saiu da sala.

Se fosse uma dessas mulheres de jogar charmes e sorrisos, se insinuar, mostrar o corpo, eu entenderia melhor. Mas seu jeito comedido, controlado, era ainda mais excitante. Mexia com minha libido e minha cabeça.

Parecia um contraste, uma pessoa comportada e eficiente por um lado, uma mulher sexy e quente por outro.

Quando voltou, eu já terminava de ler o primeiro contrato e o assinava. Deixei-o sobre a mesa e ela foi ligar o fax e enviá-lo a um canto da sala. Fiz o possível para me concentrar no trabalho, mas estava consciente dela o tempo todo.

Sob o terno que usei o dia todo para ir às reuniões, eu sentia o corpo tenso, ardente, cheio de testosterona.

Dentro da calça o pênis permanecia duro, incomodando-

me. Felizmente não podia ser visto sob a mesa. A cada segundo o desejo se tornava mais potente e quando Daniela se aproximava para pegar mais um contrato, seu perfume, seu andar cadenciado, mexiam ainda mais comigo. Estava a ponto de puxá-la para o colo, beijá-la até a exaustão, fodê-la sem dó. Meus pensamentos se concentravam mais nela do que no trabalho, a ponto das letras começarem a se embaralhar.

- Merda ...

- O que foi? – Sua voz suave veio de perto, ao lado da minha cadeira.

Na mesma hora ergui a cabeça e fitei-a. Seus olhos brilhavam, em um olhar quente e feminino, diferente dos que eu tinha visto até então. Algo se revolveu dentro de mim. Um desejo absurdo fez meus ouvidos se tornarem abafados, assim como o coração bater mais forte no peito. Perdi a noção do porque em evitá-la. Quando seu olhar desceu até meus lábios, sem disfarçar o que pensava, eu me tornei realmente irracional. Um macho dominado por seus instintos.

Empurrei minha cadeira para trás, sério, rígido, a respiração pesada.

- Qual é o seu jogo? – Indaguei seco, rouco.

- Nenhum, senhor Campanari. – Mas mordeu levemente o lábio inferior. Apesar da voz comedida, seu olhar, sua expressão era de desejo. Eu quase podia sentir o cheiro da sua excitação.

- Você venceu. – Sem qualquer timidez ou pensamento coerente, eu desci a mão direita até a frente da minha calça e segurei meu pau completamente ereto. –



Vem aqui.

DANIELA

Meu olhar seguiu a sua mão até o grande volume e sem querer senti um estremeamento de desejo, que me deixou com a pele formigando. Pensei que com Gabriel eu teria mais controle. Eu o vinha provocando discretamente a semana inteira e agora deixava claro que o queria. Só não esperei me sentir daquele jeito ao ficar ali sozinha com ele.

Ergui os olhos por seu corpo esguio e elegante dentro daquele terno, com ombros largos como de um atleta. Passei pelo queixo quadrado com uma sombra de barba castanha, até os lábios carnudos e sensuais, o nariz bem fino e reto, os olhos de um azul cristalino, glacial, lindos em destaque contra sua pele dourada. Possuía cílios fartos e sobrancelhas escuras. Era muito bonito. Como um Deus nórdico, a luz dando tons dourados ao castanho do seu cabelo.

Algo violento fez minhas pernas tremerem. Pensei que Gabriel era mais frio, menos agressivo sexualmente, então seria mais fácil dominá-lo, resistir a ele. Mas ali, de pé a sua frente, sentindo aquele olhar intenso em sua carga total, cheio de energia viva e pulsante, fiquei um momento paralisada, sentindo algo quente e forte me puxar para ele, me abalar. O que me deixou sem ação.

Gabriel levantou-se em todo seu um metro e oitenta e cinco de altura, como um tigre pronto para cercar e devorar sua presa. Não sei por que senti um medo voraz em minhas entranhas e dei tardiamente um passo para trás, sem poder respirar, sabendo que seu olhar frio e seu terno

elegante eram meros disfarces de civilização para uma personalidade de domínio, de comando, de animalidade até mesmo bruta.

O sorriso lento em seus lábios me forçou a dar outro passo para trás e se aproximou, seus olhos não se desviando nem um milímetro dos meus.

- Quer fugir agora? – A voz era grossa, carregada por luxúria.

Não sei por que, pensei em desistir de tudo, recuar. Estava mais assustada do que já fiquei na vida e nem sabia ao certo por que. Pensei se não seria meu instinto, avisando-me que Gabriel era um assassino. Mas ao mesmo tempo, era algo mais irracional, mais nas entranhas, incompreensível. E que espalhava lascívia em cada parte do meu ser.

Lutando desesperadamente por algum controle ou alívio daquelas emoções sufocantes, continuei indo para trás e murmurei:

- Acho que o senhor ... entendeu errado ... eu ...

- Você acha?

Como ele poderia parecer tão ameaçador de repente? Prendi o ar quando encostei na parede, Gabriel tomando toda minha visão e meu espaço. Não era grandalhão ou musculoso como Davi, mas por algum motivo senti mais medo dele. Muito mais. Sem pensar direito, já comecei a me virar para escapar, mas então já era tarde demais.

- Aonde pensa que vai?

Gabriel agarrou meus dois pulsos e prendeu meus braços contra a parede. Arregalei os olhos, mas já colava

o corpo forte ao meu, de modo que senti cada músculo me imobilizando e seu membro grande e muito duro contra meu ventre. Seu rosto estava próximo, meio inclinado, seus olhos glaciais ardendo em um fogo azul que parecia irradiar, estalar.

- Me solta ... – Arquejei, o desespero me deixando fraca, mole.

- Não.

E me beijou na boca.

Por um momento não reagi, amedrontada, confusa com tudo aquilo. Mas o beijo não foi um pedido e sim um assalto, uma exigência. Pensei em gritar, abri os lábios e sua boca já domava a minha, a língua entrando como uma serpente, tomando conta de tudo, devorando. Tremores violentos percorreram meu corpo, perdi as forças e deixei que tomasse o que queria, completamente subjugada.

E então o desejo me consumiu voraz. Senti seu gosto, a textura de sua língua, o modo como movia a boca com firmeza, experiente, dominador. Roci minha língua

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



na dele, que a envolveu, a puxou para si, fazendo-me arder, almejar por mais. E logo nos beijávamos cheios de paixão e luxúria, tão intensamente que perdi a noção de tudo mais, como se o mundo só girasse em torno daquele beijo.

Não satisfeito com o que já fazia comigo, Gabriel roçou o corpo no meu, esfregou seu quadril e desceu a pélvis até a minha, seu pau como uma coluna grossa entre as minhas pernas, contra minha vagina dolorida e latejante. Minha calcinha ficou toda melada, fervendo, como se tivesse vida própria. Busquei-o mais, me rocei, abri as pernas, arfando e gemendo em sua boca, consumida pelo beijo delicioso e voraz.

Estava presa, completamente arrebatada, sem poder me sustentar nas próprias pernas. Foi assim que ele interrompeu o beijo e me fitou com olhar pesado e brilhante, parando com o pau completamente encaixado contra minha vulva. Soltou meus pulsos e correu as mãos pelos meus braços em direção aos ombros, até o colo.

Como se me ordenasse inconscientemente, permaneci do mesmo jeito, sem me mover, esperando.

As mãos vieram pela frente do vestido, entre o decote, sem tocar meus seios. Eram mãos elegantes, grandes, com dedos longos de artista. Ao chegarem na minha cintura, soltaram o laço em volta dela, o que mantinha o vestido transpassado fechado. Eu nem respirava mais, dopada, escravizada por seu olhar tão carregado e penetrante.

Foi assim que Gabriel abriu a frente do meu vestido, largando a faixa que arrastou da minha cintura

para o chão. Afastou-se um pouco e olhou para meu sutiã e minha calcinha roxos, de renda fina e seda, pequenos e chamativos sobre minha pele branca. Sem uma palavra, tirou meu vestido, desencostou-me da parede e abriu meu sutiã nas costas. Ia largando as peças no chão.

Seu olhar quente desceu até meus seios nus, duros de tanta excitação, com os mamilos intumescidos e pontudos. Deixou-me só com calcinha, a meia calça que era rendada nas coxas e os sapatos de salto alto. Então entrelaçou seus dedos aos meus, colocou meus pulsos na parede e esperei ansiosa que me beijasse de novo. Quase implorei por isso, por seu corpo junto ao meu, por seu pênis dentro de mim aliviando aquela agonia, aquela fome. Mas Gabriel não me beijou. Fitou-me os olhos, os lábios e então os seios. Foi a eles que dedicou sua atenção, levando a cabeça até o mamilo esquerdo e lambendo lentamente a ponta.

Foi o bastante para que tremores violentos percorressem meu corpo. Arquejei, gemi, encostei a cabeça na parede, mas não consegui desviar o olhar de seu rosto tão lindo e concentrado, de sua boca que se fechava sobre o mamilo e chupava docemente.

- Ai, Gabriel ... Por favor ... – Pedi, contorcendo-me, meu quadril saindo a sua procura.

Mas não teve pena de meu tesão descontrolado.

Sugou cada vez mais forte o brotinho, até deixá-lo duro e esticado, molhado. Então deu a mesma atenção ao outro.

Eu me contorci, gemi, choraminguei. Afastou a boca, assoprou o mamilo e pensei que teria um orgasmo ali, tão arrebatada estava.

Estávamos de pé ao lado de um sofá branco.

Gabriel me puxou e sentou-se na beira, ainda completamente vestido. Fiquei à sua frente de pé, uma massa sôfrega e trêmula. Sem dizer nada, segurou a renda da meia-calça em minha coxa e desceu-a devagar, fitando a pele que descortinava diante dos olhos. Fez o mesmo com a outra perna. Somente com uma das mãos, começou a descer minha calcinha, seu olhar fixo em minha vulva pequena, lisa e melada de tanta excitação.

Espalmou as mãos em minha bunda nua e me puxou para frente. Seu nariz afilado roçou meus lábios vaginais e mordeu os lábios, ansiosa. E então senti sua língua indo certinha entre eles, lambendo meu mel, sugando-o. Quase desabei. Gemi e apoiei as mãos em seus ombros, latejando, gemendo. E Gabriel chupou minha vagina, sugando o clitóris, fazendo com que espasmos me percorressem por inteira. Quando minhas pernas perderam as forças, ele me segurou e deitou no sofá, abrindo minhas pernas, ajoelhando-se no chão, chupando firme meu grelhinho.

- Ai ... Ai ... – Passei a ondular, sem controle, os cabelos espalhados em meu rosto, meus dedos em seu cabelo, a mão dele subindo e apertando meu seio. Era tão gostoso e arrebatador que gritei fora de mim, cruzei as pernas em volta de seus ombros, rebolando contra seus lábios e língua, que me comiam vorazmente. – Por favor ... eu ...

E sem poder suportar mais aquela loucura, explodi em um orgasmo forte, quente, violento. Gabriel chupou firme, lambeu, sugou, até meu gozo se multiplicar, como

se ondas e mais ondas me varressem, uma emendando na outra, até me deixar fraca, acabada, inerte. Somente então afastou-se e se levantou, seus olhos azuis ardendo, semicerrados, os cílios sombreando-os.

Lentamente, tirou o paletó. Desfez a gravata.

Começou a desabotoar os punhos da camisa e falou baixo, observando-me toda, ainda ali aberta para ele, minha vulva molhada, com restos do orgasmo fazendo-a palpitar:

- Você é muito bonita, Daniela.

Era a primeira vez que me chamava pelo nome.

Ainda arrebatada, eu o olhava em um misto de languidez e excitação, como se todo gozo que me consumiu não tivesse sido o bastante. Quando tirou a camisa e largou-a, notei como era bonito. Seus músculos eram duros, o peito modelado, os ombros largos e os bíceps fortes. Uma camada de pelos castanhos dourados cobriam-no e sumiam em formato de v em sua cintura. Não era nem magro nem musculoso, mas um meio termo perfeito entre ambos.

Aproximou-se de mim e segurou-me pela nuca, fazendo-me sentar na beira do sofá. Assim, ergueu minha cabeça e, quando fitou meus olhos, estremeci e entreabri os lábios. Inclinou-se e beijou minha boca. Retribui, reconhecendo agora sua maneira gostosa e firme de beijar, seu gosto bom, único. O desejo estava lá de novo, estalando, arrepiando minha pele.

Gabriel afastou-se, seus olhos escurecidos, sem a frieza de sempre. Soltou-me, deixando os braços ao lado do corpo.

- Abra minha calça. – Ordenou baixo.



Não precisei de incentivo. Eu estava ansiosa para vê-lo, tocá-lo, tê-lo dentro de mim. Abri seu cinto e o botão, passeando meus olhos por seu corpo tão lindo e perto do meu.

Não suporrei a vontade e beijei suavemente sua barriga sarada, sentindo os pelos macios no nariz, seu cheiro bom de macho, de homem limpo e gostoso. Desci o zíper da calça e deslizei-a para baixo. Usava uma cueca boxer branca, que fazia o contorno perfeito da coluna grossa e longa do seu pau. Fiquei com água na boca. Sem poder esperar, desci a cueca também e seu pênis duro surgiu diante dos meus olhos, lindo, enorme, com veias deixando-o completamente ereto. Fitei a cabeça grande e redonda, rosada, e não esperei Gabriel mandar nada. Fiz o que estava sedenta para fazer.

Fechei uma das mãos em volta dele, na base, sentindo como era quente e rijo, ainda mais grosso ali. Com a outra, acariciei suas bolas, massageando-as. E chupei docemente a cabeça, esticando os lábios para sugá-la para dentro da boca, cheia de desejo.

Gabriel ficou retesado, soltou um gemido rouco. Meti-o na boca até a metade e passei a molhá-lo todo com minha saliva, que surgia naturalmente, provocada por tanta excitação, tanta vontade de fazer aquilo. Chupei-o firme, inebriada com seu gosto e seu cheiro, depois deixando de respirar para tê-lo acomodado quase todo, até o fundo da minha garganta. E assim o comi, faminta, babando, tornando-me mais e mais voraz.

- Ai, caralho ... – Soltou grosseiramente, enfiando os dedos em meus cabelos e segurando minha cabeça para

foder minha boca. – Mais, Daniela. Chupa tudo ...

E eu chupei, meus olhos enchendo-se de lágrimas por ser tão grosso e grande, mas puxando-o até encostar meus lábios em seus pelos. Soltei o ar, fui para trás e voltei com tudo, babando-o todo, minha vagina já latejando completamente molhada.

Gabriel puxou o pau para fora, a ponto de gozar, respirando pesadamente, seu semblante carregado pela luxúria. Pegou logo um preservativo dentro da carteira, que tinha ficado no chão com sua calça. Em segundos estava protegido e vinha até mim, deitando-me no sofá e se deitando ao meu lado. Na mesma hora beijou minha boca, sua mão acariciando meus seios, descendo por minha barriga.

Eu o beijei e acariciei-o também, adorando a textura firme de seus músculos, a pele quente e os pelos sedosos cobrindo todo aquele aço. Segurei seu pau e o masturbei, enquanto ele enfiava um dedo longo em mim, sentindo-me toda preparada.

- Por favor, Gabriel ... – Supliquei, muito louca de tanto desejo, ansiando desesperadamente por ele. – Por favor, me come ...

- Essa bocetinha está pronta para mim. – E num movimento brusco, montou sobre meu corpo e abriu meus joelhos para os lados. Mal tive tempo de respirar e meteu aquele pau grosso e imenso em minha vulva escaldante. Gritei fora de mim e o recebi todo, abrindo-me, minha vulva mamando-o como uma boca apertada. – Puta que pariu ...

Ficou descontrolado e meteu fundo e forte. Enfie

minhas unhas em suas costas, arqueando-me toda para recebê-lo, latejando alucinadamente com suas arremetidas profundas e brutas. Arregalei os olhos e encontrei os dele, azuis, potentes e igualmente arrebatados, furioso pelo tesão extasiante.

E foi assim que me beijou, seu pau indo e vindo dentro de mim, seu corpo colado ao meu, o desejo voraz criando energias que ondulavam a nossa volta. Eu o agarrei e beijei, eu me entreguei por inteiro, espiralando, girando, subindo. E depois caí, gritando em sua boca, chorando de tanto gozo, que palpitava e se espalhava, consumindo-me em sua fome. Gabriel me acompanhou e senti as ondulações de seu pau bem agasalhado dentro de mim, apertando-me em seus braços, gemendo rouco em minha língua.

Depois que tudo terminou, ele rolou para o lado e ficamos deitados no sofá apertado, até nossas respirações voltarem ao normal. Eu me sentia muito abalada, sem entender direito o que foi aquilo. Não era possível que um homem tão frio e seco como Gabriel tenha me desequilibrado daquela maneira. Estava confusa, arfante, nervosa. As coisas tinham fugido completamente do meu controle.

Gabriel estava na ponta e levantou-se, correndo os dedos entre os cabelos. Não pude deixar de olhá-lo, percorrendo suas costas largas marcadas por músculos, a bunda dura e bem feita, linda, as longas e musculosas pernas cobertas por pelos castanhos dourados. O desejo veio de novo, quase como uma doença, assustando-me. Sentei na beira do sofá um tanto ansiosa, perguntando a

mim mesma como poderia me concentrar em uma vingança daquele jeito.

Ele foi ao banheiro. Sem saber ao certo como ficariam as coisas agora e ainda confusa, vesti minha calcinha, gemendo baixinho ao sentir minha vulva cremosa e quente, como se ainda guardasse as sensações daquele homem bem acomodado dentro de mim.

Levantei e peguei o sutiã do chão. Esperava que voltasse frio como antes, na certa fingindo que nada havia acontecido. Mas quando retornou, nu, o pau ficando quase todo ereto de novo, franziu o cenho e me fitou, indagando:

- O que você está fazendo?

Parei com os braços já dentro da alça do sutiã, olhando-o.

- Estou me vestindo.

- Para quê? – Veio direto para perto de mim, seus olhos azuis cristalinos desequilibrando-me. Segurou o sutiã e tirou-o de novo, largando-o no chão. Engoli em seco, afetada por seu olhar.

- Tire a sua calcinha.

Sua voz grossa me fez estremecer. Fiquei realmente perdida, afetada.

- Gabriel ...

- Eu quis evitar isso, senhorita Prado. Mas agora que começamos, vamos até o final. – Uma de suas mãos mergulhou em meu cabelo, os dedos firmes na nuca, o polegar sob meu queixo. A outra deslizou sob a calcinha, baixando-a lentamente pelo quadril. Seu olhar quente e firme me fazia tremer por dentro. – Eu quero mais.

E me dei conta que eu queria também. Fitei seus

olhos, seus lábios e senti uma vontade absurda de beijá-lo. Não tinha forças para lutar. O desejo que despertava em mim era cobiçoso, devorador.

- Faça. – disse baixo e rouco. – Me beije.

E eu capitulei. Abracei-o pela cintura e o beijei na boca, erguendo a cabeça para receber sua língua gostosa, colando-me em seu corpo firme, másculo, quente. Gabriel segurava minha nuca e retribuía, saqueando minha boca. A outra mão puxou a calcinha para baixo e apertou minha bunda.

Foi gostoso demais. Meu coração disparava, minhas pernas ficaram bambas e eu precisei me segurar bem nele para não cair. Ainda mais quando enfiou os dedos por trás até minha vagina ainda toda molhada e penetrou-a lentamente. Tirou logo o dedo melado e roçou-o em meu ânus, molhando-o todo. Quando enfiou o dedo ali, me vi gemendo e estremeendo, sua boca sem parar de devorar a minha, um dedo penetrando-me mais e mais.

Então afastou a cabeça um pouco, colou-me mais ao seu corpo e enterrou o dedo bem fundo, dizendo perto dos meus lábios:

- Quer ir embora?

- Não ...

- O que você quer, Daniela?

- Você.

Sorriu devagar e foi a primeira vez que sorriu para mim. Seu rosto se tornou mais bonito ainda, seus dentes brancos dando-lhe um encanto especial. Meu coração deu um salto mortal e subi minhas mãos por suas costas, esfreguei meus seios contra seu peito, busquei novamente

sua boca.

Deus que me perdoasse, mas eu estava perdida.

Acordei de madrugada, embrulhada no sofá

apertado com Gabriel. Tínhamos passado a noite juntos,

como se um fogo nos consumisse. Depois tinha ficado

tarde demais e acabamos pegando no sono no sofá,

embrulhados em um cobertor que tirou de um armário.

Seu braço estava para fora, minha cabeça encaixada

em seu ombro, a outra mão dele em meu rosto. Sentia-me

quente e protegida, infinitamente relaxada. Mas então

ergui a cabeça, fitei seus traços suavizados pelo sono e fui

envolvida de novo pelo medo.

Fiquei imóvel, olhando-o na parca luz. E entendi

que o medo poderia ser por que eu sabia que Gabriel tinha

50% de chance de ser o assassino da minha irmã e da

filha de Margarida, com certeza de mais mulheres

também. Mas entendi que o medo era principalmente do

que eu sentia. Primeiro, aquela atração sexual toda por

Davi. Agora, aquela loucura absurda com Gabriel. Eu

estava me perdendo. Estava perdendo o foco.

Movi-me

devagar,

dolorida.

Saí

do

sofá

silenciosamente, sem acordá-lo. Vesti-me logo e, quando

estava pronta, fitei-o de novo, como se uma força maior

que tudo me puxasse para ele. Tive uma vontade insana de

voltar para seus braços, de não deixá-lo. E foi isso que

me fez sair dali correndo.

DAVI

Eu odiava acordar cedo, mas tinha que fazer isso graças à minha empresa com Gabriel. Como morava perto, não era tão cedo assim. E chegar às oito horas estava ótimo. Mas naquela semana os negócios estavam bombando e resolvi ir um pouco mais cedo, ainda mais por que era sexta-feira, quando o trabalho era sempre maior.

Cheguei umas sete e quarenta e cinco e fiquei surpreso ao ver que Daniela não estava lá. Segundo fiquei sabendo, ela chegava por volta de sete e meia, até antes. Como Gabriel também chegava cedo, fui entrando em sua sala. Ele vinha do banheiro, colocando o paletó do terno amarrotado, o mesmo que tinha usado na noite anterior.

Sua cara era de quem tinha acabado de acordar.

Parou, fitando-me de um jeito esquisito. Eu o conhecia pelo avesso. Eram anos convivendo com ele.

Por isso saquei logo que tinha alguma coisa errada.

Juntando isso a sua roupa, concluí:

- Dormiu aqui hoje?

- Sim. – Gabriel terminou de pôr o paletó e foi até sua mesa.

- Cara, essa roupa parece que saiu da boca de um jacaré. – Brinquei, me aproximando. – Trabalho demais?

Ele demorou um pouco a responder, sem me encarar. Abriu uns papéis sobre sua mesa, ainda de pé.

- Pois é. – Ficou um tempo folheando-os, enquanto eu me jogava em uma cadeira. Por fim ergueu os olhos, bem diretos e sérios. – Transei com Daniela.

Por um momento, apenas o encarei, surpreso. Havia saído dali no dia anterior e podia jurar que ele implicava com a menina. E agora aquilo.

O primeiro sentimento que me atacou foi o ciúme.

Mas parei, analisei bem tudo, observei como parecia preocupado. Típico de Gabriel. Então sorri. Provoquei:

- Seu traidor.

Coisa que não acontecia desde criança, o vi ficar corado, completamente desconcertado. Explodi em uma gargalhada.

- To brincando, cara! Porra, até que enfim parou com o drama. Eu sou do seguinte lema: Tá a fim, cai pra dentro! Acho que no fundo eu queria isso. As coisas na minha vida estão muito paradas e uma disputa vem a calhar! Vou me divertir tirando a Daniela de você!

Gabriel ficou sério, me encarando. Então seu rosto tenso relaxou e acabou sorrindo.

- Cigano, acho que você esqueceu que temos vinte e oito anos. Não somos mais adolescentes fazendo apostas de quem pega mais mulher.

- Sempre peguei mais do que você, isso é fato.

Mulher gosta mais de moreno do que de loiro. Ainda mais se o moreno for gostosão como eu. – Continuei a brincadeira, rindo.

Ele se sentou e apoiou os cotovelos na mesa, fitando-me.

- Tudo bem mesmo? – Sua voz era séria.

- Cara, você é meu irmão. Gosto de Daniela. Ela é um espetáculo. Mas não temos nada sério. Senti desde o início que rolou um clima entre vocês. Deixa a menina



decidir. Só posso dizer uma coisa. – Sorri, à vontade. –

Não vou facilitar a vida para você. Ela vai me escolher.

- Se eu fosse você, não teria tanta certeza. – Sorriu também, mais relaxado. – Eu gostei e quero repetir. Talvez fique difícil para o seu lado.

- Vamos ver. E as premonições?

- Não foram premonições, Cigano. Só um sexto sentido me avisando que alguma coisa vai acontecer e tem a ver com ela. Mas como você mesmo disse, é melhor tê-la sob os olhos. E o que melhor do que manter Daniela em minha cama para isso?

Ri de novo, achando engraçado seu jeito. Há anos vinha diferente, mais sério. O fato de disputar Daniela comigo parecia tê-lo animado. E a mim também. Lembro como nossas disputas eram divertidas no passado.

- Tentar não te custa nada, Alemão. E cadê ela?

- Saiu de madrugada.

- Dormiram aqui?

- Cochilamos. – Corrigiu-me, com um sorriso de lado. – Fizemos coisas mais interessantes.

- Sei. Duvido que chegassem ao que já fiz com ela.

Aposto que a garota até bocejou com você.

- Se bocejar for sinônimo de orgasmos múltiplos, pode ser. – Deu de ombros.

- Ah, ta. Conta outra!

Acabamos rindo juntos.

Trocamos o assunto para umas reuniões que teríamos naquele dia. Depois combinamos de pegar a estrada para Valença no dia seguinte e de sair aquela noite para tomarmos umas bebidas e espairecermos um pouco.

Quando saí de sua sala, Daniela ainda não havia chegado, mas tive uma ideia ótima, que esquentaria ainda mais as coisas por ali. Sem dizer nada a Gabriel, eu a levaria para a noitada. Queria ver quem ela escolheria para passar a noite, depois de passá-la dançando e bebendo na companhia de seus dois amantes.

Poderia parecer besteira, mas estava animado com aquela disputa. Há anos não se sentia assim. E acabou pensando que entendia os pressentimentos ou sexto sentido de Gabriel. Daniela tinha vindo para mudar suas vidas. Para melhor.

Capítulo 5: A sombra ataca.

DANIELA

Eu toquei a campainha da casa pintada de azul, cercada por muros altos, em uma tranquila rua perto do centro de Conservatória. Era manhã de sábado e tudo ainda estava silencioso por ali. Esperei em frente ao portão de ferro, até que ele se abriu e me vi fitando a senhora na cadeira de rodas. Sorri e não me acanhei perante seu rosto enrugado e amargo. Inclinei-me e a abracei forte, beijando-a com carinho.

- Estava com saudades.

- Bom você estar aqui. – Disse com seu jeito seco, meio incomodada com o carinho. Moveu a cadeira de rodas para trás e ligou um controle, abrindo o portão maior. – Guarde seu carro aqui dentro.

- Certo.

Depois que meu carro estava na garagem, empurrei sua cadeira pela rampa e entramos na casa grande, com um belo jardim em volta. Era a casa de Margarida há

muitos anos, desde que casou e teve sua filha. Agora vivia sozinha e tudo tinha sido adaptado para que pudesse circular livremente com sua cadeira e fazer suas coisas sozinha. Era altamente independente e também mal humorada. O que a fazia gostar de solidão, mas também afastava as pessoas.

- Como tem se sentindo? – Perguntei, quando subimos a rampa e então ela empurrou sozinha sua cadeira até a cozinha. Já tinha preparado a mesa para nosso café da manhã e fui lavar as mãos e me sentar. Não esperava convites, pois não havia frivolidades entre mim e Margarida.

- Bem. As dores estão controladas. – Acomodou sua cadeira em um espaço na mesa, observando-me com atenção. Era magra, mediana, com cabelos grisalhos curtos e olhos castanhos diretos. Apesar de ter pouco mais de cinquenta anos, seu rosto era muito enrugado e fechado, conferindo-lhe mais anos. Mas eu sabia que o pior de tudo, que a marcava cruelmente, era dor. Tinha perdido o marido amado, a filha e depois enfrentado aquela paralisia, uma doença degenerativa que causava muito sofrimento. E mesmo assim seguia adiante.

- Bom saber disso. – Peguei a garrafa térmica e despejei o café quente na xícara, ansiosa para tomar um gole.

- Quer dizer que os dois vem pra cá nesse fim de semana. – Continuou a me observar.

- Não exatamente aqui em Conservatória, mas em Valença, para o sítio da família de Gabriel. Por isso estou aqui. Quero ficar de olho neles.

- Precisa ter cuidado para que não a reconheçam.

- Terei.

Margarida concordou com a cabeça e também se serviu.

- E como estão as coisas com Gabriel? Conseguiu seduzi-lo?

Eu a fitei, sentindo-me muito incerta e preocupada.

Gostaria de dizer a ela que estava tudo sob controle, mas sabia que seria mentira. Fui o mais sucinta possível:

- Transei com ele de quinta para sexta.

- E?

- E é isso. Agora preciso me infiltrar na vida deles, me tornar importante.

- Sei. Mas ele já parou com as desconfianças?

- Acho que sim. Nós não conversamos depois disso.

– Fugí do seu olhar, passando manteiga em um pãozinho.

- Daniela. – Não tive o que fazer além de fitá-la, quando me chamou bem séria, atenta. – O que está acontecendo?

- Nada. – Ficou me encarando do jeito quando queria intimidar alguém. Suspirei. – Não adianta me olhar assim. Não há nada.

- Você está estranha. Diga para mim por que.

Estamos juntas nessa, se lembra?

- Nunca poderia esquecer, Margarida. – Larguei o pãozinho, sentindo o estômago apertado. Recostei-me na cadeira, séria. – Sabe, é tudo mais confuso do que pensei. Quando Monalisa me ligava e falava deles, eu pensava que estava louca. Uma mulher e dois homens só podia ser maluquice! Mas aí me contava as coisas deles, o quanto

era feliz e se divertia, como eram lindos e tudo o mais. E eu me via impressionada. E agora ...

- E agora? – Ela esperou.

- Eles me atraem muito. Estou preocupada por que ... Quando estou com eles, o desejo é tanto que perco o foco.

- Com eles? Com os dois?

- Sim. Se me perguntasse agora qual deles me atrai mais, eu não saberia dizer. Assim como não sei quem é o assassino. Nem Davi nem Gabriel parecem um sociopata que mata mulheres por aí.

- Mas um deles é. – Afirmou, irritada, franzindo o cenho. – Perdi minha filha há doze anos e você a sua irmã há seis. Ouviu sua irmã dizer que foi um deles. Como pode esquecer isso?

- Eu não esqueci!

- Mas precisa se focar! Isso é só sexo, Daniela! –

Bateu com a mão na mesa, furiosa. – Se você se entregar, vai acabar como Fabiana e Monalisa! Morta!

Respirei fundo. Apesar de ficar com raiva também, me controlei. Sabia como Margarida era e que seguia em frente com o único objetivo de descobrir o que tinha acontecido com sua filha. Ela depositava todas as suas esperanças em mim, que também buscava vingança pela morte de minha irmã.

- Escute bem, Margarida. – Fitei seus olhos. – Nada me fará parar. Vou descobrir qual deles é o assassino e pegá-lo. Só estou sendo sincera. Sexualmente, acabei me deixando dominar. Foi primeiro com Davi e agora com Gabriel.

- E quando for com os dois? Vai querer se casar com eles e esquecer tudo? – Despejou as palavras, lívida, descontrolada. – Porra, isso que dá colocar uma puta para resolver as coisas! Vai foder tudo!

Fiquei olhando-a, magoada. Na mesma hora, me levantei.

- Aonde você vai?

- Pra qualquer lugar, menos ficar aqui sendo ofendida. Às vezes você extrapola!

- Mas não é verdade? O que você era quando te conheci? Uma garota de programa! Gosta da coisa! Gosta até demais, ou não estaria agora aí babando por eles! Por esses desgraçados assassinos!

- Assassino! É um só, o outro não tem nada a ver com os crimes! - Eu tremia. – E sabe muito bem que não fui garota de programa por que quis! É o que deu para ser, se quisesse seguir com essa maldita vingança em frente!

Acabei gritando. Quando me virei para sair,

Margarida me chamou alto:

- Daniela! Eu ... Porra, foi mal. Desculpe, estou nervosa. Droga, me desculpe.

Pensei em sair. Mas eu a conhecia, sabia que aquilo era sua vida e que seu jeito era assim, falar primeiro e se arrepender depois. Me virei devagar e sua imagem acabada naquela cadeira de rodas, sua história sofrida e seus olhos arrasados, me convenceram a ficar. Completou, com voz cansada:

- Eu só falo merda. É que fiquei nervosa, preocupada com você, Está se envolvendo com um louco, um homem capaz de tudo. Não pode perder o foco. Corre

risco de vida!

- Sei disso. – Cerrei os punhos ao lado do corpo. –

Vou fazer de tudo para não esquecer isso.

- Tá. Sente e tome seu café. E ... Você não é uma puta. É uma menina corajosa, que luta desde os quinze anos para descobrir o que realmente aconteceu com sua irmã. – Vendo que eu continuava magoada, chateada, apontou para a cadeira. – Sente ... Por favor.

Eu sentei. Peguei minha xícara e tomei um gole do café. Margarida continuou, mais calma.

- Eu entendo, Dani. Sei que não quer se envolver com nenhum deles.

- Precisava de um tempo só para mim, para reestruturar minhas idéias, mas não vai dar. Vou mergulhar nisso com tudo. E vou pegar o assassino, não importa se é Gabriel ou Davi. E nem se estou atraída por eles. – Fitei-a, decidida. – Mas sei que não vai ser fácil.

- É, não vai. Mas pense em quantas vidas inocentes vai poupar se descobrir quem é o desgraçado matador de mulheres.

- Eu sei. É o que mais penso. Não teremos Monalisa e Fabiana de volta, mas evitaremos que continue matando.

Ela concordou.

Depois do café, ocupei um dos quartos que sempre ficava, que tinha sido de Fabiana. Margarida o reformara, tirara as coisas da filha dali e as guardava em um quarto nos fundos. Mas mesmo assim, sempre sentia a presença de alguém ali. Não como um espírito, mas parecia que as paredes tinham guardado parte da energia da mocinha de dezesseis anos. Ou talvez só eu me impressionasse, pois

sabia que ali tinha sido seu cantinho.

Deitei na cama, cansada, exausta de tanto pensar. E lembrei do dia anterior.

Cheguei ao trabalho às oito em ponto e a primeira pessoa que vi foi Davi, vindo pelo corredor, antes que chegasse em minha sala. Não pude evitar de ficar corada, imaginando se ele já sabia que transei com Gabriel.

Apesar de seu sorriso preguiçoso e seu olhar sensual, não fez nenhuma piadinha ou jogou charme. Me cumprimentou, perguntou como eu estava, falou que naquele dia o escritório ia ferver com várias reuniões.

Tentei sorrir, comentei algo banal e nos despedimos. Já estava sentada em minha mesa, ligando o computador, quando Gabriel saiu de sua sala, usando o mesmo terno da noite anterior, uma sombra de barba escura cobrindo o rosto. Ele nem tinha ido em casa.

Um clima quente e estranho se formou entre nós e esperei sua reação. Terminou de se aproximar, sério, cumprimentando-me. Não estava frio como das outras vezes. Seus olhos azuis brilhavam ainda mais e pude ver o desejo no fundo deles. Fui engolfada por sensações e lembranças da noite anterior e daquela madrugada, de tudo que fizemos. Meu coração disparou, fiquei sem saber o que fazer.

Gabriel não tocou no assunto. Falou de alguns documentos que precisava para aquele dia e que estava saindo para a primeira reunião. Trocamos palavras sobre o trabalho, embora uma energia viva pulsasse entre a gente. E só depois que ele saiu é que consegui respirar de novo normalmente.



A mãe dele ligou para confirmar sua ida para Valença naquele sábado e não pude informar muito, pois não sabia de nada. Mas achei a senhora agradável e trocamos amabilidades no telefone. Ficou de ligar para o celular de Gabriel.

Ali já me programei para ir a Conservatória, pois a casa de Margarida ficava próxima ao sítio dos pais dele. É claro que o observaria de longe. Mas sabia que no local tinha tido vários desaparecimentos na época que morava ali. Não custava nada ficar de olho e saber se teria mais um. E naquele dia mesmo, Davi acabou me dizendo, quando chegou, antes de ir para sua sala, que viajaria com Gabriel naquele final de semana.

Fiquei sabendo por ele que Gabriel ia cedo para lá e ele só na hora do almoço, pois tinha uma reunião agendada para de manhã. Foi melhor ainda saber que ambos estariam no mesmo lugar. Melhor para investigá-los. E de quebra eu mataria a saudade de Margarida.

Depois que me contou isso, sentou na ponta da minha mesa, com um olhar penetrante que me deixou ligada, perturbada. Pensei que falaria de Gabriel, mas nem tocou no assunto. Simplesmente me chamou para sair naquela noite, tomarmos alguma coisa e dançarmos.

Apesar de seu convite, senti uma excitação no ar, vi seu olhar aceso demais. Calculei que arrumava alguma. Falei que estava cansada, mas que até o final do dia dava a resposta. E ele apenas sorriu.

Mais tarde, quando Gabriel chegou, falei do recado de sua mãe. Ele disse que ligaria para ela. Como quem não quer nada, perguntei se iria para Valença naquele dia

e disse que não, só no dia seguinte. E sem que eu esperasse, me deu a informação que eu queria: que Davi e ele sairiam para tomar um chope naquela noite.

Tive certeza que Davi estava armando. Ia me levar sem Gabriel saber. Imaginei o clima que se faria. Safado, já estava planejando sacanagens. Só que, apesar daquele ser meu plano, precisava de um tempo para me reestruturar. Quando estivesse com ambos, queria manter ao menos um mínimo de discernimento. E estava abalada demais por ambos para fazer isso.

A minha saída foi simples. Assim que terminei meu trabalho, faltando cinco minutos para às cinco, peguei minhas coisas e saí sem falar com ninguém.

Fugi de Davi e de Gabriel. E adiei um pouco aquela loucura na qual ia mergulhar.

Deitada na cama, encolhida, pensei nas palavras de Margarida e tive raiva de mim mesma. Como eu podia estar sentindo tanto prazer quando sabia que estava transando com um assassino? Em que momento me perdi naquela história?

Talvez ela estivesse certa e eu fosse mesmo uma puta, entregue demais aos meus próprios desejos. Lembrei de meu pai, sempre me chamando de putinha pela casa. E que caí na vida por causa dele.

Minha mãe tinha engravidado de Monalisa de um namorado, que pulou fora assim que soube da notícia. Criou minha irmã sozinha, que só recebeu no registro o sobrenome da mãe: Monalisa Silva.

Quando Monalisa tinha quatro anos, ela conheceu Roco e engravidou dele. Apesar de bêbado, viciado em

jogos e metido com coisas erradas e pequenas armações, casou com ela e fomos viver em uma pequena casa em Jaconé, na Região dos Lagos. Foi lá que nasci.

Nossa vida era irregular, com brigas e jogatinas em casa, gente esquisita comprando maconha com meu pai, que era viciado. Minha mãe trabalhava em bicos pela cidade. Não era mulher ruim, mas gostava de bater na gente por motivos bestas e sempre defendia meu pai em qualquer problema. Ele e Monalisa se odiavam e era ela quem mais sofria.

Sempre fomos muito amigas. Contávamos tudo uma para outra e, quando estava com treze anos e ficava mocinha, disse que o padrasto ficava de maldade com ela. Comecei a reparar e vi que era verdade. Contamos para mamãe, que nos deu uma surra e não acreditou.

Meu pai ficou furioso ao saber da história. Passou a me maltratar e dar cascudos por qualquer motivo e eu tinha só 9 anos. Mas continuou com o cerco à Monalisa.

Até que um dia, logo depois dela fazer 14 anos, quando eu estava na escola, a estuprou. Tinha enchido a cara, não tinha ninguém em casa e se aproveitou do fato.

Minha mãe não acreditou de novo. Monalisa só pôde contar comigo e fiquei com ódio mortal do meu pai, mas o que duas meninas podiam fazer? Aquilo ocorreu por dois anos, sempre que ele tinha oportunidade, que não havia ninguém por perto. E então, quando ela tinha 16 anos, um caminhoneiro passou pela cidade e se encantou com sua beleza. Num acesso de loucura ou de desespero, cansada daquela vida e do padrasto, fugiu com ele.

Ficamos dias sem notícias dela e fiquei de cama,

chorando sem parar, com febre.

Quase uma semana depois me ligou e disse que estava morando com o caminhoneiro. Ao menos gostava dele e era bem tratada. Prometeu que um dia ia se ajeitar na vida e viria me buscar. E me fez prometer não contar nada para meus pais.

Minha vida ficou muito triste dali por diante. Só conseguia falar com Monalisa quando ela ligava para a vizinha e mandava me chamar. Até que fez dezoito anos, seguiu para o Rio de Janeiro sozinha, arrumou trabalho como garçonete em um Campus universitário e alugou uma quitinete. Foi uma vitória para ela se libertar, se virar sozinha, esquecer seu passado.

Jurou que viria me buscar tão logo pudesse se estabilizar na vida. Ficava preocupada comigo, sempre queria saber se meu pai tentava algo. Acho que dei sorte, pois sempre fui magrela e ele dizia que era feia. Só comecei a ganhar corpo depois dos quinze anos. E também, era filha de sangue dele.

Eu continuava naquela vida incerta, muitas vezes tomando cascudos e ouvindo gritos, mas seguia em frente. Mas nunca deixei de acreditar que ia reencontrar Monalisa pessoalmente e que moraria com ela. Não nos víamos há quase três anos e eu morria de saudades.

Àquela altura, meus pais já sabiam que tinha fugido e viviam reclamando por ser ingrata.

Comprou um celular bem barato para mim e mandou entregar na minha casa. Pelo menos uma vez por semana a gente se falava e eram os melhores momentos do meu dia. E foi aí que fiquei sabendo do seu relacionamento com os

dois universitários. E foi pra mim que ela ligou quando ia ser assassinada por um deles.

Ninguém acreditou em mim. Tentei com meus pais, a polícia da minha cidade, a polícia do Rio, ligando para eles. Investigaram os dois também, mas nunca acharam provas. E tudo que eu tinha eram minhas palavras. Ali resolvi descobrir tudo e vingar minha irmã.

Meu ódio só cresceu com os acontecimentos seguintes. Eu finalmente me tornava bonita, desejável, chamava a atenção de todos na cidade. Aos dezesseis anos, até meu pai começou de maldade comigo. Ele resistia, mas eu não sabia até quando. E quando começou a receber propostas de seus amigos bêbados e maconheiros por mim, senti que corria perigo. Seria estuprada a qualquer momento e tinha certeza que ele não resistiria mais. Também não podia contar com minha mãe. Foi então que tive que fazer minhas escolhas, como Monalisa havia feito.

Acabei me envolvendo com o maior bandido da cidade, em troca de dinheiro. Foi ele quem tirou minha virgindade e depois me deu grana, que usei para pegar minhas poucas coisas e ir para o Rio de Janeiro, pensando em ser garçõete como Monalisa, me virar como ela tinha feito. Mas esqueci um pequeno detalhe: era menor de idade. E acabei parando na profissão da qual queria fugir: garota de programa. Dizia que tinha dezoito, era alta e desenvolvida. Morava com mais duas garotas e tinha uma cafetina.

Passei por aqueles anos com o único objetivo de encontrar Gabriel Campanari e Davi Tabasco. Consegui

bons clientes e minha beleza me garantiu melhorar, sair com homens ricos, juntar um bom dinheiro. Tudo empreendido em investigar aqueles dois, preparar tudo para pegá-los. Quando estava com dezenove anos, já tinha um material imenso sobre ambos. E conheci Margarida.

Ela soube de toda minha história. E me ajudou.

Pude estudar, arrumar um canto meu, me preparar melhor para ser a amante de ambos, me infiltrar em suas vidas, descobrir quem era quem naquela história. Tinha dois anos, desde que deixei minha vida de garota de programa, que eu não saía com um homem. Até agora.

Tinha passado muita coisa, ficado acordada noites inteiras remoendo meu ódio contra aqueles dois, ao mesmo tempo em que sempre me perguntava quem tinha sido o amor da minha irmã. Acho que isso amenizava sempre as coisas. Saber que um deles a tinha amado e que era inocente. Mas qual, meu Deus? Eu não parava de me perguntar. Ainda mais agora, que tinha dormido com ambos.

Precisava de calma, de foco. Como eu tinha prometido a mim mesma há seis anos, ia até o final. Nada me impediria.

Eu liguei para a casa de Gabriel, como quem não quer nada, no final daquele sábado. A mãe dele atendeu. Disse que era uma amiga, se ele estava, pois queria reencontrá-lo. Inocentemente a senhora falou que tinha saído com a irmã, o irmão e Davi, para o centro da cidade. E que de noite iam em uma seresta que teria em Conservatória, cidade das serestas. Que eu poderia encontrá-lo nesses lugares ou aparecer em sua casa. Disse

que o veria na cidade e desliguei.

Tinha trazido uma peruca loira, que usei sob um boné, além de óculos sem grau. Vesti roupas largas, aproveitando o frio daqueles dias. E saí para o centro de Valença à procura deles. Mas não os vi em lugar nenhum. Voltei para casa de Margarida e depois saí à pé, quando escureceu. O centro de Conservatória era perto e estava cheio de turistas, visitando as casas de músicas, os bares nas calçadas, tornando a cidade ainda mais animada. Muitos eram de meia idade e idosos, mas vários jovens também circulavam por lá.

Andei, meti-me no meio das pessoas, sempre atenta, escondendo meu rosto, buscando-os no meio da multidão. Foi depois de mais de uma hora por ali que ouvi uma risada e reconheci como a de Davi. Busquei-o e o vi em um bar da calçada, sentado com Gabriel e mais um grupo de pessoas, todos animados, tomando cerveja e conversando.

Afastei-me com o cabelo loiro artificial no rosto. Segui até um outro restaurante ao lado e sentei a um canto, com uma visão de onde estavam. O que poderiam ver de mim seria o perfil, se eu deixasse. Mas usei uma pilastra como escudo e os observei calada. Reconheci a garota loira e linda de vinte anos como Samara, irmã caçula de Gabriel. E Rômulo, um loiro bonito e alto, com a esposa Maria Lúcia, entre eles. Eu sabia tudo sobre aquela família.

Samara ria com Davi, ambos muito perto um do outro, ela fitando-o com adoração. Sabia que tinha uma paixõnite por ele desde novinha, mas que a tratava como

irmã. Davi era um ente postiço daquela família, como parente.

Estava lindo como sempre com aquela beleza morena e musculosa, os cabelos ondulados um pouco longos, o brinquinho na orelha. E aquele sorriso rasgado, que fazia o coração da gente falhar uma batida. Era quente, sensual, chamativo. Maravilhoso.

Busquei Gabriel com os olhos. Mais elegante e controlado, ele estava belíssimo com uma camisa azul clara quase da cor de seus olhos. Estava mais relaxado longe do escritório, de jeans, as pernas esticadas por baixo da mesa. Ao seu lado uma bela morena falava animada, fazendo gestos com as mãos, tocando o tempo todo nele. Era evidente a alegria da moça por estar com ele. Ainda havia mais duas moças e três rapazes ali, na certa amigos do tempo que viviam em Valença.

Mas meu olhar se intercalava entre os dois. Fiquei com raiva ao notar que os controlava com as mulheres, sentindo-me estranha, incomodada. Não queria sentir nada por eles. Nem ciúme ou amizade. Seria só sexo e vingança. Nada além disso poderia surgir dali e atrapalhar meus planos.

Depois de um bom tempo, pagaram as contas e se levantaram. Um casal se despediu deles e se afastou. E depois eles passaram a andar pela cidade, parando para ouvir música, conversar com alguém, circulando de novo. Eu os segui a certa distância, atenta, pronta para me esconder a qualquer momento.

Samara seguia de braços dados com Davi, que comprou maçã do amor para ela. Dava para ver que fazia



todas as suas vontades e a menina parecia estar na lua de tanta felicidade.

Gabriel conversava com Rômulo, mas a morena não desgrudava dele. Era escultural e o fitava como se quisesse engoli-lo todo.

Foi ficando tarde e o local encheu mais. Eu quase os perdi duas vezes e, numa delas, Gabriel sumiu de vista, assim como a morena. Davi continuou andando com os outros. Olhei em volta desesperada e por um momento fiquei sem saber o que fazer. Buscar Gabriel ou continuar seguindo Davi.

Onde ele estaria? Teria saído para transar com a morena? Segui em frente, mas perturbada, com medo dele voltar atrás de mim e me ver. Ao mesmo tempo, aquela sensação estranha de ciúme me atacava mesmo contra a vontade.

Eles pararam para ouvir música em uma bar na praça. Davi dançou com Samara uma seresta, depois com a esposa de Rômulo e a outra moça. Se divertia a valer, fazendo floreios, rodando-as e sorrindo. Os outros dois rapazes se despediram e se afastaram. Depois Davi, Samara, Rômulo e Maria Lucia também foram embora. Segui-os até o estacionamento e os vi embarcar em dois carros. Samara foi com Davi e o casal em outro carro. Fiquei lá em um canto, até sumirem de vista. Na certa retornavam para casa. E Gabriel?

Voltei à cidade, busquei Gabriel incansavelmente, mas não o achei em lugar nenhum. Quando vi que ele realmente tinha sumido, calculei que tivesse saído de carro com a morena para algum lugar. Talvez para a casa

dela, para transar. Com raiva, irritada, retornei à casa de Margarida.

## A SOMBRA

A cidade estava mesmo lotada. A quantidade de turistas era enorme naquele fim de semana e muitos eram jovens. Alguns sozinhos.

Enquanto andava pela cidade com ela ao meu lado, eu sentia aquela fome me remoendo por dentro. Já me continha há um bom tempo, tinha me acalmado sem precisar fazer nada. Sabia até por que. Daniela tinha contribuído para aquilo. Transar com ela, saber o que ela poderia provocar de volta a minha vida, deixou-me realmente feliz. E esperançoso.

Mas ali, naquele local onde nasci e aprendi o prazer fenomenal de ter o poder, de decidir quem poderia ser minha escolhida, eu senti a necessidade de ir além. E foi tão violenta que soube que não poderia esperar mais. Se fosse atento, cauteloso, poderia fazer tudo sem levantar desconfianças.

Levei-a em casa e, sem que ela soubesse, voltei.

Teria que ser uma pessoa desconhecida, turista, alguém que não faria muita falta. Meu carro estava preparado.

Deixei-o em um ponto distante do estacionamento e circulei novamente pela cidade.

As mulheres passavam por mim e me olhavam, atraídas por minha aparência. Mas como um bom caçador, eu sabia esperar a presa perfeita. Pacientemente eu sondava, observava, escolhia. Em minha mão o recado já pronto, dobrado, esperando a quem ser entregue.

Dava preferências às sozinhas. Havia algumas.

Mais velhas e até uma bela jovem com mochila. Olhou para mim e sorriu. Mas segui em frente, sem me excitar. Não, não era aquela.

Pensei em Daniela. Numa de nossas transas, cheguei a cogitar como seria ir até o final com ela. Mas é claro que foi apenas um sonho passageiro. As conhecidas eu mantinha longe daquele meu desejo especial. Meu nome já tinha sido relacionado uma vez com a morte de Monalisa, um descontrole meu. Mas aquilo nunca mais poderia acontecer. Felizmente tudo deu certo.

Além do mais, Daniela trouxe algo que eu sabia que seria mais prazeroso ainda. A participação do meu irmão de alma, como tinha sido no passado. No início, temi aquilo. Era algo que eu até tinha controlado, aprendi a viver sem. Mas agora, que se tornava de novo possível, a minha alegria superava qualquer coisa. E isso eu devia a ela.

Naquele momento, senti um olhar sobre mim e vi um rapaz franzino saindo de um bar, de uns vinte anos. Era estranhamente bonito, uma beleza feminina doce e suave, com um topete loiro caindo sobre a testa, pele branca de bebê e doces olhos castanhos. Senti um baque por dentro e soube que era aquele.

Em geral eu preferia as mulheres. Já tinha acontecido com rapazes, mas muito pouco. Eu não gostava de pensar naquilo. Entendia. Mas só aceitava quando era realmente mais poderoso que minha vontade e meu controle. Como naquele momento.

Ficou parado, meio tímido, corado. Eu passei por ele, fitei-o profundamente, sorri. Segui lento e o senti vir

atrás, um pouco nervoso. Segui até a praça e parei, observando um grupo de terceira idade dançando ali em frente. Senti-o ao meu lado. Esperei um pouco e então virei o rosto para olhá-lo.

Fingia prestar atenção nos dançarinos, mas estava bem corado. Era pequeno, talvez um metro e sessenta de altura. Quando senti o desejo forte percorrer minhas veias, vacilei um pouco, com raiva. Eu não queria aquilo. Não com homens. Mas por que às vezes me descontrolava daquele jeito e sabia que tinha que continuar, ou explodiria? Como naquele momento.

- Você parece bem novo para gostar de seresta. –

Me vi falando calmo. Era estranho, mas uma parte de mim gritava, socava, pedia para sair. A outra parte era fria, planejava.

Ele me olhou, sorrindo ansioso, a voz mansa:

- Sou maior de idade. E meus avós adoram serestas.

- E cadê eles?

- Em casa.

- Devia tê-los trazido. – Puxei assunto normalmente.

- Já vim aqui muitas vezes com eles. Dessa vez vim sozinho. – Enquanto falava, me fitava insistentemente.

Sozinho. Gostei de saber. Friamente, acenei com a cabeça. Passei por ele, fingindo que ia embora e vi a decepção em seu rosto. Olhando para a frente, segurei sua mão disfarçadamente e deixei o bilhete nela. Segui, sem olhar para trás.

Fui direto ao estacionamento. Felizmente ali estava vazio. Caminhei até meu carro, encostando-me nele. Não demorou muito o vi chegar, me procurando ali, como dizia

o bilhete. Permaneci quieto, observando-o com frieza.

Parecia ansioso. Um veadinho doido por pica. Senti o ódio e o nojo me envolver.

Tinha gente que só vinha sujar esse mundo. Muitas vezes me vi como um livrador, alguém que fazia uma caridade silenciosa para as pessoas. Pena não poder gritar para todos que gentinha era aquela, ali contaminando os outros, circulando como seres inferiores. Era isso que acontecia na cadeia alimentar. Os mais fracos e prejudiciais deviam ser abatidos.

Quando me viu, parou nervoso. Respirou fundo e veio, piscando muito, sorrindo, lambendo os lábios.

- Eu não sabia ... Se devia vir. – Sua voz era trêmula.

- Você que sabe. – Abri a porta do carro, no lado do passageiro. Fitei-o bem direto, esperando.

Estava indeciso. Mas me fitou da cabeça aos pés, excitado, sem poder resistir. Então entrou e se sentou rapidamente. Quando bati a porta e dei a volta no carro, lancei um olhar pelo estacionamento. Completamente vazio. Entrei e liguei o automóvel, sabendo que estávamos seguros pelos vidros fumês.

- Vamos para onde?

- Um lugar mais calmo. Tem objeção?

- Não, é que ... Mal nos conhecemos.

- Exatamente para isso estamos aqui. – Virei o rosto e olhei-o, sorrindo suavemente. – Para nos conhecermos.

Ele concordou com a cabeça.

Eu conhecia aquelas ruas como a palma da minha mão. Evitei as principais e me embrenhei em uma estrada

que levava para dentro da mata, cada vez mais distante do centro. Dali peguei uma secundária, de barro, sacolejando. Completamente vazia. Podia sentir seu nervosismo dentro do carro. A voz saiu trêmula:

- Acho ... Acho que quero voltar.

- Mas agora que chegamos?

- Chegamos?

- Sim, acalme-se. – Virei o carro até parar no final, de frente para umas árvores que pareciam sinistras iluminadas pelo farol. – Quer ouvir música? Do que você gosta?

Confortável dentro do carro, observei-o quase clinicamente. Mas por dentro, comecei novamente a sentir aquela vibração, aquela vontade de agir, de começar.

Respirei, controlando-me.

- Adoro rock. – Sorriu, ansioso, seus olhos brilhando na penumbra como os de um animalzinho assustado.

- Tenho uns bons aqui. Clássicos.

- Ah, é? Quais?

- Que tal AC/DC? – E na mesma hora pus a música para tocar. Soltei meu cinto de segurança e me ajeitei no banco. Aquela fome veio voraz, ainda mais incentivada pela música. Olhei-o e falei de maneira autoritária: - Pode começar, garoto.

- Começar? – Fitou-me agitado, arregalando os olhos. – Quer dizer ...

- O que veio fazer aqui?

Engoliu em seco. Soltou o cinto, afastou o topete do olho esquerdo, seu rosto corado. Eu esperei, imobilizado,

dividido entre a fome e a raiva.

E ele veio, suas mãos já indo no cinto da minha calça. Estava realmente nervoso, tremendo. Não o ajudei ou impedi. Abriu o botão, desceu o zíper. Quando baixou a cueca e pegou meu pênis duro, arregalou os olhos escuros, todo excitado.

- Você é lindo! Tão grande!

E começou a me masturbar. Depois desceu a cabeça e me enfiou na boca, chupando de modo bem mais experiente que seu aparente nervosismo. Fechei os olhos, recostei a cabeça no banco. Por um momento, minha mente foi preenchida por imagens. Todas de um trio. Eu, ele, a garota ruiva que quase nos arruinou.

Naquela época senti um grande tesão, não apenas por ela. Mas em vê-lo. Em saber que estava ali comigo, compartilhando-a. Senti medo, raiva de mim mesmo por pensar aquilo, mas acabou sendo incontrolável. E agora, quando um novo trio estava para se formar, me vi sentindo uma saudade absurda daquilo. E por um momento, só por um momento, pensei nele agindo comigo da mesma maneira que aquele garoto. Ou eu tocando-o, como nunca fiz.

E então, enquanto o menino me chupava com vontade, senti um ódio imenso de mim mesmo por pensar aquilo. Ele era meu irmão de alma! Meu amigo, meu companheiro, a pessoa que eu mais amava na vida. Como poderia sequer imaginar algo assim? Que perversão era aquela? E por que não era uma mulher ali comigo?

Em meio ao rock pesado, abri os olhos, sentindo-me gotejar ódio. Fitei os cabelos loiros e lisos, ouvi os

sons que fazia e soube que precisava me livrar daquela doença. Agarrei seus cabelos, puxei-o bruscamente para trás. E então, enquanto arregalava os olhos para mim, a boca vermelha e molhada entreaberta, eu ergui a perna e o empurrei para baixo, pressionando seu rosto contra o banco, minha perna prendendo-o ali. Com a mão ainda em sua cabeça, mantive-o cativo, nariz e boca apertados no banco, sem escapatória.

Ele se debateu loucamente querendo respirar, escapar. Mas mantive-me firme, ouvindo seus sons abafados em meio à música, sufocando-o sem muito esforço. Seus braços e pernas batiam, sem coordenação. Forcei mais a coxa em sua nuca e a mão em seu cabelo, até vê-lo perder as forças, enfraquecer. E enquanto morria sem oxigênio, na certa desesperado, sabendo o que lhe acontecia, fechei novamente os olhos e agarrei meu pênis com a mão livre. Comecei a me masturbar.

Gozei exatamente no momento em que não se mexia mais. Depois fiquei lá, apenas esperando a respiração voltar ao normal, me sentindo eu mesmo de novo. A fúria, a fome, tudo apaziguado. Com calma, soltei o cabelo macio e tirei minha perna. Ele continuou lá, imóvel. Olhei-o um momento, sem lamentar. Algumas coisas precisavam ser feitas e eu fiz.

Saí do carro, iluminado pelos faróis. Abri a mala do carro, peguei a pá. E fui procurar um lugar ali perto, terra mais fofa, trabalho rápido para quem já tinha prática. Não demorou muito. O rapaz era pequeno. Com a cova pronta, abri o saco preto no chão, que também tirei do carro. Peguei o corpo sem vida, totalmente vestido, o topete sobre o olho fechado. Não senti nada.



Depois de enrolá-lo, depusitei o corpo no buraco.

Cobri-o rápido. Quando acabei, estava suado, mesmo com o frio daquela noite. Guardei tudo, observei para ver se não deixava nada par trás e assumi o volante. Voltei para minha vida. Aliviado. Eu mesmo de novo.

Capítulo 6: Entre dois.

DAVI

O barraco continuava o mesmo, como se o tempo não tivesse passado ali. Do lado de fora, encostado em meu carro, eu o olhava. Emoções controversas me dominavam, juntamente com lembranças do passado. Minha família tinha se esfacelado ali. Na verdade nunca foi uma família. Meu pai trabalhava à noite como garçom e minha mãe nos largava para fazer bicos com faxina e arrumar amantes. Quando eu tinha três anos, foi embora com um deles e, algum tempo depois, voltou. Meu pai a aceitou e até que tentou, mas sua vida era trabalhar e beber. Até deixar de trabalhar e viver de bicos pelos bares da vida. Ficou com fama de chifrudo e beerrão. Eu e minhas duas irmãs nos viramos sozinhos, pois minha mãe só queria saber de suas farras, até morrer quando eu tinha 13 anos. E até eu conhecer Gabriel e passar a ser da família dele. A que me tirou das ruas e me deu um novo rumo.

Agora estava voltando para casa no Rio, mas tive que passar ali e ver o que restou, como sempre fazia.

Nunca mais vi minhas irmãs, que se perderam na vida.

Meu pai morreu uns anos antes do coração. Só tinha sobrado eu e aquela velha casa de pé. Mas apesar de tudo, não sentia tristeza. Talvez um desconforto. Pois desde os

onze anos fui protegido, amado e cuidado por outras pessoas. As mesmas que eu considerava como entes queridos.

Entrei no carro e peguei a estrada, rumo ao Rio de Janeiro. Gabriel só ia mais tarde, mas eu tinha coisas para resolver ainda naquele domingo. E enquanto me afastava, deixando mais uma vez meu passado para trás, pensava que Rômulo, Gabriel e Samara tinham tido muita sorte ao ter pais como Bento e Dalila. E eu também.

Quando me assumiram de vez, nunca fizeram distinção entre mim e seus filhos. O que Gabriel recebia, fosse elogios ou esporros, eu também ganhava quando era necessário. E por isso eu fazia questão de aparecer sempre e, quando Gabriel comprou o sítio para eles, ajudei a pagar, como presente por tudo que fizeram por mim.

Outra coisa que admirava em meu amigo era o fato de nunca ter reclamado por dividir seu quarto e suas coisas comigo. Pelo contrário, foi Gabriel que me levou para o seio daquela família e me salvou de uma vida de desgraça como de minhas irmãs mais velhas, que não tiveram a mesma sorte. Por isso eu era tão companheiro dele, abriria mão de tudo que eu tinha para ajudá-lo, se um dia precisasse.

Isso me fez lembrar de Daniela. Estava indo ao Rio mais cedo, pois queria vê-la ainda naquele dia. Apesar de não termos nada sério, de ainda estarmos nos conhecendo, eu gostava dela. E a desejava. Só que agora Gabriel estava também na luta e eu sabia que ele dava um braço para não entrar em uma, mas dava os dois para não sair.

Assim como eu.

Se o negócio ficasse sério, eu abriria mão de Daniela por ele, por nossa amizade de anos, pela coisa mais certa e honesta que já tive na vida. Mas por enquanto eu me animava com aquela disputa. Já podia até ver o que sairia dali, quando começássemos de vez. Eu me divertiria como há muito tempo não acontecia. Isso me fez lembrar que Daniela, na sexta-feira, tinha fugido do nosso encontro. Covarde! Sorri, recordando quando a fui procurar e ela já tinha se mandado. Acho que sacou o que eu armava. Na verdade só pensei em provocar Gabriel, esfregando na cara dele que ela estava em minha companhia. Mas haveria outra oportunidade.

Acabou sendo um domingo infrutífero, pois não a encontrei. Não atendeu o celular, nem o telefone de casa. Mas resolvi outras coisas minhas. No dia seguinte, ela não me escaparia.

GABRIEL

Na segunda-feira fui para casa à noite, depois do trabalho, e tomei um banho. As coisas estavam agitadas demais no escritório e não tínhamos dado conta de tudo naquele dia, algumas se acumularam para o dia seguinte. Davi me perturbou para passar em seu apartamento naquela noite para terminarmos um relatório e acabei concordando, embora estivesse cansado de tanto relatório desde a semana passada.

A sorte que o apartamento dele era próximo. Eu morava em Ipanema e Davi no Leblon. Antes que desistisse e ficasse em casa, peguei as chaves do meu

carro e saí, pensando que no máximo em duas horas queria estar de volta.

Enquanto dirigia, pensei no ótimo final de semana que tive em Valença com minha família. Eu voltava sempre renovado depois de ir lá, comer a comidinha da minha mãe, deitar no sofá com minha cabeça em seu colo fazendo cafuné como quando era um garoto, conversar sobre o sítio e futebol com meu pai e irmão, ver meus sobrinhos e ouvir o papo animado de Samara. Quando queria recarregar minhas energias, eu voltava para casa. Aprendi que lá era meu canto, meu aconchego, minha alegria sem reservas. E sabia que com Davi se dava o mesmo.

Além disso, revi amigos e locais dos quais gostava.

Até mesmo minha ex-namorada de quando era adolescente, a Bruna. Tinha saído com a gente à noite em Conservatória e estava de volta à cidade depois de um divórcio. Deixou mais do que claro que queria relembrar os velhos tempos comigo, mas a levei para casa e acabei dispensando-a, inventando uma desculpa qualquer. Não sentia tesão nem vontade de transar com ela. Naquele fim de semana outra mulher ocupava meus pensamentos.

Daniela.

Seguindo para o apartamento de Davi, eu indagava a mim mesmo o que a bela secretária teria de diferente ao ter mexido comigo daquele jeito. A sensação de que era familiar permanecia, cada vez mais forte. Mas havia algo mais. Desde que a fitei pela primeira vez um alarme tocou dentro de mim. Era desejo misturado aquela sensação e também ao pressentimento de que teria algum papel

importante na minha vida.

A noite que passamos juntos mexeu muito comigo.

Tinha sido uma tortura trabalhar com ela na sexta e naquela segunda sem encurralá-la em um canto e beijá-la.

Eu ainda tentava manter algum controle da situação, mas estava cada vez mais difícil. Sem contar que havia Davi na parada.

Cheguei ao apartamento dele e toquei a campainha.

Atendeu-me à vontade com jeans, camiseta e descalço. Na sala, havia vários relatórios sobre uma mesinha e uma garrafa de vinho aberta ao lado, com um prato de queijos variados. Mas foram duas outras coisas que me chamaram atenção de imediato e me fizeram parar no meio da sala.

A primeira foram as duas taças de vinho com um restinho, sobre a mesa. A segunda foi a bolsa de mulher em uma prateleira em frente. Virei para Davi e ele sorria, zombeteiro. Foi logo dizendo:

- Trouxe ajuda, para o trabalho ir mais rápido. E ser mais ... prazeroso.

Foi naquele momento que Daniela veio da cozinha, linda como sempre em um simples vestido branco de alcinhas, trazendo um prato com petiscos. Seus olhos fixaram-se em mim e pude ver um ligeiro nervosismo, logo disfarçado com um sorriso.

Na mesma hora fui invadido por um desejo avassalador, além de qualquer lógica ou raciocínio. E soube o que íamos começar naquela noite.

DANIELA

Eu estava lá, entre os dois. Cumprimentei Gabriel e pus o prato sobre a mesa, erguendo-me com naturalidade,

mas tremendo por dentro. Não dava para negar que o nervosismo estava presente, disputando espaço a tapas com minha excitação e meu desejo de vingança. Eu lutava para ser fria e levar adiante meu plano. Mas sabia que não seria fácil.

Naquele dia, Davi brincou comigo e me chamou de fujona, pelo fato de ter saído sem falar com ele na sexta-feira. Eu prometi que faria algo para compensar e rolou um climão entre a gente em pleno horário do expediente. Quando soube que ele e Gabriel trabalhariam em um relatório naquela noite, eu me ofereci para ajudar. Até ele, que parecia sempre safado, disposto a uma sacanagem, ficou um pouco surpreso.

- Que cara é essa? – Eu havia sorrido inocentemente. – Só estou me oferecendo como secretária. Mas se não quiser ...

- Acha que não vou querer? – Sorriu também, seus olhos incendiando. – Não diga nada a Gabriel. Vamos fazer uma surpresa para ele.

E assim foi. Podia ver realmente a surpresa na cara de Gabriel, que por um momento apenas me observou, calado. Depois olhou para Davi, que se divertia com a cara dele. E então, nos surpreendendo, sorriu também.

- Ótima ideia trazer Daniela. O trabalho com certeza será mais eficaz.

- Na verdade, eu me ofereci para vir. – Sorri também, doce. – Vamos começar?

Nos servimos de vinho e nos sentamos. Ocupei o sofá e Gabriel sentou a uma pouca distância. Davi acomodou-se no chão perto de meus pés, sobre o carpete

macio. Começaram a discutir trabalho e me empenhei em ajudar, prestar atenção, embora tremesse por dentro. Não de medo. Um deles era inocente e não deixaria nada de mal acontecer comigo. Mas de ansiedade, desejo, antecipação. Só de imaginar ficar com aqueles dois ao mesmo tempo, eu sentia minha calcinha molhada, meu estômago apertando.

Trabalhamos por pouco mais de uma hora. Cheguei a me surpreender por vê-los tão concentrados, discutindo cada contrato e relatório, enquanto eu fazia anotações e hora ou outra dava minha opinião. Acabamos com uma garrafa de vinho e Davi abriu outra. Deixei que tomassem a maior parte, apenas bebericando o meu. Queria continuar sóbria.

- Acho que por hoje chega. – Davi esfregou o cabelo ondulado, esticando-se um pouco. – Até que adiantamos muita coisa.

- Verdade. – Gabriel concordou, recostando-se no sofá, acabando com o vinho em sua taça. Fitou-me e disse baixo: - Daniela ajudou bastante.

Eu encontrei seus olhos azuis, que tinham me lembrado o mar ártico desde o início. Mas que agora eu sabia como podiam se aquecer. Senti um baque por dentro, algo que apesar de tudo continuava sendo incontrolável.

- Obrigada. – Consegui falar. – Mas se não precisam mais de mim, acho que já vou.

- Quem disse que não precisamos? – Davi me lançou aquele sorriso de arrasar, que fez meu coração dar um salto. Então se levantou. – Agora vamos relaxar um

pouco, beliscar alguma coisa, ouvir uma música. E não aceito recusa. Vou pegar mais vinho.

- Acho que ele quer nos embriagar. - Sorri para Gabriel quando Davi se afastou, mas estremei ao ver que não retribuiu o sorriso. Fitava-me bem sério, quase imobilizado. – O que houve?

- Por que está aqui, Daniela? – Sua voz estava carregada, seca.

- Ora, por que vi que o trabalho estava ...

- Você, eu e Davi sabemos que não veio aqui pelo trabalho. É minha amante e dele. Mas não é isso que estou perguntando. O que quero saber é por que.

- Mas ... – Eu me calei, sabendo que seria em vão arrumar desculpas furadas. Respirei fundo, sem desviar meus olhos dos dele. Fui em parte verdadeira quando despejei uma palavra só: - Desejo.

- Só isso?

- O que mais poderia ser? – Mordi os lábios, ansiosa. Novamente tive a sensação de que Gabriel desconfiava de alguma coisa. Mas ele não tinha como saber de nada. Tentei explicar, convencer: – Nunca aconteceu isso comigo antes. Dois homens ...

- Esse é um jogo que deixei de jogar há muito tempo, Daniela. Mas você o está tornando tentador. – Falou baixo. Eu podia sentir a energia sexual, pulsante, que vinha dele. Era estarrecedor como passava da frieza àquela energia em tão pouco tempo. Seu braço, que estava apoiado no encosto do sofá, moveu-se. Senti sua mão em minha nuca e um arrepio percorreu minha coluna.

- E por que está resistindo? – Perguntei num fio de



voz.

- Não sei. – Apertou de leve minha nuca, imobilizando-me. Seus olhos claros desceram até meus lábios e os senti formigar, ansiando.

Puxou-me para si e me encontrou no meio do caminho. Nossas bocas se colaram e se devoraram na mesma hora, em um beijo intenso e acalorado, cheio de emoções fortes e violentas. Estremeci, senti o coração disparar, meu corpo todo reagir. E movi minha língua contra a dele, percebendo desesperada o quanto eu queria aquilo.

- Ótimo, fiquem à vontade. – A voz de Davi fez com que eu desse um pulo no sofá e me afastasse rapidamente, corando violentamente, com a respiração irregular.

Olhei-o. Depositava a garrafa de vinho aberta sobre a mesa e me lançava um olhar ardente, seus olhos negros parecendo repleto de chamas. Serviu vinho nas taças e sentou-se na poltrona, um tanto sério.

- Podem continuar. – Sua voz saiu baixa, vibrante. Fiquei sem saber como agir. Não consegui olhar para os lados, muito menos manter o olhar de Davi ou fitar Gabriel. Era uma sensação estranha, por tudo. Por que um deles era um maldito assassino. E por que mesmo sabendo disso, eu os desejava. Demais.

Gabriel acabou dizendo:

- Por que não paramos de enrolar e começamos logo isso? – Parecia meio irritado. Segurou meu braço e levantou, me levando junto. Seus olhos pareciam chamas azuis quando me puxou para si e me fitou intensamente. – Quer desistir?

- Não. – Murmurei.

Foi tudo o que precisava ouvir. Na mesma hora sua mão estava em meu cabelo, puxando minha cabeça, assaltando minha boca. Não foi delicado ou sedutor. Foi duro, quente, intenso. Sua língua dominou a minha, seu gosto me embriagou, minhas pernas ficaram bambas e me vi segurando firme nele para não cair. Fui bombardeada pelo desejo puro e denso, avassalador, extasiante. E me entreguei, me dei, toda cautela esquecida.

Gabriel me colou ao seu corpo e enfiei minhas duas mãos em seu cabelo macio e curto, beijando-o com tudo, ansiando por mais. Ficamos imediatamente excitados, ligados, vorazes. Era tão gostoso ... tão envolvente, que minha razão se perdeu em meio aos meus sentidos abalados.

Fiquei até tonta quando descolou os lábios e me fitou com olhos semicerrados, pesados. Pensei em beijá-lo de novo, ainda muito cheia de luxúria, mas falou baixo contra meus lábios:

- Eu sei esperar.

Não entendi direito. Mas então Davi já vinha atrás de mim e me virava para ele. Não pude nem pensar. Fui colada ao seu corpo musculoso, enquanto seus lábios carnudos saboreavam os meus com requinte, sua língua deliciosa envolvendo a minha, deixando-me louca de tanto tesão. Agarrei-me em sua camisa, beijei-o com loucura. Sim, eu estava louca! Minha mente gritava, tentava lutar, manter-me lúcida, mas minha pele ardia, o coração disparava, o sangue corria veloz nas veias. Lascívia pura me bombardeava de todos os lados e eu sentia Davi em

cada parte de mim, assim como estava consciente de Gabriel tão próximo, o gosto de ambos se mesclando ao meu, criando uma mistura explosiva.

Pense! Observe! Meu subconsciente tentou me alertar, mas eu parecia irracional, apenas sentidos e instintos, a ponto de enlouquecer. E acabei capitulando, deixando acontecer, pois não havia escapatória.

As mãos de Davi percorriam meus ombros, levando para baixo as alças do meu vestido, baixando-o até a cintura. E então apertavam meus seios nus, ambos ao mesmo tempo, sua boca devorando a minha. Estremeci da cabeça aos pés, muito excitada. Ainda mais quando senti as mãos de Gabriel afastando meu cabelo, descendo lentas por minhas costas, enquanto mordiscava suavemente a minha nuca. Eu estava entre os dois, uma massa trêmula e extasiada de sensações avassaladoras, escrava dos meus próprios instintos devoradores.

Minha vulva latejou e molhou toda minha calcinha, vibrações subindo e descendo por meu corpo, a respiração irregular. Davi acariciou meus mamilos, girou a cabeça para o outro lado, desceu a boca por meu queixo e garganta. Arfei, fora de mim. Gabriel terminou de abaixar o vestido por meus quadris, até que caiu no chão. Mordiscou minhas costas, suas mãos segurando as laterais da calcinha, puxando-a para baixo.

Eu tremia, mais excitada do que alguma vez fiquei na vida. Mesmo tendo sabido que aquilo ia acontecer, até mesmo me preparado, não sendo uma moça inocente e ingênua, eu fiquei completamente abalada. Abri os olhos, vi aquela sala iluminada, parte dos cabelos escuros do

Davi, mas me sentia tonta por tantas sensações.

Gabriel desceu minha calcinha, que parou aos meus pés. Estava lá, nua entre eles, arrebatada, até mesmo chocada. E então acariciou minha bunda, murmurou perto do meu ouvido:

- Você é linda, Daniela ... Está me deixando louco.

E eu, então? Fechei os olhos, apoiando as mãos nos ombros de Davi, as pernas bambas. Gabriel mordeu o lóbulo da orelha, sua mão indo entre minha bunda, acariciando devagarzinho meu ânus, descendo mais. Seus dedos ficaram melados em minha vagina e gemeu rouco, tocando-me ali, enfiando dois dedos em mim.

- Ah ... Ah, Deus ... – Gemi cheia de desejo e luxúria, enlevada, lasciva.

Na mesma hora Davi enfiava um mamilo na boca e chupava. Êxtase puro veio dentro de mim e choraminguei, respirando com ânsia, perdendo a noção de tudo. Eram quatro mãos em minha pele, duas bocas se ocupando de mim e dois corpos quentes e viris. Ofeguei, agitada, tremendo.

- Peitinho lindo ... – Davi murmurou, indo ao outro mamilo, chupando-o.

- Minha vez. – Gabriel disse rouco e Davi sorriu, afastando a cabeça.

Gabriel tirou os dedos de minha vagina e me virou para ele, seu semblante carregado e decidido fazendo minha barriga se revirar, sabendo que faria coisas inimagináveis comigo. Seu olhar desceu quente por meu corpo nu e segurou minha mão, levando-me até o sofá.

- Sente aqui para eu chupar sua bocetinha. – E já me

fazia recostar no sofá, nua e meio deitada, minha bunda na beira, meus cabelos espalhados a minha volta, a respiração entrecortada.

Abriu minhas pernas, ajoelhando-se no chão entre elas, seu olhar e o de Davi ardentes sobre mim, uma oferenda ali exposta para ambos. Mordi os lábios, nervosa, excitada, arquejante. E quando Gabriel desceu a cabeça e fechou os lábios sobre meu clitóris, sugando-o, eu vi estrelas. Gritei rouca e ondulei, arrebatada pelo prazer violento que me golpeou.

Encontrei os olhos de Davi, fixos em mim. Parecia igualmente dominado pelo desejo. Alto e forte, lindo de morrer, começou a se despir, abrindo a camisa. Não consegui deixar de olhá-lo, arrebatada por sua visão espetacularmente bela e máscula, e pelo que Gabriel fazia com meu corpo, chupando-me daquele jeito.

Gemi baixinho, ondulei, enfiei minhas mãos em seus cabelos, abrindo mais as pernas, quase gozando em sua boca. E vendo o peito de Davi, aquela tatuagem à mostra, a calça descendo. E ele nu, completamente ereto, vindo tão grande e forte para perto de mim, seu olhar me consumindo completamente.

Ajoelhou no sofá ao meu lado, sua mão indo em minha cabeça, erguendo meu rosto, fitando meus olhos enquanto sorria sensualmente.

- Quer se divertir mais? – Rouco, voz baixa e rascante, beijou suavemente meus lábios. Então ergueu a cabeça e segurou o pau, puxando-me na direção dele. – Chupe, minha linda.

Engoli em seco, excitada ao extremo. Fitei seu pau

grande como ele, cheio de veias, moreno. Era um homem extremamente lindo e quente, muito másculo, daqueles que poderiam virar a cabeça de qualquer mulher. E virou a minha.

Gabriel desceu a língua em minha vulva aberta e escaldante, lambendo meu mel, fazendo-me estremecer toda. Olhei-o e vi que me fitava atento, duro, forte, seus olhos azuis erguidos para mim. Fiquei totalmente alucinada, cercada por aqueles dois homens. E então me virei para Davi, abrindo os lábios, buscando-o. E senti sua carne grossa e rija penetrar minha boca, entrar apertado até o fundo. Suguei-o firme e o puxei para a garganta, molhada e ansiosa.

- Porra ... – Davi gemeu, suas mãos enterrando-se em meus cabelos longos, deixando-me devorá-lo.

Eu não aguentei. Estava tudo gostoso demais, as sensações muito intensas e picantes para controlar.

Comecei a ondular contra a boca de Gabriel e a chupar Davi com mais força, estalando em um orgasmo fulminante, arrebatador, enlouquecedor. Eles sentiram e pegaram mais firmes. Uma mão beliscou meu mamilo e nem soube de quem, só soube que meu corpo se entregava ao prazer fenomenal e eu estremecia, toda quente e escaldante, toda uma massa de sensações extraordinárias.

Quando desabei no sofá, Davi saiu da minha boca e acariciou meu rosto, com um sorriso de lado. Gabriel beijou suavemente minha vulva palpitante e se levantou. Era o único completamente vestido.

Mesmo satisfeita, lânguida pelo orgasmo intenso, eu senti o desejo me arrebatando ao vê-los ali, fitando-me como

se eu fosse um manjar dos deuses. Senti um desejo voraz se espalhar em mim, incontrolável, ardente. Sentei-me na ponta do sofá e logo estava de joelhos no chão. Olhei para Davi e então para Gabriel, dizendo rouca:

- Por que ainda está vestido? Quero mais ...

Davi sorriu, acariciando seu pau. Fui ajoelhada até Gabriel, que me fitava detidamente. E sem nenhum tipo de vergonha ou falsos pudores, apoiei as mãos em suas coxas e mordisquei seu membro duro através da calça. Senti-o se enrijecer ainda mais, olhos fixos em mim. E então, puxou a blusa sobre a cabeça, jogando-a longe. E abriu o cinto.

Eu o ajudei a tirar o jeans junto com a cueca, até vê-lo lindo e nu. Acariciei seu peito musculoso coberto de sedosos pelos castanhos dourados, que se afunilavam até o pênis grande e grosso. Ansiosa, o segurei pela base e enfiei na boca, chupando-o com a boca cheia de água. Gabriel gemeu, mas não me tocou. Ficou imóvel, deixando que o sugasse sozinha, deslizando meus lábios, enterrando-o até a garganta.

Olhei para Davi e estendi a mão. Ele entendeu e se aproximou. Fiquei no chão entre ambos. E enquanto sugava Gabriel cheia de desejo, segurei o pau de Davi e comecei a masturbá-lo firme, experiente.

- Ah, Daniela ... – Davi murmurou, excitado ao extremo.

Deixei Gabriel e virei o rosto para Davi, pondo seu membro na boca, chupando-o gostosamente. E masturbei Gabriel. Me revezei entre ambos, alucinada, querendo mais, entregue. O desejo absurdo parecia me consumir e,

embora no fundo eu não esquecesse por que estava ali,  
enterrei o fato por um momento, disposta a tirar o máximo  
proveito de tudo.

Naquela sala, ajoelhada no carpete entre dois  
homens espetaculares, que me deixavam doida de tanto  
tesão, eu os chupei e masturbei. Senti suas mãos no  
cabelo, nos seios, passando por minha pele. Abri os olhos  
e os fitei, saboreando o prazer em suas expressões,  
sentindo uma sensação de plenitude e ao mesmo tempo  
uma ponte de desespero. Por um momento a consciência  
de que um era um assassino cruel me bombardeou e tive  
ódio de mim mesma. Busquei em seus olhares a resposta,  
mas só encontrei luxúria e paixão.

Sem que eu pudesse evitar, senti os olhos arderem.

Lutei contra as lágrimas, mas embarguei e tive que tirar  
Davi da boca. Larguei-os, sentindo-me derrotada,  
arrasada, cansada. Muito cansada de pensar, buscar e  
lutar. Lutar para pegá-lo; lutar contra aquele desejo  
avassalador. E contra o que eu sentia.

- Daniela? – Davi acariciou meu cabelo.

- O que houve? – Gabriel segurou meu queixo e me  
fez olhá-lo. Encontrei seus olhos azuis tão ardentes e me  
indaguei como podiam mudar tanto. Antes eram glaciais,  
congelando-me. Agora bastava olhá-los para esquentar,  
praticamente me queimar. – Quer parar?

Eu não queria, esse era o problema. Eu queria  
continuar e fazer todas as sacanagens possíveis com eles.  
Mas não podia me envolver nem me entregar daquele  
jeito. Não queria ficar viciada e dependente, muito menos  
perder meu foco. Precisava manter os sentimentos longe.



Tinha que ser só sexo.

- Nunca fez isso. – Concluiu Davi, também preocupado. – Dani, se quiser ...

- Eu quero continuar. – Levantei, ignorando meus olhos que queimavam, sorrindo para eles sensualmente. – Sim, é novidade. Mas quero mais. Preciso de mais. Vamos para o quarto?

- Tem certeza? – Davi franziu o cenho. Gabriel me observava, atento.

- Sim. – Dei-lhes as costas e segui pelo corredor, nua, sabendo que tinha um belo corpo, usando-o para provocá-los. Andei rebolando devagar, jogando os cabelos longos para trás.

Sei que me seguiram. Ouvi seus passos. Entrei no quarto, mas não fui para a cama. Parei ao lado da porta, esperei que entrassem e a fechei. Então, de costas para eles, encostei meu rosto na porta, sentindo os cabelos espalhados por todo lado, minha respiração irregular, o desejo presente, mas a agonia ainda dentro de mim. Empinei-me, pernas afastadas, levando as mãos para trás e abrindo minha bunda, expondo toda minha parte íntima e depilada para eles. Sussurrei:

- Quem vai ser o primeiro?

- Eu. – Era a voz de Davi.

Ouvi uma gaveta batendo, barulho de embalagem de preservativo sendo rasgada. E então senti seu corpo forte e grande atrás de mim. Fechei os olhos e sua mão deslizou em minhas costas, meu cabelo, minha nuca. O pau grande esfregou a entrada molhada de minha vulva.

- Se judiarmos demais de você, avise. – Falou

baixinho.

- É isso que quero. – Murmurei de volta.

E então ele me penetrou de uma vez, firme e duro, seu pau brutalmente me arreganhando toda e indo bem fundo.

- Então toma.

Davi me comeu com vontade, em estocadas violentas. Gemi alto, me empinei mais, senti suas mãos me mantendo firme naquela posição para me devorar. E devorou. Foi delicioso, quente, lascívia nos dominando na hora, percorrendo nossas peles. Imaginei Gabriel ali, observando tudo, e sem querer fui dominada por pensamentos altamente pornográficos, por imagens pecadoras, antecipando tudo que ainda aconteceria naquela noite.

O tesão era tão violento que estremei, já sentindo minha vulva latejar, engolindo seu pau, pronta para novos orgasmos. Davi mordeu meu ombro, metendo firme. E fui me livrando daquele sentimento ruim de culpa, de desespero. O prazer era mais forte que tudo e ofeguei, espalmando minhas mãos na porta, deixando que fizesse tudo que queria comigo.

- Ah ... – Gemi baixinho, sentindo o pau se enterrar todo, sair e voltar de novo, como uma barra de ferro, mas quente e pulsante.

- É muito gostoso ... – Ele disse rouco, perto do meu ouvido, lambendo-o suavemente. – Sua bocetinha chupa meu pau para dentro, Daniela ...

Procurei não encostar em meu clitóris, não querendo gozar de novo tão rápido, estremeendo por

inteiro. Não sei se Davi notou, pois parou dentro de mim, suspirou e falou:

- O que você quer agora? – E saiu de dentro de mim, virando-me para ele. Fitei seus olhos negros, em chamadas.

- Ela quer a mim. – Disse Gabriel, vindo a meu lado, puxando-me pela mão.

- Você está muito possessivo. – Zombou Davi, enquanto Gabriel me abraçava pela cintura, seus olhos brilhando muito azuis, lindo de morrer. Escorregou a mão em meu seio, mordiscou de leve meu lábio inferior e desceu a boca por minha garganta, provocando-me arrepios na pele.

- Só um pouco ... – Confessou e, ali no meio do quarto, segurou-me sem a menor dificuldade sob as coxas e me tirou do chão. Prendi as pernas em volta de seus quadris sem poder tirar meus olhos dele enquanto seu pau coberto pelo preservativo já penetrava minha vulva, suas mãos em minha bunda me puxando de encontro a ele. Agarrei-me em seus cabelos e arfei, sentindo-o todo me preenchendo, tão grosso e longo, tão quente e gostoso. Ondulei, buscando-o, movendo meus quadris enquanto ele ajudava meus movimentos, descendo mais a boca para chupar um mamilo. Gemi e joguei a cabeça para trás, arrebatada, alucinada, sacudindo-me enquanto era deliciosamente fodida por ele.

- Quero também. – Davi veio por trás, puxando meu cabelo na nuca com firmeza, virando meu rosto para beijar minha boca.

Sensações inebriantes me bombardearam. Senti seu

peito em minhas costas e tive o desejo insano de ser penetrada pelos dois ao mesmo tempo. Achei que não aguentaria, ambos eram muito dotados, mas quis mesmo assim.

Picadas de prazer vinham de todos os lados. Da boca de Davi na minha, da boca de Gabriel sugando meu mamilo, de seu pau entrando tão duro e forte na minha vulva que pingava e palpitava. Do cheiro deles de macho, de excitação e virilidade. Da textura de suas peles, uma morena, outra dourada. De um peito nu nas minhas costas e outro cabeludo na minha frente. Era muita coisa para suportar, muito desejo para uma pessoa só sentir.

A mão de Davi escorregou em minha bunda. Cuspiu no dedo e rodeou meu ânus, massageando-o. A excitação redobrou e passei a arfar e gemer sem controle. Gabriel mordeu outro mamilo, suas pernas abertas e firmemente apoiadas no chão, sustentando meu peso, comendo minha vulva, enquanto Davi penetrava mais e mais o dedo por trás. Até que em um movimento de quadril eu tive seu dedo bem fundo e me comeram assim.

- Vou comer seu cuzinho ... – Murmurou Davi, perto de meus lábios, mordiscando-os.

- Depois de mim. – A voz de Gabriel saiu baixa e rascante, erguendo a cabeça, fitando-nos com luxúria.

- Vamos ver. – Davi riu, metendo mais o dedo.

- Quem você quer, Daniela? – Gabriel segurou meu queixo e me fez fitar seus olhos. Parou com o pau todo enterrado em mim, tirando meu ar, minha capacidade de raciocinar.

Fiquei suspensa, arrebatada, sensações inebriantes

percorrendo-me por inteira. E num fio de voz murmurei:

- Os dois ...

- Estamos aqui. – Davi puxou o dedo. – Precisa ser preparada. Já volto.

Quando afastou-se, Gabriel me levou para a cama e me deitou sobre ela, vindo em cima de mim, entre as minhas pernas, penetrando-me. E me beijou na boca, seu corpo pesando sobre o meu, seu pau bem alojado dentro de mim, sua língua contra a minha. Gemi em sua boca, golpeada por tanta luxúria. Ondulamos juntos, suados e arfantes, deliciados com a entrega de nossos corpos.

Davi voltou à cama, acariciando meu cabelo.

Gabriel saiu de dentro de mim e me virou de bruços, ordenando em meu ouvido:

- Fique de quatro. – Já erguendo meus quadris.

Davi se ajoelhou na cama e puxou minha cabeça para seu membro, bem na minha frente. Tinha tirado o preservativo e o meti na boca, chupando-o firme, fazendo-o gemer. Atrás de mim, Gabriel abriu o gel que Davi trouxera e untava meu ânus, preparando-o, deixando-o oleoso para penetrar um dedo. Ondulei voraz, ansiosa, almejando o que me aguardava.

- Hum ... Assim ... – Davi puxou meus cabelos e se enterrou até a garganta. Eu o chupei, querendo mais, desejando tudo que iam me dar.

Gabriel meteu dois dedos em meu ânus e um na vagina. Fiquei louca, rebolei, minha excitação ajudando em muito a preparação. Então tirou os dedos e me deu um tapa firme na bunda.

Parando de fazer sexo oral em Davi, olhei para trás.

Deu outro tapa firme e o fitei, como se fosse reclamar,  
mas gostando. Sorriu e deu outro.

- Continue chupando. – Ordenou rouco e segurou  
firmemente meus quadris. Mergulhou o pau bem fundo em  
minha vagina e arquejei, estremecendo. Davi segurou meu  
rosto e enfiou de novo o pau em minha boca, sem  
delicadeza, bruto e cheio de desejo. E eu os recebi juntos  
dentro de mim, um em minha boca, outro em minha vulva.  
Nunca tinha sido daquele jeito. Tornei-me  
esfomeada, querendo mais, suada e arquejando, mal  
podendo respirar. Gabriel bateu de novo em minha bunda,  
firme e forte, comendo-me com vontade. E então, sem que  
eu esperasse, tirou o pau da minha vulva e o mirou no  
ânus. Quando forçou, inconscientemente me contrái,  
sabendo o quanto era grande e grosso.

Mas não teve pena. Abriu minha bunda e forçou,  
penetrando-me. Gritei contra o membro de Davi, que  
acariciou meu rosto, murmurando:

- Fique quietinha. Vai acabar gostando.

Mas ardeu, queimou, abriu-me no seu máximo.

Choraminguei, mas Gabriel meteu fundo e entrou todo,  
parando um momento, latejando dentro de mim. Davi  
segurou firme meu cabelo e penetrou minha boca toda  
babada, até minha garganta. Fiquei tão cheia, que pensei  
que não suportaria a pressão. Mas então Gabriel se moveu  
devagar, indo com o pau quase todo para fora, entrando de  
novo. E como uma dança cadenciada, penetraram-me ao  
mesmo tempo, deslizando, enchendo, fodendo.

As sensações eram fora de série, completamente  
extasiantes. Meu corpo esticava, estalava, ondulava.

Sentia perfeitamente as duas carnes rijas, o gosto de um e a textura do outro, excitada ao meu extremo. Mas nada tinha me preparado para o que aconteceu a seguir.

Gabriel fodeu muito meu ânus e então saiu. Davi também me deixou, já colocando um preservativo e vindo atrás de mim. Seu pau penetrou meu ânus e ele entrou com tudo, grosso e fundo, gemendo rouco. Empinei-me, levei um tapa forte e estalado, gritei. Ele sentou na cama e me deixou sentada de costas sobre ele, entalado fundo em meu ânus, comendo-me com força.

- Ai, que cuzinho apertado ... – Gemeu rouco.

Totalmente fora de mim, alucinada de tanto desejo, apoiei os joelhos na cama e descii sobre ele, engolindo-o todo. Vi Gabriel arrancar o preservativo e vir em pé na cama a minha frente, sua beleza estonteante deixando-me tonta, suas mãos já em meu cabelo, puxando a cabeça para seu pau. Meti-o na boca até o fundo da garganta, contendo a respiração, saindo só para engoli-lo de novo.

Foi delicioso. Segurei suas coxas musculosas, aspirei seu cheiro gostoso de macho, lambi-o todo, chupando-o com voracidade. Ao mesmo tempo sentia o pau de Davi todo enterrado em meu ânus, entrando e saindo, voluptuoso, devorador.

- Puta merda ... – Gabriel puxou o pau para fora, antes que gozasse. Respirou fundo e foi colocar um preservativo. Eu o olhava, mexendo-me no colo de Davi, adorando ser comida daquele jeito. – Vem em cima de mim.

Gabriel deitou-se na cama.

- Vai. – Davi incentivou.

E fui. Saí do seu colo e montei em Gabriel com as pernas abertas para os lados. Na mesma hora ele me fez descer, penetrando firme e grosso a minha vulva escaldante.

Gemi, maravilhada, fitando seus olhos azuis autoritários e semicerrados, enquanto me puxava para ele, fazendo-me ajoelhar ao lado de seus quadris, beijando minha boca. Abraçou-me e o agarrei, minhas mãos em seu cabelos, seu pau bem fundo dentro de mim, nossas línguas se devorando.

Senti Davi vir por trás, abrindo minha bunda. Fui dominada pelo medo, pela perversão, pela luxúria extasiante, ansiando por algo que só tinha imaginado e nunca vivenciado. Fui imobilizada por ambos. Gabriel continuou a me beijar e me perdi naquele beijo delicioso, parada enquanto Davi apontava o pau em meu ânus e forçava.

Gritei contra os lábios de Gabriel, lágrimas de uma dor torturante e um desejo avassalador me dominando, prostrando-me de tal maneira que me senti escravizada. Ele me segurou firme pela nuca, fitou meus olhos, disse contra minha boca:

- Fique quietinha, não se contraia.

Mas era impossível. Davi penetrou meu ânus até o fim e Gabriel, dentro de minha vulva, já me enchia por inteiro. Pensei que não suportaria aquela pressão, apenas uma pele fina dentro de mim dividindo-os, ambos grandes e grossos.

- Não, não, por favor ... – Comecei a suplicar.

Mas então passaram a me comer devagar, juntos.



Davi gemeu e puxou meu cabelo para trás, mordendo meu ombro. Gabriel fitou-me fixamente, abrindo mais minha bunda, a outra mão em meu seio.

Fiquei ali, no meio de ambos, penetrada até ser dominada por uma lascívia tão extraordinária e incontrolável que gritei e me movi, ao mesmo tempo desesperada por um alívio e querendo mais. Lágrimas pularam dos meus olhos. Arquejei fora de mim e senti os dois membros entrando e saindo em uma dança alucinante, feroz, dolorida.

Não demorou muito, pois não resisti àquela pressão descomunal e, chorando, gritando, dizendo palavras desconexas, fui atingida por um orgasmo fulminante, totalmente avassalador, rodando e girando, explodindo, gozando como nunca gozei na vida. Tornaram-se mais brutos, dedos em minha carne, língua em meu mamilo, mão puxando meu cabelo. E os paus fundos, violentos, abrindo-me mais do que eu podia suportar, mas suportava.

O gozo não acabava. Ondas e ondas vinham sobre mim, mais e mais longas, estalando, ondulando. Pensei que ia morrer de tanto prazer. Implorei por misericórdia e recebi mais estocadas firmes, mordidas no ombro, dentes no mamilo. E me acabei, até não restar mais nada e me sentir realmente morta, desabando sobre Gabriel.

Ele gozou, gemendo rouco, apertando-me firme. E logo veio Davi. Senti com perfeição o pau de cada um inchar mais, palpitar, esquentar. E me apertaram firme, me usaram, meteram até se esvaírem em meu interior.

- Caralho ... – Murmurou Davi, beijando minha nuca suada, deslizando o pau para fora com cuidado, rolando

para um lado da cama imensa.

Gemi baixinho. Gabriel deitou-me entre eles com delicadeza, saindo também do meu interior. Eu me senti vazia, acabada, dormente. Meus membros estavam pesados, assim como meus olhos. Foi a coisa mais maravilhosa e prazerosa que já senti na vida.

- Que delícia ... – Gabriel beijou minha face, afastando as lágrimas do meu rosto. – Tudo bem?

Não tive ânimo de falar nem abrir os olhos. Só balancei de leve a cabeça, meus cabelos em seu ombro, minha mão em seu peito. Atrás de mim, Davi me abraçou pela cintura e enfiou o rosto em minha nuca. Ficamos assim e acabei caindo em um sono profundo.

GABRIEL

Acordei gelado de madrugada, o ar condicionado ligado ao máximo. Mas em meu lado direito algo me esquentava. Era macio e cheiroso. Aspirei fundo e abri os olhos. Fitei os cabelos escuros de Daniela.

Tudo o que tinha acontecido naquela noite voltou com força total e fui bombardeado pelo tesão. Passei meus olhos por Davi adormecido na outra ponta e por Daniela deitada de barriga para cima entre nós, linda e suave. Meu coração disparou e senti coisas que não sentia há muito tempo. O tesão veio voraz, sem controle.

Virei para ela, o pau já completamente ereto.

Apoiei-me em um cotovelo e deslizei a mão pelo seio empinado, perfeito. O mamilo estava durinho, pontudo.

Fui baixando a mão por sua barriga e comecei a chupar lentamente aquela pontinha intumescida. O desejo foi ainda maior quando encontrei a bocetinha depilada ainda

úmida. Gemi baixo e penetrei meu dedo do meio ali.

Ela se mexeu e gemeu em seu sono. Fiquei tão descontrolado, que quase gozei. Soltei-a e peguei um preservativo na mesinha ao lado. Quando estava pronto, abri suas coxas e me deitei sobre elas. Fitei a vulva rosada e macia, com lábios pequenos e delicados. Sem poder me conter, abri um pouquinho e passei a sugar seu clitóris.

Daniela se mexeu agoniada, virando a cabeça de um lado para outro, agitada. Abri a boca e chupei bem firme, até que ondudou, as pernas tremeram, os olhos se arregalaram. Parecia perdida, buscando a fonte de tudo aquilo, até que me viu. Gemeu rouca, entreabriu os lábios, mordeu-os. E sem aguentar mais eu subi nela, deitei em seu corpo macio, meti deliciosamente meu pau latejante em sua boceta doce e molhada, quente como uma fornalha, beijando seus lábios, seu rosto, seu pescoço.

Daniela gemeu descontrolada, puxando-me mais para fundo, ansiando também.. Nossos corpos se completaram, ondularam na cama, se buscaram com loucura. Eu me enterrava mais e mais nela, apenas um Davi adormecido e a madrugada silenciosa como testemunha.

- Ah, Gabriel ... – Ela gemeu, trêmula, a ponto de gozar. Eu estava do mesmo jeito. Uma energia estalava entre nós, diferente, envolvente, escaldante.

- Daniela ... – Gemi também, sabendo que não poderia me controlar mais. E quando a senti apertar meu pau e gozar, me entreguei e gozei também, fundo e forte, rouco, buscando sua boca.

Ela me beijou com voracidade, tão descontrolada quanto eu, suas mãos em meu cabelo, sua língua contra a minha, nossos corpos ondulando entre os lençóis, até que entregamos tudo que tínhamos e ficamos apenas nos acariciando e beijando, ainda colados.

Afastei a cabeça e fitei seus olhos esverdeados.

Uma emoção indescritível me golpeou e mais uma vez tive certeza de que aquela mulher seria importante para mim.

Senti um misto de medo e desejo. Mas tentei me controlar, deixar tudo aquilo só para mim.

Saí de dentro dela, caí na cama e Daniela se debruçou em meu peito, buscando meu olhar, como se também sentisse algo a mais pairando entre nós. O que seria? Eu não sabia e nem queria saber por enquanto, ainda muito abalado para pensar com clareza.

- Preciso ir embora. – Falei baixo.

- Fique. – Pediu, acariciando meu rosto com barba espetando.

- Não posso. – Beijei sua mão e me sentei na cama.

Ela se ajoelhou atrás de mim, roçando os bicos intumescidos dos seus seios em minhas costas, sua mão em meu peito. Fechei os olhos quando mordeu meu pescoço e, por um momento, aproveitei aquilo, jogando a cabeça para trás.

Suas mãos deslizaram em meu peito. Eu a senti arfar, querendo mais. E como se não a tivesse penetrado ainda há pouco, desejei-a com a mesma fome. Mas algo me perturbava.

Uma emoção indescritível me rondava. Não queria sentir aquela fome com ela. Era difícil controlar, me

deixava nervoso. Precisava me afastar, pôr meus pensamentos no lugar, Lutar.

- Gabriel ... – Murmurou e, num ímpeto, afastei seus braços e me levantei. – O que foi?

Encarei seus olhos e a vi confusa, corada, evidentemente excitada.

- Preciso mesmo ir. – Cerrei o maxilar, tenso. –

Depois nos falamos.

Ela ficou quieta, sem entender. Mas como explicar?

Respirei fundo e saí do quarto, indo para a sala pegar minhas roupas.

DAVI

Eu acordei quando eles transavam baixinho ao meu lado. Mas continuei fingindo que dormia, pois senti que aquele era um momento só deles. Mas não pude evitar o desejo que me envolveu como um manto. Seus gemidos e movimentos, o cheiro de sexo, deixaram-me em ponto de bala. Pensei em esperar que acabassem e ter minha vez com Daniela, já que meu pau chegava a doer de tão duro. No entanto, falaram pouco e logo Gabriel se foi.

Senti o clima estranho no ar e por fim me virei, vendo Daniela sentada na cama, fitando a porta fechada por onde meu amigo acabara de sair. Tive vontade de explicar que ele era complicado, mas sabia que de nada adiantaria.

Assim, acariciei suas costas nuas.

Ela se virou de imediato, buscando-me com os olhos. Sorri, meu olhar percorrendo seus seios nus e lindos, sua pele macia, o corpo que me enchia de tesão.

- Será que ainda tem um pouco desse fogo para mim?

Seus olhos se acenderam. Mordeu os lábios, excitada, afastando o lençol que me cobria e se enfiando embaixo dele. Estiquei a mão e peguei um preservativo,, colocando-o. O lençol cobria apenas nossos quadris quando Daniela montou sobre mim, fitando-me com desejo, segurando meu pau. Eu a penetrei e ela arfou, movendo-se, engolindo-me inteiro.

- É gostoso? – Indaguei, cheio de lascívia.

- Muito gostoso. – Disse rouca.

Minhas mãos foram em seus seios e sorri, safado.

- Que bocetinha gulosa. Vai aguentar dar conta de dois homens famintos?

- E a minha fome? – Deitou-se sobre mim, movendo os quadris, rebolando.

- Vamos devorar você, Daniela. – Avisei, pois era verdade.

- Sim ...

- Então toma. – E a girei sobre a cama, montando nela, comendo-a com tudo.

Capítulo 7: Novos sentimentos.

DANIELA

Trabalhar terça-feira com Davi e Gabriel, depois de tudo que tínhamos feito naquela noite, foi difícil. Cada olhar, cada palavra, cada toque tinha uma carga enorme de desejo. Mas ficou só nisso, pois como um acordo tácito e silencioso, nos controlamos no ambiente de trabalho.

Tentei ser eficiente como nos outros dias, mas minha mente a todo momento era bombardeada pelas imagens e sensações de ter estado na cama com ambos. E eu lutava contra, tentava me reequilibrar, evitar aquele

desejo tão voraz. Mas era só pôr os olhos neles e tudo voltava como um rojão.

No final do dia, me sentia exausta emocionalmente.

E foi só dar cinco da tarde para eu fugir de lá como o diabo foge da cruz, antes que caísse em tentação de novo e me entregasse sem controle.

Já em casa, depois de tomar um banho e comer alguma coisa, sentei no sofá da sala e comecei a planejar como agir. Observei minhas anotações e o material que tinha acumulado sobre eles e estavam espalhados sobre a mesa, depois que tirei de dentro da caixa onde os guardava.

Naqueles anos fiz investigações e paguei detetives particulares. Nunca descobri nada demais nem tive como continuar contratando aqueles serviços, então eu mesma fiz boa parte de tudo. E agora usaria cada um deles. Tentei planejar melhor cada coisa.

Li algumas anotações. Lugares que costumavam frequentar, amigos, academias, restaurantes, placas e tipos de carros. Eu tiraria algumas noites da semana, em que não estivesse com eles, para segui-los nesses lugares, como tinha feito em Valença. Outra coisa era instalar câmeras em seus apartamentos e ter a oportunidade de ficar lá sozinha, para futucar tudo, procurar qualquer coisa que servisse como pista. E observar. Sabendo que um deles era assassino, eu poderia notar coisas que passavam despercebidas por outras pessoas.

Eu também tinha as gravações que fiz de minhas primeiras transas com eles, através da câmera em minha bolsa. Mas nem as tinha olhado ainda, pois não tinha

nenhuma pista ali por enquanto.

O meu maior problema era o desejo. Ele poderia ser meu inimigo nessa hora, atrapalhando aquele tipo de observação. Mas tinha outros trunfos. E começaria a usá-los. Mas primeiro precisava de acesso a suas casas, pois no escritório já conseguia controlá-los melhor.

Recostei-me no sofá, pensativa. Ficava difícil saber como o assassino agia. Enquanto viviam em Valença, mulheres desapareceram por lá, como a filha de Margarida, entre os dezesseis e dezoito anos deles. Não tinha tido uma quantidade certa de tempo entre os desaparecimentos e nem eu sabia se todos tinham sido causados pelo assassino. Mas para mim ficou claro que ele já agia naquela época e nunca deixou um corpo para trás. As pessoas simplesmente sumiam.

Quando vieram para o Rio ficou mais difícil controlar. Cidade grande, muita gente sumia. Vi os registros policiais e com certeza algumas daquelas mulheres eram vítimas dele, mas quais, entre um número extenso? Não tinha como saber. A única encontrada foi Monalisa e eu pensava comigo mesma que devia ter sido morta em um momento de raiva e descontrole. Não deu tempo dele planejar nem se livrar do corpo, já que foi encontrada na Praia de Grumari em dia de temporal. E pelo que entendi quando me ligou, ele ficou furioso depois de saber que ela ia deixá-lo para ficar com o outro. Eu podia até imaginar a cena. Ambos naquela praia, talvez conversando dentro de um carro, pois chovia muito. Monalisa terminando tudo, expondo os fatos com aquele seu jeito doce de falar. Nunca tinha gostado de magoar



ninguém. E então o ódio, o ataque. Em algum momento fugiu e foi perseguida. Ligou para mim e foi encontrada. E então estrangulada.

Fechei os olhos e imaginei de novo a cena, com Gabriel no lugar do assassino. Seus olhos glaciais, inconformados, ficando quentes pelo ódio. Eu já o tinha visto daquele jeito, com os olhos ardendo. Só que de prazer. Mas entendia que apesar da aparência nórdica e até fria, ele podia mudar de uma hora para outra. Até que ponto perderia o controle?

E então pensei em Davi. Sempre com aquele jeito sensual, meio debochado, de bem com a vida. Eu nunca o tinha visto furioso. Como seria? Usaria aquela aparência e maneira extrovertida para esconder uma mente perversa e doentia?

Eu não conseguia ver nenhum dos dois naquele papel, mas a realidade é que ele existia e matava, era real. Precisava me imiscuir na vida deles, seduzi-los e, quando estivessem bem ligados em mim, provocá-los. Fazer ciúmes, fingir que preferia mais um do que o outro, ser a isca para despertar aquele lado agressivo e ciumento, cheio de ódio. Era um risco, mas uma de minhas únicas opções, além da investigação paralela.

Para tudo isso, não podia fugir deles. Pelo contrário, o desejo não podia me assustar nem me afastar. Devia passar por cima daquele medo de me envolver além da conta, pois só atrapalharia meus planos. Teria que torná-los viciados em mim e o sexo era o caminho mais fácil. E depois escolher quem eu provocaria primeiro. Era uma situação difícil e complicada, mas se eu

fosse em frente, notaria alguma coisa. Ninguém conseguiu fingir o tempo todo. Com certeza o assassino dava dicas, as pessoas só não percebiam, pois não tinham maldades. Eu tinha. E eu estaria perto para notar.

No dia seguinte, fui trabalhar preparada. Calcinha fio dental e meia rendada, saia justa, sapato bem alto, uma blusa de seda que era ligeiramente transparente, deixando entrever a renda da sutiã. Um cordão de falsas pérolas comprido, que usei dando três voltas no pescoço. Maquiagem perfeita, lábios em um vermelho escuro. Cabelos presos.

À primeira vista, parecia comportada, uma verdadeira secretária. Mas sendo melhor observada, e eles faziam isso, notariam os detalhes sedutores.

Perfumada, com saltos altíssimos que deixavam minhas pernas mais longas, eu cheguei ao escritório. Dentro da bolsa, algumas armas que eu usaria naquele dia.

Já tinha começado a trabalhar quando Gabriel chegou primeiro, lindo e elegante num terno escuro, a camisa branca de dentro impecável, a gravata de seda cor de vinho. Estava barbeado, bem penteado, todo arrumadinho. Teria diversas reuniões fora do escritório naquele dia e, como Davi não tinha saco de ficar sentado muito tempo discutindo negócios, aquela parte do serviço sobrava para ele.

- Bom dia, Daniela. – Sua voz era baixa, em um timbre que fez meus nervos saltarem, meu sangue correr rápido e quente nas veias.

- Bom dia, senhor Campanari. – Chamei-o formalmente de propósito, mesmo sabendo que uma parte

enorme daquele gelo e da reserva inicial tinha sido quebrada.

Gabriel parou perto da minha mesa. Seus olhos azuis tornando-se tempestuosos, numa tonalidade quase cinza. Fiquei um momento encantada, vendo aquela mudança. E me dando conta de quanto era bonito, perfeito, o tipo príncipe encantado com que toda garota sonha.

Meu corpo reagiu a sua presença máscula, às energias pulsantes e intensas que vinham dele. O desejo percorreu-me por dentro como uma droga, intoxicante, paralisante. Não consegui fazer mais nada além de olhar fixamente para ele.

Gabriel sentiu também. Semicerrou os olhos, apertou o maxilar anguloso. Num rompante difícil de ver nele, com seu jeito mais frio, deu um passo para frente, apoiou a mão na mesa e me encarou fixamente, ardente, duro. Pensei que me puxaria da cadeira e me beijaria, me faria sua ali mesmo na mesa da recepção de seu escritório. Mas não me tocou. Embora seu olhar fizesse bem esse trabalho. Disse baixo, rascante:

- Espero você em minha sala, senhorita Prado.

Tenho um trabalho urgente para você.

- Sim, senhor. – Murmurei, mais abalada do que deveria ficar, a respiração suspensa na garganta.

Gabriel se ajeitou. Com um último olhar, deu-me as costas e entrou em seu escritório.

Eu respirei fundo, nervosa. Tentei me acalmar, assumir meu papel de sedutora. Mesmo sendo difícil, era o que devia fazer. Ergui-me, alisando a saia. Fitei o relógio de pulso e ainda faltava mais de trinta minutos

para começar o expediente. Eu chegava sempre antes e Gabriel também.

Tentando não ligar para meu coração disparado e as pernas moles, entrei no escritório dele. Gabriel avisou logo:

- Tranque a porta.

Eu a bati e tranquei. Estava com as palmas das mãos suadas. Contive o ar, entrei devagar. Gabriel estava sentado na poltrona em frente, pernas cruzadas displicentemente, mãos apoiadas nos braços da mesma, olhos fixos em mim. Não eram frios nem indiferentes. Ardiam, queimavam, quebrando a rigidez e a elegância do resto de seu corpo.

Parei à sua frente, sem tirar meu olhar do dele. Em tom suave, levemente trêmulo, indaguei:

- O que posso fazer pelo senhor?

- Abra a sua blusa. – A voz foi bem baixa.

Continuou do mesmo jeito.

Uma corrente elétrica percorreu minha pele. Fitei seus traços másculos, o contorno arrogante do maxilar, a firmeza do queixo, os lábios carnudos. Seu nariz era fino e reto, uma herança de antigos vikings e nórdicos, assim como os olhos claros e os cabelos em tons dourados, mais claros pela luz do dia que incidia sobre ele. As sobrancelhas grossas, a pele bronzeada e o corpo longo, com ombros largos e músculos bem definidos, completavam sua beleza perfeita.

Mexia comigo. Muito. Por dentro eu me revolvia, tremia, ansiava. Por fora, tentava manter ao menos uma calma aparente. Mas meus dedos tremiam quando levei as

mãos aos botões da blusa e comecei a desfazê-los,  
hipnotizada por seu olhar.

Até a seda da roupa me excitava, em contato com  
minha pele ardente. Prendi o ar e abri toda a blusa, até  
ouvi-lo dizer rouco:

- Tire.

Obedeci, largando-a sobre um aparador ao meu  
lado.

- Agora a saia.

Engoli em seco e desci o zíper. Tirei, deixando-a  
junto com a blusa, ficando apenas com o sutiã, a calcinha  
e a meia calça preta rendada nas coxas. Os olhos de  
Gabriel percorreram meu corpo, lentos, uma carícia que  
fez arrepios descerem por onde olhava. Quando voltou e  
fixou meus olhos de novo, falou bem baixo:

- O sutiã.

Levei as mãos às costas. Abri o fecho. Tirei a peça  
rendada pelos braços, expondo meus seios. Vi que parte  
de seu controle se foi. Os olhos queimavam, o maxilar  
estava rígido.

- Vem aqui, senhorita Prado.

E eu fui. Meus saltos fazendo toc-toc na madeira

corrida

do

chão.

Meu

coração

dando

pulos

descontrolados. Parei bem na sua frente, excitada ao

extremo, minha vulva já latejando.

- Vire-se.

Tensa, contendo ao máximo a luxúria que já me dominava, obedeci. E então senti seus dedos longos em meus quadris, puxando-me suavemente para mais perto dele. Deslizaram por minha pele, da cintura até a barriga, bem devagar.

- Tão macia ... – Murmurou. Então segurou minhas mãos e levou-as até meus joelhos, fazendo-me inclinar um pouco para frente. – Fique assim.

Eu não tinha nem como responder, a garganta parecendo travada, todo meu corpo já abalado pelo desejo. E então Gabriel segurou as laterais da calcinha e a desceu devagar, expondo minha bunda para ele. Sem nenhuma pressa começou a me lamber.

Tremores violentos bambearam minhas pernas. O prazer veio imediato, quente e gostoso, ao sentir a língua firme em meu ânus, sem nenhuma vacilação. Abriu mais minha bunda e me lambeu bem ali, lento e firme. Apertei meus joelhos, ondulei um pouco, mordi os lábios. Era uma tortura deliciosa e minha vulva latejou, pulsou, se encharcou toda.

Gabriel sabia bem o que fazia. Forçava a língua, rodeava o pequeno orifício, lambia, uma coisa de cada vez, até que estava toda melada e trêmula, arfando baixinho de olhos fechados, completamente excitada.

Somente então desceu mais a boca, ao mesmo tempo que escorregava a calcinha mais para baixo pelas minhas pernas. Quando passou a língua entre os lábios vaginais sensíveis e cremosos, lambendo meu mel grosso, eu gemi

alto e estremecei, jogando a cabeça para trás. Meteu a língua em mim e me chupou duramente, firme.

- Ai, meu Deus ... Ai, Gabriel ... – Supliquei e nem sabia para que. Só que estava dominada por um tesão absurdo, violento, quente e voraz. Meu corpo fervia, pulsava, se quebrava entregue àquela boca.

Quanto mais sugava e lambia, mais eu soltava líquidos de prazer, escorrendo pela virilha depilada, latejando minha vulva já fervendo. Então um dedo a penetrou até o fundo e girou dentro de mim. Quase fraquejei, mantive as pernas firmes no último segundo, choraminguei. E para meu completo desespero, puxou o dedo fora e tirou a boca, deixando-me vazia, com a sensação de abandono.

Virou meu corpo de frente para ele e senti o baque de seu olhar cheio de lascívia, sua expressão pesada, dura. Baixou a calcinha toda, até largá-la aos meus pés. Livrei-me logo dela, ansiosa. Já segurava meus quadris e dizia rouco:

- Suba aqui, fique em pé na poltrona e esfregue essa bocetinha na minha boca.

Fui invadida por sua voz pecaminosa, seca, autoritária. Sem parar para sequer pensar, obedeci.

Apoiei um pé de cada lado do seu quadril e fiquei em pé na poltrona. Segurei no encosto perto de Sua cabeça e meu quadril ficou na altura do seu rosto. Movi minha pelvis para frente, passando a vulva toda molhada e latejante em seus lábios e queixo.

- Ah ... – Estremecei, sem controle.

Gabriel não me tocou. Apenas sua boca se moveu,

fechando-se sobre o botãozinho inchado do clitóris e sugando-o com força. Gritei rouca, enfiei as unhas no encosto, movi minha vagina de encontro a ele, alucinada, tremores violentos me percorrendo. E me chupou duro, forte, até me deixar a ponto de gozar.

A cada vez que eu me contraía para começar, ele parava e descia a língua entre os lábios melados, enfiando-a em mim, lambendo devagar. Eu respirava pesadamente, suplicava baixinho, pedia mais. Então voltava ao clitóris pulsante e o prendia de novo, sugando, lambendo. Ficava louca, fora de mim, agoniada, precisando desesperadamente de um alívio. A pressão dentro de mim crescia, se expandia, parecia a ponto de explodir. Mas Gabriel não deixava. Apenas me torturava. Minhas pernas pareciam gelatina. Meus olhos encheram-se de lágrimas grossas, provocadas pelas sensações violentas e intensas, eu me sentia uma mola esticando, esticando, mais do que podia suportar. E então, quando pensei que enlouqueceria pelo prazer descomunal e crescente, Gabriel parou. Ajudou-me a descer do sofá e me deixou de pé em frente, fitando-o sem ar, sem voz, corada, arfante.

Abriu e desceu sua calça, sem tirar os olhos penetrantes e escurecidos pelo tesão de mim. Lambeu os lábios, tirando um preservativo do bolso, baixando a cueca e colocando sobre seu pau lindo e grande. Só então segurou minha mão e me puxou.

- Vem aqui.

E fui. Ajoelhei ao lado de seus quadris na poltrona, enquanto Gabriel segurava o membro e me fazia descer



sobre ele. Quando a cabeça redonda e grossa passou dos lábios vaginais e entrou em mim, senti todo seu comprimento em cada terminal nervoso da minha vulva latejante, entrando apertado e gostoso. Movi os quadris ansiosa, tomando-o todo, sentindo as lágrimas descendo por meus olhos pela pressão absurda e os sentimentos concentrados, descontrolados pelo tesão sem limites.

Gabriel entrou fundo, fitando meus olhos, seus dedos enxugando minhas lágrimas. Em meio ao sexo puro e rico, havia algo sensível e doce, algo que me fez estremecer mais e ficar suspensa, temerosa, bombardeada por sensações desconcertantes.

Suas mãos me seguraram firme, nas costas e nuca, seus olhos nos meus, buscando algo que não soube o que era, mas quis que encontrasse. Olhei-o agoniada, parada com seu membro todo dentro de mim, esperando. Não sabia o que, mas era algo importante. E então Gabriel beijou meus lábios e me puxou mais para si, moveu-se em meu interior, enfiou a língua em minha boca. O beijo veio como um rojão, completando as sensações já expandidas.

Gemi e retribuí, agarrando-o, movendo-me com ele, recebendo sua língua e seu pau.

Foi devorador, quente, louco. Tornamo-nos ansiosos, apressados, esfomeados. A penetração era profunda, rápida, voluptuosa. O beijo parecia nos consumir. Agarrei seus cabelos, entreguei-me por inteiro, tirei dele tudo que precisava, em um quase desespero.

Minha vagina o sugava e apertava, o queria cada vez mais enterrado, meu corpo todo participava, as emoções se concentravam e pressionavam. Sentia suas mãos me

apertando e puxando, como se fosse me fundir a ele. E me vi desejando aquilo.

Quebrei em um orgasmo voraz, feroz. Gritei em sua boca e recebi um grunhido rouco quando gozou junto comigo, ambos agarrados, movendo nossos quadris, buscando mais. Muito mais. Foi avassalador, uma loucura maravilhosa de sensações embriagantes, torturantes, libertadoras.

Quando acabou, caí sobre ele, acabada, tonta.

Assustada. Fiquei quieta, ainda guardando-o dentro de mim em espasmos atrasados, sentindo um medo descomunal em meu interior, sem coragem de me mover e encará-lo.

Não podia ser. Aquilo não podia estar acontecendo.

Meu coração batia forte, acelerado. Senti-me ficar gelada.

Por que o que corria dentro de mim, o que senti em seus braços não foi apenas uma foda prazerosa. Estava abalada de verdade, pois sentimentos desconhecidos tinham entrado ali no meio de nós, se infiltrado em mim, mexido com algo profundo e quieto.

Meus dedos ainda estavam em seus cabelos, meus olhos fechados, enquanto buscava uma desculpa, uma explicação. Eu estaria perdida se gostasse dele ou de Davi. Tinha que ser só fingimento e sexo. Só vingança. O medo era tão voraz que tive vontade de chorar, de puro desespero. Pelo que eu sabia, Gabriel podia ser o homem que esganou minha irmã.

- O que foi? – Gabriel percorreu as mãos em minhas costas, sentindo meus tremores. Sua voz era rouca, as mãos carinhosas. Isso só piorou a situação e mexeu

mais comigo. Beijou suavemente meu ombro e gemeu quando seu pau moveu-se ainda ereto em meu interior. – Poderia ficar assim o dia inteiro.

E eu também. Mas respirei fundo, cerrei os dentes, briguei comigo mesma, odiando-me. Afastei-me rápida, erguendo-me sem olhá-lo, dizendo apressada:

- Preciso ir ao banheiro. – E fugi, antes que notasse algo, antes que eu me desesperasse ainda mais.

Fechei a porta de seu banheiro particular e me encostei nela, arquejando, tensa, quase aos prantos. Não podia deixar aquilo acontecer, me envolver com Gabriel ou com Davi. Estava em pânico, apavorada.

Corri para a pia, deixando a água fria correr em meus pulsos, tentando ser racional. Não havia motivo para tudo aquilo. Gabriel era experiente, lindo, gostoso. Tinha me deixado muito excitada. Eu não era máquina. Era normal ficar abalada, mexida. Agora só era preciso colocar a cabeça no lugar, me recuperar, continuar no meu caminho.

Me lavei e recuperei. Quando estava calma, pronta, saí de lá ainda nua. Gabriel fitava a cidade lá embaixo através da parede envidraçada, já arrumado. Virou assim que me ouviu, seus olhos azuis atentos e penetrantes. A voz enrouquecida:

- Tudo bem?

- Claro. – Sorri, indo até minhas roupas, começando a me vestir. Mas ficar no mesmo ambiente que ele, vê-lo, fez o nervosismo retornar. Sentia seu olhar, mas manteve-se no mesmo lugar, apenas me observando. Isso me deixou mais tensa.

Quando fiquei pronta, encarei-o. Forcei um sorriso.

- Foi muito bom, senhor Campanari.

- Gabriel. – Corrigiu-me, sério, suas mãos enfiadas nos bolsos das calças. A claridade atrás dele ocultava um pouco seu rosto nas sombras. – Sim, foi muito bom, Daniela.

- Vou ... Voltar ao trabalho.

Não respondeu. Contive o ar, nervosa, o coração parecendo a ponto de sair pela boca. Acenei com a cabeça e fui até a porta, destrancando-a. Saí, sem ouvir mais nada dele.

Joguei-me

em

minha

cadeira,

tremendo

descontroladamente. E decidi que Gabriel não me dobraria. Nem Davi. Eu transaria com eles até ser só sexo, até sentir que estavam na minha mão e não o contrário. Ergui o queixo e ignorei o resto. Só o que valia era a minha vingança.

Davi chegou usando óculos escuros, uma blusa branca colada em seus músculos, jeans justo e os cabelos despenteados, quase às oito e meia. Parou ao lado da minha mesa, erguendo os óculos para o alto dos cabelos e me fitando de maneira intensa. Sorriu lentamente.

- Qualquer dia começa melhor depois de uma visão dessas. Bom dia, Dani.

- Bom dia, Davi. – Forcei um sorriso, nocauteada por sua beleza exótica e agressiva, máscula. Depois do

que tinha sentido com Gabriel, estava preparada, tensa.

- Sei que estou atrasado. Gabriel vai reclamar, aquele rabugento. Vou me esconder em minha sala e se ele perguntar, diz que estou lá desde às oito, ta?

Achei engraçado e acabei dando uma risada.

- Pensei que fossem sócios.

- O cara é certinho demais. Se deixar, vai aparecer aqui qualquer dia com um chicote, como um feitor de escravos! – Riu também.

- Não se preocupe, acabou de sair para uma reunião. Está salvo por hoje.

- Uh! Que alívio! – Piscou para mim. - Então posso trabalhar em paz. Novidades para hoje?

- Uma pilha de contratos em sua mesa. E vou levar mais alguns.

- Outra feitora de escravos! Estou ferrado!

Ri e balancei a cabeça, enquanto seguia para seu escritório. Fiquei mais relaxada, um pouco mais livre da agonia que me perturbava.

Vinte minutos depois, bati em sua sala e entrei com os contratos para assinar. Davi estava concentrado no trabalho em sua mesa. Aproximei-me, deixei os papéis ali, pronta para sair sem incomodá-lo. Mas me surpreendeu ao segurar meu pulso.

Encontrei seus olhos negros, ardentes. Vi claramente o desejo ali, que também veio quente em minha pele. Pensei em resistir, com medo de me envolver, de perder mais uma vez meu foco.

- Estamos em horário de expediente, Davi.

- E o que tem demais? Ser patrão deve servir para

alguma coisa. – Disse rouco, seu olhar percorrendo meu corpo. – Está ainda mais linda hoje.

Mordi os lábios, sendo dominada pela paixão. Era para fingir e seduzir. Mas eu gostava de verdade, me entregava ao prazer sem limites.

- Alguém pode entrar.

- Vão bater. Não se preocupe. – Ergueu-se de sua cadeira, vindo para perto de mim, tão grande e forte, tomando toda minha visão, ainda segurando meu pulso.

- O que quer de mim? – Provoquei, rouca.

- Tudo.

E me puxou para ele, sentando-me na beira da mesa e ficando de pé entre minhas pernas, seus dedos indo nas laterais do meu pescoço. Percorreu o olhar por meu rosto e cabelo preso, dizendo baixo:

- Não posso ver você assim que tenho vontade de soltar esse cabelo.

E me beijou na boca. Senti o tesão, o desejo quente e denso, a voracidade que vinha dele e que me consumiu com a mesma intensidade. Fiquei abalada com aquilo, pensando se era diferente do que senti com Gabriel, maior ou menor. Mas não pude chegar a nenhuma conclusão, pois ambos mexiam comigo profundamente.

E era difícil pensar com um homem daqueles me beijando tão gostoso, suas mãos grandes subindo da cintura para meus seios, acariciando-os através da blusa.

Gemeu rouco, tomando-me com volúpia, sua língua deixando-me tonta, seu toque me acendendo.

Enfie os dedos em seu cabelo ondulado e sedoso, retribuindo com paixão, ansiando por mais. Davi abriu os

botões da minha blusa, desceu o sutiã e afastou os lábios,

olhando meus seios nus.

- São tão lindos ... Adoro mamilos bicudinhos  
assim ... – E enfiou um na boca, chupando-o docemente.

- Ah ... – Gemi excitada. Abri as coxas e minha saia  
subiu. Ele já enfiava a mão entre elas, acariciando minha  
pele ardente, seus dedos encontrando minha calcinha,  
esfregando-a. Quando chegou a calcinha para o lado e  
enfiou um dedo comprido dentro de mim, gotejei e  
ondulei, agarrando-o forte, desejando mais.

Davi sugou o outro mamilo. Eu fiquei lá, agoniada e  
arreatada, fora de mim. Queria-o tanto que chegava a  
doer, feroz e voraz, alucinada.

Ergueu a cabeça, seus olhos em chamas, sua  
expressão contorcida pelo tesão, o dedo indo e vindo  
dentro de mim, fazendo barulho de sucção.

- Deite na mesa. – Ordenou, sua voz carregada,  
pesada.

Eu deitei, sentada na beira. Davi ergueu minha saia  
até a cintura, fitando minha calcinha de lado e seu dedo  
penetrando-me, todo molhado. Afastou ainda mais a  
calcinha e se abaixou, passando a chupar duramente meu  
clitório enquanto metia firme em mim.

- Davi ... – Supliquei agoniada pelo tesão violento,  
sem suportar a pressão descomunal que vinha de dentro,  
que me consumia loucamente e fazia minha cabeça rodar.

- Você é tão doce e gostosa ... – Murmurou contra  
meu clitório, voltando a mordiscá-lo, sugá-lo, fazendo-o  
crescer, endurecer.

Eu ondulava e gemia, arreatada. Engasguei quando  
aproveitou meus líquidos que escorriam para meu ânus e o



untou com eles, penetrando outro dedo ali. Continuou a me chupar, metendo duro e fundo nos dois orifícios.

Eu fiquei toda melada, trêmula, agonizante. E recebi mais um dedo no ânus, agora três dentro de mim, abrindo-me toda, deixando-me bem lubrificada. Davi parou de me chupar e abriu sua calça com a mão livre. Pegou um preservativo, abriu-o com os dentes e o colocou com perícia no pau ereto. Apenas podia olhá-lo, dominada demais para fazer qualquer outra coisa. Então, puxou os dedos para fora e, sem nenhum esforço, rasgou minha calcinha em tiras. Tomei um susto, arregalando os olhos, fazendo-o sorrir sensualmente.

Livrou-se do tecido estragado, ergueu minhas pernas. Segurou meus tornozelos juntos, no alto, com uma das mãos. A outra manteve na base do pau, passando os olhos por meu ânus e minha vulva expostos para ele.

- Difícil escolha. – Murmurou e então mirou a cabeça em meu ânus. Ergueu os olhos para os meus, queimando-me em seu desejo voraz, dominador. – Quero esse cuzinho hoje.

E meteu ali. Doeu, abriu-me toda, mesmo estando preparada e lubrificada. Eu me contraí, mas depois que a cabeça entrou e foi até o fundo, voltou com delicadeza e enfiou de novo. Senti o deslizar apertado e aquelas sensações pecaminosas e diferentes que só o sexo anal faziam a gente sentir, vieram me prostrar ferozmente.

Gemi alucinada e Davi me comeu firme, duro, deixando-me doida.

- Ah, Dani ... Adoro isso ... – E foi mais bruto, forte, seu pau abrindo-me toda, muito gostoso.

Seu olhar prendeu o meu. Mordeu o lábio carnudo, cheio de desejo. A mão livre veio em minha vulva e seu dedo me penetrou ali, fácil, até o fundo. Ondulei, descontrolada, movendo meus quadris, puxando-o para dentro. Perdi a noção de tudo, não consegui pensar em nada a não ser naquele homem maravilhoso e delicioso e nas coisas arrebatadoras que me fazia sentir. Quando esfregou o polegar em meu clitóris, grunhi fora de mim e explodi num gozo descomunal, absurdo, intenso.

- Isso, minha linda, goze gostoso no meu pau ... – E me comeu mais e mais, esfregando, tomando, consumindo.

- Ah ... Ah ... – Gemia sem parar, contraindo-me toda, explodindo.

E só então Davi veio, estocando forte em meu ânus, inchando e gemendo rouco ao gozar, fodendo-me com volúpia.

Foi delicioso, quente, arrebatador. Palpítei e estremei, até que só convulsões continuaram, diminuindo aos poucos, vindo e indo dentro de mim. Davi abaixou suavemente as minhas pernas e saiu de dentro de mim.

Desceu a cabeça, depositou um beijo suave em minha vulva que pulsava e tremi mais uma vez. Depois me ajudou.

Ergueu-me da mesa, baixou minha saia, fechou os botões da minha blusa. Sorriu ao tirar o preservativo, amarrá-lo e jogá-lo na pequena lixeira embaixo da mesa.

Seu olhar era quente ao fechar a calça.

- Sua calcinha já era. – Disse rouco.

- Percebi. – Falei, arrumando melhor minha roupa.

- Não vou conseguir trabalhar imaginando você nua

embaixo dessa saia. – Seu sorriso se ampliou.

- Você fez de propósito.

- Pior que não, só me deixei levar pelo momento. –

Abraçou-me pela cintura e beijou suavemente a ponta do meu nariz. – Estou perdoado?

- Vou pensar no seu caso. – Acabei sorrindo. – Mas você não me convence. Fez isso para me comer a cada vez que eu entrar aqui.

- Olha você me dando idéias.

- Como se não as tivesse. – Acabamos rindo.

- Juro, vou tentar me controlar. – Ergueu meu rosto e fitou meus olhos. – É só me prometer que não vai fugir quando der cinco horas. Quero que vá para casa comigo.

- Vou pensar no seu caso. – Brinquei.

- Por que? Teve outra proposta assim hoje? –

Ergueu uma sobrancelha e o senti possessivo, um pouco tenso. – Gabriel?

- Não.

Observei-o, tentando saber se o homem sensual e de bem com a vida podia ser ciumento. Mas Davi relaxou, acariciando minha face.

- E se ele quiser vir junto? – Testei.

- Será bem vindo.

Não havia qualquer problema ali. Sorri e beijei suavemente seus lábios, dando um passo para trás.

- Vou pensar. Daqui a pouco nem vou conseguir andar de tanto sexo.

- E não é bom? – Piscou, safado.

- Esse é o problema. – Comecei a me afastar. – É bom demais.

Ouvi sua risada enquanto saía da sala.

Não sei se Gabriel ficou preso em reuniões e depois foi direto para casa ou se teve outro compromisso, mas não voltou ao escritório. Saí de lá com Davi.

Saímos para jantar e era difícil não aproveitar o tempo ao seu lado. Mesmo com toda minha disposição em não relaxar e ficar alerta, me vi rindo e me divertindo das coisas que dizia, correspondendo a seus olhares, conversando tranquilamente.

Estávamos em uma mesa de canto, rodeada por um pequeno sofazinho redondo, lado a lado. Em determinado momento, depois que terminamos de comer e tomávamos vinho, Davi falava algo sobre música e depositou a mão em minha coxa. Olhei-o na hora. Continuou a conversar, como se não houvesse nada demais, mas sua mão deslizou por baixo de minha saia. E eu estava sem calcinha.

Fiquei um pouco nervosa e quase derrubei meu vinho. Olhei em volta, mas ninguém prestava atenção na gente. E seus dedos já encostavam em minha virilha.

- Davi ... – Alertei, num fio de voz.

- Mas acho que a música popular brasileira anda muito pobre hoje em dia. – Sorriu para mim, como se não tivesse nada a ver com o que fazia embaixo da mesa. –

Saudades que tenho de Chico Buarque, Tom Jobim, Nara Leão. Hoje curto Marisa Monte. Gosta de ouvir?

- Gosto. – Seu dedo acariciou lentamente minha vulva, deslizando entre ela. Mordi os lábios, nervosa. –

Davi, o que ...

- Adoro aquela assim: “Vem depressa, vem sem fim, dentro de mim...”. Sabe qual é?

Eu o fitei, sem acreditar em sua cara de pau. Sorrii docemente e seu dedo me masturbou, penetrando um pouquinho.

- Relaxe, Dani. Relaxe.

- Você é um safado.

- Só um pouquinho. Agora me diz a música que gosta.

- Não consigo pensar direito.

- Concentre-se. – E seu dedo me penetrou todo.

Segurei a beira da mesa, abrindo as pernas devagar, corada. Fitei seus olhos brilhantes e depois em volta, com medo que alguém percebesse, que um garçom se aproximasse. Davi veio mais para perto, metendo e tirando lentamente, murmurando em meu ouvido:

- Você está até parecendo o Gabriel, pensando em tudo. Relaxe. Aproveite.

- E você é doido.

- Sou mesmo, doido por essa bocetinha. – Disse rouco e lambeu minha orelha.

Um prazer pecaminoso, proibido, me envolveu.

Aproveitei, mesmo ainda tensa, ficando molhadinha. Senti com perfeição o dedo se enterrando todo, a luxúria me queimando, o coração batendo mais forte.

Fechei os olhos por um momento. Davi começou a murmurar sacanagens em meu ouvido, penetrando-me mais e mais, a ponto de sentir que escorria contra seus dedos.

Pensei em pedir para que parasse, mas o desejo já era forte demais. Comecei a gozar e ele se afastou um pouco, fitando meu rosto com intensidade, enquanto eu ficava dura, mordida os lábios, tentava conter meus gemidos e

tremores.

Quando terminei, tirou a mão devagar e tomou um gole de seu vinho, recostando-se satisfeito, dizendo em voz alta:

- Isso merece um brinde, Dani.

Mas eu apenas o fitei, ainda abalada, mole demais para dizer qualquer coisa. Ele apenas sorriu.

Chegamos em seu apartamento e Davi já foi tirando minha roupa, me jogando na cama. Nos beijamos e acariciamos e ele tinha pressa, logo estava todo nu e enterrado dentro de mim. Meteu duro e fundo, murmurando contra minha boca:

- Passei o dia querendo fazer isso de novo. Aquele aperitivo no restaurante só me deixou mais doido.

E foi impetuoso, forte, segurando-me firme, comendo-me com vontade. Pensei que não gozaria mais. Foram três vezes só naquele dia, mas acabei tendo um orgasmo intenso com seu pau bem alojado em minha vulva, gemendo e gritando, ondulando na cama. Davi logo me acompanhou, beijando minha boca, até desabarmos suados e arfantes.

Tomamos banho juntos e voltamos para a cama. Eu já estava mais recuperada e disse que tomaria um café.

Deu-me liberdade para fazer um e ficou lá, vendo televisão.

Levei minha bolsa, que tinha ficado na sala, para a cozinha. Preparei o café e, quando estava pronto, escolhi a xícara mais cheia para ele. Adocei e tirei da bolsa um tranquilizante potente. Pus a quantidade correta e misturei bem. Deixei a colher ao lado da xícara com remédio,

sobre a bandeja. Voltei calma para o quarto.

Davi recostou-se na cama, animado com o café, falando sobre o filme que passava. Fingi prestar atenção, mas beberiquei o meu, atenta. Fez uma cara meio esquisita, mas tomou o café dele. Por fim, afastei a bandeja e fui para seus braços na cama. Pedi baixinho:

- Fale um pouco de você.

- Você dormiria em cinco segundos. – Puxou-me para mais perto.

- Que nada. Quero saber.

É claro que já sabia muita coisa sobre a vida dele e de Gabriel. Mas queria saber se diria a verdade, se cairia em contradição ou se me daria alguma informação a mais.

- Saber o que?

- Já se apaixonou?

Eu o senti se enrijecer. Relaxou logo, mas já tinha se entregado. Ergui a cabeça e fitei seu rosto. Fitava a tevê, quieto. Quando baixou os olhos negros para mim e sorriu, senti que disfarçava.

- Isso é um sim?

- Não gosto de falar desse assunto.

- Tudo bem. Desculpe.

- Daniela, escute ... Vamos falar de outra coisa.

- Certo. Só fiquei curiosa. Sobre você e Gabriel.

- Como assim?

- Vocês são lindos e solteiros. E dividem mulheres.

- Não é bem assim. – Acomodou-se melhor, de modo que podíamos conversar nos olhando. Estava sério.

– Acontecia mais quando éramos mais novos. Você é a primeira desde ...

- Desde? – Insisti, sentindo o coração disparar.

- Desde alguns anos.

- E por que pararam? Se apaixonaram pela mesma mulher? Uma vez me disse que ia abrir mão de uma garota por Gabriel, mas que ela foi tirada de vocês antes disso.

- Eu falei isso?

- Falou.

- Dani, não gosto de falar desse assunto. – Bocejou e sacudiu um pouco a cabeça. – Nossa, estou exausto!

- É que fiquei curiosa. Vocês se dão tão bem! Seria uma pena gostarem da mesma mulher. – Não tirava meus olhos de seu rosto.

- Gabriel é como um irmão para mim. Ele e a família dele me salvaram de um destino de miséria e vagabundagem. Devo tudo que tenho a eles. Por isso, nenhuma mulher acabaria com essa amizade. Eu realmente sairia do caminho para não magoá-lo.

- E ele? Faria o mesmo por você?

- Com certeza. – Bocejou de novo, sem saber que o tranquilizante já fazia efeito. Sorriu para mim. – O que é? Está pensando em roubar nossos corações?

- Um só já estaria bom para mim. – Levei na brincadeira.

- O meu, né? Claro! Não ia querer perder tempo com aquele rabugento! – Brincou também. – Meu Deus, Dani, que sono!

Aproveitei que estava meio grogue e perguntei mais:

- Vai, Davi, me conte. Alguma garota deve ter mexido com você.



- Muitas ... – Bocejou longamente, ficando com os olhos cheios de água por isso. Acomodou-se melhor, fechando os olhos.

- Mas alguma foi mesmo especial? Para você ou para Gabriel?

- Hum ... – Pensei que dormiria, mas murmurou: - A ruiva ...

- Que ruiva? – Insisti, nervosa, meu coração acelerado. Sacudi seu ombro. – Que ruiva, Davi? Abriu os olhos pesados, confuso.

- A Lisa ... – Sussurrou. – Monalisa.

E fechou os olhos novamente.

- Davi! Davi! – O sacudi, cada vez mais forte, mas ele pegou em um sono profundo. – Merda! Droga! Levantei, furiosa, ansiosa, querendo saber mais.

Conferi que apagou mesmo e corri para a sala, nua. Abri a bolsa e olhei em volta. Percorri seu apartamento, até encontrar uma escada de armar em uma pequena área.

Levei-a à sala, abri e subi. Instalei rapidamente uma mini câmera ao lado da armação da lâmpada, que funcionaria de 4 a 5 dias em tempo real. De baixo não dava para vê-la. Quando acabei, guardei a escada e fui para o quarto.

Davi continuava apagado na cama.

Busquei ansiosamente um lugar discreto e pouco usado. Por fim vi um relógio sobre a cômoda em frente à cama. Era preto, com desenhos em alto relevo. Pus a mini câmera ali e observei. Não dava para notar. Dali a quatro dias daria um tempo de voltar e tirar.

E então comecei a revistar suas coisas, rápida, mas com cuidado. Closet, gavetas, armários, embaixo da cama.

Não achei nada de anormal, nenhum esconderijo, nada suspeito. Dei uma geral no apartamento, até me dar conta que, se ele fosse um assassino, não tinha nada ali que o comprovasse.

Comecei a me vestir, pensando. Segundo o que li sobre psicopatas e sociopatas, eles costumavam gostar de relembrar a cena do crime. Através de uma foto ou retornando ao lugar do assassinato, ou até filmagem, objeto ou algo da vítima. Mas Davi não tinha nada ali. Ou talvez tivesse, em um lugar secreto. E nisso as câmeras poderiam me ajudar.

Deixei-o dormindo e saí de seu apartamento, pensando que agora era a vez de Gabriel. Só precisava fazer que me levasse até a casa dele.

Capítulo 8: E agora, Daniela?

Na quinta-feira eu senti Gabriel mais calado e introspectivo que o normal, parecido com o homem frio que conheci ao começar a trabalhar ali. Quase não falou comigo, passou a manhã inteira fora resolvendo problemas sobre um resort em Ilha Grande e à tarde se manteve em seu escritório, dirigindo a mim palavras somente quando necessárias. Nem tive como conseguir me aproximar e sair com ele.

Fiquei sem entender ao certo o que estava acontecendo. Na manhã anterior, tínhamos feito sexo delicioso em seu escritório e foi tão intenso e diferente que fiquei abalada. E ainda estava. Tinha um clima estranho entre a gente, palavras não ditas, sentimentos armazenados, olhares disfarçados. Ele teria sentido também? Ou estava assim por que saí com Davi na noite

anterior?

Na sexta-feira, as coisas continuaram mais ou menos do mesmo jeito.

Parei para imaginar se Gabriel não seria o assassino. Davi o chamava de rabugento. Era mais frio e controlado. Mais introspectivo. Poderia ficar com ciúmes e matar por isso? Foi o que aconteceu com Monalisa? Poderia ser o que acontecia agora e o fazia ficar mais distante? Talvez eu realmente estivesse servindo como isca e, se fosse assim, precisava me manter atenta.

Enquanto isso, Davi continuava com seu jeito à vontade e tentou me pegar de novo no escritório, mas escapei, disse que tinha muito trabalho e devíamos deixar para outra hora. Até que insistiu, mas depois levou na brincadeira. Meu objetivo naquele dia era conhecer o apartamento de Gabriel, pôr as câmeras escondidas e revistá-lo, como fiz com Davi. O problema era conseguir aquele convite, já que estava calado e mal humorado.

Já era final da tarde quando entrei para entregar uns recados a ele. Estava em sua mesa, concentrado no trabalho, atrás de si vindo a claridade da parede envidraçada, iluminando seus cabelos. Não usava gravata naquele dia, apenas um paletó negro, jeans escuro, camisa branca por baixo aberta só no primeiro botão. Não tinha feito a barba e a sombra escura em seu rosto parecia deixar seus olhos mais azuis.

Quando ergueu a cabeça e me fitou, senti o coração disparar de uma maneira incontrolável, sem que pudesse fazer algo. Talvez por ser mais difícil de entender, mais fechado, eu ficava muito mais à vontade com Davi do que

com ele. Havia alguma coisa com Gabriel, desde o início, que me deixava em suspenso, sem saber como agir, mais alerta. E que me assustava um pouco.

Não saía da minha cabeça o modo como mexeu com meus sentimentos da última vez, pois não tinha sido só sexo. Algo entrou no meio e eu nem queria analisar aquilo. Mas me perturbava profundamente. E me deixava agora nervosa, quando devia ser calma e sedutora para conseguir o que queria.

- Chegou um recado do resort em Ilha Grande.

Parece que esse contrato anda dando problemas. – Pus os papéis sobre sua mesa, escondendo ao máximo o que eu sentia e pensava.

- Nem me fale. Foi assim desde o início. Estou vendo que vou ter que ir lá resolver isso pessoalmente. – Largou os documentos sobre a mesa e esticou-se um pouco, parecendo cansado.

Percebi que era mais dedicado à empresa do que Davi. Chegava mais cedo, assumia as reuniões, não parava. Davi resolvia o que dava e seguia em frente, sem se preocupar muito. Gabriel era mais sério e responsável. E mais frio. Mais metódico. Se enquadrava mais no perfil de um sociopata.

Não entendi porque essa possibilidade me perturbou tanto. Eu sabia que podia ser ele. Mas acabei pensando que no fundo não queria que fosse, como se isso significasse uma grande traição ao que despertava em mim. Pois eu me via admirando-o, desejando-o, sentindo uma vontade absurda de conhecê-lo melhor. E isso era uma armadilha, um problema sério em meio ao que devia

fazer, que era pegar aquele maldito assassino.

Mas também não queria que fosse Davi. Eu gostava dele, me divertia ao seu lado, adorava fazer sexo com ele.

Davi era um menino grande, cheio de vida. No entanto, quais eram seus defeitos? Uma pessoa não podia ser sempre tão de bem com a vida. E o meu medo era que estava caindo em um erro mortal: gostar dos meus suspeitos. Isso me enchia de raiva. Pois um deles tirou a vida de Monalisa. Não podia nunca esquecer desse fato.

- Você parece cansado. – Falei para Gabriel.

- E estou. – Passou a mão pelo cabelo castanho, onde se mesclavam mechas mais claras. Era a primeira vez no dia que me dirigia mais atenção.

- Já vai dar cinco horas. Por que não vai para casa e deixa o resto para resolver na segunda?

- É uma ideia tentadora. – Seus olhos glaciais se amenizaram um pouco. – Mas preciso terminar essas coisas. Você pode ir, não precisa ficar esperando.

- Não tenho pressa, pode deixar. – Sorri para ele. Sem que pudesse controlar, senti vontade de também correr meus dedos entre seus cabelos e acariciar seu rosto. Dei um passo para trás. – Se precisar, estou na minha sala.

Antes que respondesse, a porta se abriu e Davi entrou.

- Reunião? – Ergueu uma sobrancelha e apontou o relógio de pulso. – Cinco horas. Chega de trabalho por hoje. To indo pra academia, Gabriel. Vai hoje lá?

- Não. Vou terminar esse negócio do resort em Ilha Grande.

- Ainda isso?

- To pensando em dar um pulo lá e resolver pessoalmente.

- É uma boa. Vai quando?

- Amanhã de manhã.

- Se eu não tivesse uma visita marcada com alguns clientes importantes no Copacabana Palace, ia com você.

- Davi falou, lamentando. - Ilha Grande é tudo de bom.

- É verdade. Mas nem vou ter tempo de curtir.

Quero só me livrar logo do problema.

Eu os observava. Mas vendo que não teria nada a fazer ali, pedi licença e me dirigi a porta. Davi sorriu para mim e ainda o ouvi dizer:

- Cara, daqui a pouco vai ficar barrigudo! Passou a semana toda trabalhando e nem foi na academia.

- Semana que vem eu vou, Davi. Agora quanto ao acordo ...

Eu os deixei conversando e saí. Continuei a realizar meu trabalho em minha mesa e logo Davi surgiu. Veio para perto, dizendo baixo:

- Se sair daqui comigo hoje, esqueço a academia.

Podemos fazer outros exercícios.

Sorri e balancei a cabeça:

- Hoje não dá. Vou encontrar uma amiga. Já estou saindo.

- Que pena. Mas amanhã é sábado. Podemos nos ver?

- Já nos vemos aqui, Davi.

- Não se faça de boba. - Sorriu. - Dançar e beber.

O que acha?

- Tudo bem.

- Ótimo. – Inclinou-se e me deu um beijo na face. –

Vou te ligar. Pense em mim.

- Eu penso.

Observei-o sair. E continuei ali, adiantando o que eu podia. Já era quase seis da tarde quando Gabriel saiu da sua sala e ficou surpreso ao me ver. Parou, fitando-me atentamente.

- Pensei que tivesse ido embora.

- Esperei para ver se ia precisar de alguma coisa e aproveitei para adiantar outras. – Falei calma, serena.

- Não precisava, Daniela.

Eu ainda estranhava meu nome em sua voz. Parecia mais sensual, excitante sem o formal senhorita Prado.

- Sem problema. Já estou saindo.

- Eu também. – Gabriel deu alguns passos, mas parou. Virou-se, sua expressão fechada, como se não quisesse fazer o convite que fez: - Quer sair comigo? Vou comer alguma coisa.

- Estou faminta. – Senti vontade de gritar por meu plano ter dado certo.

- Então vamos.

- Só um minuto.

Terminei de guardar tudo, peguei minha bolsa e o acompanhei pelo corredor vazio. Todo mundo já tinha saído. Descemos lado a lado no elevador. Eu ainda me sentia perturbada em sua presença, mesmo já tendo tido intimidades com ele. Tentei me distrair puxando assunto:

- Para onde vamos?

- Um lugar perto. Estou realmente morrendo de

fome.

- Eu também.

- Depois levo você em casa.

- No Méier? Não se preocupe, é longe demais daqui e está cansado. Pego um ônibus depois.

Gabriel me observou, seus olhos pensativos, penetrantes. Por fim o elevador parou e fomos ao estacionamento subterrâneo. Enquanto caminhávamos até seu carro, que eu sabia ser um importado todo negro com vidro fumê por minhas investigações, ele me surpreendeu ao dizer:

- Pode passar a noite em meu apartamento. Assim não precisamos nos preocupar com sua volta para casa.

Eu o encarei, sentindo um baque por dentro. Devia ficar feliz, pois consegui mais uma vez o que queria. Mas o que me atacou foi a luxúria, a excitação, a ansiedade de saber que passaria a noite com ele.

Gabriel parou ao lado de uma moto enorme e negra, potente, com dois capacetes presos a ela. Enquanto soltava-os, eu me lembrei que ele tinha mesmo uma moto, tinha anotado até sua placa em casa. Era linda, cromada, larga. Notou que eu a observava e sorriu de leve:

- Com medo?

- Não. Só não tenho costume de andar de moto.

- É mais rápido que o carro. – Gabriel veio até a minha frente, com um capacete na mão. Seu olhar encontrou o meu e a química entre nós se tornou mais intensa. Sem dizer mais nada, pôs o capacete em mim. Somente então pôs o dele e montou na moto.

Eu o segui, sentando atrás, um tanto nervosa.



Abracei-o firme pela cintura, espalmando minhas mãos em sua barriga dura, sentindo seu perfume inebriante.

Fechei os olhos por um momento, muito excitada.

- Segure firme. – Sua voz era grossa, rouca. E segurei. Bem firme.

Enquanto a moto corria pelas ruas de Ipanema, beirando a praia naquele final de tarde, eu estava bem consciente de Gabriel e do que me fazia sentir. Por um momento, pensei nele com 22 anos e Monalisa com 19. Seria possível que minha irmã o tivesse amado? Se fosse ele seu escolhido, teriam ficado juntos? Seria meu cunhado?

Imaginei outra cena. Monalisa feliz com Davi. Acho até que ele era mais o tipo dela, pois minha irmã também gostava de rir, era naturalmente de bem com a vida. E Gabriel com ciúmes, frio, cada vez mais desesperado, até o ponto de levá-la naquela praia e matá-la.

Qual das duas cenas estava mais certa? Havia momentos em que me cansava de tanto pensar, tanto buscar respostas. Tinha vontade de desistir, me esconder num canto e simplesmente ficar em paz. Mas como fazer isso sabendo que possivelmente mulheres continuariam a desaparecer? Não podia. Como não podia deixar a morte de minha irmã passar em branco.

Paramos em um restaurante com cadeiras na calçada, em frente ao mar. Pedimos frutos do mar, uma cerveja gelada e Gabriel me contou que morava no prédio ao lado de onde estávamos e que costumava comer ali. O maitre e os garçons já o conheciam.

Foi agradável e conversamos banalidades, mais

relaxados do que pensei. Parte da tensão tinha ido embora e realmente aproveitei sua companhia. Era inteligente, falava de qualquer assunto, me fez ficar à vontade. Já no final da refeição, quando fez questão de pagar a conta, indagou de novo:

- Vai ou fica?

Eu sabia que se referia ao seu apartamento.

Encontrei seus olhos tão azuis e minha barriga deu um nó por dentro. Falei baixinho:

- Eu fico.

O desejo estava ali, muito presente. Muito vivo entre nós. Era quase palpável e ficou claro que Gabriel o sentia tão intensamente quanto eu.

Sáímos e montamos na moto. Só de tocar nele, sentir seu cheiro, eu já me sentia trêmula, abalada.

Deixou a moto no estacionamento do prédio antigo e bem cuidado que morava, de frente para o mar. Ao lado da moto estava seu belo carro importado todo preto.

Subimos em silêncio no elevador, um clima pesado e denso entre nós.

Durante todo o tempo tentei maquinar o que faria ao chegar lá, onde espalharia as câmeras e como o doparia para investigar sua casa. Mas parte de mim não se concentrava, muito consciente da presença perturbadora de Gabriel, tão próximo. Só imaginando o que faríamos ao entrar. E entramos.

Era um apartamento grande, espaçoso, tradicional.

O que me chamou a atenção foi exatamente isso. Era antigo, mas elegante, simples, masculino. A beleza acabava ficando pela simplicidade, as tábuas corridas no

chão, as paredes brancas, os quadros de bom gosto.

Tapete macio, sofá escuro e confortável com uma manta indígena em cima e uma grande varanda na frente, cheia de plantas. Era aconchegante. Não parecia um apartamento de um jovem moderno e pegador, mas um apartamento familiar, agradável, onde dava vontade de ficar. O de Davi era muito mais luxuoso e arrojado. O de Gabriel era clássico.

- Fique à vontade. – Sua voz veio de perto, enquanto largava as chaves no aparador.

Eu virei para ele, deixando minha bolsa em uma poltrona branca, dizendo com sinceridade:

- Adorei sua sala.

- Sério? – Ergueu uma sobrancelha, observando-me.

– Não parece de um velho?

- Um velho rabugento? – Acabei sorrindo. – Talvez um pouco. Mas eu gosto.

- Gosta? – Aproximou-se, tirando o paletó e deixando-o na mesma poltrona onde estava minha bolsa. Seu olhar me deu arrepios, ainda mais assim de perto.

Mantive-me imóvel.

Usava uma camisa branca impecável por baixo e começou a desabotoá-la sem pressa. Enquanto isso foi até perto do sofá, pegou um controle e ligou o som. Fitou-me em um misto de divertimento e sensualidade:

- Tenho gostos um pouco antiquados. Davi não se conforma, por isso me chama de velho e rabugento, como você acabou de dizer. Em relação à música é a música é a mesma coisa. – A camisa estava toda aberta, mostrando parte de seu peito bem definido, a pele dourada cobrindo

os músculos, o pelo macio fazendo meus dedos coçarem de vontade de tocá-los. – Sou fã de rocks antigos.

Quando a música começou a tocar, eu não a reconheci. Acho que já a ouvi em algum lugar, mas não sabia mais nada sobre ela. Como se percebesse, Gabriel deixou o controle na mesinha de centro e explicou:

- Deep Purple. Um clássico. – E tirou a camisa, ficando só com a calça preta e os sapatos. E veio para perto de mim, olhos azuis brilhando, andar decidido, sério.

Meu coração bateu loucamente e me vi contendo a respiração, sem poder desviar meus olhos dele. A sensação que tive foi a de que seria devorada viva por um macho faminto, que degustaria cada pedacinho de mim lentamente.

Era lindo, alto, com aqueles ombros largos e a pele bronzeada, o que tornava seus olhos ainda mais azuis. Os braços eram fortes, o peito musculoso sem exageros, cada linha de seu corpo parecendo ter sido modelada com carinho por algum escultor atento, inspirado. Os quadris estreitos, as pernas longas e musculosas, o volume tentador entre elas. E o formato anguloso de seu rosto, o queixo firme, a boca carnuda, o nariz afilado e os olhos penetrantes. E para completar tudo os cabelos castanhos que se tornavam dourados contra a luz, assim como a sombra de barba em sua face e os pelos do seu corpo.

Engoli em seco, abalada por sua visão e pelos sentimentos diferentes e profundos que despertava em mim. Quando parou à minha frente, eu já não me pertencia mais. Eu era dele.

Sua mão foi em minha face, uma carícia suave,  
terna. Nossos olhares pareciam fundidos em um só.  
Estremeci e mordi os lábios, tensa e excitada, sentindo  
uma felicidade extasiante e assustadora ao mesmo tempo.  
Novamente fui invadida pelo medo, aquele medo de que  
tomasse mais de mim do que eu poderia dar.

Fitando seus olhos, minhas entranhas se revolveram  
e tive vontade de me encolher em um canto, suplicar para  
que Gabriel não fosse um assassino. Não foi um  
pensamento racional. Mas foi tão intenso que cheguei à  
beira do pânico, pois não entendia aqueles sentimentos  
confusos. Também não queria que fosse Davi. Mas  
Gabriel ... Havia algo diferente no que eu sentia por ele.  
Era mais descontrolado e assustador. Mais profundo. E se  
fosse ele que tinha matado minha irmã ... se fosse ele ...

- O que houve? – Era como se lesse meu desespero  
em meu olhar. Seus olhos eram fixos, sérios, atentos. – O  
que você esconde, Daniela?

- Nada. – Murmurei.

- Tudo. – Falou baixo, com certeza. – Você veio  
para mudar minha vida.

- O que? – Meu coração parecia a ponto de sair da  
boca.

- Não sei como. – Seus dedos deslizaram da minha  
face para meu pescoço. A voz tinha um timbre pesado,  
denso. – Mas vai marcar minha vida.

- Por que diz isso?

- Eu sinto.

Ficamos nos olhando, eu muito abalada com suas  
palavras, por sentir algo assim nem sabendo quem eu era

ou o que queria fazer. Mas não pude analisar muito aquilo.

Seus dedos desceram mais e começaram a desabotoar minha blusa.

- Como não gosto de fugir do meu destino, vamos ver o que ele prepara para nós. E desfrutá-lo o melhor possível.

- Mas ... Não entendi o que disse. – Insisti, preocupada.

- Eu também não. É apenas uma sensação. Que se cumpra o que tiver que acontecer.

Fiquei só de sutiã. Os olhos de Gabriel percorreram meu decote e escureceram visivelmente, demonstrando que o desejo potente não era só meu. Deu um passo para frente e eu para trás. Assim fomos, até que encostei na parede. Sorriu devagar:

- Assustei você? Nunca erro nessas coisas, Daniela.

Não se preocupe. As mudanças fazem parte da vida. Que venham!

E me beijou na boca. Abalada e excitada, não pude fazer muita coisa contra o desejo que me derrotava sempre que estava com ele. Abri os lábios e retribuí, ainda mais sensível que das vezes anteriores, meus sentimentos se confundindo com a paixão.

Senti sua língua contra a minha, seu gosto delicioso, seu cheiro tão particular e inebriante. Sensações extasiantes me bombardearam de todos os lados e me tornei uma escrava delas, ansiando, querendo, desejando mais. Abracei-o, meus dedos formigando em sua pele quente e firme, meu corpo buscando o dele, tudo dentro de mim gritando loucamente. Fui prensada contra a parede

e o beijo se intensificou, se tornou mais possessivo e dominador, suas mãos descendo pelas laterais do meu corpo e abrindo minha saia, escorregando-a para o chão. Enfiei meus dedos em seus cabelos, ansiando por mais, me esfregando contra ele. Gabriel abriu meu sutiã atrás, puxou-o. E suas mãos foram aos meus seios nus, massageando-os sem parar de me beijar, deixando-me louca e arfante. Soltei o cinto de sua calça, desci o zíper. Segurei a cintura da cueca e a desci junto com a calça. Logo meus dedos se fechavam sobre a ereção volumosa e dura, quente, quase me queimando. Gemi em sua boca. Ele escorregou as mãos para baixo pelos meus quadris, agarrou minha bunda e me manteve firme, enquanto movia o membro contra a junção das minhas pernas ainda na calcinha. Fiquei toda molhada e firmei as unhas em suas costas, puxando-o mais para mim.

Foi loucura pura. Acho que se entrasse em mim naquele momento eu gozaria na hora. Mas para meu desespero, Gabriel me soltou de repente e deu um passo para trás. Seus olhos ardiam, sua boca estava marcada pela minha, a respiração era pesada. Livrou-se dos sapatos com meias e do resto da roupa a seus pés, ficando completamente nu. Meus olhos o varreram esfomeados, senti vontade de lambê-lo todo. E sem suportar aquilo, fui até ele só de calcinha, arquejante, corada. Caí a seus pés, já segurando seu pau grande e grosso, enfiando-o na boca. Chupei-o fundo, com a boca molhada e salivante, com o desejo absurdo fazendo o sangue bombar forte e denso em minhas veias. Puxei-o para mim e enfiei o máximo que consegui na boca, sentindo-o deslizar

garganta abaixo, todo meu, seu cheiro másculo, sua textura firme, seu membro gostoso preenchendo minha boca, meus sentidos, meu corpo. Eu o queria tanto que mesmo tendo-o não parecia o bastante. Queria mais.

- Daniela ... – Sua voz saiu rouca, carregada, seus dedos enterrando-se em meu cabelo. Deixei-o cheio de tesão e fiquei feliz, pois era como eu estava. Fui faminta, deslizando minha boca em seu pau, chupando-o com vontade e luxúria, babando até sentir os pelos do seu púbis roçar meu nariz e seu pau dentro da garganta, enquanto prendia a respiração . – Porra ...

Gabriel puxou-me para fora e se afastou, saindo da minha boca arfante, a ponto de gozar com aquela chupada esfomeada. Ergueu-me, fora de si, seu rosto cheio de lascívia e sério me deixando de pernas bambas.

- Gosta de me provocar. – Não era uma pergunta. Agarrou um punhado do meu cabelo na nuca e puxou-me para ele, indo em direção ao sofá. Virou-me de costas e se sentou, acomodando-me com a bunda em seu pau, mordiscando minhas costas. Uma de suas mãos se fechou em meu seio nu a outra em minha cintura, a boca brincando em meu pescoço, a lateral do meu rosto e ouvido. Murmurou: – Vamos brincar um pouco, então. Eu tremia. Virei o rosto para trás e Gabriel beijou minha boca. As mãos desceram a abriram minhas pernas, erguendo-as, depositando meus pés na beira do sofá. Então puxou a calcinha para o lado da virilha, expondo toda minha vagina, com a mão esquerda. Segurou-a assim. Seus dedos da mão direita tocaram suavemente os lábios vaginais melados e latejantes, acariciando-os suavemente.



Estremeci por inteiro, esfreguei minha bunda em seu pau.

- Ah, Gabriel ... – Sussurrei contra seus lábios, apoiando as costas nele, toda mole. Seus dedos rodearam lentamente o clitóris, causando-me tremores. Líquidos jorravam de dentro de mim. Eu era uma massa sôfrega, quente, lânguida.

Não penetrou o dedo. Apenas me masturbou, mas tão certo, tão perfeito, que meus quadris ondaram, esfregando mais seu membro e seu dedo, minhas pernas bem abertas, a respiração descompassada. Quando estava já alucinada, toda encharcada, tirou a mão. Antes que pudesse reclamar, deu um leve tapa bem no meio da vulva, sua palma acertando o clitóris e os lábios inchados. Pulei e gritei com a sensação forte, intensa, extremamente prazerosa. Não doeu, apenas tornou tudo mais acentuado. E então seu dedo estava entrando de uma vez em mim, tirando meu ar, bem vigoroso e duro. Arquejei e apertei

seu

dedo

incontrolavelmente,

queimando,

palpitando, gemendo. Apoiei a cabeça em seu ombro, sem forças, totalmente entregue, abandonada.

Gabriel tirou o dedo e deu outro tapa firme, mas na medida certa para me arrebatrar sem machucar. Gritei, choraminguei, minhas pernas tremeram. E veio outro, mais outro. Líquidos lubrificantes escorriam de dentro de mim, me deixavam toda melada e pingando. Eu me retorcia em seu colo, ondulava, arquejava, jogava a cabeça para trás.

E então recebia dois dedos grossos dentro de mim, indo e vindo, deixando-me louca.

- Que vontade de entrar nessa bocetinha. – Disse rouco, seu pau duro como pedra em minha bunda, sua voz rascante.

- Entre ... – Supliquei, abrindo minhas coxas ao máximo, adorando receber seus dedos invasivos e longos dentro de mim.

- O preservativo está na calça, no chão. E não quero sair daqui para pegar. – Estava também descontrolado, mordendo meu pescoço, lambendo-o. – Porra, Daniela ...

- Entre em mim ... Vem ... Eu tomo anticoncepcional e estou saudável. – Nem percebia o que dizia, dominada pelo tesão espetacular.

- Também estou limpo ... ah, foda-se ... – E Gabriel, também cheio de luxúria, tirou os dedos de dentro de mim e segurou seu pau ereto. – Sente aqui ... Quero sua bocetinha, Daniela ...

- É sua ... – Sussurrei, segurando-me nele, erguendo os quadris. Ainda estava de calcinha, mas essa toda para um lado, molhada de minha lubrificação. Gabriel segurou minha cintura e me desceu sobre ele. Minha vagina palpitante engoliu seu pau e a sensação de tê-lo todo me enchendo, quente e duro, grosso, pele contra pele, deixou-me fora de mim. Comecei a choramingar, pingando, escorrendo, movendo os quadris loucamente.

- Porra, Daniela ... Que gostoso ... Ah ... – Gabriel se enterrou todo, até a cabeça de seu pau empurrar meu útero, todo agasalhado em meu ventre. Abriu bem minhas pernas e pôs o polegar em meu clitóris, massageando-o.

Murmurou em meu ouvido: - Rebole no meu pau.

E eu rebolei. Me movi e o suguei para dentro, comendo-o e latejando em volta dele, alucinada, a pele ardendo. Suava e gemia, jogava a cabeça para a trás, sentia seus dentes em meu ombro, seu peito em minhas costas, seu corpo todo meu. E eu dele. Era uma entrega total, sem pensamentos coerentes, sem ponderação. O desejo vinha afiado e avassalador, descontrolado.

Um de seus braços rodeou minha cintura e ajudou meus movimentos de vai e vem, a mão livre saiu do clitóris e deu outro tapa estalado em cheio na minha vagina. Gritei, sem poder suportar tanto prazer.

- Assim não ... Assim eu ...

Mas deu outro tapa e foi meu fim. Gritei rouca, perdi o resto de controle, devorei seu pau todo e explodi em um orgasmo abundante, acentuado, voraz. Tremi da cabeça aos pés, sem poder dominar mais meu corpo.

Minha cabeça abandonada em seus ombros, meus quadris parecendo ter vida própria, meus mamilos duros como duas balas de revólver. E Gabriel gemeu rouco, cravou os dentes em meu ombro e gozou dentro de mim. Pude sentir as ondulações do seu pau e seu jato quente, sem o preservativo. Fui inundada e isso aumentou ainda mais o meu prazer. Choraminguei e gozei muito, até ficar inerte em seus braços, sem forças nem de respirar direito.

Senti seus lábios macios em minha pele, aliviando as mordidas. Gabriel segurou meus quadris e saiu lentamente de dentro de mim, mas não me tirou do colo. Me deixou lá, acomodada, sentada sobre seu membro ainda grosso. Senti algo escorrer de dentro de mim,

quente. Era seu esperma. Ainda continuava toda aberta, exposta, abandonada. E seu dedos foram em meus lábios vaginais, mergulhando em seu creme branco, espalhando-o lentamente em minha vulva sensível, ainda com restos de convulsões.

- Ah ... – Gemi baixinho, mas continuou passando seu esperma em toda minha vulva, acariciando-a lentamente. – Isso é loucura ...

- Muita loucura. Perdi a cabeça. – Murmurou rouco. Sua mão livre me fez virar o rosto para trás e encontrar seus olhos azuis agudamente penetrantes. – Mas foi delicioso. Sem palavras.

- Sem palavras. – Concordei baixinho.

Deixei que saboreasse lentamente meus lábios, estremecendo quando enfiou suavemente um dedo em mim e trouxe mais de seu esperma quente para fora, espalhando-o em mim, na virilha, clitóris, lábios vaginais, ventre.

- Marquei você da melhor maneira que um homem pode fazer. Está me sentindo em toda parte, Daniela?

- Sim.

- Quer mais?

- Quero.

E mergulhou o dedo de novo. Gemi e estremeci, muito sensível e abalada, meu corpo ainda quente e vivo pelo orgasmo. Era extremamente sensual sentir seu esperma na pele, uma parte dele que gotejava de mim.

Tirou o dedo melado e esfregou-o em meu mamilo.

Excitada, segurei sua mão e a trouxe perto do rosto, sendo invadida pelo cheiro dos nossos gozos misturados. Sem

pensar duas vezes, meti seu dedo na boca e chupei-o lentamente. Gabriel se enrijeceu todo, seu pau ficando completamente duro.

Sem uma palavra, me virou em seu colo e me jogou deitada no sofá, abrindo minhas pernas, seus olhos vorazes me consumindo. Veio em cima de mim e seu pau enterrou-se todo em minha vagina toda melada de mim e dele. Arquejei, meu coração deu um salto louco e o agarrei, abalada pelo tesão descomunal. E nos devoramos de novo, alucinados de tanto prazer.

Naquela noite passamos dormindo e nos amamos.

Desisti de pôr câmeras em seu apartamento e revista-lo, pois Gabriel viajaria cedo na manhã seguinte e poderia ficar grogue no volante. Além disso, passaria o final de semana fora e as câmeras gravariam um apartamento vazio. Eu deixaria para fazer aquilo quando voltasse.

Mas o que mais perturbou foi o fato de não sentir nenhuma vontade de dopá-lo e revirar seu apartamento.

Por que estava totalmente dominada pelo que despertava em mim e me agarrava em desculpas para adiar aquilo.

Talvez com medo do que poderia encontrar.

**GABRIEL**

Eu acordei ainda no início da manhã, quando o sol mal começava a nascer. Daniela estava em meus braços, sua perna sobre meu quadril, a mão possessivamente em meu peito. Mesmo dormindo não tínhamos conseguido ficar um longe do outro, como se estivéssemos viciados. E acho que estávamos, pelo menos eu.

Fiquei quieto, pensando sobre as coisas que aquela mulher me fazia sentir. Era intenso e perturbador, um

misto de desejo sexual violento com algo mais profundo, acuminado, forte. Tudo permeado com aquela sensação de que o destino estava agindo, colocando-a em meu caminho por algum motivo. Qual eu não sabia.

Fitei o teto, preocupado. Nos últimos dias, principalmente desde que transei com ela no escritório da última vez, aquela sensação só tinha aumentado. E eu me entregava cada vez mais, perdia aos poucos o controle.

Como tinha acontecido na noite anterior, em todos os momentos que fiquei com ela.

Nunca transava sem preservativo. E eu mal a conhecia. Não sabia praticamente nada de Daniela.

Mesmo assim perdi o discernimento, o controle, a razão.

E ela deixou, tão abalada quanto eu. Não era fingimento.

Vi em seus olhos um medo que espelhava o meu. Medo por não entender o que acontecia e por que éramos escravos do que sentíamos, cada vez mais intenso.

Pensei da vez em que a dividi com Davi. Tinha sido excitante, prazeroso, quente. Mas ao mesmo tempo algo me incomodava. Como se aquilo não devesse acontecer.

Sabia que transava com ele também. Era uma relação estranha a nossa, livre, sem compromisso. Mas talvez dos três eu fosse o mais careta, o mais tradicional, pois sentia um certo incômodo em tudo aquilo. Como se não fosse normal. E se fosse sincero comigo mesmo, aquele sentimento se assemelhava muito ao ciúme. Coisa na qual não queria pensar nem analisar mais profundamente.

Perturbado, mexi-me na cama e Daniela acordou de imediato, um pouco assustada, seus olhos esverdeados arregalados para mim. Senti um baque por dentro e minha

mente buscou freneticamente aquela sensação de Déjà vu, uma reação psicológica de que já estive naquela cena antes ou de que me lembrava alguém muito íntimo, alguém que já estive ali assim comigo. Ansioso, lutei por uma revelação, mas me escapou tão fugazmente quanto veio. Quem? Quem Daniela me lembrava?

- Tudo bem? – Chegou um pouco para trás para me olhar melhor e a mão em meu peito subiu até meu rosto, roçando a barba de quase dois dias.

- Sim. – Soltei o ar que nem percebi que prendia. Passei meus olhos em seu rosto, buscando uma resposta. Eu sentia que havia alguma coisa familiar ali. Era forte demais para ignorar. Mas ainda cedo para descobrir. Pois tinha escapado de mim.

- Já está amanhecendo. – Daniela murmurou, seus dedos lentos em minha barba, como se gostasse da sensação contra suas digitais. – Vou embora, pois ainda vai viajar.

- Quer vir comigo? – A pergunta saiu antes que eu pudesse pensar direito. Mas vi que ainda não queria ficar longe dela.

- Pra Ilha Grande? – Arregalou um pouco os olhos.

– Fala sério?

- Falo. – Segurei seu pulso. Para amenizar um pouco o desejo de ficar cada segundo perto dela, disse preguiçoso: - Enquanto estiver mergulhado nos negócios, posso explorar você como secretária para me ajudar e agilizar tudo. E no tempo livre podemos passear e ... fazer outras coisas.

- Gostei dessa parte. – Sorriu, expondo seus dentes

brancos e certinhos. Era muito bonita. Linda.

Beije suavemente a palma de sua mão.

- Então não podemos demorar ou perderemos a barca que sai de Mangaratiba. Vou me preparar e passamos na sua casa para pegar suas coisas. Daí partimos.

E foi o que fizemos.

O apartamento dela no Méier era pequeno, apenas um quarto, em um prédio que ficava numa rua tranquila.

Apesar de ser tudo simples, era de bom gosto, com detalhes coloridos e sensação de calor. Havia livros espalhados, flores na cozinha, uma camisa perdida na sala, que Daniela catou correndo. Enquanto foi para o quarto se trocar e pegar uma muda de roupa, andei pela sala, observando os detalhes, mas havia pouco dela ali. Nenhum retrato, como os que eu tinha em prateleiras da sala, de minha família. Isso me fez lembrar que Fátima tinha dito que Daniela foi criada por uma tia que estava viajando.

Quando voltou, de short e camiseta, sandálias baixas e o cabelo preso num rabo-de-cavalo, carregando uma mochila, saímos e fomos para o carro. Conversamos sobre coisas corriqueiras enquanto eu dirigia naquela manhã de sábado. Tínhamos que chegar em Mangaratiba antes das oito da manhã, horário que saía a barca para Ilha Grande.

- Quer escolher uma música? – Indaguei, quando pegamos a Avenida Brasil em direção à Rio-Santos.

- Não. Gostei daquela que pôs ontem. Pode escolher.



- Já disse que sou meio antiquado. – Alertei com um meio sorriso.

Daniela sorriu também.

- Estou curiosa. Põe uma para eu ouvir o quanto é antiquado.

- Você que pediu por isso.

E liguei o som. Quando a música começou no carro, ela riu, virando-se para mim.

- Rei do Rock? Essa é antiga mesmo.

- Elvis nunca morre.

- Com isso tenho que concordar. Que música é essa? Já a ouvi várias vezes. É linda.

- I'll Remember You. – Falei. – Inesquecível.

Discutimos um pouco sobre música e o que gostávamos de fazer no tempo livre. Tínhamos gostos parecidos sobre livros e arte em geral. A conversa fluía fácil, agradável, tranquila. Parte das coisas que me perturbavam ficou um pouco esquecida.

A manhã estava linda, dentro do carro o ar ligado, a música do Elvis e a companhia de Daniela. Senti-me estranhamente

satisfeito

e

relaxado,

somente

aproveitando. E resolvi saber um pouco mais dela.

- Você mora sozinha?

- Sim.

- E seus pais?

- Mortos.

Não parecia muito disposta a conversar sobre aquilo, mas isso me incentivou a querer saber mais.

- Há muito tempo? – Lancei a ela um rápido olhar.

Seu rosto estava para a janela, como se prestasse atenção na paisagem.

- Sim. Fui criada por uma tia.

- Aqui no Rio mesmo?

- Sim. Ela está visitando os parentes na Paraíba.

Mas não moro mais com ela.

- Tem irmãos?

Virou para mim, seus olhos castanhos esverdeados brilhando, quase acusadoramente. Esperei, curioso.

- Não. Sempre quis ter uma irmã. Mas não foi possível.

Seu tom era estranho. Analisei um pouco aquilo, sentindo um desconforto inexplicável, um alerta, acho que percebi algo ruim em torno dela. O que seria? Saudade dos pais? Teria sofrido nas mãos da tia? Como voltou a virar para a janela, não quis estragar o clima ameno entre nós e mudei de assunto.

Chegamos em Mangaratiba à sete e trinta e cinco e deixei o carro em um estacionamento particular. Pegamos a barca tranquilamente. Na verdade era uma escuna, que levaria de uma hora e vinte minutos a uma hora e quarenta minutos até abordar em Abraão, na Ilha Grande. Eu já tinha ligado para o dono do resort dizendo que estava a caminho e ele garantiu que separaria um chalé para mim e minha acompanhante.

Daniela sentou-se na frente, observando a bela paisagem que cercava o mar, rodeado de morros muito

verdes. O vento fazia seu rabo-de-cavalo voar. Sentado ao seu lado, eu não resisti e a puxei para mais perto de mim, passando o braço em volta de sua cintura. Ela me olhou, quieta, séria. E não resisti de novo. Aproximei meu rosto e encostei meus lábios nos dela.

Foi um beijo doce e gostoso. Senti que se encostava em mim e abria a boca, recebendo minha língua, seu gosto se mesclando ao meu. Emoções turbulentas me sobrevieram e minha outra mão amparou seu rosto para melhor poder explorar sua boca. Quando mais a beijava, mais eu queria. Não era só pelo sexo. Era algo mais premente, mais nas entranhas, mais profundo.

Gotículas de água salgada bateram em nós. O balanço da escuna parecia um ondular para nossos corpos bem perto, nossas bocas tão coladas se saboreando.

Daniela acariciou meu peito sobre a camisa de malha, gemeu baixinho. Por fim, apoiou a cabeça no meu ombro e ficamos quietos, olhando o mar.

A Ilha Grande tinha sido um presídio, desativado há anos. Agora o turismo crescia cada vez mais, atraído pelas diversas praias paradisíacas, trilhas com paisagens lindas e pequenos povoados em cada canto.

Chegamos em Abraão e de lá pegamos um pequeno barco do Resort Corais, que tinha sido mandado pelo dono. Contornamos uma bela enseada onde o verde exuberante da vegetação e o do mar se mesclavam, até chegarmos a um píer de madeira do resort. Um rapaz veio nos receber, se apresentou e nos levou em direção ao chalé principal, entre alguns que rodeavam a bela praia de areia branca.

Ronaldo Camargo, o dono do resort, era agradável, simpático. Fomos levados a seu escritório e entramos em discussões sobre negócios. Foi mais fácil do que pensei e Daniela me ajudou, fazendo anotações, pesquisando algumas coisas em meu notebook, de forma que no horário do almoço já tínhamos resolvido tudo que vinha se arrastando há mais de duas semanas.

Eu e Daniela estávamos famintos e fomos levados ao chalé que ficaríamos, mas deixamos nossas coisas lá e fomos direto ao restaurante, onde tomamos vinho e almoçamos um peixe delicioso com saladas e camarão em um varandão de madeira de frente para o mar, cercado de muito verde, um morro enorme com vegetação exuberante atrás.

- É muito lindo. – Disse encantada.

- Primeira vez que vem em Ilha Grande?

- É. E você?

- Vim várias vezes. Já que resolvemos tudo logo, podemos aproveitar e explorar por aí. O que acha?

- Claro!

E foi o que fizemos. No chalé que tinha uma varanda que dava direto na praia, com janelões e portas de madeira, pintado de amarelo, nós colocamos nossa roupa de banho, tênis, short, camiseta, protetor solar, boné, carregamos duas garrafas de água mineral e saímos em uma trilha no meio da mata.

O que mais apreciámos no resort foi que não parecia um desses hotéis luxuosos com piscina, sauna, etc. Era rústico, aproveitando a natureza, a praia, a vegetação em volta. Um lugar para quem queria aproveitar longe dos

centros urbanos com conforto e ao mesmo tempo sem muita frescura.

- Mas é lindo demais! O cheiro é diferente! –

Daniela exclamou maravilhada, enquanto andávamos pela trilha estreita lado a lado, ouvindo o canto dos pássaros, os sons da natureza. Parecia relaxada, feliz, corada.

- Você ainda não viu nada. Mais a frente tem uma bela queda d'água. E demos sorte, pois está vazio nesse fim de semana. Teremos o lugar só pra gente.

E foi assim. Andamos pelo chão de terra batido, desviando de pedras, aproveitando o caminho que, quando ficou mais íngreme, dei a mão a ela e a conduzi. Paramos para beber água e seguimos em frente. Não podíamos ir muito longe, pois não tínhamos nada além daquelas garrafas. Mas caminhamos mais meia hora e dez minutos em uma trilha cheias de raízes no chão, que subia e levava até uma pequena clareira na mata. Dali chegamos na queda de uma cachoeira de mais ou menos doze metros, que formava uma piscina natural embaixo.

Daniela ficou maravilhada. Suada, chutou longe os tênis e começou a largar as roupas sobre uma pedra.

- Não vejo a hora de tomar um banho gelado! Meu Deus, é mesmo um paraíso!

Achei graça de sua animação quase infantil e me despi também, até ficar com uma sunga preta. Por coincidência o biquíni dela também era preto, pequeno, dois pedacinhos de lycra apenas fazendo sobressair a beleza de seu corpo esguio e curvilíneo. Senti também seus olhares sobre mim, mas não disse nada. Passei por ela, peguei sua mão e levei-a até a piscina natural.

Estava mesmo gelada demais. Mas rimos e entramos. Não era funda, chegava até a minha cintura.

- Preparada? – Sorri, enquanto ia para baixo da queda d'água e a puxava. Ela gritou e riu. E lá ficamos, encharcados, sentindo uma liberdade e uma alegria indescritíveis. Sentamos nas pedras, deixando a água cair na cabeça e nos ombros.

- Nunca tomei um banho tão gostoso na vida. – Olhou-me, realmente feliz, corada, espirrando água para todo lado.

Fiquei apenas olhando-a, vários sentimentos e pensamentos confusos me bombardeando, mas todos intensos. Sem poder resistir mais, puxei-a para mim e me encostei em uma pedra. A água caía nas minhas costas, como se me massageasse. Na minha frente, com água até a cintura, Daniela se colava em mim e me fitava com um desejo descarado, que se equiparava ao meu. Abracei-a pela cintura e a beijei.

Seus braços envolveram meu pescoço, seu corpo grudou molhado e arrepiado no meu, entre minhas pernas. A vulva coberta apenas pela lycra encostou diretamente no meu pau completamente duro e fiquei mais excitado ainda.

O desejo era viciante, estonteante, voraz. Suguei sua língua, desci as mãos por sua bunda e a apertei mais contra mim. Acariciou meu rosto, meu peito, meus braços.

Descolou a boca da minha e disse baixinho:

- Faça amor comigo. Agora.

Fitei seus olhos esverdeados, tão amplamente sedentos que não tive como perder tempo com

preliminares. Desamarrei a parte de baixo de seu biquíni e dei para ela, dizendo rouco:

- Segure.

Daniela o agarrou em uma das mãos, mordendo os lábios, me beijando de novo na boca. Desci a mão por entre nossos corpos e acariciei sua vulva lisa e macia sob a água. Penetrei um dedo e, ao contrário da pele gelada, por dentro ela ardia, bem melada, pronta para mim.

Baixei minha sunga, ergui sua perna direita. Com a mão esquerda, segurei um globo redondo de sua bunda e a trouxe para mim. Meu pau duro deslizou entre suas coxas, pelos lábios vaginais. Minha boca devorou a dela.

Abaixei um pouco e encaixei meu pau, forçando-o. Entrou apertado, enchendo-a. Parecia penetrar uma fornalha.

Fiquei cheio de tesão e enfiei tudo, até que me tinha todo enterrado até o fundo.

Daniela estremeceu, me agarrou, gemeu contra meus lábios. E a comi assim, nós dois de pé naquele paraíso, debaixo de uma queda d'água, nossos sexos se devorando, o calor de dentro vindo para fora, quebrando as barreiras da água gelada.

Ela me abraçou forte, recebendo minhas estocadas.

Afastei-a um pouco, fitando seus olhos brilhantes, minha mão subindo aos seios, pondo o biquíni para o lado. Olhei os seios redondos e nus, os mamilos completamente arrepiados. Ergui-a um pouco mais, chupando um deles gostosamente.

- Ah, Gabriel ... É tão bom ... Tão bom ... –

Murmurou e estava certa.

Era uma delícia. Ainda mais assim, sexo no sexo,

pele contra pele. Beijou meus cabelos, se mexeu contra meu pau, passou a ronronar como uma gatinha. Quando se contraiu toda e teve tremores violentos, voltei a beijar sua boca e meti mais duro, erguendo bem sua perna, sentindo as convulsões do seu orgasmo. Ficou difícil manter o controle e esporrei dentro dela, bem enterrado, rouco, chupando sua língua.

Continuamos agarrados. Lentamente saí, dando beijos suaves em sua boca, seus lábios, acariciando-a. Mas Daniela não me soltou. Ficou colada em mim, segurando-me bem forte, seu rosto em meu pescoço. Tremia e, por algum motivo, também não queria me afastar. E ficamos assim.

DANIELA

À noite um barco do resort nos levou à Vila do Abraão, onde passeamos de mãos dadas, comemos petiscos e tomamos cerveja. Em um dos bares dançamos forró e fiquei surpresa ao ver que Gabriel sabia dançar e me colou a ele, seu olhar no meu, um sorriso no rosto. Estávamos à vontade, de short e camiseta, como um casal aproveitando uma lua de mel. E eu me sentia exaltada, maravilhada, apavorada.

Não éramos um casal comum. Aquele homem podia ser perigoso e era, de alguma forma. Pois estava me deixando prostrada, de pernas bambas por ele. Eu me sentia arrebatada, nervosa, imobilizada por dentro. Era para seduzi-lo, mas o feitiço estava virando contra o feiticeiro. E eu podia estar indo para um sacrifício, uma armadilha mortal. Fitava seus olhos e não sabia com quem estava lidando. Pois Gabriel em nada lembrava o homem



frio de olhos glaciais. Era tão ardente que me queimava de uma maneira que nunca mais me recuperaria.

Voltamos para o resort e começou a chover. Fiquei com medo, pois o barco balançava, estava escuro e o mar se tornou mais revolto.

- Calma, estamos perto. – Gabriel me abraçou, ao meu lado dentro do barco onde o piloto parecia tranquilo. E realmente me acalmei perto dele. Mesmo não devendo.

Ao desembarcarmos, corremos pelo píer embaixo da chuva forte. Os outros chalés estavam fechados. Chegamos à varanda do nosso chalé completamente molhados, rindo. Resolvemos contornar até o pátio dos fundos, onde havia uma plataforma de madeira banhada pela chuva, para não molharmos a casa toda.

Gabriel não abriu a porta. Sob a chuva torrencial, me puxou para seus braços e disse rouco:

- Vamos nos despir para não molhar o chalé.

- Ah ... Só para isso? – Acabei sorrindo, pois já arrancava sua camiseta e segurava a minha, puxando-a por meus braços. Estava frio e meus mamilos arrepiados. Fitou meus seios com desejo, já abrindo sua bermuda.

- Você sabe que não.

E em questão de segundos estávamos nus, nos beijando na boca. Gabriel me deitou no chão de madeira todo molhado e veio por cima, me olhando intensamente, juntando meus pulsos sobre a cabeça e segurando-os com uma das mãos. A mão livre percorreu meus seios, meu colo, minha barriga.

Abri as pernas e se acomodou entre elas, seu pau

longo e grosso pesando em minha barriga, sua cabeça descendo sobre meu peito, sugando e mordiscando um mamilo. A chuva nos espetava, gelada, forte. Ondulei no chão molhado, buscando-o, querendo-o. E o tive. Entrou em minha vulva apertado e quente, enchendo-me toda, deixando-me arrebatada, cheia de lascívia. Foi ao outro mamilo, mordendo-o, arrancando gemidos sôfregos da minha garganta. Senti suas estocadas vigorosas e palpitei, me entreguei, fui completamente dele.

Gozamos ali, juntos, cada vez mais ligados um no outro. E mesmo depois de um banho quente e de estarmos na cama deitados de conchinha, sob um mosquitoireiro branco, ouvindo a chuva lá fora, eu continuei acordada, ouvindo sua respiração regular.

Não consegui dormir. Estava consciente demais de Gabriel e não apenas do seu corpo. O medo de me apaixonar era cada vez mais violento. E soube que precisava agir logo, fazer alguma coisa, antes que fosse tarde demais.

Ainda amanhecia quando saí da cama e vesti uma camisa grande e preta dele, só com uma calcinha por baixo. Fitei-o adormecido, os traços angulosos mais suavizados, os cabelos despenteados, o peito nu. O lençol o cobria no quadril, mas suas pernas musculosas e cabeludas estavam de fora. Meu coração batia descompassado e saí dali rapidamente.

O sol já despontava e caminhei pela praia vazia, com areia ainda molhada. Parei, olhando para o mar, pensando mais uma vez em tudo que devia fazer e não fazia.

Quando foi me levar em meu apartamento para pegar minhas coisas, liguei do quarto para Margarida e avisei para onde ia e com quem. Ela disse para ter cuidado e sabia que não era só por correr risco se Gabriel fosse um assassino. É que me conhecia e sabia que estava mexida por eles. Pelos dois. Mas de maneiras diferentes. Sendo sincera comigo mesma, sem tentar fugir, eu sabia que era diferente por que com Davi eu me sentia mais tranquila. Era sexo e diversão. Gabriel era mais intenso. Ele mexia com outras coisas dentro de mim. Com sentimentos que nunca tive. Como naquele momento. Pensei em Monalisa e sem querer pedi ajuda a ela. Qual deles, irmã? Qual deles a matou? Gabriel? Davi? Nenhum deles parecia um assassino. Não podia acreditar que a alegria do Davi escondia uma mente doentia. E não queria crer que Gabriel fosse capaz de tanta violência. Não o homem que me amou daquela maneira terna e intensa, que me beijou como se eu fosse importante. Lágrimas vieram aos meus olhos e me senti perdida, arrasada, sem suportar mais tudo aquilo. Precisava descobrir logo. Pois eu corria um sério risco de amar Gabriel. E ele poderia ser um assassino.

- Daniela?

Sua voz grossa me despertou e pisquei rapidamente para espantar as lágrimas. Quando virei, ele vinha em minha direção com uma bermuda cinza e uma blusa de malha branca, seus cabelos revoltos pela brisa que vinha do mar. Sem que eu esperasse, me ergueu do chão abraçando forte minha cintura e me beijando na boca. Eu o agarrei, sôfrega, desesperada, com o coração

sangrando. Fiz de tudo para não chorar. E o apertei muito forte.

Capítulo 9: A Sombra se revela.

DANIELA

Cheguei a meu apartamento no domingo de noite.

Depois de um final de semana maravilhoso e ao mesmo tempo perturbador com Gabriel, ele me deixou em frente ao prédio em que eu morava e se despediu com um beijo. Tomei banho, arrumei minhas coisas para trabalhar no dia seguinte e então liguei meu computador, para acompanhar as gravações que fiz do apartamento de Davi.

Não havia muita coisa. Ele quase não parava em casa. Tinha uma gravação dele na sala vendo jogo e xingando o juiz. Outra andando nu enquanto tomava café. Algumas no quarto dormindo. Mas uma me chamou a atenção e foi daquele dia, mais cedo, em seu quarto. Atrás de um quadro ele abriu um cofre e tirou de lá uma espécie de livro com capa de couro. Recostou-se na cama e o leu com atenção, sorrindo em algumas partes, bem sério em outras. Então o colocou no colo, pegou uma caneta e passou a fazer anotações. Não era um livro comum e me passou pela cabeça que fosse um diário. E para guardar no cofre, devia ter informações importantes. Poderia descrever ali seus crimes, se fosse o assassino? Aquilo me deixou muito desconfiada.

Não era possível afirmar nada com aquela cena e pensei que deveria fazer o mesmo com Gabriel, pôr câmeras em seu apartamento, revistá-lo, investigá-lo. Não podia deixar meus sentimentos ou aquele final de semana incrível me desviar do meu caminho. Decidi ir ao

apartamento dele o quanto antes resolver aquilo.

Na manhã seguinte fui trabalhar cedo e, como sempre, Gabriel chegou logo depois de mim, elegante em uma camisa social azul clara como seus olhos e calça cinza grafite. Estava bronzeado, o que me fez recordar cada um de nossos momentos em Ilha Grande. Fiquei corada e nervosa ao vê-lo, coração disparado. Ele sorriu, parando perto da minha mesa, seu olhar fixo no meu, cheio de sentimentos vorazes, intensos.

- Oi. Como foi seu final de semana, senhorita Prado? – Sua voz saiu baixa, meio arrastada.

- Perfeito, senhor Campanari.

- Boa companhia?

- Maravilhosa. Eu me diverti muito. – Sorri para disfarçar meu estado de total perturbação. Todo meu ser reagia a ele, fervendo, almejando.

- Bom saber. – Seu olhar tinha algo terno, profundo.

– Talvez a sua companhia maravilhosa precise de um pouco mais da senhorita hoje.

- Ah ... Hoje?

- Podemos jantar juntos. Ouvir mais música antiquada. O que me diz?

Era a oportunidade que eu queria, mas me vi vacilando. Apesar de tudo, parecia traição fazer aquilo com Gabriel depois do que vivemos. Na mesma hora me corrigi. Traição seria esquecer a morte da minha irmã e me deixar levar pela paixão. Eu tinha algo a fazer e o faria.

- Seria ótimo. – Concordei, tentando soar natural.

Mas por dentro estava repleta de dúvidas e medos.

- Certo. Qualquer coisa, estou em minha sala.

Depois que se afastou, soltei o ar que estava prendendo e fechei os olhos por um momento. “Fique fria, Daniela. Não caia em armadilhas. Não se engane”, disse a mim mesma, preocupada.

Continuei meu trabalho, embora minha mente estivesse distraída, preenchida por imagens de Gabriel. Aquele fim de semana, o que vivemos e o que me fez sentir, não saíam da minha mente. E saber que estava tão perto só me deixava mais nervosa.

Davi chegou um pouco antes das oito horas. Lindo, espetacular como sempre. Encostou na minha mesa e reclamou:

- Você me deu o bolo nesse fim de semana. Liguei sábado e domingo e nem atendeu.

- Eu ... saí. – Expliquei, sem saber ao certo o que dizer.

- Notei. Divertiu-se ao menos? – Ergueu uma sobrancelha.

- Sim.

- Então, tá. – Acabou sorrindo daquele jeito que deixava qualquer mulher derretida. – Vai ter que me pagar em dobro esse bolo.

- Tudo bem. – Sorri também.

Apesar da atração que despertava em mim, ainda muito intensa, notei uma diferença entre o que sentia por ele e por Gabriel.

Eu gostava de estar com Davi e o desejava. Ele era lindo de morrer, sensual, divertido. Mas com Gabriel ... Havia mais. Ele mexia comigo profundamente, mais do

que corpo. Além de qualquer pensamento coerente.

Davi foi para sua sala e trabalhei preocupada, dispersiva, minha cabeça cheia e atormentada. Depois Davi foi para a sala de Gabriel e ficaram em reunião. E eu pensei que não poderia me envolver mais com Gabriel. Deveria mantê-lo distante de mim, de meus sentimentos, até saber quem era quem naquela história. Ou me distrairia e perderia o foco.

Na hora de deixar o expediente, eu estava nervosa.

Davi se aproximou e sorriu, convidando:

- Podemos sair hoje?

Gabriel tinha acabado de sair da sua sala e ouviu o convite. Deu alguns passos em nossa direção, olhando de Davi para mim, sério. Seu olhar dizia tudo: DECIDA-SE. Afinal, eu já tinha combinado antes de o acompanhar para jantar e algo mais.

Fugi de seu olhar. Decidida, estampeei um sorriso sensual. Era hora de jogar, não de me apaixonar ou me entregar a um possível assassino. Eu não podia esquecer que aqueles dois se envolveram com minha irmã e por isso ela estava morta. Falei baixo:

- Tenho dois convites para hoje.

- Dois? – Davi ergueu uma sobrancelha e lançou um olhar ao amigo: - Está me passando a perna, Alemão?

- Como Daniela disse, é um convite. – Fixou seus olhos sérios em mim, azuis demais.

Sabia o que ele queria. Que eu dissesse a Davi que me convidou primeiro e que eu tinha aceitado. Senti um aperto por dentro, pois era o que eu queria também. Mas fiz minha escolha:

- Eu poderia aceitar os dois. – E lancei a ambos um olhar que dizia tudo.

Gabriel ficou imóvel, calado, apenas me olhando.

Não suportei encará-lo e fitei Davi. Este sorriu.

- Ótima ideia. Vamos?

Sentia o olhar de Gabriel em mim, penetrante, firme. Por fim, me virei para ele. O que vi ali me arrasou.

Decepção. Estava claro que o que eu sentia, ele parecia retribuir. Mas e se fosse mentira? E se usasse aquilo para seduzir suas vítimas? Como eu podia confiar nele?

Davi seguiu meu olhar, na certa sacando algo de estranho no ar. Indagou:

- Tá rolando algo que não sei? Primeiro foi esse fim de semana dos dois. Agora essas caras. Se eu tiver sobrando aqui, alguém me avisa, por favor?

- Você não está sobrando, Davi. Somos todos adultos e livres. Estamos apenas nos divertindo. – Eu falei jovial, como se fosse o que realmente acreditava. – Não é, Gabriel?

- Alemão? – Davi esperou.

- É, Daniela está certa. É só diversão. – Mas não parecia estar se divertindo. Seus olhos azuis eram glaciais novamente, o maxilar rígido. Por um momento, pensei que fosse nos deixar ali e sair. No entanto, permaneceu. E disse ao amigo: - Na minha casa ou na sua?

- Na sua. É mais perto. – Davi parecia animado e segurou minha mão sobre a mesa, fazendo-me levantar. – Mas eu levo a dama.

- É toda sua. – Gabriel me ignorou e dirigiu-se à porta. – Espero vocês lá.



Eu o vi sair e senti o peito apertar. Tive vontade de gritar, de correr atrás de Gabriel, de abraçá-lo e afastar aquela frieza. Eu não o queria assim. Eu queria o homem que me deixou de quatro por ele, louca, sem conseguir pensar em outra coisa. Mas não podia querer. Ainda não. E talvez nunca pudesse.

DAVI

Chegamos ao apartamento de Gabriel e tocava uma música clássica, misturada a sons da natureza, de chuva. Eu odiava aquelas músicas só tocadas dele, pois ouvia quando estava triste ou chateado. Depois de conviver anos em sua casa, dividindo um apartamento com ele quando fazíamos faculdade e agora sendo sócio, eu o conhecia pelo avesso. Se falasse com Gabriel ao telefone, saberia se estava bem ou não. Só pela nuance em sua voz. Abriu a porta para nós tomando uma taça de vinho. O modo como olhou para Daniela, penetrante, até um pouco raivoso, disfarçado em uma frieza cortante, entregou tudo. Estava a fim dela. Muito a fim. Entrei, parecendo calmo. Mas por dentro eu fervia. Algo ruim crescia e me consumia. Senti as mãos dormentes, o ódio vindo lento e se espalhando do tórax para meus membros, como uma droga. Não. De novo não. Velei o olhar, notando Daniela ir ao centro da sala, incomodada. Percebi como também olhou para Gabriel, um misto de culpa e paixão que ela tentava esconder atrás de um sorriso sensual. Porra, ela também. Ela o queria. A sensação de fracasso, de incapacidade, me abalou. Mais uma vez não fui capaz de evitar aquilo. Mesmo estando no meio, mesmo tendo entrado naquilo

primeiro, Daniela tinha se apaixonado por Gabriel e não por mim. E ele por ela. Como fui cego e não percebi aquilo antes?

- Querem beber ou comer alguma coisa? – A voz de Gabriel era gelada, um pouco agressiva pelo ciúme: - Ou preferem foder primeiro?

Daniela olhou-o pálida, depois para mim. Sorri e dei um tapa no ombro do meu irmão de alma:

- Ansioso, é?

- Você não imagina o quanto. – E deixou a taça de vinho sobre a mesa. Voltou-se para Daniela e foi até ela, que ficou quieta, olhos bem abertos e fixos nos dele.

Gabriel segurou sua bolsa, largou-a no chão e, sem deixar de encará-la, começou a desabotoar sua blusa de seda. – Não podemos deixar nossa amante voraz esperando. Ela também está ansiosa. Não é, Daniela?

- Nunca escondi que gosto dos dois. – Falou baixo.

- E nos tem, aqui. O que mais pode desejar?

Eu os observava, cada vez mais enervado. O sentimento de posse que Gabriel demonstrava a Daniela, a sua raiva por ela querer os dois quando ele só a queria, deixou-me branco, duro, gelado. Não era brincadeira. Era sério. Muito mais sério do que eu pude notar.

Meu lado mais animal e violento veio à tona. Senti um ódio descomunal, maior que tudo. Não era aquela fome, aquela necessidade que surgia às vezes e exigia ser satisfeita. Não. Era ódio mesmo. Raiva. Sentimento de impotência. Fúria. E acima de tudo decepção. Comigo mesmo. Por não ter sido capaz de impedir.

Lembrei do passado. Senti aquilo apenas uma vez.

Quando Gabriel e Monalisa se apaixonaram e fiquei sem opção. Pensei em maneiras de tirá-la do caminho dele, mas quando veio com aquela voz mole falando em amor, em alma gêmea, me dispensando, me roubando meu irmão de alma, o ódio tomou a frente. De todas aquelas pessoas inferiores das quais livre o mundo, ela foi a que me deu mais prazer. Quantas vezes lembrei aquela cena, seus olhos apavorados se apagando e eu sabendo que acabava com o maior perigo que cruzou o meu caminho. Eu livre minha vida e a de Gabriel de sua presença maléfica. E tudo continuou como deveria ser. E agora, de novo. Porra!

De novo!

Enquanto minha mente se encobria em sombras e se desdobrava em soluções, observei o que acontecia ali. Daniela sem blusa e sem sutiã. Gabriel puxando-a para si, beijando-a na boca, uma das mãos em seu cabelo, a outra no seio. Mesmo sabendo que estava querendo mostrar que poderia ser só sexo, que a usaria sem compromisso se preciso fosse, era óbvio que a desejava com tudo dele. E que estava chateado.

Analisei friamente até que ponto eu poderia usar aquilo.

Poderia

sujar

Daniela

perante

Gabriel,

decepcioná-lo ao ponto de não a desejar mais. Ou poderia afastá-la de vez da sua vida. Da maneira que eu melhor sabia fazer. Mas para isso teria que ser extremamente

cuidadoso, não levantar suspeitas. Ela teria que sumir.

Para sempre. Afinal, era quem? Uma secretária temporária sem família. E Gabriel nunca saberia que tinha morrido. Sim, era esse o caminho.

Respirei fundo, assumi meu lado mais belo e iluminado. Sentia-me mais sob controle, com o plano feito. Paciência. Somente isso. E, enquanto não chegava o momento, eu criaria outro. Aproximei-me deles.

Ainda se beijavam, ambos sem perceber o quanto eram claros em seus sentimentos. Eu entendia Gabriel. Ele estava com ciúme. Mas e Daniela? Se gostava dele, por que me quis no meio? Por que fingia? Aquilo me perturbou. Era algo que precisava descobrir.

- Estava com saudade disso. Não é todo dia que encontramos uma mulher assim, a fim de dois homens. –  
Falei por trás de Daniela, abrindo sua saia, descendo-a, acariciando sua bunda.

Senti que enrijecia. Gabriel também. Friamente parou de beijá-la e soltou-a. Pensei que desistiria, seus olhos pareciam raivosos. Sorri e afastei os cabelos dela de sua nuca, jogando sobre um dos ombros para poder beijar seu pescoço, abaixando sua calcinha.

- Vamos, Dani. – Murmurei contra sua pele. –

Mostre a gente o que você gosta.

Eu a senti estremecer. Então ergueu as mãos e começou a abrir a camisa de Gabriel a sua frente, dizendo baixinho:

- Eu gosto de vocês.

Deixei sua calcinha cair a seus pés. E enquanto beijava seu pescoço, comecei a me despir, enquanto ela

despia Gabriel.

Meu amigo ficou quieto, seus olhos indo dela para mim, para o que eu fazia. Ainda mais quando fiquei nu e fechei minhas mãos em seus seios, massageando-os, esfregando meu pau em sua bunda.

Lembrei que nunca foi tão a fim de ménages como eu. Quando éramos mais novos, aquilo o excitava, assim como ficar com duas mulheres. Então, transávamos como loucos. Mas depois, com Monalisa, quando outro sentimento entrou no meio, ficou enciumado e passou a evitar. Quantas vezes vi a posse em seus olhos e o vi se afastar, até que ela também passou a preferir só ele e fui excluído. Agora aquele olhar estava de volta. Me ver tocando Daniela, fodendo-a, mexeria com ele. Eu notava e o conhecia. Sabia disso.

Desci minhas mãos até sua vagina pequena e depilada e passei a masturbá-la. Sabia o que fazer e a excitei. Senti que arfava, estremecia, seus dedos trêmulos ao abrir a calça de Gabriel. Deixei-os um pouco e fui buscar um preservativo em minha calça no chão. Pus um em mim e joguei um para Gabriel, com um sorriso safado: - Segura aí, parceiro.

Ele o pegou. Daniela descia sua calça e caía de joelhos na frente dele, abaixando sua cueca, pondo-o na boca esfomeada. Fitei aqueles lábios em seu pau e, por um momento, senti um desejo voraz, maior do que tudo me consumir. Sem querer, lembrei de pequenos detalhes do passado, enquanto dividíamos uma mulher. Um roçar ocasional, um cheiro, um gemido. Mesmo não querendo aquilo de jeito nenhum, às vezes fechava os olhos e via

Gabriel. Eu o via gozando, comendo uma mulher, seu rosto cheio de prazer. E meu desejo se tornava assim, descomunal.

Eu não era gay. Era mais complicado do que aquilo.

Analisei esses sentimentos durante um tempo e acho que os entendi. Gabriel era tudo para mim. Meu amigo, meu irmão, aquele que me tirou de uma vida de desgraça e me deu uma família, um lar, que me ajudou nos estudos, que viu em mim somente luz. Desde que entrou na minha vida, virou o meu modelo. Eu quis ser como ele. Eu me criei e recriei, me alimentei de sua bondade e de sua amizade, de sua fé em mim. Eu tive o que teve. A mesma família, os mesmos estudos, o mesmo trabalho, as mesmas mulheres. E comecei a entender que éramos um só.

Teve uma mulher louca por sexo, mais velha que nós, quando ainda éramos universitários, que foi para nossa cama uma noite. Ela quis nós dois ao mesmo tempo em sua vagina. Como éramos bem dotados, isso parecia impossível, mas a doida insistiu, pediu, implorou. E fizemos. Nunca gozei tanto na minha vida. Por que naquele lugar quente e apertado, meu pau roçou no dele, como membros gêmeos, ao mesmo tempo. Gabriel disse mais tarde que achou esquisito. Para mim foi inesquecível. No início lutei contra. Mas depois me masturbei muito com aquela lembrança.

Não era que eu queria transar com ele. Mas se estivesse junto, tudo era melhor. Um simples roçar de um braço, de uma perna dele, me excitava às vezes mais que uma chupada de uma gata. E quando aquilo me perturbava demais, me causava raiva e vergonha, eu tinha que

procurar um rapaz e descontar nele. Livrando-me dele, como tinha sido com aquele veado em Conservatória, eu me livrava temporariamente daquelas perversões.

Afinal, Gabriel era meu irmão. Meu.

Ajoelhei atrás de Daniela e, enquanto o chupava, ergui seu quadril e penetrei com vontade sua vagina.

Gabriel apenas olhou, sério, cerrando o maxilar. É, irmão, olhe como fodo sua putinha. Como pode gostar dessas piranhas safadas? O que viu nessa aqui? Uma boceta apertada e quente? Furioso, tentei me conter. Mas meti com raiva.

Estava toda molhada. Gabriel sentou-se no sofá atrás de si, sem tocá-la, ainda segurando o preservativo que eu jogara para ele. Recostou a cabeça no sofá e fechou os olhos, deixando que Daniela continuasse a chupá-lo. Aproveitando que não podia me ver, desci meu olhar por seu rosto. Quantas vezes o admirei assim? Seus traços nórdicos e belos, seus olhos sinceros e honestos, a firmeza de caráter que eu invejava e que aparecia no fundo de seus olhos azuis?

Desci pelos ombros largos, o peito musculoso, a barriga sarada e o pau na boca de Daniela. Fui invadido por raiva de mim mesmo, pois sabia que não devia olhá-lo assim, não deveria ter aqueles desejos pecaminosos. E ao mesmo tempo às vezes era incontrolável, era mais forte que eu.

Fechei meus olhos também, fodendo aquela boceta, mas com Gabriel na mente. A injustiça de tudo aquilo me golpeou cruelmente. Era uma obsessão para mim, que me revoltava e descontrolava. A crueldade de viver com

medo que tirassem de mim meu único ponto de equilíbrio, aquele que me mantinha na luz, não me deixava ser só sombra e escuridão. Sem ele eu não seria nada, eu perderia tudo que lutei para conseguir.

Saí de dentro de Daniela e me levantei. Queria magoá-lo, com raiva pelo medo que despertava tudo aquilo em mim, com raiva por não enxergar o que há anos eu dava a ele. Meu melhor, minha dedicação, meu amor incondicional. Mas eu estava acostumado demais a usar meu escudo e sorri, sacana, pegando Daniela no colo sem esforço. Joguei-a no sofá de barriga para cima, ao lado dele, abrindo seus joelhos para o lado. Ela me olhou arfante, um pouco assustada, lutando consigo mesma. Mas fui entre suas pernas, enfiei meu pau nela e disse rouco:

- Já comeu bocetinha mais gostosa, Gabriel? E você, Dani? Já teve um pau tão grande e gostoso assim te fodendo?

Penetrei-a firme, sabendo que Gabriel olhava, que doía nele. E era para doer. Furioso vi Daniela controlar sua agonia e buscar os olhos dele. Ela queria disfarçar, mas estava apaixonada demais para conseguir. E os fitei. Era patente a energia que fluía entre eles. Gabriel estava rígido, imobilizado, frio. E ela respirava pesadamente, tentava mostrar uma sensualidade e uma leveza que não existia. Mesmo sem querer, pedia seu perdão.

Vi seu pescoço branco e esguio, a jugular saltando ali. Tive um desejo insano de levar minhas mãos até ele e apertá-lo muito, muito mais do que já apertei. Quebrá-lo como fiz com de inúmeras galinhas do galinheiro de minha mãe. Livrar Gabriel daquela mulher maldita, daquela



praga que veio para atrapalhar nossas vidas. A fome foi tão violenta que tive que sair de perto dela, de seu interior. Levantei e disse a Gabriel:

- Fique à vontade, amigo. É sua vez.

Ele não se moveu. Acho que estava em seu limite.

Talvez Daniela também tenha percebido e se desesperado, pois se ajoelhou no sofá e foi para cima dele, beijando seu peito, acariciando-o quase com desespero, montando-o. Mas antes que o pusesse dentro dela, ele a impediu.

- Está esquecendo disso. – Gabriel abriu o preservativo, seus olhos glaciais nos dela. – Afinal, é apenas uma foda entre adultos livres. Não devemos correr riscos.

Daniela ficou quieta, não sei por que empalideceu.

Gabriel então pôs o preservativo e empurrou-a no sofá, não para machucar, mas com algo de desprezo em seu gesto. Abriu suas coxas e foi por cima, penetrando-a. Ela gemeu, arfou, ficou com os olhos marejados. E o agarrou, implorando algo com o olhar. Algo que não recebeu em troca. Apenas a comeu, como se parte dele não estivesse ali.

Olhei-os, entre encantado e com raiva. Acabei me masturbando, vendo como se encaixavam perfeitamente, como pareciam lindos ali, suas peles suadas, o pau grande e grosso sumindo dentro da vagina molhada e pequena.

Um tesão violento percorreu minha coluna, me fez estremecer.

- Gabriel ... – Daniela suplicou, como se não pudesse suportar a frieza dele. Puxou-o para si, abraçou-o forte, tentou beijá-lo. Mas ele não deixou. Virou o rosto

para o lado, meteu firme, fechou os olhos. Vi sua agonia, Daniela não.

Aproximei-me, acariciei os cabelos dela, falei

baixo:

- É, Alemão, tiramos a sorte grande, Uma secretária como essa não se encontra em cada esquina.

Ele ergueu os olhos para mim. Então saiu de dentro dela, passando as mãos pelo cabelo, nervoso. Daniela o observou, imobilizada.

- Olha, hoje não estou legal. – Ele disse seco, virando-se e pegando suas roupas.

- Gabriel ... – Daniela se sentou logo, agoniada.

- Fiquem pelo tempo que quiserem. Ocupem o quarto de hóspedes. Quando saírem, batam a porta.

- Cara, o que houve? – Falei como se não soubesse, fitando-o com surpresa.

- Nada. – Virou para nós com suas roupas nos braços, muito frio, mas apenas um escudo para seu tormento, seu ciúme, sua confusão. – Como eu disse, não estou legal.

- Mas ... Não podemos ficar aqui sem você. – Daniela mordeu os lábios, tremendo, seus olhos se desesperando, em uma clara luta interna.

- Façam como quiserem. Boa noite.

- Gabriel ... – Ela o chamou, cheia de agonia.

Mas ele não respondeu. Sumiu pelo corredor sem olhar para trás. Daniela se levantou, respiração entrecortada, o rosto espelhando seu desespero. Parecia prestes a correr atrás dele, mas falei logo:

- É melhor deixá-lo sozinho. Não vai ouvir nada

agora.

Olhou-me, quase implorante.

- Mas por que ele ...

- Não sei. É assim mesmo, rabugento. Já te disse. –

Sorri, apesar de odiá-la naquele momento. – Não deve estar bem, só isso. Quer continuar?

- Acho ... Acho melhor irmos embora. – Foi até suas roupas, vestindo-se com desânimo, cabisbaixa, pensativa.

Eu também não a queria mais. Eu estava furioso, por que Daniela tinha o poder de atingir Gabriel daquele jeito. Nam com Monalisa eu o vi desistir assim, no meio de uma transa. Entendi que devia fazer meus planos logo, de maneira a me livrar daquela puta o quanto antes e sem levantar suspeitas.

- Certo. Eu te levo em casa.

E fui me vestir também.

GABRIEL

Depois de um banho eu caí na cama, sem saber se eles tinham ficado ou ido embora. Tentei ignorar e pegar no sono, mas não consegui. Sentia-me perturbado, agoniado, nervoso. Com raiva. Enfiei um short e voltei à sala, disposto a expulsá-los dali. Mas estava totalmente vazia.

Passei meus olhos pelo sofá e fui abrir a porta de correr que dava para a varanda. A brisa gostosa que vinha do mar me recebeu e fui até a amurada, olhando para os treze andares abaixo. Podia ver a praia, as ondas escuras batendo na areia branca, pessoas circulando pelo calçadão. Mas notei tudo com apenas uma parte de mim.

Por que de resto eu só consegui pensar naquela noite. E em Daniela.

Desde o primeiro momento, soube que ela mudaria algo em minha vida. Seria importante. E agora sabia por que. Voltei daquele fim de semana em Ilha Grande certo de uma coisa: estava apaixonado por ela. E tive certeza de que senti a mesma coisa. Ainda naquela manhã, quando combinamos passar a noite juntos, eu tinha me sentido feliz, ansioso por ficar mais tempo em sua companhia. Tinha sido um banho de água fria perceber que para Daniela era apenas sexo, que queria não apenas comigo, mas com Davi também.

Lutei para provar a mim mesmo que era mesmo só sexo. Eu a foderia como a uma qualquer. Mas descobri mais duas coisas: Não era possível separar meus sentimentos do meu corpo naquele caso. E não queria vê-la trepando com meu amigo. Não do jeito que eu me sentia agora.

Eu tinha me enganado feio naquela história. O que pensei que fosse recíproco, tinha sido só do meu lado. E decidi cair fora para não me envolver mais e sofrer. Saí do terraço e fechei a porta, com um cansaço que não sentia frequentemente. Voltei ao meu quarto e caí na cama, mas estava difícil conseguir dormir. Daniela ocupava minha mente, meu corpo ardia pelo desejo não satisfeito naquela noite e eu me embaralhava com as mensagens que passou para mim. Por um lado, de que queria só se divertir com dois homens. Por outro a maneira como me fitou e me agarrou, agoniada, como se fosse mais e lutasse contra.

Quem era aquela mulher? O que queria de mim?

Rolei na cama, perturbado, perdido. E só muito depois consegui dormir.

Era uma praia. Deserta. Chovia muito, em cântaros.

Eu andava pisando descalço na areia molhada. Reconheci o lugar. Grumari. Uma sensação ruim me golpeou, de tristeza e desespero e lembrei de outro dia, quando soube o que aconteceu e corri para lá. Quando vi o corpo de Monalisa jogado a um canto perto de umas árvores e pedras, todo molhado de chuva, as marcas roxas no pescoço, os longos cabelos ruivos espalhados sobre a areia molhada. Os olhos imobilizados para sempre.

Nunca poderia esquecer aquela dor que me rasgou por dentro. A sensação de impotência, o desejo de poder tê-la nos braços, fazê-la acordar enquanto me seguravam à força e não me deixavam chegar perto, o ódio pela maldade de tudo aquilo.

E agora eu estava ali de novo. Não queria estar.

Nunca mais consegui pisar em Grumari desde aquele dia.

Então ... Por que andava naquela praia sob a chuva torrencial? Parei, olhando para o mar cinzento, querendo recordar como cheguei ali. Mas estava perturbado demais para pensar. Virei, disposto a ir embora. Foi quando a vi.

Estava parada, alta e esguia, a alguns passos de mim. Continuava jovem e linda, os cabelos ruivos quase até a cintura, as sardas no nariz que eram um encanto.

Tinha grandes e doces olhos castanhos, sempre doces como ela. Sorriu para mim, do jeito que sempre fazia. Eu costumava achar que seu sorriso para mim era diferente do que o que dava para outras pessoas. E acho que era. O

meu era especial, só meu. Com seu amor.

Saudade e dor me golpearam, assim como a  
esperança. Então era mentira? Ela estava viva? Dei um  
passo para frente, ansioso, emocionado, mas sua voz  
suave me deteve:

- Não. Não pode vir aqui, Gabriel.

Então me dei conta que não estava molhada. Mesmo  
em meio a toda aquela chuva, seus cabelos caíam secos e  
ondulados, seu vestido esvoaçava sem uma gota, a pele  
parecia quase translúcida. Quis falar, quis andar, quis  
fazer tanta coisa, mas me senti preso no lugar,  
imobilizado, a água descendo gelada por minha cabeça,  
me fazendo tremer de frio.

- Monalisa ...

- Eu sei. – Ela sorriu, daquele jeito só meu,  
brilhando com seu amor. – Sei que senti minha falta.  
Também senti a sua.

- Mas o que ...

- Não posso demorar, Gabriel. – Parecia então um  
pouco nervosa, até mesmo desesperada. – Precisa me  
ajudar.

- Sim. Eu só quero ...

- Salve a minha irmã. Por favor.

Não entendi. Quis me mover, tocá-la, fitar seus  
olhos de perto, mas não conseguia.

- Do que está falando?

- Prometa que vai salvar minha irmã. Prometa. –  
Implorou.

- Que irmã?

- A pequerrucha. Ela corre perigo. Salve-a. Por

favor.

Parecia sumir diante dos meus olhos, ficar cada vez mais translúcida.

- Monalisa! – Gritei desesperado. Algo me imobilizava, como se braços invisíveis estivessem a minha volta.

- Preciso ir. Por favor, Gabriel ... – Seus olhos brilhavam e eram a última coisa dela que sumiam em meio a uma espécie de névoa. – Só posso contar com você. Por favor ...

E sumiu.

- Não! Monalisa!

Acordei em meu quarto, sentando na cama com o coração disparado, a garganta seca, como se tivesse gritado muito. Olhei em volta confuso e só então me dei conta de que foi um sonho.

Passei a mão trêmula pelo cabelo, nervoso. Não apenas um sonho. Tinha sido real demais. Sua voz, seu cabelo, seus olhos e seu sorriso. Era Monalisa. E o que me pediu com tanta vontade, com todo seu ser, quase com desespero. Para salvar sua irmã. Meu Deus!

Levantei da cama, ansioso. No decorrer da minha vida tive sonhos assim e alguns eu sabia ser um aviso, como da vez que implorei a meu pai para não ir trabalhar e aconteceu um acidente que matou alguns colegas seus do trabalho. Premonições, sensações, avisos.

Procurei me acalmar. Estava abalado, pois foi como ver Monalisa de verdade na minha frente, depois de seis anos sem pôr os olhos nela, vivendo apenas com as lembranças. Era uma sensação de dor e saudade, mas

também de alívio. De saber que ainda existia. Nem que fosse dentro de mim ou em meus sonhos.

Fui até a janela e a abri, respirando o ar frio da noite, buscando me acalmar, analisar aquilo. Pois sabia que era diferente de um sonho comum.

Pequerrucha. Sim, já tinha me falado da irmã caçula. Eu sabia de sua história, de como fugiu do padrasto que a estuprou, da mãe que não acreditou nela, de sua preocupação com a irmã que chamava carinhosamente de Pequerrucha. Dizia que temia que o pai de sangue da menina, seu padrasto, fizesse o mesmo com a filha. Que queria trazê-la para morar com ela. E que faria isso logo. Mas nem teve tempo.

Fiquei tão mergulhado em minha dor, após seu assassinato, que nem me lembrei mais da menina. A Pequerrucha, de quinze anos, tinha ficado esquecida, perdida para sempre em um passado longínquo. Por que agora Monalisa aparecia e me falava justamente dela? O que eu poderia fazer por uma garota que nem conhecia? Garota não. Devia estar agora com vinte e um anos.

Uma mulher. Tentei lembrar onde viveria, talvez ainda em Jaconé, de onde Monalisa viera. Perturbado, não vi coerência em tudo aquilo. Mas decidi investigar no dia seguinte. Tinha um investigador particular amigo meu que poderia descobrir rapidamente o destino da garota. E então eu saberia se precisava mesmo de mim, se havia algo que eu pudesse fazer por ela. E por que Monalisa fez aquele pedido a mim.

DANIELA

Eu não tinha conseguido dormir, depois que Davi



me levou em casa. Felizmente foi compreensivo, como se soubesse que havia algo errado. E então se despediu com um beijo e foi embora.

Estava confusa, arrasada, com medo. Não sabia mais o que fazer depois do que tinha acontecido. O modo frio como Gabriel me fitou, o desprezo com que me tratou e a decepção latente, ao me largar, ao me ignorar. Se fosse outra situação, poderia achar que se importava mesmo comigo, que estava com ciúme. E poderia até ser. Mas quem garantia que não usaria aquele ciúme para me fazer mal? Afinal, não foi por aquilo que mataram minha irmã? Por ela ter escolhido o outro?

O medo de que Gabriel tentasse me matar quase me fazia dobrar em duas. Quando vi, chorava de soluçar, confusa, nervosa, desesperada. Precisava de respostas. Tinha que testá-los mais, no entanto, a que preço? O que seria de mim ao final de tudo aquilo?

Não suportei ficar ali, mergulhada em tanto sofrimento. O dia amanhecia e saí pronta para o trabalho, mas em Ipanema não fui para os escritórios da agência. Ainda era pouco mais de cinco horas da manhã quando parei meu carro branco e popular em frente ao prédio de Gabriel e fiquei lá, nem eu mesma sabendo o que fazia naquele local, o que esperava. Mas fiquei. Era como se me aliviasse mais estar um pouco perto dele. E me controlei para não sair e pedir para entrar.

Qual não foi o meu susto ao ver seu belo importado preto saindo do prédio. Confirmei a placa e o vi virar no caminho oposto ao que levava ao escritório. Nem tive tempo de pensar, liguei o carro e, mantendo uma distância

segura, eu o segui.

Percorremos várias ruas. Pensei que estivesse indo em direção à Barra ou ao Recreio dos Bandeirantes, mas pegou outro caminho. Meu coração disparou loucamente ao perceber que caminho era aquele. Um que fiz diversas vezes desde que mudei para o Rio de Janeiro.

O medo e a raiva vieram vorazes dentro de mim quando vi a placa para Grumari. E lembrei de algo que li sobre psicopatas e sociopatas, que eu procurava encontrar em seus apartamentos: o fato de gostarem de rememorar o que tinham feito, por isso guardar lembranças de suas vítimas ou visitar o local do crime. Como Gabriel fazia agora.

NÃO! Tive vontade de gritar. Lágrimas grossas escorreram por meu rosto. Tentei me convencer que aquilo não queria dizer nada. Poderia sentir a falta dela e estar ali para relembrá-la, sem significar que tinha sido seu assassino. Mas a dor, a decepção, eram tão fortes que me desesperei. Gabriel podia sim ser seu assassino. Tinha ficado com ciúmes por Monalisa escolher Davi. E a matou.

O que eu planejei desde o início estava acontecendo. Eu servia como isca. Se me declarasse a Davi, se dissesse a Gabriel que amava o outro, ele tentaria me matar também? E aí eu poderia pegá-lo com a arma que andava sempre comigo, em minha bolsa? Gravar sua confissão e dar um tiro nele, em minha vingança final? Ódio e desespero me golpearam duramente.

Comecei a soluçar dentro do carro, sofrendo horrores, tremendo da cabeça aos pés. Como eu poderia matá-lo? O único homem que amei? Meu Deus, o que eu ia fazer?

A praia de Grumari estava vazia àquela hora e não pude me aproximar muito. Deixei o carro longe, em outra esquina, depois que Gabriel parou o dele. Enxuguei as lágrimas e me apoiei no volante, olhos fixos à frente. Gabriel saiu do carro. Usava jeans, camiseta, seus cabelos estavam revoltos. Ficou parado um tempo perto do automóvel, pensativo, fitando a praia a sua frente. Vi quando levou ambas as mãos a cabeça, em um gesto meio que de desespero. E as deixou cair. Permaneceu ali, quieto, compenetrado. Por fim, deu alguns passos e pisou na areia.

Eu o vi seguir em frente e então virar na direção em que Monalisa foi encontrada morta. Perdi-o de vista e não podia sair do carro, ou perceberia minha presença. Continuei paralisada, esperando. Não havia mais nada a fazer. O pior eu sabia. Que tinha vindo ali ver o local em que minha irmã foi encontrada morta.

Demorou uns quinze a vinte minutos. Voltou caminhando de cabeça baixa, como se algo o derrotasse. Tristeza? Remorso? Saudade? Planos de matar de novo? O que? O que se passava em sua cabeça? Meus olhos não o deixaram um segundo. Até que entrou no carro e bateu a porta. Abaixei-me quando voltou pela rua. Só depois de um bom tempo, levantei-me de novo e vi seu importado negro bem longe. Não o segui mais. Não havia necessidade.

Uma dor absurda veio de dentro de mim e comecei a socar o volante e gritar, torturada, furiosa, desesperada. E então chorei, sem suportar mais aquela pressão. Estava sendo demais para mim.

## Capítulo 10: A identidade de Daniela.

### DANIELA

Eu cheguei um pouco atrasada naquela terça feira de novembro no escritório. Todos me olharam surpresos, estranhando, alguns até brincaram, pois sempre era a primeira a chegar. Eu sorri e segui para minha mesa. Tinha demorado até conseguir me recuperar e aparecer ali, agora bem maquiada e fria.

Sentei e comecei a trabalhar. Infelizmente tinha que ir à sala de Gabriel entregar uns documentos a ele, para assinar. Como eu poderia encontrá-lo depois de tudo? E com todas aquelas desconfianças dentro de mim? Não pensei muito. Peguei os papéis, respirei fundo e me levantei. Bati em sua porta e mandou entrar.

Estava em sua mesa, falando ao telefone. Olhou-me frio e, sem nenhuma palavra para mim, apenas apontou para sua mesa quando mostrei os documentos em minha mão. Como se me mandasse colocar ali em cima e me mandar. Na mesma hora me ignorou, discutindo os pormenores de um pacote promocional com uma empresa cliente. Só faltou virar a cadeira e ficar de costas para demonstrar seu desprezo.

Fui atacada por uma miríade de sentimentos. Senti raiva, dor, desespero, paixão, revolta. Quis gritar, bater nele, exigir que me dissesse por que foi naquela praia hoje. Mas apenas saí da sala, meu peito apertado, uma agonia terrível revolvendo minhas entranhas. E voltei ao meu trabalho.

Não me concentrei em nada. Estava arrasada e furiosa. Meus dedos tremiam. Tinha que ler várias vezes a

mesma coisa até entender. E quando Davi chegou e veio me cumprimentar, com seu bom humor habitual, eu o olhei, quase que a implorar ajuda.

- Hei, o que houve? Chateada por ontem? – Seus olhos negros atentos.

Respirei fundo. Eu ainda não podia confiar em Davi. Havia uma chance de que fosse o assassino, mesmo com seu jeito jovial e alegre, mesmo eu estando muito desconfiada de Gabriel. E cada vez mais confusa. Pois podia ser qualquer um dos dois.

- É, estou um pouco chateada.

- Não fique assim. Gabriel é um pouco instável às vezes. – Sorriu.

- Instável?

- Quando o mau humor ataca. Depois passa. –

Sorriu. – Se quiser sair e conversar, estou aqui.

Nesse momento a porta da sala de Gabriel se abriu e ele surgiu, todo de preto. Estava lindo e ao mesmo tempo sombrio. Seus olhos foram de Davi para mim, frios, cortantes. Aproximou-se.

- E aí, cara? Tudo bem? – Davi o cumprimentou.

- Claro. Por que não estaria?

- Vai sair?

- Sim, vou fechar um contrato com um cliente na Barra e depois em mais duas reuniões. Não sei se volto hoje. – Virou-se em minha direção, bem profissional. – Se tiver algo para mim, anote e deixe sobre a minha mesa.

- Sim, pode deixar. – Falei no mesmo tom.

- Cuido das coisas por aqui, Gabriel. – Disse Davi.

- Sei que sim.

Acenou com a cabeça e se afastou. Davi ergueu uma sobrancelha e suspirou.

- Bom, estou na minha sala, Dani. Qualquer coisa é só chamar. E se precisar de um colo, estou aí também. – Piscou para mim, safado.

Eu sorri, apesar de tudo. Quando saiu, continuei a trabalhar, mas por obrigação, sem nenhuma vontade ou concentração. Estava arrasada, confusa, com medo, sofrendo. Minha mente não parava de analisar os fatos vertiginosamente, a ponto de me fazer sentir que até respirar era um sacrifício.

GABRIEL

No final da tarde, depois que resolvi todas as coisas relativas à agência, fui até um Café em Ipanema encontrar Manolo Dourado, o investigador amigo meu que ficou de buscar algo sobre a irmã de Monalisa. Em meio ao dia atribulado e aos pensamentos e sentimentos contraditórios que Daniela despertava em mim, nem tive tempo de pensar direito sobre o assunto daquela menina. Embora o sonho tenha ficado marcado em minha mente. Eu me sentia deprimido, agoniado, preocupado. Para piorar tudo, ter ido a Grumari naquela manhã depois de tantos anos me perturbou além da conta. Pensei muito em Monalisa, senti mais uma vez sua morte, lembrei-a naquele sonho. E tudo só aumentava aquela pressão ruim em meu peito.

- Gabriel, quanto tempo! – Manolo se levantou sorrindo assim que me aproximei da mesa onde tomava um café expresso.

- Pois é, Manolo. Pelo menos um ano, não é? Nessa

correria da vida a gente acaba se afastando das pessoas.

Como está Irene? – Cumprimentei-o com um aperto de mão caloroso e uma batida no ombro. Éramos amigos há uns anos e ele já fizera algumas investigações para a agência.

- Está ótima. Na correria atrás das crianças, como sempre.

Nós nos sentamos e pedi um café puro ao garçom.

Manolo empurrou um envelope em minha direção e o fitei.

- Foi rápido dessa vez.

- Hoje em dia é mole encontrar uma pessoa. –

Sorriu.

O garçom deixou meu café na mesa e se afastou.

Nem o toquei, abri o envelope, enquanto meu amigo dizia:

- Ela tinha seus registros lá em Jaconé, onde nasceu.

Mas não mora lá há alguns anos. Se quiser, faço outra investigação para localizá-la. Essas são só as iniciais.

- Talvez eu precise mesmo. Afinal ...

Eu me calei abruptamente quando tirei do envelope uma foto. Fitei a garota ali, sentada em um balanço, olhando diretamente para frente, sem sorrir. Fitei seus olhos esverdeados e foi como tomar um soco. Estava diferente, talvez com quinze ou dezesseis anos ali e com longos cabelos até a cintura. Não escuros como agora. Mas ruivos, do mesmo tom vivo e lindo de Monalisa. Eu fitava os olhos de Daniela.

- Gabriel? O que houve? Está pálido.

- Nada, eu ... – Balancei a cabeça, sem poder acreditar. Não conseguia tirar os olhos daquela foto, entendendo por que tantas vezes senti que conhecia

Daniela, que havia algo familiar nela. Era parecida com Monalisa. Com aquela cor de cabelo então... Sua cor natural.

Perguntas vieram em disparada na minha mente, várias, atropelando-se. Por quê? Por que estava ali, sem dizer quem era? O que queria? Senti de novo todas as sensações desde a primeira vez que a vi, a desconfiança, a familiaridade, a atração. Como não notei antes sua semelhança com Monalisa? O tipo de corpo, o formato do rosto, algo em sua voz?

Ansioso, tirei os outros papéis do envelope e os olhei. Daniela Silva Prado. Pai: Roco Prado. Mãe: Otília Silva. Irmã: Monalisa Silva. Viveu em Jaconé até os 16 anos, quando saiu e nunca mais voltou. Os pais ainda estavam vivos, morando no mesmo local. Atualmente tinha vinte e seis anos. Havia ali cópias de seus documentos e estava então com os cabelos escuros na identidade.

- Quer que continue na investigação, para saber onde ela está hoje? – Perguntou Manolo.

- Não vai ser necessário. – Guardei tudo no envelope, ainda chocado.

Eu precisava pensar, analisar tudo com calma. Não sei como consegui falar com Manolo e tomar meu café. Quando nos despedimos, fui para meu carro e fiquei lá, imobilizado, tentando pôr tudo em ordem dentro de mim e entender o que estava acontecendo.

Daniela era a Pequerrucha. Tinha 15 anos quando Monalisa morreu. Aos dezesseis saiu de Jaconé. E agora, aos vinte e um, estava se relacionando comigo e com Davi, como tinha feito sua irmã. Não era preciso ser



nenhum gênio para perceber algumas coisas.

Ela tinha feito tudo de propósito. Tinha entrado em nossas vidas, usado sua beleza, se envolvido com nós dois de caso pensado. E então me recordei que fomos investigados na época da morte de Monalisa e um dos detetives disse que havia uma denúncia contra nós. Nada foi encontrado e a polícia descartou a mim e a Davi como suspeitos. Agora eu me perguntava se aquela denúncia não tinha vindo de Daniela. Provavelmente. E se fosse isso, boa parte daquela história se explicava. Ela queria descobrir o assassino da irmã e, por algum motivo, acreditava que devia ser eu ou Davi.

Respirei fundo e guardei o envelope dentro da minha pasta. Em que se baseava para ter essa desconfiança? Não podia ser só no fato de termos sido amantes de sua irmã. Talvez fosse o mesmo motivo que a fez fazer a denúncia seis anos atrás. E isso acrescentava mais um monte de perguntas em minha cabeça.

Mas o que pensei foi até que ponto tudo foi um plano. Seria fingimento de Daniela? Inclusive os gozos que teve comigo, a ligação que tivemos naquele final de semana em Ilha Grande? Não, impossível. Eu a senti próxima a mim, o modo como me olhava e correspondia. Ninguém podia fingir tão bem. E seria o mesmo com Davi?

Lembrei da noite passada, quando quis nós dois, como em alguns momentos parecia agoniada, me olhando como se suplicasse algo. Em uma hora parecia sensual, querendo um ménage. Em outros, me agarrava e beijava como se só me desejasse. Meu Deus, o que estava

havendo ali? Seria isso, estava nos investigando e tentando não se envolver até encontrar o que queria? Liguei o carro, nervoso, preocupado. Dirigi de volta para o escritório, mil perguntas na mente, a vontade de pressioná-la e exigir respostas. Mas isso poderia fazer com que se assustasse e se escondesse mais. Não, eu precisava descobrir o que estava acontecendo, o que planejava e baseada em que. Sem alertá-la até saber como agir.

Como poderia passar pela cabeça dela que eu mataria Monalisa? Eu, que a tinha amado? Que sofri como um condenado com sua morte? E Davi, que também havia sofrido. Claro que meu amigo não faria algo tão terrível quanto matar a garota com a qual nos relacionávamos. Eu o conhecia bem.

Por um momento senti um gosto amargo na boca, uma pressão no peito, uma sensação estranha, que fez um arrepio sinistro percorrer minha coluna. Foi como se uma voz sussurrasse em meu ouvido: “Será?”. Será o que? Tive ódio de mim mesmo com aquele sexto sentido ruim. Davi nunca faria algo assim. Era meu irmão. Eu o conhecia pelo avesso.

Sem que pudesse conter, lembranças desfocadas e fora de ordem surgiram como espocadas na minha mente. Uma vez em que saímos juntos, ainda rapazes. Paquerei uma garota e me deu mole. Quando me aproximei, fui ver que tinha namorado e o cara me deu um soco. Davi perdeu a cabeça. Voou nele e o socou até deixá-lo desacordado. Só depois de muita luta consegui tirá-lo de cima do cara, antes que o matasse. Estava irreconhecível, uma fúria fria

em seu rosto deixando seus olhos vidrados. Senti que o mataria e nem notaria.

Depois, quando seguia com Davi para casa, perguntei se estava louco, se queria parar na cadeia. E ainda estava esquisito, os olhos frios, a respiração pesada. Disse algo que me fez sentir mal, ter aquela impressão ruim e ao mesmo tempo inexplicável. Ele disse que por mim mataria.

Aquilo ficou guardado em algum ponto dentro de mim. Uma ou outra vez percebi aquele olhar em seu rosto, mas mudava logo, sumia. E sempre achei que era coisa da minha cabeça, pois era meu amigo, meu irmão, meu companheiro de uma vida inteira. Ser estourado, perder a cabeça de vez em quando não era pecado. E todo mundo tinha seus defeitos. De resto, eu confiava nele cegamente. Senti-me revoltado ao pensar naquilo. É claro que Davi nunca mataria uma pessoa, nem Monalisa nem ninguém, assim como eu. Daniela estava enganada, talvez ainda sofrendo pela morte da irmã, procurando pistas onde não havia. E eu precisava saber tudo e mostrar a ela que o assassino estava solto por aí, em outro lugar. Parei o carro na calçada em frente ao prédio em que ficava a agência, olhando o relógio de pulso. Pouco depois das cinco da tarde. Daniela já teria saído? Respirei fundo, tentando controlar todas as dúvidas e sentimentos, palpites ou pressentimentos que me atacavam. Precisava de cabeça fria para agir da maneira mais correta possível e montar as peças daquele quebra-cabeça.

Antes que pudesse sair do carro eu a vi surgir na

entrada do prédio. Olhei-a, percebendo seus cabelos castanhos escuros presos. Tive vontade de vê-los como realmente eram, naquele rico tom de ruivo. Seu corpo alto e esguio, o modo de se mover ... Meu Deus, como não notei aqueles detalhes? Aquela semelhança não gritante, mas perceptível?

Daniela caminhou em direção ao ponto do ônibus, mas saí do carro quando se aproximou mais. Ela parou e me fitou, arregalando os olhos, sua respiração se acelerando. Senti seu nervosismo e se assemelhava muito ao meu.

- Precisamos conversar. Entre.

Achei que ia recusar. Continuou ali parada, até que pareceu se controlar. Olhou para o carro e depois para mim, seus sentimentos agora bem disfarçados em uma expressão neutra. Segurou firme sua bolsa e terminou de se aproximar.

- Conversar? Resolveu falar comigo agora, Gabriel?

Pensei em muita coisa naquele momento. Mas o que mais me dominou foi o que sentia por ela, forte e denso, mesclado a todas as dúvidas que me corroíam e ao sonho com Monalisa, pedindo por favor que protegesse sua irmã. E eu sabia que o sonho não fora algo banal. Era um pressentimento, o mesmo que tive quando conheci Daniela. E só de imaginar que ela poderia estar correndo algum risco, eu sentia o medo me corroer por dentro.

- Entre, Daniela. – Falei cansado.

Seus olhos brilharam, acho que de raiva. Ou de medo. Ou de algo mais que não soube explicar. E sem

dizer uma palavra, ela entrou no carro.

Dirigi em silêncio. Não sabia ao certo o que dizer, como ter algumas respostas sem revelar o que eu sabia.

Ao mesmo tempo, minha vontade era de abrir logo o jogo.

Mas se ela se fechasse mais? Se fugisse de mim?

- Para onde vamos? – Perguntou baixinho.

- Minha casa.

- Sobre o que vamos conversar, Gabriel?

- Sobre nós.

Ela ficou quieta e eu também. Só parei ao estacionar o carro na garagem. Daniela não me esperou para abrir a porta, desceu logo, parecendo nervosa, como se não aguentasse ficar ali parada. Não a toquei, enquanto íamos até o elevador. Mas senti seu olhar sobre mim.

Fitei-a e fui invadido por uma miríade de emoções.

De alguma maneira, ela havia se imiscuído dentro de mim.

Tanto, que agora eu nem conseguia pensar racionalmente.

Sem poder resistir, fui até ela e a encurrelei no canto do elevador. Arregalou os olhos e entreabriu os lábios.

Beijei-a com tudo, com desejo, amor e desespero, segurando seu rosto entre as mãos, sugando sua língua, colando-a toda em mim.

Daniela gemeu e me agarrou também, retribuindo com a mesma fome voraz, quase com desespero. Seu gosto me deixou doido. Segurei-a firme contra mim, entendendo que muito mais coisas nos ligavam, além da atração física e da paixão. Ambos havíamos amado Monalisa. E ainda havia um poço de dúvidas entre nós.

As portas do elevador se abriram. Saí levando-a junto a mim, meu peito parecendo prestes a explodir,

minha mente rodando. Eram muitas decisões a tomar, mas só me preocupei em abrir logo a porta e puxá-la para dentro, consumido por uma paixão que enfraquecia todo o resto, por um desejo misturado a um tormento, a uma aflição descomunal.

Senti suas mãos em meu cabelo, sua respiração acelerada, seu corpo buscando o meu. Ergui-a do chão e seu rosto ficou na altura do meu. Olhamos um nos olhos do outro e tinha tanta coisa para dizer, tanto para extravasar, um mundo de segredos entre nós... Mas além de tudo, aquela atração era maior e emudecia o resto.

- Quero você pra mim, Daniela ... - Murmurei rouco, andando com ela assim até o centro da sala. Vi sua ânsia, tão explícita, sua luta interna. E percebi que seu tormento não era fingimento. – Vai dar tudo certo ...

Buscou minha boca, sôfrega, enquanto a deitava no sofá. Chupei e mordisquei seu lábio inferior, enfiei minha língua em sua boca, enquanto Daniela abria minha camisa, puxava-a para baixo pelos braços, ficava louca por mais. Eu queimei, ardi, me consumi. E a levei junto comigo. Também tirei sua blusa, enfiando minha mão entre suas pernas, erguendo sua saia, roçando os dedos na calcinha úmida, querendo-a tanto que chegava a doer.

E a fome era tanta, tão voraz, que não consegui esperar. Daniela abriu minha calça e pôs meu pênis para fora. Eu arranquei sua calcinha e me deitei sobre ela, buscando-a, querendo-a. Penetrei-a com tudo, com força, gemendo rouco ao sentir como me engolia, me puxava para dentro e me agarrava, cheia de luxúria, de paixão, de mais. Muito mais.

Ergui o rosto, fitei seus olhos, todo acomodado dentro dela . Por um momento, tudo parou. Fomos só nós dois ali, todo o resto esquecido. E vi em seu olhar sentimentos que espelhavam os meus, mas também medo, confusão. E entendi que não era mesmo fingimento. Não aquilo que sentíamos.

Movi-me, penetrando-a, dizendo baixo e rouco:

- Esse sou eu, Daniela. Sem máscaras ...

- Eu ... Eu não sei o que quer dizer ... – Murmurou, suspensa, excitada, assustada, suas unhas enterradas em minhas costas.

- Sim, você sabe. – E a beijei de novo na boca.

Meti duro e fundo, segurei-a forte, não lhe dei chances de escapar. Me dei conta de que era minha, eu a queria, independente de qualquer coisa. E mostrei com meu corpo o que vinha de dentro, beijei-a com a alma.

Meu pau abriu caminho dentro dela, estocando apertado, ereto, inchado. Daniela se entregou, capitulando, choramingando, tomando de mim o mesmo que me dava.

Quando começou a gozar, tendo espasmos em volta do meu pau, não aguentei mais. Extravasei meu orgasmo quente

dentro

dela,

em

ondas

incontroláveis,

estremecendo, me dando, me entregando. Fomos juntos, excitados e colados, nossas línguas se devorando, nossos corpos mais unidos do que podiam ficar.

Terminamos entre gemidos roucos e beijos lentos.

Eu a sentia encharcada pelo desejo e por meu gozo, meu esperma dentro dela. Afastei um pouco o rosto e a fitei, encontrando seus olhos perdidos, cheios de lágrimas.

Acariciei seu rosto com carinho, murmurando:

- Conte para mim, Daniela.

- O que? – Sussurrou, lutando para se manter controlada. Mas como, com meu pau enterrado dentro dela, comigo ainda pesando em seu corpo?

- Por que está chorando?

- Não estou chorando. Gabriel ... – Tentou sair debaixo de mim, mas não deixei. Movi-me mais, penetrando-a, ainda duro, ainda louco por ela. – Preciso ir ao banheiro.

- Não.

Seu olhar tornou-se irritado. Vi como a raiva a engolfou e me empurrou. Segurei seus braços para o alto, imobilizando-a. Quanto mais se remexia, mais me encaixava dentro dela, mais me deixava também raivoso e excitado. Por fim parou, respirando irregularmente, atacando:

- O que é, vai me obrigar agora? Pelo que me lembro, ontem você não quis. Ontem me desprezava.

- Não quero dividir você com Davi. – Falei baixo.

- E se eu quiser? – Seus olhos ardiam, com raiva, com dor. – Se eu quiser só Davi? Vai fazer o que? Me matar?

Acho que se arrependeu do que disse, mas não voltou atrás. Cerrou os lábios, esperando, encarando-me.

Então era isso. Analisei-a em silêncio um momento.



Daniela achava que um de nós teve ciúme do outro com Monalisa e a matou. Veio na ponta da língua a negativa, mas me controlei. Ela não acreditaria somente em minhas palavras. Precisava de provas. Mas como? Como provar que éramos inocentes?

- Eu nunca mataria você, Daniela. Acha que teria coragem de te machucar?

- Então, por que não me solta? – Apesar de sua fúria, seu corpo ardia, sua vulva latejava em volta do meu pau. Lutava internamente com seu desejo e vi seu tormento de muito perto. Era parecido com o meu.

- Se é isso que quer, eu a solto. Mas primeiro ... Quero um beijo. – Fitei as pupilas de seus olhos, fixamente.

- Não.

- Sim.

- Gabriel ...

Aproveitei seus lábios entreabertos e a beijei, enfiando minha língua em sua boca, sendo persuasivo e apaixonado. Antes que pudesse lutar, se negar, movi-me em seu interior, meti e tirei o pau lentamente, deixei que sentisse como a queria, sem força, sem raiva, mas com amor, com ternura, com tudo meu. Daniela tremeu, moveu os braços e os soltei. Na mesma hora deu um gemido dolorido e apertou minha bunda, puxando-me mais para dentro dela, abrindo bem as pernas para me receber. Estoquei firme e duro. Deslizei meus lábios em todo seu rosto, suas pálpebras, suas faces, queixo, pela garganta. Desci mais e acariciei seus seios, elevando um pouco mais o esquerdo e metendo o mamilo na boca,

chupando-o. Ela choramingou, jogou a cabeça para trás e se ofereceu toda, aberta e entregue, latejando, tremendo.

Comi sua bocetinha com cada vez mais pressa,  
fundo e forte, penetrando-a até deixá-la arrebatada, fora  
de si. Mordisquei o mamilo, fiquei louco de tanto tesão.  
Então ergui o tronco, apoiando o peso do corpo nas mãos,  
olhando-a cheio de desejo enquanto movia meus quadris  
entre as suas pernas, metendo meu pau com tudo. Daniela  
me olhava do mesmo jeito entregue, lábios entreabertos,  
olhos apaixonados.

Eu queria mais, dominado por meus desejos mais  
vorazes. Tirei meu pau de dentro dela, e ajoelhei no sofá,  
erguendo suas pernas para o alto, minha mão indo até sua  
vulva, enfiando dois dedos em seu interior.

- Ah ... Gabriel ... – Estremeceu, engolindo,  
arquejando.

Puxei os dedos melados de seus lubrificantes e de  
meu esperma, espalhando-os até seu ânus, metendo-os ali.  
Gritou rouca, mas a comi assim, até molhá-la. Então, com  
os dois dedos ainda dentro dela, meti o pau em sua vagina  
escaldante e estoquei algumas vezes, até tê-la muito  
excitada, rebolando embaixo de mim. Sem mais preparos,  
puxei os dedos e o pau fora e então forcei-o em seu  
cuzinho, abrindo-o com a cabeça redonda, forçando até  
entrar muito molhado e duro.

Daniela gritou e entrei todo, dobrando suas pernas,  
indo duro e forte por cima e dentro dela. Na mesma hora,  
beijei-a na boca, engolindo seus gemidos, sabendo que  
era minha, só minha. Meu pau entrava todo em seu ânus  
apertado, saía e entrava de novo, deslizando, assim como  
a língua em sua boca.

Foi assim que a senti alucinada, suas mãos subindo

pelos meus braços, minhas costas, enterrando-se em meu cabelo, miando como uma gatinha, sendo arrebatada por mais um orgasmo violento. E então comecei a ejacular dentro do seu cuzinho tão gostoso, fora de mim, rouco, até me acabar, até esquecer quem era eu.

DAVI

Sentado em minha cama, eu não conseguia dormir.

A minha volta, sobre o lençol branco, duas folhas de papel e uma foto grande. Que tinham sido enviados para mim ainda naquela noite. Uma revelação e tanto.

Eu sabia que Daniela deveria sumir e não podia levantar desconfianças, muito menos de Gabriel. Tinha que parecer que ela foi embora. Pensei até em forjar um golpe, como se tirasse dinheiro da agência ou algo assim.

Mas ia demorar muito e minha raiva, minha fúria, acabaria aparecendo. Não, tinha que ser logo. Eu não podia correr o risco de me descontrolar.

Então tive uma ideia. Investigá-la. Saber até que ponto alguém sentiria falta dela ou se havia algo sujo em seu passado que eu pudesse usar. Pensei em contratar Manolo Dourado, um ótimo investigador que já tínhamos utilizado algumas vezes na agência e era rápido, confiável. Mas era amigo de Gabriel e temi que contasse para ele, o que geraria mais desconfiança. Assim, contratei outro, também muito bom. E ofereci uma grana extra pela rapidez. O resultado eram aqueles papéis enviados para mim ainda há pouco.

Quem poderia imaginar que a irmã caçula de Monalisa era Daniela. Fiquei surpreso e ainda mais furioso. Como ousava desconfiar de mim? Em que se

baseava para isso? Teria alguma prova? Sentia-me nervoso, preocupado, analisando cada detalhe para não cair em uma armadilha. E depois de muito pensar, concluí algumas coisas.

Daniela não tinha provas. Tudo o que tinha eram desconfianças e não apenas sobre mim, sobre Gabriel também. Por isso quis transar com nós dois quando estava na cara que se apaixonou por ele. Por que tinha medo que ele fosse o assassino de sua irmã. Isso me dava uma vantagem.

Olhei sua foto sobre a cama, com os cabelos ruivos lindos de Monalisa. A safada me enganara direitinho. E se tornara um perigo ainda maior. Eu tinha que tirá-la do caminho antes que Gabriel desconfiasse de algo. Mas como? Como sem levantar suspeitas?

Passei as mãos pelo cabelo, nervoso. Odiava me sentir acuado. Nesses momentos gostava de estar perto do meu amigo, do meu irmão de alma. Ele me acalmava, me dava equilíbrio, despertava o meu lado mais iluminado e bom. Longe dele as trevas me cercavam e não conseguia pensar direito. Era só ódio e escuridão, só aquela fome voraz, que me consumia. E eu não podia passar daquele ponto ou perdia o controle.

No entanto, Gabriel não me ajudaria naquele momento. Tive vontade de apenas ligar para ele, por besteira, só para jogar conversa fora e ouvir sua voz, me reequilibrar. Mas já estava tarde demais. E só conseguia decidir que o menor risco era mesmo acabar logo com Daniela, sem planejamento ou demora. Simplesmente me livrar dela.

Quando decidi isso, senti parte de meu nervosismo ceder e a calma se espalhar dentro de mim. Sim, eu usaria sua desconfiança contra ela. Eu a faria vir até onde eu queria e então nunca mais ouviria falar de Daniela Prado. Seria dois livramentos ao mesmo tempo: Estaríamos livre de sua investigação e também a afastaria de Gabriel. Só então eu poderia voltar a sorrir, retornar à minha vida, aquela que construí para mim. Sem qualquer tipo de ameaça.

Naquele momento, senti alívio. Soltei o ar pesado que me oprimia por dentro e uma pequena excitação começou a me consumir, aos poucos. Antecipei o prazer, quando estivesse com seu pescoço nas mãos. De preferência dentro dela, pois uma coisa precisava admitir, era linda e gostosa. Não seria nenhum sacrifício me despedir de Daniela daquela forma.

Imaginei o que pensaria. Que foi uma tola, por achar que me venceria? Por ter desconfiado de Gabriel? Suplicaria, como a irmã fez?

Fechei os olhos e Monalisa veio em minha mente, clara e cristalina, como da última vez em que nos vimos. Saímos de carro e eu já estava furioso, descontrolado. Dirigi na chuva até parar em Grumari e, enquanto fitava o para-brisa ligado, ela despejava aquelas desculpas todas em cima de mim. Que me amava, que não queria me magoar, bla-bla-blá. Como se me importasse com ela. Quando tudo o que pensava era que tiraria meu chão, meu mundo, meu equilíbrio. O que seria de mim depois que Gabriel ficasse com ela? Um zero, um nada. As sombras me consumiriam, pois foi ele que me mostrou meu outro

lado. Gabriel o alimentava, com sua amizade e confiança em mim.

E então a olhei e o ódio foi violento, maior do que tudo que já senti na vida. Vi seus lábios se movendo, falando, mas me tornei surdo. Algo gritava dentro de mim. MATE-A! MATE-A! E parecia um mantra, a solução perfeita, nada que eu não tivesse feito antes. Livrar o mundo de um mal. Quando a frieza ocupou o lugar do ódio, soube que o momento certo chegara e precisava agir. Fui para cima de Monalisa, minhas mãos apertando seu pescoço delicado, forçando-a violentamente contra a porta. Seus olhos se arregalaram, o susto e o pânico a fizeram empalidecer.

- Você não vai ficar com Gabriel. – Rosnei e apertei.

Eu só não contava com uma coisa. Que ela conseguisse abrir a porta do carro, não sei se inconscientemente, ou por querer. Isso a fez cair para fora e me desequilibrou. Foi o bastante para me dar vários chutes, um deles acertando em cheio entre minhas pernas, me fazendo ver estrelas. Foi o que precisou para sair correndo pela praia no meio do temporal.

Saí como um louco, cheio de dor, mas sabendo que não podia deixá-la escapar. Não pensei que alguém poderia estar ali e ver. Não pensei em nada além de caçá-la e abatê-la. E o fiz. Eu corri e a persegui. A desgraçada tentou se esconder, mas aquele cabelo a denunciou. Perto de umas árvores e pedras, de uma vala causada pela água do mar em dia de maré cheia, Monalisa quase passou despercebida. Mas a ataquei.

Não foi difícil. Magra e apavorada, não deu realmente muito trabalho. E eu sentia tanta fúria que quase quebrei seu pescoço, de tanto que apertei, molhado e cheio de areia em cima dela, vendo seus olhos morrerem, sua boca esganar, sua ameaça esvanecer para sempre. Então me levantei, tentei observar se algo meu caiu ali, mas ainda estava muito ligado para realmente me concentrar. Sacudi a areia molhada do corpo, respirando pesadamente, o sangue correndo violento e quente nas veias.

Olhei-a lá, largada, a chuva banhando-a, quase enterrada naquela vala. E sorri. Sorri, por que mesmo sem planejar, mesmo odiando fazer aquilo com pessoas conhecidas, tinha sido necessário. E eu me sentia estranhamente livre. Eu a eliminara da vida do meu irmão de alma.

Voltei rápido para o carro e fui embora dali. Voltei a ser eu mesmo, dormi pesadamente em meu apartamento. E quando Gabriel me ligou, desesperado, contando o que havia acontecido, acordei ainda confuso, sem saber se tinha sonhado. Jurei encontrá-lo no local em que o corpo foi achado e fui tomar um banho. Dei-me conta mais uma vez do que tinha feito e uma sensação ímpar, de poder, de liberdade, veio de novo voraz. Sob o chuveiro, acabei me masturbando, revendo toda a cena, uma e outra vez, até me esvair em prazer.

Recuperado, fui o amigo sofrido, estive ao lado de Gabriel com sua família, nem fingi. Uma parte minha sentiu. Lamentei pela dor dele, tive vontade de explicar que tinha sido para seu bem, mas como poderia? E depois,



quando a polícia veio em cima de nós, não tive medo. E não foi necessário ter, pois não havia prova de nada.

Estava tudo dentro de mim e dela. E Monalisa não podia falar mais nada.

Levantei da cama, sentindo uma necessidade premente dentro de mim. Fui direto ao meu cofre, digitei a combinação, abri. Ansioso, peguei meu diário com capa de couro e voltei para a cama. Poderia parecer besteira, mas ali era minha obra de arte. Enquanto eu estivesse vivo, seria meu segredo. Mas gostava de imaginar que, quando eu morresse, poderia ser encontrado. Alguém ia ler. E assim eu seria imortal. O que fiz, livrando o mundo daquelas pestes, seria reconhecido. Eu não teria passado pela vida em vão.

Sôfrego, busquei as páginas com detalhes sobre a morte de Monalisa, o que fiz e o que senti, o que anotei. Estava tudo ali. E enquanto lia e me acalmava, pensei que Daniela não merecia menos. E logo ela se juntaria à sua irmã.

DANIELA

Eu abri meus olhos.

Ainda não tinha amanhecido. Mas mesmo na penumbra reconheci que não estava em casa, mas no quarto de Gabriel. Olhei em volta e o vi na cama, enrolado embaixo do edredom, dormindo pesadamente.

Fui atacada por sentimentos ferozes, a ponto de sentir dor por dentro. Sentei na cama, agoniada, respirando irregularmente. E sem suportar aquela pressão terrível a me consumir, me levantei e praticamente corri para a sala, fugi dele.

Comecei a me vestir às pressas. Minha vontade era a de me jogar nos braços de Gabriel, chorar até me esvaír, implorar para que não fosse um assassino. Não podia ser ele. Mesmo tendo-o visto na praia em que Monalisa morreu, sentindo seu ciúme, eu não podia acreditar que fosse tão fingido, tão horrível assim. Mas ao mesmo tempo, Davi não parecia ter motivos também. Quanto mais eu pensava, mais ficava cheia de dúvidas, desesperada.

O pior de tudo era me apaixonar cada vez mais por Gabriel. Isso não podia ter acontecido. Em que momento me perdi tanto? Como fui tão idiota, mesmo sabendo todo o tempo que ele poderia ser um assassino?

Já completamente vestida, pensei em dar uma revistada rápida no apartamento dele. Tínhamos passado a noite juntos e acabei dormindo, assim não o tinha dopado nem colocado as câmeras ali. E já quase amanhecia. Não, era melhor não correr nenhum risco agora. Poderia acordar e me pegar em flagrante. E estava nervosa demais, querendo apenas pôr minha cabeça em ordem. Saí rapidamente de seu apartamento. Andei, para esfriar a cabeça, pela praia de Ipanema. Quando vi, já quase chegava perto do escritório da agência. Entrei em uma lanchonete e pedi um café com pão. Já passava das seis da manhã e se fosse em casa, chegaria atrasada ao trabalho. Pensei em ir para a agência quando desse sete horas. Mas nisso meu celular tocou e atendi logo, ao ver quem era.

- Oi, Margarida.

- Dani ... – A senhora arquejou, sua voz rouca, arrasada, pesada. Fiquei preocupada na hora.

- O que houve? Margarida?

- Acabei de saber. – Ela respirou fundo. Se não a conhecesse e soubesse o quanto era durona, diria que tinha chorado. A voz estava trêmula: - Um pescador estava perto do rio com seu cachorro, preparando iscas para sair de barco e o cão sumiu. Se meteu no mato e foi encontrá-lo cavando num canto, desesperado. Tinha chovido e a terra estava molhada. O animal achou um corpo, Dani.

- Ah, meu Deus! – Senti-me gelar.

- No final de semana retrasado, quando estive aqui e aqueles malditos também, um rapaz turista sumiu. Seus pais e avós vieram para a cidade atrás dele. Não te falei nada, pois achei que não tinha a ver com esses dois.

Afinal, ele pega e mata mulheres, não é?

- É, acho que é ... Mas ... Quando esse corpo foi achado?

- Ontem. A polícia encontrou os documentos no bolso, é mesmo do rapaz desaparecido. No mesmo dia em que vieram aqui em Conservatória e você os viu. – Parecia cansada. – Mesmo assim, achei que podia ser outro caso. Mas ...

- O que? – Meu coração batia descompassado, eu apertava o celular com força.

- O cachorro do pescador, continuou cavando perto e a polícia resolver trazer cães treinados e olhar em volta. Você não vai acreditar, Dani. Foram encontrados mais três corpos. E não estão em decomposição como do rapaz. São só esqueletos. – Ela se descontrolou e começou a chorar.

– Um deles pode ser de Fabiana! Pode ser da minha filha,

Dani!

- Margarida, eu ... Ah, amiga! Por favor, se acalme!

- Supliquei, com lágrimas nos olhos, nervosa. – Escuta, estou indo agora para aí! Vou em casa pegar meu carro e chego logo. Promete para mim que vai tentar se acalmar, que vai me esperar chegar.

- Eu já fui na delegacia, exigi saber se é de Fabiana, mas me disseram que vai demorar um pouco, os corpos vão para a perícia ... – Tentou se acalmar, se equilibrar. – Esse cara é um monstro! Quatro corpo em um só lugar! E não apenas mulheres, Dani. Pode ter matado muito mais do que pensamos.

Eu me sentia sufocar, nervosa, tremendo.

- Sim, ele é um monstro. – Pensei em Gabriel e a dor foi tanta que comecei a chorar, desesperada, arrasada. Não, não podia ser ele. Respirei fundo, disse ao telefone.

- Espere por mim. Estou indo.

- Não demore ... – Sua voz saiu num fio.

- Não vou demorar.

Mas minha vontade era a de morrer também.

Capítulo 11: A caminho de um desfecho.

Não fui para a agência naquele dia. Liguei para lá e deixei um recado de que estava passando mal e faltaria.

Em casa, tomei um banho rápido, peguei meu carro e parti para Conservatória, minha cabeça cheia, meu coração apertado. Nem sei como cheguei lá, mas fui direto para a casa de Margarida, preocupada.

Ela abriu o portão automático de dentro de casa e deixei o carro na garagem. Entrei rápido e a vi em sua cadeira de rodas, na sala, mais pálida e acabada do que o

normal. Cada ruga de seu rosto estava mais pronunciada, a dor visível em seus olhos, o desespero em sua expressão. Toda força e determinação inerentes à sua personalidade estavam esquecidas. Era uma senhora arrasada, destruída, sem poder conter o próprio sofrimento.

Fui invadida pela pena e pela raiva, do que aquele desgraçado tinha feito. Não apenas matara Fabiana, Monalisa e outras pessoas. Destruíra famílias, trouxera dor e saudade, desespero. Com o peito apertado e um bolo na garganta, corri até Margarida e me ajoelhei à sua frente, abraçando-a forte, sabendo que palavras seriam em vão naquele momento.

A senhora me apertou forte e desabou, chorando pesadamente, estremeando, se entregando ao pranto e à dor terrível de passar anos buscando a única filha e agora ter a chance de encontrá-la. Nunca tinha havido esperança, sabia que estava morta. Mas aqueles corpos apenas comprovavam que o assassino agira mesmo ali e que Fabiana poderia ter estado todo o tempo enterrada tão perto.

Deixei-a extravasar, se entregar, soluçar. Eu mesma sentia as lágrimas escorrendo por meu rosto e aquele sofrimento abissal. Mas ao menos sabia parte do que acontecera com Monalisa e a enterrara. Margarida não tivera a oportunidade de nada daquilo. E sua força habitual não a deixava se lamentar. Mas agora ... Agora sim, se entregava ao sofrimento maior do que ela.

Eu a confortei, acariciando seu cabelo curto e fino, até que só sobrassem tremores. Margarida então se afastou um pouco, enxugando o rosto com os dedos, sem

poder me encarar. Levantei, fui pegar papel toalha na cozinha e estendi a ela. Assoou o nariz vermelho, limpou os olhos inchados.

- Quer uma água? – Perguntei, preocupada.

- Não. Eu ... Eu estou bem. – Embolou o papel nas mãos. Fiquei parada perto e apertei seu ombro com carinho. Senti os ossos ali e me dei conta de como estava magrinha.

Passei os olhos por seu corpo, suas pernas finas e inertes, os anos que pesavam em seus ombros e a doença que a castigava. Era como uma árvore, forte, enraizada, mas que se curvava com o tempo e as intempéries. Tinha sido muita coisa em sua vida. A doença e morte do marido que amava, o sumiço da filha, a desconfiança quase certa de que tinha sido assassinada, os anos de busca, a doença que a deixara naquela cadeira.

Por isso era tão seca, não tinha paciência com ninguém e vivia isolada. Até isso aquele assassino tirara dela, a vontade de viver. E isso se percebia em cada linha dolorida e envelhecida de seu corpo. Só o que a motivava era saber o que realmente tinha acontecido. E isso talvez se explicasse agora.

- Está com dor?

- Já tomei um remédio. – Finalmente me fitou. Senti sua dor por dentro. Mesmo sabendo que não gostava muito de contato físico, acariciei seu rosto com carinho. Ficou quieta, talvez ainda arrasada demais para reclamar.

- Conte tudo com calma agora. – Pedi.

- Sente aí no sofá.

Eu sentei e virou sua cadeira para ficar a minha

frente. Mais controlada, explicou:

- No final de semana retrasado, quando veio aqui e aqueles desgraçados também, um rapaz sumiu. Turista de vinte anos. A família veio procurá-lo aqui. No hotel em que estava hospedado, informaram que saiu com sua mochila no sábado à noite, mas deixou roupas e outros objetos no quarto. Não voltou mais. Fizeram uma busca pela cidade e nada.

- Devia ter me falado.

- Não pensei que tivesse relação, Dani. – Estava cansada. – É um homem. Até então pensávamos que ele só matava mulheres. Bem, a família e a polícia não encontraram nada. Até ontem, como te falei. O cachorro do pescador, que cavou e descobriu parte do corpo. Estava lá, com documentos e coisas dele. Os pais e avós estão arrasados, não se fala de outra coisa por aqui. Tinha só vinte anos, estudava arquitetura. Tinha que ver a foto. Loiro, bonitinho ...

Calou-se, ainda abalada, mas enchendo-se de fúria.

Fitou-me direto nos olhos.

- E acharam mais três corpos perto. Só ossos. Coisa antiga. Talvez a minha Fabiana.

- Pode não ser ela, Margarida. Temos que esperar. – Tentei acalmá-la.

- Mas pode ser. Esse cara é um monstro. São anos e anos matando e nunca foi pego. Só de imaginar que é um daqueles dois, tenho vontade de pegar uma arma e matá-los!

- É apenas um deles.

- Dane-se! Foda-se! – Gritou, revoltada, me

olhando com raiva. – O que é, quer defender agora seus amantes?

- Margarida ... Não desconte em mim. – Pedi, me controlando, entendendo-a.

- Mas tem que descobrir logo qual deles é esse filho da puta! Chega, Dani! O que você quer? Ser mais uma vítima dele? Não é possível que não tenha uma desconfiança! Um louco desse não pode enganar todo mundo!

Fiquei imóvel, bombardeada por suas palavras, sentindo sua dor e seu ódio, envergonhando-me por ter tido prazer com eles, por estar apaixonada por Gabriel, por cada momento que passei com ele. Estava mais confusa do que nunca, sem nada definitivo. E morrendo de medo de estar amando um homem frio e desgraçado, um assassino vil como aquele.

- Qual deles? Qual? – Exigiu, ficando ainda mais pálida, seus olhos brilhando com seu descontrole emocional.

- Eu não sei. – Murmurei.

- Só recebi pela webcam o vídeo que fez da casa de Davi. Cadê o do outro?

- Não consegui filmar a casa de Gabriel ainda.

- Por que não?

- Com ele é mais difícil. Só agora me levou em sua casa, mas ...

- O quê?

- Ainda não deu, Margarida.

Ela me avaliou e respirou fundo.

- O que está escondendo de mim?



- Nada!

- Meu Deus, olha a sua cara de culpada! Não acredito, Dani! Você está a fim desse Gabriel! – Acusou. – O que foi, bastou um fim de semana na praia se esbaldando com ele para ficar apaixonada? Pelo assassino da minha filha?!

- Não sabemos se é ele! – Exclamei, nervosa, tremendo, tentando me defender.

- E nunca vamos saber, se continuar cega! – Berrou, fora de si.

- Calma, Margarida. Escute, não estou apaixonada. Mas Gabriel não parece um assassino. Ele ...

- Ele pode ser! Olha quantas pessoas ele pegou! Quantos não devem ter achado que era lindo, confiável, até se verem vítimas dele?

- Mas pode ter sido Davi! Quem sabe ...

- Merda, Dani! – Margarida estremeceu, muito descontrolada. Fitou-me com desespero. – Não vê o quanto está se arriscando, menina? Está ficando cega. Sem aguentar mais tanta pressão, enfiei o rosto nas mãos e comecei a chorar. Em meio às lágrimas, desabafei:

- Eu vi Gabriel indo até a praia em que minha irmã foi morta ... Pode ter sido com dor, com saudade, mas também ...

- Para recordar seu crime. – Margarida emendou, fitando-me, ficando mais abrandada ao ver meu desespero. – E aquele outro, escrevendo no diário, guardando no cofre ... Também foi suspeito. Como estão em relação a você?

Tentei me controlar, secando as lágrimas,

respirando fundo.

- Davi quer sexo e se divertir, mas Gabriel ...

- O que tem ele?

- Ele me olha como se gostasse de mim, disse que me quer só para ele ... Fiquei tão confusa! Pode ser verdade ou ... ou ...

- Ou o ciúme é que pode torná-lo perigoso. Não foi por isso que mataram sua irmã? Dani, desculpe, mas ou se torna mais fria, não cai na lábria desse cara ou se afasta de tudo, já que não consegue mais ser imparcial. – Falou cansada.

- Não posso me afastar. Não agora, que estou tão perto, que ... que já me envolvi com eles! Droga, Margarida, eu os tinha aqui sob as minhas vistas naquele sábado! Mas aí Gabriel sumiu com a morena e Davi foi embora com a irmã dele. Um dos dois deve ter voltado depois e pegou o rapaz. Mas como o levou para o meio do mato?

- Eu soube que o menino era homossexual – Margarida falou baixo e a olhei na hora. – Pode ter sido seduzido, como as mulheres, como sua irmã.

- Homossexual?

Pensei em Gabriel e Davi, ambos apaixonados e quentes na cama. Não tinha percebido nenhum traço neles de homossexualidade ou bissexualidade. Seria possível? Afinal, eu os conhecia ainda muito pouco. Fiquei um tanto chocada. Mas aquilo não era nada, frente ao fato de que um deles era um assassino.

E também, poderia só fingir ser homossexual.

Talvez atraiu o rapaz só para matá-lo. Mas por quê?

Quanto à Monalisa, eu sabia que tinha havido ciúme. No entanto, ele já era um assassino antes. A prova era o sumiço de Fabiana, como de tantas outras mulheres. E talvez homens. Só podia ser um louco.

Margarida e eu ficamos em silêncio um momento, imersas em nossos pensamentos, cheias de agonia e dor. Tantas vidas desperdiçadas, tantas vidas afetadas por causa de um louco. Um louco que vivia tranquilamente entre nós, que era rico, lindo, que seduzia e depois matava. E que só podia ser Davi ou Gabriel.

Minha mente foi preenchida pelos momentos vividos com Gabriel naquela noite e a dor que me corroeu foi tão intensa que tive vontade de me esconder, chorar, morrer. No fundo, nenhum dos dois parecia um assassino. Mas eu temia terrivelmente que fosse Gabriel, por ser mais calado e frio, por ter aquele sentimento de posse comigo. Ao mesmo tempo, eu não sabia quase nada sobre os defeitos de Davi e me incomodava ele ser tão descontraído, tão de bem com a vida. O que esconderia em seu lado ruim? Ou eu só tentava buscar aquilo para que não fosse Gabriel?

- Estou muito cansada. – Murmurou Margarida, o que me fez olhá-la, reparar nas olheiras escuras sob seus olhos opacos, inchados. – Quase não dormi essa noite.

- Vá se deitar. Vou fazer uma sopa para você.

- Preciso ir de novo na delegacia.

- De que vai adiantar? Demora para ter resultados.

De qualquer forma, saio por aí em busca de informações.

Vamos, vou te ajudar a ir para a cama. – Eu me levantei.

- Já sou grandinha.

- Sei disso. Como vejo que também está com dor. Já tomou seus remédios hoje? – Fui para perto de sua cadeira, preocupada.

- Tomei. Mas preciso mesmo me deitar um pouco. Reclamou quando insisti em ajudar, mas não liguei. Empurrei sua cadeira para o quarto e praticamente a peguei no colo, colocando-a na cama. Era tão magra que não pesava nada. Continuou a falar que não precisava, mas ignorei seus protestos. Só parei depois de vê-la deitada de lado, com uma coberta por cima. Beije seu rosto, com pena e dó de seu sofrimento tão perceptível, abalada por dentro.

Saí do quarto de fininho e fui para a cozinha fazer um chá e preparar uma sopa. Mas o tempo todo sentia meu peito apertado, uma agonia me remoendo, um desespero por dentro. E ali, revoltada em ver o estado da minha amiga, eu mesma sofrendo, disse a mim mesma que não me deixaria enganar. Mesmo se o culpado fosse Gabriel, eu o pegaria. O assassino não podia escapar impune.

GABRIEL

Eu não acreditei quando a recepcionista me disse que Daniela deixara um recado dizendo que não viria trabalhar naquele dia. Achei logo que tinha a ver com o fato de termos transado no dia anterior e de ter saído da minha casa de madrugada. Estaria chateada, confusa, perdida? Por um momento tive medo que não voltasse. Entrei em meu escritório preocupado, minha mente preenchida por imagens dela, por tudo que vivemos, pelo pedido de Monalisa naquele sonho, para que cuidasse de sua irmã. Meu medo era que, naquela investigação em que

se metera, ela acabasse se deparando com alguém perigoso, talvez o verdadeiro assassino. Fiquei pensando se não seria melhor chamá-la para conversar, explicar que sabia quem era, jogar limpo. Meu medo era assustá-la, afastá-la. Mas talvez a convencesse a confiar em mim. Sentei em minha cadeira e liguei para o celular dela. Chamava, mas ninguém atendia. Continuei tentando, mas em vão. Naquele momento, Davi entrou em minha sala e olhou em volta, surpreso.

- É sério que a Dani faltou hoje?

- É.

Ele se jogou na cadeira em frente a minha e sorriu.

- Isso só prova que é humana. Era tão certinha e eficiente que pensei se tratar de uma secretária robô! – Brincou, observando-me. – E aí, que cara é essa?

- Nada. Muito trabalho na mente. – Acabei mentindo, mas fitei-o sério. Tive vontade de desabafar com Davi, contar a ele quem era Daniela. Não havia segredo entre nós. Mas, por algum motivo inexplicável, algo travou dentro de mim.

Os olhos do meu amigo me avaliaram e ele ficou mais sério.

- Qual é, alemão? Que tá rolando aqui?

- Preocupações. – Foi tudo o que falei.

- Com Daniela?

- Não. – O fato de mentir ou omitir me preocupou, mas fiz o que senti como certo. Não era hora de falar nada. – O que temos para resolver hoje?

Naquele momento meu celular começou a tocar e pensei que fosse Daniela. Mas era minha mãe.

- Oi, mãe.

- Oi, meu filho. Que saudade!

Acabei sorrindo e Davi me acompanhou,  
imaginando o que ela dizia.

- Também, mãe. Como estão as coisas por aí?

- Aqui tudo bem, estou agora em casa, seu pai e seu  
irmão foram pro trabalho. Samara está na faculdade. Mas  
as notícias na cidade não são nada boas. Liguei para ver  
se você e Davi já sabem.

- Se sabemos o quê?

- Um rapaz sumiu em Conservatória há uns dias e  
ontem acharam o corpo dele enterrado perto da mata. Mas  
parece que tem algum doido por aqui matando as pessoas,  
filho.

- Um serial killer? – Franzi o cenho.

- Acho que é assim que chamam. Sei lá, mas  
encontraram uns esqueletos perto do corpo do rapaz.  
Quatro corpos num lugar só. Como pode uma coisa assim?

- É sério? – Indaguei, preocupado. – Mas se são  
esqueletos já estão aí há um bom tempo.

- Estão falando isso. A cidade tão tranquila e agora  
uma coisa dessas! Estamos aqui sem acreditar! Coisa  
horrível!

Fitei Davi, que me encarava fixamente, prestando  
atenção. Ele fez um movimento com a cabeça, como se  
perguntasse o que era. Fiz um gesto para que esperasse.

- Mas sabem de quem é o corpo do rapaz?

- Sim, um turista de dezenove ou vinte anos,  
tadinho. Dizem que a família está desesperada. Só de  
pensar na dor deles ...

- Fique calma, mãe. Infelizmente tem muita gente ruim nesse mundo.

- Eu sei, querido. Mas me deu uma vontade de ligar para você, ouvir sua voz. Fico mais tranquila agora.

- Estou bem.

Trocamos mais algumas palavras e desliguei prometendo dar um pulo em casa no fim de semana.

Deixei o celular na mesa e Davi indagou logo:

- Do que estava falando?

- Foi encontrado o corpo de um rapaz em Conservatória, parece que sumiu um dia desses. E perto do corpo, acharam também uns esqueletos, mais antigos. – Fitei-o, balançando a cabeça, revoltado. – Esse mundo tá cheio de louco!

Davi ficou quieto, um pouco pálido.

- Mas pegaram o assassino? – Perguntou.

- Acho que não. Pelo que entendi, acharam os corpos antes. Vai demorar com perícia e a investigação. E lá é um lugar tão calmo!

- Pois é. – Davi se levantou. – Vou para minha sala.

Qualquer coisa, me chame.

- Pode deixar.

Depois que ele saiu, pensei que seria um dia daqueles. Aquela notícia ruim logo de manhã e a preocupação com Daniela.

DAVI

Entrei em minha sala tremendo. Tinha sido um custo manter o controle perto de Gabriel, sem me denunciar. Não podia acreditar que o corpo daquele veadozinho tinha sido encontrado e dos outros também, mais antigos. Não

era possível! Aquilo nunca acontecera e por um momento pensei se tinha sido uma denúncia. E juntei algumas coisas.

Daniela sumiu aquele dia, justamente quando os corpos eram encontrados. Teria algo a ver com isso? Mas se sabia onde estavam os corpos era por que tinha me seguido e isso não tinha ocorrido, eu prestara muita atenção. Além do mais, se sabia que era eu, não estaria desconfiada de Gabriel. Não, tinha mais coisa aí.

Sentei nervoso em minha cadeira, pensando o que poderia acontecer com aqueles novos fatos. Eu tinha sido muito burro! Acostumado como estava a fazer o que eu queria e enterrar os corpos, sem nunca ter sido descoberto, não me preocupava muito com detalhes. E se achassem minha impressão digital naquele rapaz, em sua roupa ou mochila, já que o enterrei com tudo? Ou algo meu que não percebi?

Fechei os olhos, procurando me acalmar. Tinha ficado assim também quando matei pela primeira vez aquela garota no lago, aos dezesseis anos e joguei o corpo no rio, de improviso. Lembro bem daquela menina impertinente que estudava comigo e com Gabriel. Tinha ficado jogando com nós dois e, quando a levei para lá e transamos, entrou em uma de debochar de mim.

Até hoje não esqueço como aquela piranha mexeu tão fundo. Quando viu que eu só trepava com ela e depois a desprezava, entrou em uma de me comparar com Gabriel, dizer que eu invejava e que nunca seria como ele. Debochou da minha família de merda, disse que eu imitava Gabriel mas nunca seria como ele, que eu não era



nada. Teve o que mereceu. Como era mesmo o nome dela?

Fabiana. A putinha da escola. Há doze anos se encontrava no fundo do rio. Ninguém tinha mandado se meter comigo.

Depois, só me descontrolei assim com Monalisa.

Todos os outros estavam esquecidos e por um momento pensei que nunca seriam descobertos. Por isso os anotava em meu diário, cada um deles. Agora quatro deles apareciam assim, sem ao menos eu esperar. E eu nem imaginava o que aquilo poderia ocasionar.

Levantei-me, andando de um lado para outro.

Péssimo momento para aqueles corpos aparecerem. Eu tinha que sumir com Daniela e se levantasse suspeitas sobre mim? Até então, eu estava longe de tudo. Mas desaparecer minha secretária e amante poderia ser demais.

Enchi-me de ódio ao imaginar que estava entre a cruz e a espada. Se não fizesse nada, Daniela poderia continuar com as investigações e descobrir alguma coisa.

Podia conquistar Gabriel e até volta-lo contra mim, envenená-lo. Se eu sumisse com ela, quem sabe isso atraísse investigações para a minha pessoa. Tudo era um risco.

O meu lado mais agressivo e animalesco gritou mais alto. Eu sabia que minha fúria suplantaria todo o resto em algum momento e perderia a cabeça. A mataria em um momento de raiva, como foi com Monalisa. Então era melhor agir rápido. Sumir com Daniela acabava sendo a única opção.

Só então me acalmei e consegui respirar aliviado.

Fui até a janela, minha mente girando com planos, mas

tudo atrapalhado pelas minhas emoções. Tinha muito medo de acabar me entregando e sabia que a morte de Daniela mexeria muito com Gabriel. Momentos turbulentos se anunciavam, mas também necessários. No final das contas, ninguém tinha mandado aquela mulher se meter em meu caminho e atrapalhar a minha vida tão bem arquitetada. Ela não tiraria o que construí com tanto cuidado e dedicação, controlando ao máximo meus desejos, deixando-os sair só quando não tinha jeito. Não me tiraria meu irmão de alma, meu apoio, meu modelo. Peguei meu celular e liguei para ela. Se ao menos conseguisse falar com Daniela, poderia aproveitar aquele sumiço para afastá-la de vez. Algo me dizia que tinha alguma coisa a ver com aqueles corpos encontrados, eu só não sabia como. E se fosse isso, talvez estivesse em Conservatória. Pensei em um meio de atraí-la, de criar uma armadilha. E entendi que só havia um.

Continuei tentando falar com ela no celular.

DANIELA

Sentada na mesa da cozinha de Margarida, assim que acabei de fazer a sopa e tomar um chá, eu fitava o celular em minhas mãos e as diversas ligações que não atendi, de Gabriel e de Davi. Eu não queria falar com nenhum deles naquele dia, quando me sentia tão sensível, furiosa, arrasada.

Deviam estar querendo saber o que aconteceu, ainda mais por que eu nunca faltava. Teria que arrumar uma boa desculpa depois. Agora não estava em condições de fingir quem eu não era para eles.

Já ia largar o celular na mesa e me levantar, quando

escutei o barulhinho que fazia quando recebia mensagem.

Abri e li o texto:

*Dani, onde você está? Algo aconteceu e não sei com quem falar ... é sobre Gabriel. Meu Deus, Dani, estou desconfiado de uma coisa horrível. Preciso desabafar com alguém.*

Era uma mensagem de Davi. Senti meu coração disparar sem controle e fiquei gelada. Minha vista chegou a nublarse por um momento e fiquei sem ar, sem voz, sem reação. E então tudo voltou de uma vez e a dor foi tão feroz e violenta que pensei que não suportaria. Não, não podia ser.

Precisei respirar várias vezes até me acalmar um pouco. Tremia quando peguei o celular e disquei para Davi. Ele atendeu na hora.

- Dani, graças a Deus! – Parecia nervoso, aliviado.

– Você está bem?

- Que mensagem foi aquela sobre Gabriel?

- Não, eu ... nada. – Disse apressado. – Eu que me precipitei e pensei besteira aqui.

- Que besteira, Davi? – Tremia tanto que precisei apertar o telefone para que não caísse das minhas mãos.

Meu peito apertava e doía terrivelmente. Lágrimas desciam sem controle por meus olhos.

- Olha, deixa pra lá. Só estou nervoso, imaginando coisas.

- Fale. Agora me deixou preocupada.

- Você sumiu e ... Por um momento pensei ... Ah, merda!

- Pensou o que? – A pergunta saiu num fio de voz.

- Gabriel anda muito esquisito. Sei que saiu com você ontem. Aí, quando não voltou hoje, pensei ... Passou um monte de besteira na minha cabeça. Deixa pra lá. Você está bem, não é?

Não, eu não estava bem. Eu chorava e me rasgava por dentro, em puro desespero. Uma dor tão profunda como aquela poderia me matar. Gabriel. Davi estava dizendo que Gabriel ... NÃO!!!!!!!!!!!!!!

- Davi, o que está acontecendo? – Consegui dizer, tentando ser fria e racional em meio ao terror que me engolfava. – Por que achou que Gabriel me faria mal?

- Ele está estranho, Dani. Já tem uns dias. E agora, a mãe dele no avisou de uns corpos que foram encontrados em Conservatória, perto de onde nascemos, e ele ficou pior. Falou umas coisas que me deixaram preocupado. Merda, não devia dizer isso do meu irmão, mas ... Estou nervoso! Com quem posso falar? Com os pais e irmãos dele?

- Mas, o que ele disse?

- Disse que não era para ninguém saber de nada, falou sobre um rapaz que deu em cima dele, não entendi nada. Dani, estou pensando umas coisas aqui ... Acho que vou ligar para a polícia.

Fechei os olhos, sem poder acreditar. Gabriel. Era ele o assassino. Ele matara o rapaz, Monalisa e todas aquelas pessoas.

- Ou então, pensei em ir até Valença e conversar com o pai e o irmão dele. Preciso de ajuda. Não sei o que fazer. Talvez seja tudo coisa da minha cabeça, mas ... Ele parece que enlouqueceu! E tem mais ...

- O que? – Consegui murmurar.

- Falou algo de um corpo perto da casa dele. Como pode saber disso? Meu Deus, Dani, o que eu faço? E se ele ... Se ele ...

- For um assassino... – Completei, arrasada. A dor era atroz, tirava minhas forças, minha energia.

- Não ... – Davi negou, sua voz nervosa. – desculpe, não devia estar contando nada disso pra você. Olha, vou pegar meu carro e ir a Valença falar com os pais dele. Vão saber o que fazer, como ajudar.

- Eu estou aqui em Valença, Davi. Venha para cá. Mas não o deixe saber de nada.

- Está em Valença? Fazendo o que? Como ...

- Depois eu explico. Tente saber onde está o tal corpo que ele falou, depois venha para cá. Vamos nos encontrar e decidir o que fazer.

- Não estou entendendo mais nada, Dani.

- Só faz o que eu te falei. Depois conversamos.

- Tá. – Ele suspirou. – Estou indo. Quando estiver chegando, ligo para você.

- Certo.

Desliguei, esgotada. Enxuguei meus olhos e me levantei. Como uma sonâmbula, peguei minha bolsa e fui até o quarto de Margarida. Ela acordou na hora quando entrei e sentei na beirada da cama ao seu lado. Fitou-me, preocupada.

- O que foi? Mais notícias ruins?

- Davi acabou de me ligar, desesperado. Ele está achando Gabriel estranho e, quando não apareci, achou que tinha feito algo comigo.

Os olhos de Margarida estavam alertas.

- Mas por que pensou isso?

- Disse que Gabriel ficou descontrolado depois que soube dos corpos encontrados aqui e que falou de mais um corpo perto da casa dele. Davi estava vindo conversar com os pais dele.

- Então ... – Ela segurou firme meu braço, empalidecendo. – É Gabriel!

- É o que parece. – Murmurei.

- Ah, Dani. Eu te falei para não se envolver! Justo com ele!

Não falei nada. Abri minha bolsa, peguei o 38 e confirmei que estava carregado. Peguei o pequeno aparelho de GPS e enfiei no bolso detrás da calça. Apalpei a câmera e gravadora embutida na bolsa, dizendo com mais calma do que pensei que teria:

- Quando eu sair daqui para encontrar Davi, preciso que fique no computador, acompanhando tudo pela webcam e pelo satélite. Vai poder ver e ouvir em tempo real o que estiver acontecendo. Grave tudo. E se perceber que há algo errado, que nos enganamos e que o assassino é Davi, ligue para a polícia.

- Mas tudo indica que foi Gabriel, menina. Você está tentando se enganar! – Margarida estava também arrasada, vendo meu estado.

- Faça o que eu disse, Margarida. Ainda não temos certeza de nada e ... – Eu me calei, lágrimas pulando dos meus olhos sem controle.

- E o que? – Segurou minha mão, tentando me passar força.

Eu a encarei. Falei com a minha alma:

- Pode ser Gabriel e talvez eu esteja totalmente enganada. Mas estive com ele, amiga. O modo como me olhou, como me tocou, tudo ... Não era de um assassino.

- Você está apaixonada. Cega, Dani.

- Sim, pode ser. Mas vou me prevenir. Vai fazer o que eu pedi?

- Claro que vou. E se desconfiar de alguma coisa, aviso a polícia. Mas Dani ... Se acha que pode ser o Davi, não saia com ele. Pode ser perigoso.

- Pode ser nossa única chance de pegá-lo. Serei a isca, como pensei desde o início. E se não for ele, Davi nos ajudará a pegar Gabriel.

Naquele momento, meu telefone começou a tocar.

Fiquei gelada ao ver que era Gabriel. Senti um misto de dor, desespero e ódio.

- É ele? – Perguntou Margarida.

- Sim. – Murmurei.

- Melhor não atender.

Fiquei olhando para o visor do celular e pensei o quanto nossos sentimentos poderiam ser traiçoeiros.

Passei a vida em busca do assassino da minha irmã e agora era o único homem que amei. Que, apesar de tudo, ainda amava. Num impulso, atendi o telefone e vi a cara de Margarida, mas desviei o olhar e fixei-o na parede.

- Daniela! Onde você está? Tudo bem?

- Estou bem. – Murmurei. – O que você quer?

- Ver você. Estou preocupado. – Parecia nervoso.

- Preocupado por quê?

- Ainda pergunta? Saiu do meu apartamento sem

falar nada e não veio trabalhar hoje. Está passando mal mesmo?

- Mal estar.

- Temos que conversar. Está em casa?

- Não.

- Onde você está?

- Não importa. – Falei fria, cansada. – Não importa mais nada, Gabriel.

- O que está acontecendo, Daniela? – Parecia cansado também, preocupado. – Me diga onde está e vou até aí. Tenho muita coisa a dizer.

- Imagino que sim.

- Desliga. – Sussurrou Margarida, sacudindo meu braço.

- Você não imagina nada. Vamos conversar. Agora.

- Agora estou ocupada. Preciso desligar.

- Está me deixando preocupado. Não desligue!

Daniela, eu sei que ...

Acabei com a ligação, lágrimas escorrendo dos meus olhos, peito rasgado pela dor abissal que me consumia. Margarida acariciou o meu braço. Não disse nada. O que se dizer numa situação daquelas?

O telefone voltou a tocar, mas tirei o som e o pus no bolso. Respirei fundo, enxuguei as lágrimas com as pontas dos dedos e fitei Margarida. A senhora fez um esforço para se sentar na cama e a ajudei. Abraçou-me forte, nem parecendo a mulher seca que só suportava meus abraços.

Murmurou, emocionada:

- Por favor, não vá, Dani. Já perdi Fabiana mesmo.

Não posso perder você. Foi mais do que uma filha para



mim nesses anos.

- Vai ficar tudo bem. – Garanti.

- Mas você mesma disse que há uma chance de ser o Davi.

- Sim, mas estou preparada. – Afastei-me um pouco e fitei seus olhos. – Chega desse jogo de gato e rato.

Quero pegar esse desgraçado, seja ele Davi ou Gabriel. E você vai me ajudar, Margarida.

- É tão arriscado!

- Sempre foi. Ao menos agora teremos respostas.

- Promete que vai se cuidar?

- Prometo.

Olhamos nos olhos uma da outra. Aquele assassino destruíra nossas vidas tirando de nós pessoas que amávamos. Mas agora estávamos unidas. E o que tínhamos, além do desejo de justiça e de vingança, era um amor sólido uma pela outra. E nenhuma de nós queria perdê-lo.

- Vai dar tudo certo. – Garanti.

Margarida concordou com a cabeça. E sua resposta foi um abraço cheio de emoção.

GABRIEL

Depois que terminei de falar com Daniela ao telefone, senti algo horrível apertar meu coração, um pressentimento muito ruim com ela, que chegou a me deixar sem ar. Desesperado, tentei ligar de novo, mas não atendeu mais. Tive certeza que algo nefasto ia acontecer e o sonho com Monalisa veio mais vívido do que nunca em minha mente. “Salve a minha irmã”. Por algum motivo, soube que ela estava correndo perigo.

O medo atroz me fez tentar falar com Daniela ao telefone inúmeras vezes, sem sucesso, até ser dominado pelo desespero. Onde ela estava? Como eu poderia encontrá-la? Em pânico, lembrei de um conhecido especialista em comunicações, informática e satélites. Procurei seu telefone na agenda e liguei para ele às pressas.

Expliquei que sabia que o que ia pedir não era legal, mas que ele tinha meios de descobrir. Ofereci uma grana irrecusável, se me dissesse de onde vinha o telefonema de Daniela. Passei todos os dados que pediu e disse que retornaria o telefonema tão logo tivesse uma resposta.

Fiquei nervoso, ansioso, sem conseguir me concentrar mais em nada. Andei de um lado para outro e tive vontade de ir até a sala de Davi, desabafar, pedir ajuda. Mais uma vez algo me travou, algo bem fundo dentro de mim. Não entendi aquilo, mas segui meu coração e esperei.

Quase meia hora depois meu conhecido ligou de volta. Atendi logo, com o coração disparado.

- Ela fala de Conservatória. – Ele disse logo.

- O quê? – Fiquei imobilizado. O local perto de onde minha família vivia. E onde os corpos tinham sido encontrados. Estava chocado, pensando na relação entre eles e a morte de Monalisa.

- O número que me passou. A ligação veio de Conservatória, em Valença.

- Entendi. Hoje mesmo transfiro o dinheiro para sua conta, Josué. Obrigado.

- De nada, Gabriel. Sempre estou às ordens.

Eu me despedi, quase sem perceber o que dizia.

Minha mente ficou cheia de perguntas e informações.

Enquanto catava as chaves do meu carro, liguei para minha mãe.

- Gabriel! Mas ...

- Mãe, quando o rapaz foi assassinado?

- O rapaz? O corpo que acharam?

- Sim.

- Não sei, acho ... – Parecia confusa. – Se não me engano sumiu na semana retrasada.

- Quando?

- No sábado em que você e Davi estiveram aqui.

Sim, foi isso mesmo. Por quê?

- Nada.

- Gabriel ...

- Depois ligo. Tenho que fazer uma coisa agora.

- Mas ...

- Está tudo bem. Beijos.

Desliguei e senti um baque, como um soco no estômago. Não, não podia ser. Saí rápido em direção à sala de Davi. Vazia. Fui até a recepção.

- Cláudia, onde está Davi?

- Ele saiu. Tem uns trinta ou quarenta minutos.

- Disse aonde ia?

- Não. – Me olhou preocupada, vendo como estava nervoso e pálido. Quer que eu faça alguma coisa?

Eu não podia estar pensando aquilo.

Era loucura.

Claro que Davi não tinha nada a ver com aqueles

assassinatos. Mas Daniela nos investigava, desconfiava de um de nós dois. Agora os corpos foram encontrados e ela partira para o local, como se tivesse relação com Monalisa. O rapaz tinha sido assassino no final de semana que fomos em Conservatória. Monalisa tinha pedido que eu salvasse sua irmã. Davi tinha sumido.

Corri para o elevador, negando aquilo a mim mesmo. É claro que só podia ser loucura. Havia outra explicação. Davi não tinha nada a ver com tudo que acontecera. Daniela devia estar indo pelo caminho errado e parando na mira do verdadeiro assassino.

Dentro do meu carro, dirigindo para Valença, eu liguei o rastreador por satélite. Por medo de roubo e sequestro, tanto eu quanto Davi tínhamos contratado uma firma que rastreava nossos automóveis e um podia ver para onde seguia o carro do outro. Digitei os códigos no aparelho e consegui rastrear o carro do meu amigo. O choque me engolfou ao ver que ele quase chegava em Conservatória.

Não pude acreditar.

Fiquei duro, gelado, uma dor atroz a me apunhalar.

- Não ... – Murmurei dentro do carro. Tinha que haver outra explicação. Mas qual?

Capítulo 12: A Sombra e a Luz – Final.

DAVI

Eu Cheguei em Conservatória e liguei para Daniela.

Ela disse que me esperava na praça, perto de um ponto de ônibus. Preferia um local mais isolado, mas não podia exigir isso sem levantar desconfianças. Assim, me dirigi para lá e fiquei satisfeito por que, sendo uma manhã de

chuva e frio, o local estava vazio. Só Daniela lá sob a marquise do ponto de ônibus, quieta. Senti o alívio me engolfar. No final, ia dar tudo certo.

Parei meu carro prateado, com vidro fumê, em frente a ela. Abri a porta, sem sair do carro. Daniela se aproximou, viu que era eu e sentou-se. Travei automaticamente as portas e sorri, observando-a virar para mim, tão linda e jovem em seu rabo de cavalo, sua bolsa no colo, os olhos esverdeados sérios. Fui cuidadoso para não levantar suspeitas:

- Oi, Dani. Obrigado por ter vindo. – E pus o carro em movimento. – Afinal, o que veio fazer aqui?

Ela me olhava, atenta. Fiquei o mais natural possível, saindo do centro de Conservatória.

- Vim resolver alguns problemas pessoais. – Falou baixo. – Para onde estamos indo?

- Para um lugar onde possamos conversar em paz.

Vou te contar tudo que sei sobre Gabriel e depois decidir o que fazer. Talvez me ajude. Mas é algo que não pode falar para ninguém.

- Pode contar agora. – Olhou pela janela, notando que eu a levava em direção ao centro de Valença. Percebi que relaxou um pouco, suas mãos sobre a bolsa, voltando-se para mim. – Acha que Gabriel pode ser um assassino, Davi?

Era possível notar o tremor em sua voz. Fiz uma expressão fechada, preocupada. Precisava que acreditasse em mim até tê-la onde eu queria. Depois, nada daquilo importaria.

- Não quero nem pensar nisso. Mas como disse a

você, Dani, algumas coisas me deixaram nervoso. Já tem alguns anos que noto um certo descontrole emocional nele.

Tem vezes que está tranquilo, já em outros é frio, esquisito. Já percebeu isso também, não é?

Lancei um olhar rápido a ela, virando o carro em uma rua mais deserta, que mais à frente daria em outra, me embrenhando até o lago em que visitei muito em minha infância e adolescência. Um local onde teria total liberdade de brincar com Daniela.

Senti o prazer esfomeado crescendo dentro de mim.

Fitei seus olhos, aquele cabelo que ficaria ainda mais lindo ruivo, a pele branca, o pescoço esguio. Desejo quente e voraz mesclou-se à fúria que fervia em meu interior. Sim, eu brincaria bastante com ela.

- Percebi que Gabriel demonstra seus sentimentos.

– Sua voz saiu bem macia. Algo em seu tom e suas palavras me alertou. Então, era uma indireta?

- Era o que eu também achava. Até ele falar do corpo perto da casa dele e ficar esquisito. Aí me preocupei de verdade. Mas talvez estejamos sendo precipitados. Mas me diga, tem parentes aqui?

- Não.

- Veio em Conservatória por causa dos corpos?

- Pode ser.

Daniela me irritava. Cerrei os dentes, lutei para relaxar. Então insisti:

- Não estou entendendo. Por que não me explica o que faz aqui?

- Você não sabe, Davi?

- Não. Confesso que estou bem confuso. – Tentei ser

persuasivo.

- Lembra de Monalisa?

- Claro! Como eu poderia esquecer? O que tem ela?

- Era minha irmã.

Fiquei quieto, o mais surpreso possível. Deixei de olhar um pouco a estrada e a fitei. Franzi o cenho, como se a notícia me abalasse. Só então me concentrei novamente em dirigir.

- O que disse?

- Monalisa era minha irmã. Foi para mim que ela ligou quando estava sendo perseguida na praia de Grumari pelo seu assassino.

Aquilo me surpreendeu de verdade e apertei o volante. Não a olhei. Nunca tinha imaginado que Monalisa tivesse ligado para alguém antes de morrer. O pânico me envolveu. Então, Daniela sabia de tudo o tempo todo?

Aquilo era uma armadilha para mim?

Antes que pudesse me desesperar, ela esclareceu:

- A ligação estava muito ruim. Chovia como hoje. Só entendi algumas partes do que disse. Que um de vocês estava querendo matá-la, com ciúmes por que ela escolheu o outro. E que estava sendo perseguida. Depois a ligação ficou muda.

Escutei com atenção, mais relaxado. Agora entendia as dúvidas de Daniela sobre mim e Gabriel. O tempo todo achou que foi um de nós. Mas não sabia quem. Procurei ser racional, calmo.

- Por que não avisou a polícia?

- Eu avisei. Mas quem acreditaria nas palavras de uma garota de quinze anos? Investigaram, mas chegaram à

conclusão que não havia provas. E tudo foi deixado para lá.

- Mas não por você. Por isso veio trabalhar na agência e se tornou nossa amante. Queria descobrir qual de nós dois era o assassino.

- Sim, foi isso.

- Eu nunca poderia imaginar uma coisa dessas! – Pensei um pouco, virando o carro em uma rua de barro, cercada por árvores. – E alguém te ajudou nisso? Talvez um policial?

- Não. Ninguém acredita em mim. É uma busca solitária, Davi. Quando soube dos corpos, vim aqui atrás de mais pistas. E então ... Você me falou de Gabriel. Acho que tenho as respostas que eu procurava.

- Preferia que fosse eu? – Reparei que olhava em volta, percebendo o quanto nos isolávamos de tudo. – Notei que rolou um clima entre você e ele.

- Não prefiro nada. Só quero saber a verdade. Que lugar é esse?

- É o lago, perto de onde eu morava, logo depois daquela curva.

- Pensei que íamos ver os pais de Gabriel.

- Pensou? – Senti o prazer dentro de mim e virei o carro, até pará-lo de frente para umas árvores. Somente depois delas ficava o lago, mas para chegar lá só a pé. Puxei o freio de mão e olhei intensamente para Daniela. Ela me fitava, atenta, muito atenta. Sorri devagar.

- Quer dizer que ainda tem dúvidas? Que olhar é esse para mim?

- Eu estou certa em ter dúvidas?



Meu coração bateu forte. Adrenalina se espalhou em minhas veias. Vi o medo no fundo de seus olhos e isso trouxe aquela sensação de poder ilimitado. Daniela era um perigo e um desafio. Muito maior que os outros. Senti um prazer enorme em poder me mostrar a ela.

- Você está certa em muitas coisas. Mas errou feio duas.

Ela empalideceu, segurou a bolsa com força, manteve-se dura e rígida no banco. Seus olhos estavam bem abertos, acho que nem respirava. Mas indagou num fio de voz:

- O quê?

- Não foi por ciúme de Monalisa. Foi para tirá-la da vida do meu irmão de alma. Ela estragaria tudo. E a segunda coisa, já percebeu, não é? – Sorri, frio. – Gabriel nunca teria coragem de fazer tudo isso.

Foi delicioso ver sua expressão e palidez, a compreensão finalmente abalando-a. Gozei aquele momento como único e me enchi de felicidade, pelo poder que eu tinha. Ela estava ali, isolada no carro comigo, em um lugar deserto. Ali, onde comecei a me conhecer levando os animais. Ali, onde me liberei pela primeira vez de um infeliz. E onde seria seu derradeiro fim.

- Vai pagar caro por ter se metido no meu caminho, Daniela. E por ter se metido no caminho de Gabriel.

E então, voraz, avancei para ela.

DANIELA

O medo estava dentro de mim. Mas com ele veio o alívio, pois eu não amava um assassino. Gabriel não era aquele monstro.

Era estranho como, em momentos de puro pânico e desespero, uma parte de nós se mantinha calma. Quando Davi veio com tudo para cima de mim, seu rosto transformado em uma máscara mortal e animalesca, eu reagi, puxando a arma de dentro da bolsa.

Não sei se demorei demais ou se ele tinha reflexos de um tigre, pois também reagiu na hora. Apertei o gatilho, atirei para acertar sua cara, mas recebi uma cotovelada violenta no braço e os tiros se perderam dentro do carro. A arma bateu no porta luvas, foi para o chão. Gritei, pois parecia que tinha quebrado meu braço direito.

Um tiro trincou o para-brisa, outro acertou Davi, pois o ouvi xingar e berrar:

- Sua puta, você atirou em mim!

Mas não tive tempo de olhar. Eu me abaixei, gemendo de dor, em busca da arma. Davi puxou meu rabo-de-cavalo violentamente, trazendo-me de volta ao banco e gritei, lutei, mas o braço doía horrores e eu mal podia movê-lo. E ele era forte demais. Golpeou meu rosto com as costas da mão e bati com a cabeça na porta, sangue saindo da minha boca e espirrando no vidro.

Fiquei tonta, com dor, latejando. O pânico veio quando puxou-me de volta, suas duas mãos grandes se fechando em meu pescoço, apertando. Fitei seus olhos negros possuídos de chamas demoníacas e soube que ia morrer. Pensei em Margarida, vendo ou ouvindo tudo, seu desespero. Até conseguir ajuda, eu já estaria morta.

- Puta desgraçada, acha que pode contra mim? –

Apertou com ódio e sufoquei. Tentei arranhá-lo, chutá-lo,

mas meu braço direito estava mole e Davi se debruçava sobre mim no banco, não me dava opções de fuga. Ao longe ouvi o telefone tocando, o celular dele. Parou um pouco, arfante, olhando em meus olhos. - É o toque do Gabriel. – Murmurou. – Isso é por tentar tirar meu irmão de mim, puta! Vou livrar o mundo de sua sujeira!

E voltou a apertar. Tentei reagir, me debati, falei em arquejos roucos, quase sem voz:

- Vão ... pegar ... você ... Deixei provas ...  
- Ah, é? Como, se nem sabia que era eu? – Riu e me sacudiu, batendo com minha cabeça no vidro do carro de novo. Apertou tanto que me desesperei sem ar, cheia de dor e desespero, perdendo as forças.

Lágrimas desceram dos meus olhos e tive vontade de desistir. A imagem de Gabriel veio nítida em minha mente, vi seus olhos azuis, senti aquele amor me envolver como um manto. Eu devia ter escutado quando quis falar comigo. Mas agora ... Era tarde demais.

Tudo foi ficando escuro. Sabia que devia lutar até o final, mas me sentia muito cansada. Ouvi a voz de Davi ao longe, enquanto aliviava o aperto em meu pescoço e o ar passava ardente até meus pulmões:

- Não tão fácil assim, meu bem. Tenho planos melhores. Afinal, você merece. Você quase conseguiu. Quase. – E deu uma risada rouca, me largando mole no banco.

Sentia-me fraca e tonta. Doía respirar, doía tentar pensar. Quando Davi me puxou para fora pelo braço direito, vi estrelas de tanta dor e caí no chão enlameado e

cheio de folhas mortas ao lado da porta do carro, uma chuva fina e fria batendo sobre mim como agulhadas.

- Levante! – Ergueu-me da lama, mas minhas pernas pareciam gelatinas. Tentei falar, fugir, fazer algo, mas caía de novo no chão, de joelhos, a garganta pegando fogo, o braço doendo horrores, a cabeça girando. – Pensei que fosse mais forte! Só isso?

Ele gritou com desprezo. Consegui erguer os olhos, firmar a visão nele de pé a minha frente. Parecia um gigante, grandalhão, moreno, furioso, molhado de chuva. Seus olhos eram frios como nunca vi, mas por dentro tinham fúria. Uma fúria assassina. Mostrou-me o braço esquerdo, de onde escorria sangue até a mão.

- Só um arranhão. Você não é de nada, Dani. Nem com uma arma na mão.

Pensei na arma, largada no chão do carro, junto com minha bolsa. Pelo menos Margarida não ia me ver nem me ouvir morrendo. Mas estava gravando tudo. As provas estavam ali. Davi não sairia impune.

- Tá, não quer cooperar? Tudo bem. – Abaixou-se e agarrou um punhado do meu cabelo, que tinha se espalhado molhado. Puxou violentamente, arrastando-me deitada pelo chão cheio de lama, levando-me para perto das árvores. Quis gritar, mas minha garganta não permitiu, como se estivesse em brasa. Bati as pernas, agarrei seu pulso com a mão esquerda, mas continuou a me arrastar facilmente. – Prefiro seu cabelo ruivo, como de Monalisa. Agora entendo por que mantem a boceta raspadinha. Devia ser ruiva lá também, né? Como ela?

Sua voz era tranquila, até animada. O desgraçado se

divertia. Gostava de fazer aquilo. Era um verdadeiro monstro em sua essência, que se escondia em uma aparência linda, sedutora, bem humorada. Entendi por que matou tantas pessoas. Era um predador natural, com um disfarce perfeito.

- Sempre fiquei impressionado com os pelos ruivos de Monalisa. Parecia ter fogo entre as pernas! Igual a irmã. Nos divertimos juntos, não é? Principalmente aquela vez com Gabriel. Nunca vou esquecer. – Continuou a me puxar entre as árvores. Folhas e sujeira vinham com lama para cima de mim. Pedrinhas arranhavam minha pele. O couro cabeludo ardia onde agarrava o cabelo com violência. Comecei a ficar mais forte, a me debater mais, no entanto, isso o fez rir. – Isso, Dani. Lute. Mostre que não é uma molenga! Estamos quase chegando. Ao paraíso, meu bem!

- Solte ... – Consegui murmurar, rouca, a garganta como uma fornalha, o ódio violento dentro de mim. Davi riu ainda mais.

A chuva nos banhava e então senti as árvores se espaçarem ainda mais, o solo ficar mais macio e úmido, até que me soltou. Estava na beira do lago cercado pela mata. De pé, ao meu lado, Davi se abaixou, sua argola de ouro brilhando na orelha, seus olhos ardendo.

- Calma, Dani. Vou te dar prazer. Vai morrer com meu pau bem enterrado na sua bocetinha. E a última coisa que vai ver são meus olhos.

Rasgou violentamente minha blusa, arrancando-a como um animal. Fechei os dedos em volta da terra molhada em volta do lago e me preparei, o coração

disparado, o pânico latejando em meu interior. Tentou tirar minha calça, mas o jeans estava molhado, pesado, com lama. Xingou e o puxou para baixo com força, junto com a calcinha, até que me deixou nua. Sorriu e veio para cima de mim. Foi quando joguei a terra em seu olhos.

- Porra! – Berrou, levando as mãos ao rosto, erguendo-se momentaneamente cego.

Rolei para o lado, tentei levantar. Escorreguei, o braço machucado não serviu como apoio, mas a vontade de viver foi mais forte. Apoiei a mão esquerda no chão, tremendo, conseguindo me levantar e correr. Estava perdida, sem direção, mas me baseei pelas árvores. Se eu pudesse chegar ao carro, pegar a arma, escapar ...

Mas não fui muito longe. Davi agarrou meu cabelo e puxou. Deu um soco em minhas costas que tirou meu ar e me derrubou de bruços no chão. A dor foi violenta, dura, me deu ânsias.

- Filha de uma puta! – Berrou ensandecido. Agarrou minhas pernas, arrastou-me. Terra entrou em meu nariz e boca. Cuspi, sufoquei. Então me largou e senti minhas pernas mergulharem na água gelada do rio.

Montou em minha bunda, sentando sobre ela, agarrando meu cabelo pela nuca e puxando minha cabeça para trás. Eu tossi, engasguei, me enchi de medo. Davi então puxou um canivete do bolso e o encostou em meu pescoço, dizendo furioso perto do meu ouvido:

- Odeio sangue. Mas me deixou tão puto que quero te cortar inteira, como uma porca! Mais uma e abro seu pescoço!

Fiquei imóvel, sabendo que era o fim. Não havia

como nem onde escapar. Meu corpo todo doía, até respirar era difícil. E então ele largou meu cabelo, escorregou a mão livre até minha garganta e a fechou sobre ela. O canivete continuava ali, perto da jugular. Lentamente, moveu o quadril e senti seu pau duro roçar minha bunda. Estava excitado e murmurou em meu ouvido:

- Vou deixar escolher. Onde quer o meu pau?

Fechei os olhos. E pedi a Deus para morrer logo.

GABRIEL

Eu dirigi como um louco. Desrespeitei todas as possíveis leis de trânsito, minha cabeça a mil, pensamentos desconexos e perturbadores me deixando mais nervoso do que fiquei na vida. Segui o carro de Davi pelo rastreador, vendo-o em Conservatória e a caminho do lago em Valença, onde fomos pescar algumas vezes quando novos. Não queria acreditar, mas meu pânico era real demais. Assim como o medo por Daniela.

Tentei ligar para ela e para ele. Nenhum dos dois atendia. E então, de repente, meu celular começou a tocar. Era um número desconhecido, mas atendi na hora.

- Salve a Daniela! – Uma voz de mulher berrou. –

Ele a está matando, perto do lago!

- O quê? – Acelerei ainda mais, virando na rua que levava até o lá, o desespero me invadindo. – Quem é?

- Amiga de Dani! Gabriel, eu vi e ouvi! Pela câmera dela! Mas agora ele a tirou do carro e a arrastou para fora! Ai, meu Deus! Diga que está perto! A polícia não quer acreditar em mim!

- Estou perto. – Arfei, muito nervoso, correndo muito. – É o Davi?

- É ele! É um assassino!

Fiquei gelado, como se tomasse uma surra, mil

agulhadas

percorrendo

meu

corpo.

Apesar

da

desconfiança, tinha rezado para estar enganado. Agora a

realidade vinha pior do que tudo. A senhora continuou a

chorar e gritar:

- Dani levou uma arma, mas ele a derrubou no chão

do carro e bateu nela! Ai ... – Chorava copiosamente. – Eu

não devia ter deixado a Dani ir ...

- Estou chegando. Vi o carro dele. – Parei meu

carro ao lado, coração acelerado, pânico me consumindo.

Pulei para fora, indo direto ao carro de Davi, buscando a

arma.

- Graças a Deus! Acho que a levou para o lago!

Rápido! Pelo amor de Deus!

Engatilhei a arma, guardei o celular no bolso e, em

meio à chuva e à lama, corri entre as árvores até a beira

da água, desesperado, respiração descontrolada, terror,

medo, desespero, raiva, tudo lutando dentro de mim.

Rezei a Deus para não chegar tarde demais, o pavor me

engolfava e movia, minhas pernas iam mais rápido que

tudo. E então eu os vi e parei, estarecido com a cena.

Daniela nua de braços na beira do lago, de frente

para mim, cheia de lama e sangue no rosto, seus olhos

arregalados, sem poder acreditar que me via. Montado



atrás dela, segurando-a pela garganta com uma das mãos e um canivete com outra, Davi se esfregava nela e dizia algo em seu ouvido, como um maldito sádico, louco, diabólico. Parou ao dar comigo e empalideceu, paralisado, olhos imobilizados pela surpresa.

O tempo parou. Até meu coração falhou. Era surreal. Parecia uma cena de filme de terror, de algo inacreditável, fora da realidade. Mas a cena era bem real, assim como o meu pânico, a minha raiva e aquele medo voraz, que quase me prostrou.

Daniela mal respirava. Davi estava em choque e piscou, tentando afastar minha visão da sua frente. Fui o primeiro a me recuperar e ergui a arma engatilhada, apontando direto para ele. Isso o alertou.

- Solte-a. – Falei baixo. Por dentro eu tremia, sangrava, chorava. Mas minha mão estava firme no gatilho.

- Ou o quê? – Davi não se moveu, muito sério. – Vai me matar?

Ele era meu irmão. Meu amigo de uma vida inteira. Meu companheiro. Como eu poderia matá-lo? Como num flash, vi imagens nossas do passado, quando ainda éramos garotos e jogávamos bola, corríamos atrás de pipa, ríamos juntos. Davi mais velho, sempre rindo, sempre ao meu lado. Vacilei por dentro, sem acreditar que aquilo estava acontecendo.

Então fitei Daniela, nua e machucada, com sangue e lama no corpo, prostrada embaixo dele como um animal prestes a ser abatido. Olhei a lâmina em seu pescoço, marcando sua pele, e senti um medo atroz de que a

matasse. Como fizera com Monalisa.

- Se for preciso, eu mato, Davi. Agora a solte. –

Falei frio, quando por dentro eu fervia.

Davi suspirou, mas não se moveu. Seus olhos me avaliaram, sem aquela alegria que lhe era tão peculiar.

Estava sério como um estranho. O estranho que fizera parte da minha vida, mas que não enxerguei.

- Eu não posso, Alemão. Fui longe demais.

- Pare com isso. Você precisa de ajuda. Vamos, Davi.

- Ajuda? Acho que sou louco? – Franziu o cenho, atento a mim.

Eu fitava a navalha, com medo que cortasse Daniela. Evitava os olhos dela para não me distrair. Encarei meu amigo.

- Por que fez isso? – Mal conseguia respirar, a dor violenta me corroendo por dentro. – Por que, Davi?

- Sou assim. Aprendi que sou assim desde muito cedo, cara. Um animal faminto. Não sei, tive muito tempo de analisar, mas acho que simplesmente é isso. Um fato.

- E o Davi que conheci a vida inteira? Foi uma mentira? – A arma continuava firme em minha mão.

- Não. Sou eu também. A Luz, Gabriel. A luz que se tornou mais forte em mim depois que te conheci. Precisa entender. Eu seria um nada, uma sombra eterna, só um animal. Mas você me salvou, amigo. Eu quase consegui. Juro que tentei! Lutei contra essa fome, mas ela sempre vem. – Apertou Daniela mais forte, erguendo mais sua cabeça, deixando-me apavorado, nervoso, sem ar, preparado para tudo. Mas parou, respirando fundo, seus

olhos negros brilhando muito. – Você se tornou o que eu queria ser. O filho amado. O garoto generoso. O menino estudioso e responsável. Aquele que todos admiravam, que todas as garotas queriam. Imitei você. E te amei tanto, cara, mas tanto, que se tornou meu modelo de perfeição! Mas nasci com essa falha. E aprendi a conviver com ela. Eu estava chocado, abalado, sem acreditar em tudo aquilo. Davi balançou a cabeça, parecendo cansado.

- Não se sinta culpado, não falhou comigo. Eu é que falhei. Não fui sempre como você queria. Não consegui!

- Nunca quis nada, Davi. Só fui seu amigo, seu irmão. Nunca exigi nada de você.

- Sei que não. Mas eu queria ser perfeito. Para que me amasse sempre, mais do que tudo. Mesmo sabendo que por dentro eu era mais do que você imaginava. Só que aquela mulher ... A irmã dessa maldita ...

Parecia que ia cortar o pescoço de Daniela, cheio de ódio.

Gritei, fora de mim, dando um passo à frente:

- Para com isso, porra! Vou atirar!

Ele parou, mas não a soltou. Fitou meus olhos.

- A que ponto nós chegamos, amigo. Era isso que eu queria evitar. Ia tirar essa mulher da nossa vida e tudo voltaria ao normal, como devia ser. Não era para você estar aqui.

- Por isso matou Monalisa? Para tirá-la da nossa vida?

- Da sua vida. Ela ia tomar você de mim.

Suas palavras me deixaram gelado, sem poder acreditar. Não podia ser aquilo. Mas acenou com a

cabeça.

- É isso. Você e eu, Gabriel. Como sempre foi.

- Sempre fomos amigos, irmãos. Nada mais que isso.

- Muito mais que isso! – Gritou.

Fitei os olhos de Daniela, cheios de medo, de raiva e de pena. Fixos em mim. O amor que sentia por ela me deu forças de continuar. Não importava o que acontecesse ali, eu não o deixaria matá-la.

- Isso é obsessão. – Falei baixo.

- É, acho que é. Mas chega de lutar. E agora ... Cá estamos nós. – Sorriu lentamente, como o Davi que conheci a vida inteira. Sua mão amparou melhor o pescoço de Daniela e ajeitou o canivete, firme. – O que você decide?

- Não preciso decidir nada. Estou esperando soltar Daniela.

- E o que mais? Ir direto para a prisão? Um hospício?

- Um lugar onde possa receber ajuda. Prometo não abandonar você.

- Vou ficar preso como um animal, enjaulado. E você com essa puta! – Cuspiu as palavras, furioso. – Nunca! Pense bem, Gabriel. A escolha está em suas mãos. Se não apertar esse gatilho, eu sumo com ela. Ninguém vai saber ou ter provas. Vamos voltar a nossa vida, irmão, como sempre foi. Se apertar esse gatilho, prefere a ela. É até simples.

- Para com isso. – Dei mais um passo à frente, a chuva fina molhando meu rosto.

- Vou contar até três. E então a corto. Decida.

- Cale a boca e a solte, porra! Agora!

- Um.

- Davi, estou falando sério! – A lágrima escorreu do meu olho, incontrolável, o pavor me deixando gelado. –

Para!

- Dois. – Sorriu e chamas pareceram brilhar em seus olhos. Senti que ia atacar.

Abriu os lábios e atirei.

Foi como em câmera lenta. Os olhos de Daniela arregalados, cheios de pânico. O tiro cravando-se na testa dele. Sua mão largando o canivete, mas antes cortando-a, o sangue surgindo. O corpo de Davi sendo arremessado para trás.

Gritei e corri. Fui envolvido por sentimentos horríveis, desesperadores, como se um inferno viesse dentro de mim. Sabia que o tinha matado. Matei meu melhor amigo, meu irmão, meu companheiro. Mas não corri para ele.

Caí ajoelhado no chão ao lado de Daniela e a puxei para os braços, completamente fora de mim, com medo de vê-la morta também. Mas me olhou, viva, assustada, sangue descendo do pescoço.

- Ah, meu Deus ... – Arranquei minha camisa, deitei-a em minhas pernas, pressionei contra o ferimento.

- Foi ... arranhão ... – Conseguiu murmurar rouca, a voz falhando, vendo meu desespero. Afastei a camisa e o alívio me engolfou ao ver que era só um arranhão na pele, sem profundidade.

Abracei-a forte, enfiando meu rosto entre seus

cabelos molhados e enlameados, sentindo o pranto me varrer, me fazer soluçar. De alívio, por que estava viva. De tristeza, pois Davi estava ali tão perto, morto.

- Cal ... ma ... – Daniela me abraçou com o braço esquerdo, gemendo sem poder mexer o outro. Estava muito machucada. Tinha passado por momentos terríveis. Controlei minha dor, meu pranto. Haveria tempo para isso. Agora precisava cuidar dela.

Envolvi minha camisa em volta de seu corpo e levantei com ela em meu colo, amparando-a contra o peito. Mesmo arrasado, com os nervos em frangalhos, uma dor pungente latejando dentro de mim, virei o rosto e olhei para trás.

Davi estava estendido na terra, olhando para o céu, seus olhos abertos, fixos, seu corpo imóvel. Na testa, apenas um furo e um filete de sangue. Tremores vieram de dentro de mim. Pensei que não aguentaria. Vi seu sorriso de toda uma vida e não pude acreditar em tudo que acabara de acontecer, em quem ele era.

E então, olhei para frente e dei um passo. Mais outro. Até deixar aquilo para trás e seguir, com Daniela nos braços. Talvez eu nunca me recuperasse. Ou talvez o tempo se encarregasse daquilo. Eu não sabia. Só que ela precisava de mim.

Depositei-a no carro, molhada e tremendo, machucada, cheia de lama. Minha camisa era pouca para cobri-la, mas eu não tinha nada mais. Não pus o cinto. Puxei-a para perto de mim, para aquecê-la um pouco, enquanto pegava o celular. A amiga dela continuava na linha e falei imediatamente:

- Daniela está bem. Estou levando-a para casa.

- Ai, meu Deus ... – A mulher começou a chorar. –

Jura? Você jura?

- Sim, está com a garganta machucada, não pode falar, mas ...

Daniela bateu meu peito, erguendo a cabeça, pedindo o telefone com um gesto. Pus perto de seu ouvido e boca e ela murmurou, enrouquecida:

- To ... aqui ... Margarida ...

- Minha filha! – Dava para ouvir sua voz estridente.

Soluçava. – Que susto! Não force a garganta. Quando estiver chegando, peça para me avisar.

- Tá ...

Peguei o celular. Daniela se encolheu, quase deitada em meu colo, tremendo muito.

- Ela está em choque, vou direto para o hospital.

- Gabriel, obrigada ... Obrigada.

- Quando chegarmos lá, aviso a senhora.

Depois que desliguei, olhei para o carro de Davi, ao lado do meu. Uma tristeza horrível me envolveu. A dor era abissal, sem fundo, contorcida. Respirei fundo, lembrando de seu corpo ao lado do rio. Tinha que avisar as autoridades, ligar para meu pai e irmão, contar a minha família. Mas primeiro cuidaria de Daniela. Liguei o carro e o pus na estrada.

Foi uma viagem sofrida e silenciosa. Mas só de ouvi-la respirar, de saber que por pouco eu a perdia, consegui me controlar. Chegamos em frente ao hospital e saí com ela no colo, cobrindo-a ao máximo com a camisa. Estava muito quieta, mole, acho que em estado de choque.

Trouxeram maca e a levaram para dentro, enquanto eu caminhava ao lado e explicava mais ou menos o que tinha acontecido.

- Vamos ligar para a polícia. Fique aqui, cuidaremos dela. – O médico afastou-se, com um enfermeiro empurrando sua maca. Parecia adormecida. Respirei fundo e fui até a recepção. Enquanto esperava a polícia chegar, andei até um canto, molhado, sem camisa, arrasado. Liguei primeiro para meu irmão mais velho, Rômulo. Disse a ele que estava no hospital com uma amiga, que estava bem. Mas que precisaria dele ali. Como trabalhava com meu pai no sítio, sabia que ambos viriam. E não podia dar uma notícia daquelas por telefone.

Sentei em uma cadeira de canto e fiquei lá, terrivelmente ferido, sangrando por dentro. Dois policiais chegaram e ali mesmo contei tudo. Na mesma hora entraram em contato com a delegacia e informaram o ocorrido. Pegaram meus dados, fizeram anotações, disseram que estavam partindo para lá em busca do corpo de Davi. Expliquei que a arma ficou lá, no chão. Eles saíram quando meu pai e meu irmão entraram nervosos, vindos do sítio. Correram para mim. Com muito sacrifício, consegui me levantar. Perguntaram o que tinha acontecido, meu irmão me amparou quando cambaleei, um pouco tonto. E me ajudou a sentar de novo.

Com o peito doendo e a garganta travada, contei tudo. Vi o horror, o pânico, a raiva e a dor no rosto deles. Meu pai chorou copiosamente, sem poder acreditar. Rômulo balançava a cabeça, também descrente. E fiquei



lá, arrasado, com lágrimas nos olhos enquanto meu pai me abraçava. Era como perder um filho também.

Ficava uma sensação de impotência, além da dor.

Pois como não vimos o que Davi fazia? Como convivemos tantos anos com um assassino no meio da nossa família? Samara cresceu adorando-o. E ele nunca fez nada além de mimá-la, enchê-la de carinho e de presentes. Adorá-la.

Permaneceram ao meu lado até eu ser informado que Daniela tinha sido lavada, medicada e que dormia profundamente. Só acordaria no dia seguinte. Estava com o braço direito quebrado e uma costela rachada, além de um machucado na boca. Mas se recuperaria. Ao menos fisicamente.

Tínhamos que contar a minha mãe e a Samara tudo que acontecera. Eu sentia frio e estava muito mal, minha cabeça explodindo. Mas me recusei a sair do hospital.

Rômulo me garantiu que era só para tomar um banho, pôr uma roupa e voltar. Minha mãe também só sossegaria se me visse bem. E assim concordei.

Foi horrível em casa. Elas não quiseram aceitar.

Parecia um pesadelo, uma mentira. Mas viram meu estado e choraram, lamentaram, mas me agarraram, garantindo que não tinha culpa, que não poderia ter deixado Davi matar mais uma pessoa inocente. Eu sabia disso. Mas a dor permanecia.

Depois de um banho e roupa seca, quiseram me alimentar, me convencer a ficar. Mas eu estava irredutível e já saía para ir ao hospital, mas Rômulo me levou. No carro dele, liguei de novo para a amiga de Daniela.

- Quero muito ir ao hospital ver a Dani! – Disse  
desesperada. – Mas sou cadeirante! E não tem nenhum  
vizinho de carro que possa me levar. Estou há uma hora no  
ponto de ônibus!

- Estou passando aí com meu irmão para pegar a  
senhora.

- Obrigada.

Paramos com o carro em frente ao ponto de ônibus  
e vi a senhora magra, cheia de rugas, com os olhos  
vermelhos de tanto chorar. Ela me fitou, meio perdida,  
observando-me e segurou minha mão.

- Obrigada. Por salvar a Dani.

Não consegui dizer nada.

Falou que ia para o carro sozinha, mas a deposei  
no banco da frente e deixei a cadeira no porta-malas.  
Sentei atrás e Rômulo pôs o carro em movimento. A  
senhora se virou um pouco para me olhar.

- Pode me contar tudo o que aconteceu, Gabriel?

Eu não aguentava nem pensar em tudo aquilo,  
quanto mais falar. Mas vi seu nervosismo, sua apreensão e  
fiz um resumo das coisas.

- Então, ele está morto. Desculpe, imagino o quanto  
está sendo difícil para vocês. Mas não lamento. Aquele  
maldito matou minha única filha. Talvez se lembre dela.

- Quem?

- Fabiana. Estudou na mesma escola que você. Foi  
dada como desaparecida há doze anos.

- Eu me lembro. – E lembrava mesmo. Tinha até  
dado uns beijos nela. Na época só se falava do seu  
desaparecimento. Fiquei chocado por ter sido vítima do

Davi. – Não imaginei algo assim.

- Ninguém nunca acreditou em mim. Eu sabia que estava morta e a polícia não fez nada. Por anos fui na delegacia, cobreí, exigi. Agora, com a morte do rapaz e os corpos que apareceram, voltei lá, falei com o delegado e ninguém quis me ouvir. Achavam que eu era louca. – Parou e respirou fundo. – E quando Davi pegou a Dani e liguei para a polícia, nem ligaram. Se não fosse você, ela morreria. Aqueles inúteis!

- Mas sua filha nunca foi encontrada? – Perguntou Rômulo.

- Nunca. Talvez agora ... Quem sabe. Dani investigava vocês e pôs uma câmera na casa de Davi. Vimos que ele tinha uma espécie de diário em seu cofre. Talvez lá possamos encontrar mais respostas. Eu ouvia e indaguei:

- Filmaram minha casa também?

- Não. – Fitou meus olhos. – Cobrei muito isso de Dani e ela inventava desculpas. Estava apaixonada por você. Não queria acreditar que fosse um assassino. Mas te seguiu, viu indo até a praia que Monalisa foi assassinada e teve medo que fosse você. Então Davi ligou, fez parecer que descobriu coisas horríveis a seu respeito e, mesmo assim, continuou desconfiada. Ela ama você, Gabriel. Fiquei quieto, pensando em tudo que Margarida disse, um cansaço enorme pesando em meus ombros. Quando chegamos ao hospital, deixaram que víssemos Daniela, mas os medicamentos a faziam dormir direto. Margarida chorou e beijou sua mão esquerda, pois a direita estava engessada. Rômulo ficou quieto, mais

para me dar apoio. E eu apenas a olhei, pensando o quanto estive perto de perdê-la.

Sáímos do quarto e eu me recusei a ir embora. Meu irmão insistiu, disse que Daniela dormiria a noite toda, mas fiquei. Pedi que levasse Margarida em casa. Na hora de ir, a senhora me puxou para um abraço e murmurou:

- A Dani tinha razão em se apaixonar por você. É um bom rapaz. Que Deus o proteja sempre. – Fitou meus olhos, quando me ergui. – Você não teve culpa de nada, Gabriel. Nenhuma.

- Eu sei.

Despedi-me deles e consegui aprovação do hospital para passar a noite ao lado de Daniela.

No silêncio do quarto, acariciei seu cabelo e imaginei como seria ao natural, ruivo. Fitei seu rosto pálido e machucado, o braço engessado, lembrando dela nua e enlameada embaixo de Davi, prestes a ser estuprada e morta. O terror me envolveu e lágrimas vieram aos meus olhos.

Apesar de tudo, da sensação de culpa, de saber que teria que conviver para sempre com o fato de ter matado Davi, eu senti também muita raiva dele. Pensei em Monalisa, tão doce, tão sofrida, com tanta esperança no futuro. O modo como ficamos apaixonados. Sua risada, sua entrega. E sua vida interrompida de modo tão bruto. Por Davi. Que faria o mesmo com Daniela.

Pensei em suas palavras, sua obsessão por mim.

Apesar de uma vez ou outra notar um olhar esquisito nele, ter uma sensação estranha, nunca maldei nada assim. Era apenas uma pessoa comum, com defeitos e qualidades.

Nunca imaginei que fosse doente a ponto de matar. De sentir prazer com isso. Um animal irracional, como ele mesmo dissera.

Destruíra vidas e famílias. Dava para ver o sofrimento em cada traço de Margarida, há doze anos buscando saber o que aconteceu com a filha. Como os pais das outras pessoas desaparecidas deviam sofrer. Como eu e meus familiares sofríamos agora.

Não aguentava mais pensar e recordar tudo que acontecera naquele dia. Era pesado e dolorido demais. Beijei suavemente a face de Daniela e sentei na poltrona ao lado da cama, meu braço sobre a cama, segurando a sua mão. Pensei que não dormiria, mas a exaustão me venceu. E mergulhei no consolo do sono.

DANIELA

Acordei quando o dia ainda nascia, nervosa, tremendo. O pânico veio violento, mas respirei aliviada quando percebi que estava viva e em segurança. E lembrei de tudo.

Meu corpo doía, a cabeça estava pesada. Mas em meio a tudo, um calor vinha da minha mão e senti dedos longos contra os meus. Virei o rosto e vi Gabriel, parte de seu cabelo castanho dourado apoiado na cama. Fui invadida pelo amor, pela gratidão, pela vontade de chorar. Recordei o alívio que senti ao vê-lo chegar correndo perto do rio, quando para mim já estava tão certo que morreria. Gabriel salvara minha vida. Mesmo tendo que matar seu melhor amigo.

Tentei acariciar seu cabelo, mas percebi que meu outro braço estava engessado. Assim, apenas apertei seus

dedos e fiquei olhando-o, sabendo que devia estar arrasado, desesperado. Mas estava comigo.

Vi o dia amanhecer, apenas olhando seus cabelos.

Até que se moveu, enrijeceu, ergueu a cabeça. Percebi de imediato a dor profunda em seu olhar, a palidez de seu rosto, o sofrimento que vinha de dentro e se espelhava muito vivo nele. Levantou-se na hora, preocupado.

- Como você está?

- Bem. – Minha voz saiu rouca, rascante. Mas a garganta estava um pouco melhor. – Viva. Obrigada. Mas ... e você?

- Bem. – Mentiu.

Meu coração ficou apertado ao fitar seus olhos azuis tão doloridos.

- Você está péssimo ... Gabriel.

- Você também. – Sorriu e acariciou meu cabelo, deslizando o dedo em meu rosto. – Temos um mundo de coisas para conversar, Daniela.

- Eu sei.

Naquele momento uma enfermeira entrou, deu bom dia e pediu para Gabriel sair, pois cuidaria de mim. Ele beijou minha testa com carinho e se retirou.

Ainda naquela manhã tive alta e Gabriel me convidou para ficar na casa dos pais dele. Mas preferi ficar com Margarida. Soube que naquele dia seria o enterro de Davi. E que, apesar de tudo, ele e seus familiares não o abandonariam. Fariam um enterro íntimo, com padre e tudo.

E assim me deixou bem acomodada na casa de Margarida e saiu, arrasado. Senti as lágrimas descenderem

por meu rosto e Margarida disse baixinho:

- Ele é mesmo um anjo.

E era. Um anjo sofrido que enterraria seu melhor amigo. Um assassino. Que ele matara para me salvar.

GABRIEL

Flores disfarçavam o ferimento na testa de Davi dentro do caixão na capela do cemitério. Mas sua expressão era tranquila, meio risonha. Parecia dormir, sem maldade, o rapaz que conhecemos nossa vida toda.

Minha

mãe

e

Samara

choraram

muito,

inconformadas. Meu pai estava pálido, arrasado. Rômulo e minha cunhada consolavam a todos. Eu me mantinha quieto num canto, meus olhos fixos naquele que foi como um irmão para mim. Apesar da raiva, da revolta, eu não conseguia odiá-lo. O maior sentimento que me consumia era a tristeza.

O padre fez uma bela oração. Acho que tudo era muito mais dolorido por sabermos que não era uma vítima, mas um algoz. Davi destruíra muitas pessoas, muitas vidas. E isso era difícil de perdoar.

Somente eu e minha família o enterramos. E voltamos para casa com um sentimento terrível de irreabilidade.

Naquela tarde, eu voltaria ao Rio de Janeiro e Daniela ia comigo. Tinha a agência e um mar de coisas

para resolver. E ainda o apartamento de Davi, que a polícia ia interditar. Antes queríamos ver o tal diário, saber se havia parte de seus crimes ali, se dava pistas sobre as pessoas desaparecidas, principalmente a filha de Margarida.

Fizemos a viagem em relativo silêncio. Então

Daniela indagou:

- Acha que todas essas notícias divulgadas vão prejudicar a agência?

- Talvez. Mas as pessoas acabam esquecendo. Isso é o que menos me preocupa agora.

Um policial amigo meu tomou a frente na interdição do apartamento de Davi e permitiu que eu e Daniela estivéssemos presentes quando o cofre foi aberto. Deu-nos inclusive acesso ao diário, antes de levá-lo como prova. E ali, naquela sala que visitei tantas vezes, que vi jogos e conversei com Davi, abri o livro e fiquei aterrorizado com o que li.

Eram lembranças de uma mente doentia. Contava em detalhes cada um de seus crimes, com comentários ao lado, relatos do que havia sentido. O prazer perverso, a maldade, a arrogância de quem se achava superior aos outros. Havia anotado ali 98 crimes. Impressionantes 98 vidas que ele tirara. Inclusive de Monalisa.

Na página dela, eu e Daniela ficamos chocados com tudo. Meu nome aparecia várias vezes. Sempre remetendo ao fato de que me amava, que Monalisa não me tiraria de Davi, que faria qualquer coisa por mim. Era mais do que obsessão.

Falava



até

em

termos

sexuais,

não

explicitamente, mas dava para entender que havia um desejo por mim em meio ao nosso ménage. Um desejo que nem ele aceitava muito bem.

Era apavorante, aterrador, terrificante. Tive que me levantar e andar pela sala até me acalmar. Daniela me abraçou forte e assim ficamos, até conseguirmos ler de novo.

Descobrimos que alguns homens também entravam na lista, principalmente quando seus pensamentos sobre mim se tornavam descontrolados. A maioria era de garotos de programa e o total de 27, dos 98 mortos. O último tinha sido o rapaz em Conservatória.

E soubemos também que Fabiana foi a primeira que Davi matou, antes só descarregava sua fúria em animais. Descrevia seu ódio e descontrole pela moça e de como a jogara com pedras no rio. Daniela murmurou, triste:

- Agora Margarida vai poder enterrar sua filha.

Depois entregamos o diário a polícia e saímos de lá. Fomos para meu apartamento, ambos cansados, exaustos emocionalmente. Dormimos juntos na cama, sem transar. Apenas contando com o calor do outro. Estávamos mais unidos do que nunca. Ao menos aquilo Davi não tirara de nós.

DANIELA

Dizem que o tempo era o melhor remédio. Acho que

tinham razão.

Depois de duas semanas, as coisas começaram a voltar ao normal. Pelo menos a maioria das coisas.

Tirei o gesso e me recuperei dos ferimentos externos. E então voltei a trabalhar como secretária na agência.

Gabriel tinha mergulhado no trabalho. Felizmente a agência continuava do mesmo jeito, quase não fora afetada pelas notícias terríveis de que um dos donos era um assassino. Os empregados não falavam em outra coisa, todos assustados, sem poder acreditar. Mas aos poucos as coisas voltaram aos eixos.

A sala de Davi foi limpa e virou um arquivo. Quase ninguém entrava mais lá. Mas a presença dele ainda era muito marcante para ser esquecida de uma hora para outra.

Praticamente passei a morar com Gabriel. O que tínhamos ganhou força, cresceu, se expandiu. Eu o amava demais e fazia tudo para tornar os dias dele melhores, livrá-lo daquela tristeza. E ele se esforçava também. Era apaixonado, carinhoso, possessivo.

O sexo era cada vez melhor, agora livre de desconfianças, acontecendo em seu auge. Tivemos um final de semana e fomos para Ilha Grande, descansamos, nos amamos, voltamos mais recuperados.

Depois de um mês, éramos amantes, amigos, trabalhávamos juntos, não conseguíamos nos desgrudar. E a cada vez que via um sorriso nos lábios de Gabriel, eu agradecia a Deus por ele se recuperar. Por ser meu. Por que eu o tinha conhecido.

O tempo passou mais e contei meu passado de dor e sofrimento, a perseguição do meu pai, como virei garota de programa. Não me orgulhava de nada daquilo, mas queria que soubesse tudo de mim. Não me julgou. Pelo contrário, só me emocionou quando contou que Monalisa sempre dizia em me trazer para morar com ela. E que se não tivesse sido assassinada, minha vida teria sido diferente.

Contou-me também do sonho com minha irmã e de como isso fora o começo de tudo, o que o levava até mim, de certa forma.

Conheci os pais, irmãos, cunhada e sobrinhos.

Todos me receberam bem, embora o clima no início fosse estranho, por causa de Davi. Mas aos poucos tudo foi se ajeitando e adorei sua família. Assim como Gabriel e Margarida se deram bem, como amigos de longa data. Ela adorava quando íamos visitá-la.

Passamos a morar juntos. Depois de seis meses, em uma noite quando acabamos de fazer amor e estávamos nus e suados nos braços um do outro, Gabriel acariciou meu rosto e me virou para olhá-lo. Eu adorava fitá-lo, qualquer parte dele. Era lindo, o amor da minha vida.

Sorri. E ele disse, baixo, surpreendendo-me:

- Quer casar comigo, Dan?

- Que? – Não pude acreditar, imobilizada, emocionada.

- Você me daria a honra de ser minha esposa? De ser a mãe dos meus filhos? De me aturar pelo resto da vida? – Sorriu, seus olhos azuis brilhando.

- Aturar você ... Bem, vejamos ... SIM! – Gritei e

pulei em cima dele, enchendo-o de beijos. Gabriel riu, abraçando-me. Nos beijamos na boca, apaixonados, cheios de amor, tesão, comunhão. – Sim, meu amor! Ah, Gabriel! Como te amo!

- Não mais do que amo você.

Eu o abracei forte, pus a cabeça em seu peito e agradei mais uma vez a Deus.

Por que apesar de tudo, de toda dor, do desespero que vivemos, estávamos ali. Vivos, juntos, apaixonados.

E agora formaríamos uma família.

Eu e Gabriel.

O meu salvador, o meu anjo, o meu amor.

## EPÍLOGO

### DANIELA

Sorri para Fátima, que depositava os contratos sobre minha mesa. Disse, sabendo que sexta-feira deixava qualquer um querendo ir logo para casa:

- Já são cinco horas, Fátima. Pode ir.

- Ah, nem acredito que vou ter um final de semana todinho só para mim! – suspirou, aliviada. – Te falei que vou para a praia com Nathan e as crianças?

- Falou sim. Aproveite bastante!

- E você, aproveite seu aniversário amanhã, Dani.

- Ah, vai ser só uma reuniãozinha com a família.

- Eu sei. E parabéns de novo! – Sorriu e nos despedimos.

Depois que ela saiu, corri para dar fim logo naqueles contratos e voltar para casa. Estava morrendo de saudades dos meus filhos.

Não tinha exatamente um horário fixo ali na

agência. Muita coisa eu podia levar para terminar em casa e assim ficar mais tempo com as crianças. Se bem que quando eu estava lá, os dois ficavam em cima querendo atenção e brincar e a última coisa que fazia era trabalhar. Sorri, já com saudades deles.

Já passava um pouco das cinco e meia quando terminei e guardei os contratos. Naquele momento a porta do meu escritório abriu e Gabriel surgiu, pronto para ir embora, segurando o paletó em um dos braços, a gravata ainda no lugar.

- Não acha que chega de trabalhar, senhora

Campanari? – Entrou, fechando a porta atrás de si.

Eu me virei, recostando na ponta da mesa de madeira, olhando-o se aproximar. Seu cabelo castanho dourado estava um pouco comprido, precisando de um corte, mas eu adorava enfiar meus dedos entre eles assim. Fitei seus olhos azuis e o amor se inflou dentro de mim, como sempre acontecia quando estava em sua presença. Mesmo quando discutíamos por alguma coisa, eu sentia sempre aquele amor.

Estávamos casados há oito anos. E naquele tempo fui a mulher mais feliz do mundo. A vida foi muito generosa comigo naquele tempo.

- Cansada? – Parou à minha frente, fitando-me nos olhos, deixando o paletó sobre a cadeira ao lado.

Eu o admirei. Abracei-o pelo pescoço e beijei suavemente seus lábios carnudos, murmurando:

- Nem um pouco. Acho que a idade está me fazendo bem. – Então sorri. - Não posso acreditar! Trinta anos!

- E cada dia mais linda. – Passou os olhos por

minha silhueta esguia dentro da roupa formal de escritório.

Também não era para menos. Trabalhar na agência e correr atrás de duas crianças deixava qualquer um em forma. Se bem que meu filho mais velho, Leonardo, de cinco anos, era um anjo. Calmo, tranquilo, carinhoso. O terror da casa era Gabriela, a ruivinha de três anos que não conseguia ficar parada.

Gabriel sorriu e provocou:

- Está realmente velha. Quase uma anciã! – Brincou e me fingi de séria.

- Os anos passaram voando! – Acabei dando uma risada, meus dedos brincando com as pontas de seu cabelo macio na nuca.

- Eu me sinto ótimo em meus trinta e seis.

- Você está ótimo em seus trinta e seis. – Afirmei, beijando seu queixo. E era verdade. Estava mais lindo do que nunca. – Dá vontade até de te morder e provar se é tão bom quanto parece ...

- E por que não morde. Sabe que adoro. – Ele me puxou contra seu corpo forte, erguendo minha cabeça para encontrar meus olhos. Os dele brilhavam. – Os empregados já foram embora. Temos o escritório todo para nós.

- O que diriam se soubessem que os patrões esperam o fim do expediente para transarem feito loucos?

- Que na casa deles tem um furacãozinho que não para quieta e dorme tarde, fazendo os pais só conseguirem transar depois que ela dorme, deixando-os cheios de desejos acumulados. – Brincou, sua mão escorregando

sob minha camisa, puxando-a de dentro da saia, se espalmado sobre a pele da barriga.

- É verdade. – Murmurei, pois Gabriela era assim mesmo. Enquanto Leonardo dormia cedo, ela continuava no pique até desabar e nos fazer desabar com ela. – Não sei a quem aquela menina puxou.

Sorrimos um para o outro. E nos beijamos n boca.

Foi tão gostoso que gemi baixinho, correndo minhas mãos em seus músculos duros sobre a camisa branca, chupando sua língua com paixão. Adorava sempre que me tocava, que me olhava, que me seduzia, o que acontecia o tempo todo. Eu era completamente apaixonada por ele.

Cada dia mais.

Gabriel desceu os dedos por minha cintura, já descendo o zíper da saia e a fazendo escorregar pelos quadris, murmurando contra meus lábios:

- O que guardou hoje para mim?

- Por que não olha?

E ele o fez, afastando-se só o suficiente para deixar minha saia cair no chão e descer o olhar sobre mim, que escureceu ao dar com a cinta liga preta. Fiquei ainda mais excitada ao notar seu olhar. Gostava de provocá-lo, de vir trabalhar sempre com lingerie sexy por baixo da roupa.

Às vezes estávamos em reunião, cercados por outras pessoas e, quando cruzava as pernas, sentia seus olhos quentes sobre mim, descendo, pensando o que eu usaria naquele dia. Algumas vezes não usava nada, tirava antes de ir falar com ele e provocá-lo. Quando descobria, ficava doido e dava sempre um jeito de me tocar ou até mesmo me comer rápido, sem poder esperar terminar o

expediente. Tentávamos ser discretos, mas não sei até que ponto conseguíamos. O que eu sabia era que o desejo estava sempre lá, quente e denso.

Fitou meus olhos, indagando baixinho:

- O que faço com você, Daniela?

- O que quiser. – Sussurrei, com um ar safado.

- Isso é tentador. – Virou meu corpo em direção à mesa, dizendo baixo: - Incline-se na mesa.

Enquanto eu obedecia, ansiosa, arfante, meus cabelos se espalhando sobre mim, senti sua mão acariciar minha bunda. E então deu um tapa firme nela. Arquejei, estremei. Mas gostei. Adorava quando me tomava da maneira que queria, intercalando uma pegada mais bruta com beijos e carinhos. Mordi os lábios e tomei outra bofetada firme, que fez a pele macia do meu bumbum arder, esquentar.

- Por provocar seu marido em seu local de trabalho.

– Disse rouco e continuou a me espancar, até que eu me tornava uma massa trêmula e quente, minha vagina toda molhada.

Parou e foi para trás de mim. Sem delicadeza, arriou minha calcinha com a liga até o meio das coxas e me ergueu um pouco. Suas mãos foram na frente do meu corpo, tirando minha blusa, murmurando em minha orelha:

- É para isso que vem com essas coisinhas indecentes?

- Sim, amor ...

- Safadinha ... – E me deixou nua, esfregando seu pau duro dentro da calça na pele sensível e ardida da bunda. Fez com que deitasse o tronco sobre a mesa,



começando a se despir. – Vou te dar o que quer.

Suas mãos acariciaram meus seios e, sem demora, penetrou o pau grande e grosso na minha vulva toda molhada. Gemi rouca, sentindo-o até o fundo, adorando a sensação de tê-lo tão enterrado dentro de mim. Toda vez que estocava, arquejos saiam dos meus lábios e eu puxava o ar, arrebatada.

Meteu duro, bruto. Uma de suas mãos escorregou por minha barriga abaixo e os dedos manipularam o clitóris, de modo que o prazer se tornou ainda maior, mais voraz. Me movi contra ele, rebolei, gemi, a ponto de gozar.

- Isso, meu amor ... Goze no pau do seu marido ... Sua voz rouca e dura foi minha perdição. Explodi em um orgasmo feroz e o suguei para dentro de mim, latejando, pedindo, me entregando.

Gabriel me fodeu com força, até que desabei na mesa, arquejando, lânguida e satisfeita. Ele parou, beijou suavemente minhas costas, saiu de dentro de mim. Enfiou por trás dois dedos em minha vagina ainda palpitante, deixando-os melados, deixando-me trêmula. Então subiu os dedos e molhou meu ânus, forçando-os ali. Entrou apertado, lubrificou-o.

- Vou comer seu cuzinho agora, Dan. Estou com saudades.

E mal tirou os dedos, meteu o pau ali, abrindo-me de uma vez só. Gritei, entre a dor e o prazer. Gabriel abriu bem minha bunda com as mãos e se enterrou todo. Então passou a meter ali, seu pau tão grosso e longo entrando todo, saindo, voltando com tudo. Até que eu me

acostumava e o recebia, toda tremida, novamente excitada.

- Que esposa gostosa eu tenho ... – Murmurou rouco, segurando meu pescoço, puxando minha cabeça para trás até encostá-la em seu ombro. Fitei-o e fui invadida pelo desejo avassalador. Era assim sempre que me pegava, que fixava aqueles olhos azuis em mim. Gemi baixinho quando enterrou tudo e sussurrou: - Gosta do meu pau no seu cuzinho?

- Adoro ... – Ronronei, rebolando, deixando-o mais doido. – E também na boca ... Na boceta ... Em todo lugar.

- Putinha. Minha putinha. – E como a realizar o meu desejo, deslizou os dedos até minha vulva latejante e meteu dois ali, bem fundo, sua palma roçando meu clitóris intumescido e sensível. E sua língua foi em minha boca, em um beijo gostoso e apaixonado. Comeu-me assim, até que eu era toda dele, marcada, entregue.

Foi difícil aguentar tantas sensações deliciosas e arrebatadoras ao mesmo tempo. Estremeci, ondulei e tive mais um orgasmo, que parecia não ter fim. Gabriel me comeu duro e esporrou dentro do meu ânus, firme e forte, quente, murmurando contra meus lábios:

- Ah, Dan ... Como te amo!

- Te amo ... – Murmurei também, sugando seu gozo para dentro de mim, toda arrepiada, choramingando. – Te amo tanto ...

E ficamos ali, até o prazer vir completo, perfeito.

Tínhamos nos mudado para uma casa enorme na Gávea, cercada por muros altos, com um belo terreno gramado cheio de brinquedos para as crianças, piscina,

dois cachorros e um gato.

Era ali que estava sendo realizado meu aniversário de trinta anos, apenas para os familiares e os amigos mais próximos. Eu e Gabriel não gostávamos de formalidade e todos estavam de short, à vontade ou tomando banho de piscina.

Leonardo e Gabriela corriam no gramado com os filhos de Rômulo e mais três filhos de amigos, jogando bola, brincando sem parar. Numa mesa ali perto, eu conversava e ria com Margarida, Samara e a mãe de Gabriel. O assunto, é claro, eram as crianças.

- Ela não para! – Margarida sorriu, bem acomodada em sua cadeira de rodas. Era apaixonada por meus filhos, mas tinha uma queda especial por Gabriela. Ela fazia a senhora realizar todas as suas vontades. Era engraçado ver alguém durona como Margarida toda derretida. –Olha só!

E a menina ruiva de três anos pulava e gritava, perseguindo os maiores, se escondendo, rindo até se acabar. Estava de short, a camiseta melada de algodão doce, os cabelos ruivos e cacheados escapando do rabo-de-cavalo todo torto.

Enquanto isso, Leonardo tentava contê-la. Aos cinco anos, era sério e tranquilo como o pai, carinhoso como ele. E como todos na família, fazia as vontades da irmã e cuidava dela como se fosse seu protetor. Eu me enchia de carinho vendo aquilo. Por isso vivia dando abraços e beijos nele. Era tão doce, tão lindo!

Olhei dos meus filhos amados para as pessoas a minha volta, tão feliz que não podia suportar. Meus olhos

buscaram Gabriel, de bermuda e camiseta rindo e conversando com um amigo e com o pai, sem nem ao menos desconfiar que era alvo do meu olhar cheio de amor.

Eu era completamente louca por ele. A cada dia que acordava em seus braços ou ia dormir ao seu lado, eu agradecia a Deus por tê-lo, por ser essa mulher tão realizada e feliz. Nunca poderia desejar homem melhor ou mais lindo.

Era um bom filho e irmão. Um ótimo pai, daqueles que saía com as crianças, brincava com elas, contava histórias. Um marido sem igual, apaixonado, quente, carinhoso. E um ser humano que só agregava pessoas e admiradores ao seu lado. Como Margarida.

Fitei-a ali, tão relaxada ao meu lado, mais gordinha e bem disposta. Aquele peso que carregava, o sofrimento que a sufocava, tudo tinha se aliviado há uns anos atrás, desde que pôde saber o que aconteceu com sua filha e enterrá-la. Ficamos muito próximos dela e Gabriel tornou-se seu amigo. No início, acho que ele quis compensar de alguma maneira o que Davi tinha feito, mas acabou gostando dela de verdade.

Cheguei até a ficar com ciúmes, pois parecia que era mais amiga dele agora. Depois ri de minha bobeira e admirei demais aquela amizade, que só fez bem para todo mundo. Acho que ela o adotou como filho, como fizera comigo. Quando íamos visitá-la, sua alegria era tão imensa que nem dava para acreditar que era a mesma mulher rabugenta que eu havia conhecido.

Gabriel insistiu para que se tratasse com um médico

no Rio, especialista em seu problema na coluna. Tanto fez que Margarida concordou em passar um tempo em nossa casa e se submeter ao novo tratamento. Nunca mais voltaria a andar, mas poderia parar o andamento da doença e viver sem dores. E foi o que aconteceu.

Quando tive Leonardo e depois voltei a trabalhar com Gabriel na Agência, convidamos Margarida para ficar de vez com a gente, até separamos uma ala no andar inferior para que tivesse mais privacidade. Tinha contratado uma babá, mas disse a ela que ficaria mais tranquila sabendo que estaria perto, tomando conta de tudo, de olho no meu filho. E ela aceitou.

Desde então, deixara para trás sua vida solitária e era parte da nossa família. O sofrimento de perder a única filha foi amainado. Ganhou a mim, Gabriel, Leonardo e Gabriela para animar seus dias. E nunca a vi tão feliz.

Gabriel e ela adoravam conversar e jogar xadrez.

Eu a levava para passear, cuidava de tudo que podia para ela. As crianças eram seu xodó, passava o dia com eles, de olho em tudo. Tinha sido bom para todos nós e eu sentia minha família completa.

Os pais de Gabriel, seus irmãos, a cunhada e os sobrinhos sempre vinham ali também ou íamos vê-los em Valença. Nossa casa era alegre, viva, feliz. Um lar como sempre desejei. O meu sonho realizado.

**GABRIEL**

Naquela noite até que Gabriela dormiu cedo, após correr e brincar o dia todo. Margarida e os familiares de Gabriel também se recolheram e fui colocar um Leonardo adormecido na cama, enquanto Daniela ia para o quarto.

Quando voltei e fechei a porta de nossa suíte, encontrei-a dentro da banheira cheia de espuma.

- Quer me fazer companhia?

Era irresistível. Minha resposta foi um sorriso lento e deixar minha bermuda cair no chão. O resto das minhas roupas tiveram o mesmo destino e entrei com ela, já puxando-a para meus braços. Daniela veio para cima de mim apaixonada, sua boca buscando a minha. Segurei sua bunda, adorando seu corpo molhado e esguio esfregando o meu.

Demos um beijo gostoso, nos acariciando com lentidão, até que perguntei:

- Gostou do seu aniversário?

- Amei! Está sendo maravilhoso. E agora vem a melhor parte. – beijou-me de novo.

Espalhamos a espuma na pele um do outro, entre beijos e afagos, até que queimávamos de desejo e nos amávamos de maneira suave, até se tornar mais e mais quente, jogando água para fora enquanto a penetrava e me esvaía de prazer dentro dela.

Depois nos banhamos, enxugamos e fomos para a cama. Daniela se jogou nela, satisfeita. Eu me sentei e virei, já sentindo sua mão no cabelo e no pescoço, buscando minha boca para mais um beijo.

Enfiei a língua em sua boca, mordisquei seus lábios, murmurei rouco:

- Quer mais?

- Quero.

E fizemos amor de novo, dessa vez com mais força, deslizando dentro dela com brutalidade, segurando-a forte

como gostava. Tínhamos desenvolvido diversas maneiras de amar, dependia do momento, do que queríamos, do nosso estado de espírito. Como a sentia mais ferosa, eu a comi livremente.

Ajoelhei na cama e a fiz chupar meu pau até tê-lo todo no fundo de sua garganta. Chupei sua bocetinha. Fizemos um 69 delicioso, com Daniela atravessada em cima de mim e meus dedos dentro dela. E por fim fiquei por cima e gozamos juntos nos beijando na boca, meu pau bem enterrado dentro dela.

Dormimos juntos, com nossas mãos entrelaçadas.

Acordei com o sol banhando o quarto, Daniela em meus braços. Beije seus cabelos, relaxado, bem amado.

E então ouvi pancadas na porta e a voz fina de Gabriela gritando:

- Mãe! Pai! Quero entrar!

Sorri e Daniela abriu os olhos, rindo também, falando:

- Nosso relóginho chegou.

- Pontual como sempre.

- Pai!

- Deixe seus pais dormirem, Gabi. – Dizia Samara do lado de fora, tentando convencê-la. – Vamos lá fora.

- Quero mostrar meu urso!

- Não tem jeito. – Pulei da cama, indo buscar um short. Daniela se esticou, rindo. Voltei com uma camisa minha e joguei para ela. – Vamos, preguiçosa. Vou abrir a porta antes que aquele pingo de gente a derrube.

- Não duvido nada. – Ela sentou, vestindo a camisa branca.

Mal abri a porta, Gabriela entrou correndo agarrada em um urso branco e rosa quase do seu tamanho, gritando:

- Olha o que o vovô me deu!

- Que lindo! Deixa a mamãe ver. – E a menina pulou na cama e nos braços de Daniela.

Da porta, minha irmã suspirou:

- Desculpe, fiz de tudo para levá-la no quintal, mas cismou de mostrar o presente para vocês.

- Sem problemas. Acho que dormimos demais. –

Sorri. – E o Leo?

- Está lá fora com papai, curtindo o helicóptero de controle remoto que ganhou.

- Quero “copitero”! – Gabriela largou o urso e pulou da cama, seu cabelo ruivo com cachos pulando, o rosto corado. – Vamos, tia!

- Hei, e o meu beijo de bom dia? – Segurei-a no colo ao passar por mim e riu, dando-me um beijo estalado na bochecha. Eu a abracei forte. Era uma cópia em miniatura da mãe.

- Agora deixa ir, pai! – Se debateu e ri, pondo-a no chão. Agarrou a mão de Samara, que revirou os olhos. – Vamos! Vamos!

As duas saíram e fechei a porta. Voltei para a cama e deitei ao lado do urso. Na mesma hora Daniela montou em mim, usando só uma camisa, ainda sonolenta. Eu a abracei forte e fechei os olhos, com vontade de não sair dali.

- Bom dia, meu amor. – Murmurou, beijando meu pescoço. Suspirou. – Hoje vai ser um dia daqueles! Gabi já acordou com a corda toda.



- Nem me diga!

Almoçamos no pátio, a família toda reunida. Fui dentro de casa pegar uma toalha para Leonardo, que tinha saído da piscina e parei por um momento, olhando em volta. Meu filho lindo e loiro ria com o primo na beira da piscina, quase da sua idade. Gabriela estava no colo de minha mãe,

que

conversava

animadamente

com

Margarida. Os dois filhos adolescentes de Rômulo mexiam no celular. Rômulo e minha cunhada conversavam animadamente com Daniela e Samara perto da mesa com comida.

Pensei que era um homem muito feliz, realizado, amado. Mas então, no fundo de mim, senti que só faltava uma coisa para minha alegria ser completa. Uma pessoa.

Davi.

Mesmo sabendo tudo que fez, seu lado mais perverso e sombrio, tudo que não conhecia sobre ele, não podia apagar da mente os anos em que fomos praticamente irmãos, de tudo que vivemos juntos na infância e adolescência, na vida adulta. E nem esquecer que eu o matara. Eu.

Era algo com que tinha que conviver. Entendia que não tive outro jeito, que na hora foi a única decisão que poderia ter. Se atirasse em outra parte dele, poderia ter matado Daniela. Mas mesmo sabendo disso e mais, que se ele estivesse vivo, eu nunca teria Daniela e meus filhos,

nem aquela vida tão feliz, mesmo assim eu lamentava.

Lamentava tudo que aconteceu.

Pensei muitas vezes se teria havido jeito para Davi se soubéssemos que era doente e tivesse sido tratado. Mas como, se sua luz escondia de nós suas sombras? Como, se descobri tarde demais?

Entendi que a vida era feita de escolhas. Davi fez as dele, eu fiz as minhas. Erradas ou certas, mais na frente íamos saber.

Construí uma vida para mim que era mais do que sempre sonhei. Era feliz, muito feliz. Mas nunca esqueceria Davi. E guardaria dele não o que li naquele diário ou o que senti ao apertar o gatilho daquela arma. Mas sua risada, sua amizade, seu jeito de menino brincalhão.

O Cigano que conheci brigando ao meu lado, me livrando de uma surra quando eu tinha onze anos. Uma parte do que ele foi.

Respirei fundo e segui em frente, indo com a toalha na mão até o meu filho. No meio do caminho, Daniela veio até mim e me fez parar, fitando meus olhos, segurando meu braço.

- Tudo bem? – Perguntou baixinho.

Eu a olhei. Tínhamos uma ligação tão grande que, quando ficava triste ou chateado, ela sabia logo. Mas já tinha me recuperado e acariciei seu rosto, garantindo:

- Sim, está tudo bem.

- Que bom. – Sorriu para mim e me abraçou forte.

Murmurou: - Sabe que te amo, não é?

- Não mais do que amo você.

- Sei disso.

Sorriu para mim, minha ruiva linda. Fechei os olhos  
e encostei meu rosto no dela. Feliz. Muito feliz.

Fim

# Document Outline

- [PRÓLOGO 6 anos antes](#)
- [Capítulo 1: O preparo de uma vingança](#)
- [Capítulo 2: O segundo passo.](#)
- [Capítulo 3: Quem é quem.](#)
- [Capítulo 4: A terceira ponta do triângulo.](#)
- [Capítulo 5: A sombra ataca.](#)
- [Capítulo 6: Entre dois.](#)
- [Capítulo 7: Novos sentimentos.](#)
- [Capítulo 8: E agora, Daniela?](#)
- [Capítulo 9: A Sombra se revela.](#)
- [Capítulo 10: A identidade de Daniela.](#)
- [Capítulo 11: A caminho de um desfecho.](#)
- [Capítulo 12: A Sombra e a Luz – Final.](#)
- [EPÍLOGO](#)